

“‘Passeio Noturno’ é o sopro pútrido de criatividade, pelo qual você estava procurando.” - Biblioteca do Terror

PASSEIO NOTURNO VOL. 1 EVERALDO RODRIGUES



Passeio Noturno
vol. 1

EVERALDO RODRIGUES

Passeio Noturno
vol. 1

2ª edição

Copyright © 2016, 2018 by Everaldo Rodrigues da Silva Junior Todos os direitos reservados ao autor.

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhum trecho desta obra poderá ser reproduzido, transcrito, copiado ou transmitido por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzido, sem a permissão, por escrito, do autor.
Sujeito a lei vigente (nº 9.610/98).

Capa, revisão e diagramação
ER Revisões

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R696p

Rodrigues, Everaldo
Passeio Noturno – Vol. 1 / Everaldo Rodrigues; Monte Mor – SP

2018 – Edição do Autor – 2ª edição 1. Contos Brasileiros. I. Título CDD: B869.3

CDU: 821.134.3(81)

Índice para catálogo sistemático: 1. Conto: Literatura brasileira B869.3

[2018]

www.everdorodriguesblog.wordpress.com www.facebook.com/escritoreveraldorodrigues/

www.twitter.com/EveraldoRodr

www.instagram.com/everdorodr

Para minha esposa Carol.
Minha fã número 1.

Agradecimentos

Preciso agradecer a algumas pessoas antes de tudo: aos meus pais, Everaldo e Maria das Graças, pelo incentivo desde cedo à leitura, e por acreditarem em mim quando decidi focar no que mais gosto de fazer, que é escrever; à minha irmã, Vanessa, que viu nascer e leu primeiro alguns destes contos que estão neste livro, quando eu ainda era um projeto malfeito de escritor e fazia tudo à mão; aos amigos Gabriel Ribeiro, Hellen Monteiro, Luciano Barbosa, Felipe Medeiros, Diego Aleksander, Lucas Dallas, Neide Silva, Aline Prates de Lima, Natália da Costa, Davi Rocha, e tantos outros que leram os textos deste livro em várias fases de sua produção, e que fizeram de suas críticas e elogios o meu norte. Agradeço também ao mestre Stephen King. Sem querer, aprendi a escrever contos com ele (para o bem ou para o mal).

E por fim, agradeço à minha esposa Carolina Roberta, luz da minha vida, por ler tudo muitas vezes e se assustar em todas elas, como se eu fosse mais do que o escritor que sou.

É tudo para você. Por me fazer acreditar.

Sumário

[Coceira](#)

[Tobey](#)

[O envelope \(ou “não pronuncie o nome de Deus em vão”\)](#)

[Um barranco, um corpo, um galpão](#)

[O mendigo](#)

[O estranho caso de Casper Ville](#)

[Condomínio fechado](#)

[Marimbondos](#)

[Notas do passeio noturno \(I\)](#)

Coceira

Começou como uma leve coceira na axila direita.

A princípio, não era incômoda. Como uma coceira normal, às vezes era até prazerosa. Porém, quando chegou ao ponto de ter que cravar as unhas no local, por sob a roupa, na frente de todos e independente do lugar em que estivesse para não ser obrigado a chorar de dor, percebeu que o que tinha não era uma *simples* alergia.

Robert era alto, moreno e atraente. Era consideravelmente musculoso e fazia certo sucesso entre as mulheres no jornal onde trabalhava como repórter investigativo.

Tinha o trabalho que desejava (apesar do salário, ninguém nunca está contente), o físico que sempre sonhou (apesar de não estar muito satisfeito com suas pernas, não eram tão musculosas e mulheres adoram pernas musculosas), o carro do ano e uma bela casa onde morava sozinho (apesar de ainda estar pagando por ambos), e, por enquanto, só podia reclamar de duas coisas em sua vida: a falta de uma companheira (consequia ter mulheres, mas nenhuma que conseguisse amar) e a irritante coceira na sua axila direita que o incomodava e o impedia de se concentrar havia duas semanas.

— Micose.

— Quê?

— Micose — repetiu Anna, sua principal parceira no jornal, e a melhor amiga que teve até então. Suas mesas ficavam lado a lado, e ele falava baixo, envergonhado. Era a primeira vez que contava para alguém sobre a coceira, e precisava ser alguém de confiança. — Talvez você não seque muito bem as axilas depois de tomar banho.

— Acha mesmo que eu esqueceria uma coisa dessas? — protestou Robert.

— Ué, às vezes eu me esqueço de secar por entre os dedos ou até mesmo a virilha — respondeu. — Não que eu tenha micose nestas partes — emendou

rápido — Mas com certeza é micose.

“Micose?”, pensou Robert. “Acho que se eu tivesse uma coceira dessas na virilha já teria me suicidado!”

E riu.

— Que foi? — perguntou Anna, também rindo. — É sério, eu seco a virilha sim, imagine, já pensou que horror, eu só estava tentando te explicar como pode surgir uma micose. Eu me cuido, tá?

Robert já não prestava atenção no que Anna falava. Lógico que não achava que ela tivesse micose na virilha (teria percebido quando transaram há dois meses), mas tentava focar sua mente na matéria que fazia sobre a morte de uma garota na noite anterior. Fora estuprada, morta e estuprada novamente. Tentou imaginar o que se passava na mente do criminoso, o próprio pai da vítima, que chamou voluntariamente a polícia após o ato. Pensou na loucura que aquele homem havia cometido.

“Que besteira! Eu sei que o estupro te excita!”

Ergueu a cabeça num ímpeto. Olhou para os lados. Achou que ouvira aquilo de alguém, mas se deu conta de que a frase vinha de sua própria cabeça.

— Algum problema? — perguntou Anna.

— Não — disse, meio desconcertado — Tirando a coceira, estou bem.

Passou as pontas dos dedos pelas têmporas e se culpou pelo pensamento, tão involuntário quanto um bocejo.

A coceira ardeu novamente, e ele disfarçou coçando por cima da roupa, de leve. No fundo ela queimava.

Dirigia seu carro pela Segunda Avenida, a caminho de casa. Eram 19h45min da noite. Foi um dia de muito trabalho. Esperava que o dia seguinte fosse mais calmo.

“Nunca é”, pensou.

Colocou um CD no *player* do carro quando o sinal fechou. Não havia mais traços de sol no céu, e a lua, minguante, se escondia atrás das esparsas nuvens de uma noite quente.

O sinal abriu e a coceira forçou a barra novamente. Desabotoou a camisa e coçou com a mão esquerda. A sensação, ao invés de alívio, era de sufoco. Pensou nas pessoas que sofreram de lepra (ou hanseníase, como preferem chamá-la hoje em dia, assusta menos) no passado, quando havia um grande preconceito (e ainda há) e não existia tratamento, e achou que a coceira de sua

axila estava forte demais para uma micose.

O sovaco queimava, e as unhas na pele só pioravam a situação. Conseguia ouvir o barulho delas raspando, esfregando, arrancando a pele e deixando marcas vermelhas. Começou a suar, a vista embaçou e ele achou que fosse desmaiar, bater o carro e morrer.

Quando a coceira diminuiu, estava na porta da garagem de sua casa. Eram 19h50min.

Cinco minutos.

Passaram como cinco horas.

Quando completou um mês com aquela coceira insuportável, resolveu procurar um dermatologista.

— A coceira é uma forma de alertar seu corpo de que há algo estranho em você... — disse o médico, como um professor, tentando mostrar o quanto era um bom profissional. — No caso, quando há algo na pele ou sob ela.

— Doutor...

— Geralmente — continuou o médico, sem dar atenção ou sem querer saber o que Robert diria —, serve para impedir que esse corpo estranho entre no seu organismo. Quando coçamos, aumenta a concentração de sangue...

— ... de sangue na área, o que aumenta a concentração de células brancas, que combatem o invasor caso ele entre — disse Robert, completando a explicação do doutor.

— Vejo que está bem informado — disse o médico, com um sorriso amável. Tinha mais cara de pediatra com aquele sorriso.

“Lógico que me informei, babaca”, pensou Robert, “Acha mesmo que eu viria na porcaria de um médico que eu nem conheço e que poderia muito bem ter *comprado* o maldito diploma, sem saber o *que* eu estou sentindo e *por quê?*”

Houve um ligeiro silêncio no consultório. Robert odiava ter que passar em médicos.

“Ele poderia parar de falar e me examinar logo.”

— OK, deixe-me examiná-lo — disse o doutor, quebrando o silêncio.

Pediu que Robert tirasse a camiseta.

Ele obedeceu e ergueu o braço direito, mostrando o local da coceira. A dois centímetros do mamilo havia um pequeno ponto vermelho, como uma espinha. O causador da maldita coceira.

— Bem, vamos ver... — disse o médico. Ele pegou uma lupa e observou a ferida. — Não parece micose.

“Lógico”, pensou Robert.

— Nem alergia — continuou o doutor.

“Não diga?”, contra-atacou a mente de Robert.

O médico tocou o local.

A vista de Robert escureceu e estrelas negras dançaram diante dele. A coceira deu lugar a uma dor dilacerante. A sensação era de que o braço rasgaria naquele ponto e de dentro dele sairia uma espada de duas lâminas.

Surpreendeu ao médico e a si mesmo agarrando a mão do dermatologista com uma força que jamais achou que tivesse.

Arrependeu-se no mesmo minuto e soltou o pobre doutor.

— Doe?

Robert não respondeu. Passou a mão sobre a pequena mancha vermelha e a coceira voltou.

— Vista-se — disse o médico. Parecia assustado.

Robert obedeceu. Tinha vontade de sair dali o mais rápido possível.

O dermatologista prescreveu alguns remédios e pediu que Robert voltasse dentro de um mês, mesmo que a coceira passasse. Já não tagarelava como antes.

Quando saiu do consultório, sentiu um grande alívio. Parecia que lá dentro havia mãos sufocando-o, esmagando seu pescoço e seus sentidos.

O alívio acabou em menos de dois segundos. A coceira ainda estava presente, e Robert se perguntou quanto tempo ainda conviveria com ela.

Comprou os medicamentos receitados pelo doutor, duas pomadas de aspecto suspeito e uns comprimidos para uma possível alergia.

“E ele disse que não era alergia!”, pensou.

Observou o ponto da coceira no espelho antes de aplicar a pomada. Não se parecia com nada que tivesse visto antes. Era como uma verruga, mas pouco saliente, além de rosada e sensível.

E ardia. Como brasa.

Não conseguiu se controlar e começou a coçar a ferida. Não havia saída.

Coceiras foram feitas para serem coçadas, não é?

Seguiu o tratamento do doutor. As pomadas eram incômodas, pegajosas e manchavam suas camisas, e os comprimidos eram grandes demais (comprimido ou supositório? Porra!), mas não tinha escolha. Entretanto, de um jeito que não conseguia explicar, a área da ferida começou a aumentar. Na primeira semana do tratamento parecia uma mancha, um hematoma de dois centímetros de diâmetro. Mas quando as pomadas acabaram, a mancha já tinha crescido *sete* centímetros. Além disso, ela agora parecia ainda mais irregular, possuía um “relevo” estranho: em certas áreas era mais alta, em outras mais baixa, e em alguns pontos a cor já se aproximava do tom de sua pele.

E a coceira só aumentava.

Certa vez decidiu ir a pé para o trabalho. Porém, quando a coceira atacou, não conseguiu nem andar. Sentou-se nas escadarias de uma igreja e se coçou por não menos que 20 minutos, até que decidiu retornar para casa, e a muito custo chegou ao banheiro para tomar banho pela terceira vez naquela manhã.

Já tinha perdido cinco quilos.

Havia algo de estranho naquela mancha que coçava.

Ela estava fedendo.

Eram 18h32min quando o telefone de parede da cozinha tocou. George, o editor do jornal, falava do outro lado. Por sorte, um grande amigo.

— Por que não veio, cara? — perguntou. Era o tipo de homem que se podia chamar de megalomaniaco ou sensacionalista. Uma pena que seus únicos defeitos fossem tão predominantes.

— Desculpa, cara... — respondeu Robert. Nesse dia a coceira tinha o acordado como um despertador infernal sem botão “desliga”. — Estou me sentindo mal.

“Bem, isso é verdade”, pensou.

— O que você tem? — insistiu o editor.

— Gripe.

“Bom, isso é mentira.”

— Cara, já é a quarta vez no mês, e você é essencial para este jornal...

— Desculpa, cara, mas... — repetiu Robert, fingindo uma tosse.

— Você está trabalhando em uma matéria importante — continuou George. — A morte daquele político foi muito intrigante e fora do comum, você sabe...

“Ah, o político”, pensou Robert, “Dane-se o político!”

O tal político era um senador que fora assassinado no próprio gabinete, crivado de tiros nas costas sem sequer se levantar da cadeira, e cabia a Robert acompanhar a investigação. Lógico que ele tinha mais o que fazer. Tinha uma coceira para (coçar) tratar.

“Não é uma *simples* coceira, Robert, e você sabe disso.”

O próprio pensamento o deixou assustado. E se aquilo fosse algo pior?

“Lepra?”

“Lepra não, *hanseníase*, assusta menos.”

— A morte dele foi muito misteriosa, cara...

“Cara, cara, cara...”

“Não, deve ser pior...”

“Já está com vinte centímetros, Robert, *vinte!*”

“Acha mesmo que é só lepra?”

— Você devia ir ao médico, cara!

“Cara, cara, *cara*... esse cara é um pé no saco!”

— Eu já fui...

“Já pensou em câncer de pele?”

“Eu não bronzeio as axilas!”

“Você as *seca*, pelo menos?”

— Está me ouvindo, Robert?

“Você sabe que é pior.”

“Você sabe, Robert.”

— Robert?

“Você sabe.”

— Robert, você está aí?

“Vamos, Robert, *me* coce!”

“Está coçando, vamos, eu sei que está...”

— Robert!

“Me coce!”

“Me sangue, VAMOS!”

Bateu o telefone na parede e o desligou.

“Essa coceira tá me matando”, pensou, enquanto coçava o novo foco do ardor. As costelas.

A coceira continuava, mas Robert se negava a ir ao médico outra vez. Se

não curou na primeira tentativa, então era porque o médico não sabia de nada mesmo.

Faltava cada vez mais no trabalho. Quando a coceira completou dois meses de “vida” (que engraçado, não, Robert, coceira fazendo “mêsversário?”), ele ficou uma semana inteira em casa; quando ia trabalhar, mesmo com a coceira, havia um turbilhão de perguntas dos colegas do jornal, perguntas que só serviam para satisfazer seus instintos curiosos, e para irritá-lo.

Ah, e aumentava a coceira também.

Então deixou de ir à redação. Aquilo em parte diminuía sua coceira. Só saía para comprar pão e leite na padaria da esquina, e mesmo assim, só se sentia melhor quando entrava em casa. Cada segundo sob o sol era uma tortura, e ele começou a suspeitar *realmente* do câncer de pele. Passava o dia inteiro na sala, assistindo TV e se coçando. Fechava todas as janelas da sala e as cobria com cortinas. Começou com cortinas bege na terceira semana, mas mudou para cortinas cinza duas semanas depois, e quando a coceira fez dois meses, as cortinas eram escuras como o céu de uma noite de tempestade. O sol aumentava sua coceira.

Começou a se assustar também com seus pensamentos. Interessava-se cada vez mais por programas em que havia violência. Telejornais noturnos, filmes sobre violência infantil e estupro, sodomia, canibalismo, documentários sobre massacres e genocídios. Assistiu dezenas de vídeos de chacinas e justiçamentos. Procurou por filmes *snuff*, mas sem sucesso.

Mas o pior é que ele gostava do que via. Porque a coceira diminuía.

Estava *gostando*.

Quando chegava a noite, se culpava por seus pensamentos e saía para esfriar a cabeça. No início, saía e chegava sóbrio. Tinha consciência de onde ia, das pessoas que encontrava e que pareciam não o notar, da hora que saía e voltava. Nos últimos dias, entretanto, só lembrava que saía.

Depois acordava banhado em suor na própria cama.

Com a mancha coçando mais que nunca.

Quando estava há duas semanas sem ir ao trabalho, percebeu que conseguia controlar a coceira ocupando sua mente com as matérias que fizera para o jornal durante seus três anos como repórter investigativo.

As reportagens sobre estupro, matricídio, homicídio qualificado e tortura “entretinham” sua coceira, se é que você me entende.

As lembranças sobre os casos, então, o deixavam maravilhado e em incrível estado de epifania e pânico. Lembrava-se de tudo que fizera: da vez em que encontrou o assassino antes da polícia e teve que se controlar para não pular sobre ele e matá-lo (“miserável, matou duas crianças!”); ou da vez em que ajudou a polícia a localizar o cativo de um psicopata viciado em mutilações (“ainda posso ver os braços gordinhos daquela mulher, pendurados no varal...”); ou da vez em que ele e sua parceira-de-aventuras, Anna, testemunharam uma tentativa de homicídio a menos de vinte metros de onde estavam.

Lembrava-se dos detalhes daquele dia: dos gemidos da vítima em cada uma das quinze facadas que o maníaco desferiu, do rosto desfigurado de dor da pobre moça de vinte e um anos, esfaqueada pelo próprio *noivo*, e, no fim, lembra que o assassino chorou sobre a vítima (“meu Deus, a própria noiva!”), como uma criança que quebra um brinquedo do qual muito gostava, e que sabe que jamais vai conseguir consertá-lo.

Parecia triste. Desiludido.

Lembrava-se que foram ele e Anna quem prestaram os primeiros socorros à vítima, que ainda estava viva quando o assassino foi embora. Lembra-se de que a ajudara a levantar-se, apoiando-a no seu outrora-musculoso-braço-direito, tentando levá-la até o carro. Chamaram uma ambulância.

Recordava o som da sirene, o vozerio confuso dos paramédicos, o desespero da moça, chorando como louca, e Robert viu em seus olhos algo que jamais acreditaria se alguém lhe contasse, se não tivesse testemunhado.

Robert lembrava-se do choro de Anna, das perguntas dos policiais, da desconfiança do investigador, e que estava tão chocado que só percebeu sua blusa toda suja de sangue no lado direito quando chegou a casa.

A moça morreu no hospital. O assassino foi pego duas horas depois. Falava coisas sem nexos, mas Robert, que cobriu sua prisão (com outra camisa, lógico), entendeu uma frase: “Eu estava tentando salvar ela...”

Salvá-la?

Naquele dia, Robert ficou indignado. Mas agora, olhando o jornal antigo nem tão antigo assim, vendo as fotos coloridas cheias de sangue, tentando esquecer a coceira e lembrando-se do que viu nos olhos da moça, ele não duvidou muito do rapaz que ainda não havia sido julgado, mas que com certeza iria para o manicômio.

Nos olhos da moça, Robert viu *vontade de morrer*.

Dois dias depois da prisão do homem, começou sua coceira na axila. E ele conheceu o inferno.

Quando notou o formato exato de um nariz e uma boca abaixo da axila direita, achou que estava louco.

A coceira, que beirava a tortura, a autoflagelação, parou da noite para o dia, e ele teve certeza que estava livre, curado.

Examinou a área no espelho. Ela havia tomado o tom da cor de sua pele.

Achou que fosse uma alucinação, devido às garrafas de bebida que misteriosamente começaram a aparecer em sua casa quando acordava de manhã, e não era necessário ser um gênio para saber que era ele mesmo quem as estava bebendo.

Tentou esquecer aquilo. Devia ser só “impressão”.

Só não imaginava que outra pessoa nasceria ali.

O nervosismo se transformou em pânico. Como uma escultura em baixo-relevo, um ser humanoide esquelético e raquítico do tamanho de um bebê se formava no lado direito de seu corpo. Logo abaixo da axila, a forma arredondada de uma cabeça de criança se destacava dos leves e simples desenhos que eram seus pequenos braços e pernas.

Uma tontura incontrolável o fez sentar-se na cama.

“Impossível! IMPOSSÍVEL!”

“Só posso estar louco! LOUCO!”

“Essa coceira me enlouqueceu!”

Olhou o ser que brotava de sua pele e sentiu um nojo que jamais sentira por algo em toda a sua vida. Engulhou três vezes enquanto via aquilo.

“O que é isso, meu Deus? O que é isso?”

Não que acreditasse em Deus, mas se um ser repulsivo como aquele *nascia* de seu corpo, por que Deus não existiria também?

Pensou em tocá-lo, mas percebeu que ele dormia.

Dormia como um anjo.

“Tenho que procurar alguém!”
“Alguém que me ajude!”
“Oh meu Deus! Meu Deus!”
“O médico! Tenho que ir ao médico!”
“Não pode! Ele vai tocar nele! *Vai tocar nele!*”
“Tudo bem. Tudo bem. Pense em alguém. Alguém que poderia ajudar?”
“Anna! Chame a Anna!”
“Jamais! Nunca! A Anna... meu Deus, ela morreria do coração!”
“George?”
“Hum! George ligaria pro hospício, pro circo, não sei, mas seria o que menos ajudaria!”
“Eu te ajudo!”
“O quê?”
“*Eu.*”
“...”
“Eu posso te ajudar. Eu te conheço melhor do que você imagina...”
“Eu estou dentro de você!”
— AHHHHHHHHHHHHHHRRRRGGGGGGGGGGG!

Teve um colapso. Seus olhos reviraram e uma espuma branca e grossa escorreu pelo canto de sua boca. Levantou-se de ímpeto, mas as pernas não seguraram seu peso. Ele desabou e bateu a cabeça na perna da cama. Sentiu o calor do sangue escorrendo em sua testa. Queria morrer, queria arrancar do corpo aquela coisa que voltava a coçar.

Então, levantou-se numa rapidez incrível, pegou o casaco que estava sobre a cama e saiu.

Acordou às 10h23 da manhã. Estava deitado em sua cama, de pijama, e a cabeça não doía. O corte na cabeça estava seco.

A coceira ainda estava lá, como uma leve comichão, mas ele não ousou tocá-la.

E se *ele* acordasse?

Tirou esse pensamento da cabeça e se levantou. Tomou café da manhã. As coisas pareciam estar dentro de sua normalidade: o sol havia nascido (uma droga, porque fazia a coceira incomodar mais ainda), o barulho dos carros lá fora já estava em seu nível insuportavelmente incontrolável, o jornal do dia já devia estar na porta, com certeza com um cartaz de “DESAPARECIDO” ou “VOLTE

LOGO POR FAVOR!” bem na frente com seu nome e foto (cortesia do nosso amigo George), uma pena, pura perda de tempo, ele estava ali, em casa, bem no nariz deles, e se não tinham ido até lá é porque não se importavam ou estavam com medo de serem recebidos de forma pouco amistosa, como na vez em que ele quebrou o nariz de um homossexual porque este não se cansava de visitá-lo (Robert tinha entrevistado o rapaz, vítima de tortura e coisa e tal, mas pelo visto o rapaz ficou apaixonado por ele, e como ele não tinha em seus objetivos de vida um relacionamento gay, bem... vocês entenderam o que aconteceu).

Ligou a TV. Passava uma notícia urgente sobre o assassinato de uma moça na noite anterior, numa rua sem saída no centro da cidade.

“Crimes como esses são comuns”, pensou.

“Mas eu sei que você adora!”

“O mundo é violento. Os homens são violentos.”

“Todos são violentos por natureza. Assassinos desregrados em potencial. Todos, no fundo de seus sentimentos mais obscuros, já tiveram ou têm um desejo reprimido, que é matar alguém.”

“Isso é repugnante!”

“Mas é o seu desejo. Eu sei!”

“Nunca...”

“Eu estou com você! Eu sei o que você quer.”

“Você não sabe nada! Nada!”

“Você me criou, você me protegeu.”

“...”

“Agora eu quero dar algo em troca!”

— *A moça tinha vinte e dois anos e trabalhava como dançarina em uma boate. Segundo testemunhas, após a última dança da noite ela saiu da boate com um homem...* — dizia o repórter na TV.

Robert balançou a cabeça.

— Uma prostituta. Tinha que morrer. — E desligou a TV.

Os dias se tornaram iguais. Robert evitava trocar de roupa, e quando o fazia, não olhava por nada para o ser que saía cada vez mais do seu corpo.

Perdeu o físico que tinha. Seus setenta e quatro quilos de massa muscular eram agora cinquenta e nove quilos de pele ressequida e ossos frágeis. O rosto estava magro e coberto por uma barba de semanas. Saía somente à noite, com grandes casacos para esconder o corpo estranho projetado.

Não atendia mais telefonemas. Não tomava banho. Seu quarto tinha um cheiro acre e desagradável de suor e couro ressecado. As cortinas ainda eram escuras, assim como seus sentimentos, cada vez mais confusos e incontroláveis.

Tinha medo de que *acordasse*.

Espantava-se sempre que ligava a TV e via que alguém morrera de forma brutal nas redondezas de seu bairro ou no centro da cidade; ao todo já eram cinco mortos, e ele tinha medo. Como qualquer ser humano, temia a violência que o cercava. Ele podia ser a próxima vítima de um assassino ainda desconhecido e que estava deixando a polícia muito intrigada.

Mas os seus pensamentos eram cada vez mais malignos.

No fundo, ele adorava.

Quem sabe um dia não morresse também. Pelo menos estaria livre daquela maldita coceira.

Quando as mãos do ser já estavam formadas (mas cruzadas sobre o peito infantil, como um defunto), e eles só estavam ligados um ao outro pelo quadril minúsculo e pela esguia perna esquerda do “bebê”, Robert foi despertado pelo toque nada sutil de sua campainha.

Não reagiu. Tudo o que menos queria naquele momento era uma visita. Isso o incomodaria.

Poderia acordá-lo.

Não se surpreendeu com a voz que o chamou do outro lado da porta.

— Robert! — Anna. Parecia preocupada (porra, estava preocupada há três semanas!). A primeira sílaba do nome saiu gaguejada pela garganta travada. — Robert! Sou eu, Anna! Abra a porta! Eu sei que você está aí!

Nenhuma reação. Robert prendeu a respiração e torceu para que a criatura que nascia em sua costela não acordasse com a voz da amiga.

— Robert! Por favor, abra! — Anna insistiu. Sua voz não era firme, tinha um tom choroso. — Robert! Abra! Você não pode fugir o tempo todo! Me fala o que você tem! Confie em mim! Rob! Você sabe que pode confiar em mim!

“Sim, pode sim, *Rob*, lógico que pode. Você sempre pôde *enfiar* nela se quisesse. E você gostou aquela vez, não gostou *Rob*?”

“Sai da minha cabeça! Sai da *minha cabeça* agora!”

“Sou parte de você agora, Robert, você sabe disso, sabe sim.”

— Rob, abra, por favor! — continuou Anna, tocando de leve a porta — Por favor...

Sua voz se extinguiu. Ela virou as costas e caminhou em direção ao carro. Torcia para que Robert estivesse bem, ela o amava tanto, mas tinha muito medo, sentia algo estranho naquilo tudo, pois seu afastamento foi muito estranho. Sentia-se como... como...

“Sentia-se abandonada”, foi o que pensou.

Dentro da casa, Robert tirou as mãos das têmporas, pegou uma cadeira de madeira que tanto adorava e, ignorando completamente o “hóspede” de seu corpo, atirou-a contra o aparador de vidro que apoiava todos os seus tão adorados porta-retratos com fotos com amigos e viagens. O vidro se estilhaçou em milhares de minúsculos pedaços.

Aos ouvidos de Anna, parecia que a casa está desabando.

Três minutos depois:

— Alô George? Sou eu, Anna.

— Sim, Anna. E aí? Conseguiu?

(Anna soluça)

— Anna? Anna, tudo bem?

— Mais ou menos, eu não sei... — *(voz chorosa)* — Ele deve estar lá dentro, mas não me atendeu. E agora há pouco...

— O que houve?

— Ouvi um barulho de algo quebrando e... meu Deus... depois...

(soluços, choro baixo)

— Depois o que, Anna? Quer que eu vá aí?

— Ouvi um grito.

Robert nunca imaginou que quebrar aquele aparador fosse tão barulhento. O som ecoou pela casa e ficou zunindo em seu ouvido durante uns cinco segundos. Seu corpo estava quente como brasa e brilhante de suor. As janelas, ainda fechadas com cortinas escuras, transformavam a casa num verdadeiro forno do inferno. O suor pingava de seu nariz e da barba há-dois-meses-sem-fazer. Durante muito tempo segurou sua ira contra aquilo tudo, mas a voz de Anna o trouxe de volta das trevas implacáveis em que estava metido. Naquele momento foi como se a tão aguardada e esquecida voz da razão resolvesse dar as

caras, me desculpe, estive *um tempo* fora, curtindo as férias, mas *já estou de volta!*, e aquilo, durante os cinco segundos em que o som da cadeira em extremo contato com o aparador de vidro ecoou em seus tímpanos, foi como ser resgatado de um calabouço.

Mas durou somente cinco segundos.

A criança mexeu.

(O bebê chutou! Que lindo!)

A sensação pareceu, para ele, como quando temos dores nos intestinos e sentimos eles se contraindo, da direita para a esquerda, de cima para baixo. O problema é que aquilo estava acontecendo em suas *costelas*. Sentiu a pele (*sua pele*) sendo repuxada, e a coceira há tanto tempo aparentemente (adormecida) esquecida voltou como óleo fervente. O calor percorreu seu corpo todo, uma náusea contraiu as paredes de seu estômago, e ele regurgitou suco gástrico e biliar, que caiu e escorreu em seu peito nu.

Não, ele *não* queria ver aquilo, mas era o que estava *acontecendo*, e ele não tinha como fugir, então vamos nessa, deixe de frescura e olhe para o *rostinho lindo* desse bebê!

Com os olhos e a boca num esgar de pânico e súplica, Robert voltou lentamente seu campo de visão para o lado direito de seu corpo.

Chamar aquilo de *bebê* era injusto com os bebês. De animal também era, pois não se parecia com *nada* que tivesse visto em toda a sua vida. Monstro, talvez, mas como nunca vira um até aquele momento, ficou difícil comparar com alguma coisa.

Os braços da criatura estavam abertos, as unhas das mãos eram pontiagudas e estavam sujas de sangue. A pele, de um verde musgo podre (que as mães chamam de “cor de bosta de neném”) tinha manchas negras e marrons, e seu peito de um mamilo só pulsava num ritmo quinze vezes mais lento que a respiração pesada e veloz de Robert. Na cabeça havia protuberâncias do que ele julgou que fosse o *cérebro* da coisa (ou a merda que fosse que aquilo tivesse na cabeça).

Em seus lábios negros havia um sorriso macabro e repulsivo, repleto de dentes pontudos e podres e más intenções.

E seus olhos fitavam Robert maliciosamente.

A princípio o grito de horror não saiu, porque, de fato, gritos de horror não existem. Só há aquele ridículo ruído abafado que morre na garganta e aquele

movimento estranho dos tímpanos, o eriçamento dos pelos da nuca e o acelerar do coração (o que pra Robert já não era nenhuma novidade). Depois, quando se percebe que não há o que fazer, vem a moleza nas pernas e a tontura. E a morte, na maioria das vezes.

Naquele instante silencioso, Robert tentava imaginar o que havia por trás daquele sorriso malicioso e daquele olhar vermelho sangue e não conseguia. Até pouco tempo ele podia ouvir os pensamentos da coisa, mas agora sua mente estava novamente sozinha, apesar das avarias.

Mas ele não precisaria esperar muito para descobrir as intenções da criatura. Um arrepio frio como aço percorreu a espinha de Robert quando a coisa lhe estendeu sua incrivelmente-feia-e-nojenta-mão-direita. A pele grudenta da criatura produziu um som sórdido. Uma língua dupla e escura se espichou e molhou seus lábios e os dentes pontudos, e então suspirou. O hálito pútrido chegou até o nariz de Robert, e nesse momento ele concluiu que aquilo estava apodrecido, e que iria apodrecer seu corpo inteiro.

Por fim, a criatura se dirigiu a Robert, e isso selou seu passaporte para a ilha da loucura: — Olá — Robert conhecia aquela voz, de sua mente —, *Rob!*

Enfim um grito. Um que não é de pânico nem de surpresa nem de injúria. É um grito por nada, sem valor, somente um desabafo. O grito que Anna ouviu.

Desse momento até o segundo que antecedeu a morte de Robert, suas lembranças são fatos aleatórios e sem sentido. São cenas insanas e grotescas. Sua cabeça é como um álbum cujas fotos foram derrubadas e bagunçadas. Como se sua mente fosse o aparador destruído, e ele estivesse tentando pôr ordem nas fotos misturadas. Sua mente foi destruída. Sua *sanidade*. No instante em que Robert quebrou o aparador, quebrou também a fina porta que segurava sua loucura.

Lembrava-se dos fatos principais. Lembrava-se de ter derrubado a porta dos fundos e ter corrido como um louco, um animal, durante um bom tempo. Era início de noite e não havia lua no céu. As estrelas brilhavam ofuscadas pelo ar poluído da cidade maldita em que morava. Depois, lembrava de estar andando nu em uma floresta que não conhecia, e de alimentar a criatura com um sapo vivo que fora obrigado a capturar, temendo que o ser decidisse *comê-lo* ao invés do pobre anfíbio. Momentos depois ele próprio comia as vísceras do bicho.

E lembrava-se que a coisa falava com ele.

A criatura lhe contou tudo o que ele sempre quis saber desde o começo:

de como pegara a coceira, no dia em que ajudara a moça que fora esfaqueada pelo noivo e se sujara todo de sangue (“O *sangue, Rob*, eu estava no *sangue dela, Rob*, e você teve o azar de se sujar com o sangue dela, sim, se sujou bem aqui no lugar onde eu estou agora, *Rob*, aquele homem tentou me tirar dela, tentou *salvá-la*, mas ele a matou, e agora eu estou aqui com você *Rob*, não é *maravilhoso?*”); do lugar de onde veio (“De *muito longe, Rob*, de muito longe, lá fora, perto das estrelas, *Rob...*”); porém, o que fez Robert se matar horas depois foi outra revelação: “Sim, *Rob*, foi você que matou aquelas pessoas, *Rob*, foi a gente!”

“Sim, foi, *Rob*, foi a gente. Lembra da prostituta, *Rob*? Você lembra, eu sei que lembra, foi a primeira, mas você fez coisas a ela que eu não imaginava que você fosse capaz, *Rob*, você a *fodeu*, *Rob*, e muito, tive pena dela, *Rob*, você também é mau *Rob*, muito *mau!*”

— Cala a boca! Cala a boca!

“Você é mau *Rob*, você matou mais umas quatro pessoas *Rob*, você judiou bem delas *Rob*, mas eu sei que era o que você queria...”

— Cala a boca! Foi culpa sua!

“*Rob* é mau, muito mau!”

— Cala a boca...

“*Rob fodeu ela, Rob mau!*”

— Cala a...

“*Rob, Rob, Rob...*”

— CALA A BOCA!

A lembrança terminava assim, como um vídeo cortado ao meio. Então ele viu que sua mão trêmula segurava uma faca de açougueiro, e isso era um mistério até para ele mesmo, pois não há como se lembrar de algo após a morte, e Robert tem esse momento como a última lembrança de sua vida, prova de que demorou mais do que o planejado para morrer. Uma pena. Robert viu mais do que somos capazes de ver, e *agradeça* por isso.

Estava chovendo. A criatura parou de falar; seus olhos estavam arregalados de medo, e para Robert essa foi sua última e falsa satisfação: — Não, *Rob*, não faça isso... — sibilou o ser. — Juntos podemos fazer muito. Eu te dei força, eu te dei *mais* ódio, eu...

Mas Robert não disse nada. Seu gesto era necessário. O braço desceu e a lâmina assoviou no ar. Sua vista escureceu. Os dois gritaram.

Quatro dias depois. O Detetive da polícia Christian McGowel acordou com o toque do telefone. A noite não fora muito boa. Ele brigara com a namorada no exato dia em que completaram seis meses de namoro, e ele dormiu muito mal no sofá de sua casa com uma garrafa de vinho tinto seco na mão.

Um corpo. A polícia encontrara *mais um* corpo e ele deveria ir lá dar uma olhada. Seu amigo e colega de trabalho, John, lhe disse ao telefone que o corpo já devia estar lá há uns dias, e que apesar do aparente suicídio, havia suspeitas de um homicídio, e ele deveria chegar o mais rápido possível.

“Assassinato...”, pensou, “Já estou cansado disso.”

Estava há um mês investigando uma série de assassinatos que vinham acontecendo nos bairros ao redor do centro, e aquele corpo deveria ser mais uma vítima. Tudo começou com a morte de uma prostituta, e agora já eram seis corpos.

Christian chegou ao local meia hora depois, uma floresta que ficava a cerca de dez quilômetros do centro, que ele nem fazia ideia que existia. A cinquenta metros do local, teve que seguir a pé. O lugar estava cheio de policiais, legistas e jornalistas.

Sua cabeça latejava e ecoava como um sino de igreja descontrolado.

— O que temos aqui, John? — perguntou quando avistou o amigo, um notável gordinho entre a multidão.

— Bom, veja você mesmo.

Christian ultrapassou o local demarcado pela fita amarela da polícia. Estava cansado de ver corpos, já vira muitos em toda a sua vida, e quanto àquele, podia dizer com toda a certeza que estava *muito* arrebetado.

As costelas do homem, no lado direito, foram quase que completamente arrancadas, expondo um pulmão podre e petrificado. Dentro não tinha quase nada, estava praticamente oco. O braço quase fora separado do corpo no encontro com a axila. O pior, no entanto, era a cara do morto. Uma face de puro pânico.

“Deve ter visto algo muito *feio* antes de morrer”, pensou Chris.

— Qual o nome dele? — perguntou.

— Chama-se Robert McKurt, vinte e cinco anos, jornalista, estava desaparecido há várias semanas. Recebemos a ligação de uma moça chamada Anna, amiga do morto. Ela estava procurando ele há três dias. Está lá no carro se quiser falar com ela. — Apontou a viatura. Anna estava com a cabeça entre os joelhos, e Chris não conseguiu ver seu rosto. — Diz que Robert não ia ao trabalho há um tempo, que não se encontravam, e ela ficou preocupada e foi na casa dele e... bem, isso você pergunta pra ela.

Christian riu.

— Mas o que te interessa — continuou John —, é isso. — Estendeu o saco de provas. Dentro havia uma faca enorme toda suja de sangue. — Estava na mão dele.

Chris e John se entreolharam, e depois fitaram durante um tempo o corpo sem vida de Robert.

— Acha que... — começou John.

— Que ele seria capaz de fazer *isso* com ele mesmo? — perguntou Chris, continuando o pensamento de John. Logo respondeu: — Acho que não.

Chris agachou-se perto do corpo. O cheiro de podre invadiu seu nariz e seu cérebro. Ele desequilibrou-se e por pouco não caiu de bunda no chão. Teve que se apoiar com a mão esquerda para não cair.

— Opa! — disse, e levantou.

— Estava chovendo muito na noite da morte, difícil apurar certas coisas — disse John.

— Tem um lenço aí, John? — perguntou Chris, baixo.

— Por quê?

— Sujei minha mão aqui agora. Quando me agachei — disse, rindo sem graça.

John gargalhou. Chris olhou ao redor, não querendo chamar a atenção para um fato tão *mediocre*. John lhe estendeu um lenço de papel.

— Cuidado não deixar impressões digitais e a perícia achar que foi você que o matou.

— É, só falta isso mesmo — falou Chris, enquanto limpava o sangue estranhamente fresco (não havia chovido?) de sua mão. — Bom — continuou —, vamos embora, há muito que fazer.

O interrogatório com Anna fora longo e improdutivo. Ela dizia coisas sem sentido, e sempre falava do grito que Robert dera antes de fugir correndo da casa. “Um grito de louco”, dizia. Mas de resto, ela não acrescentou nada à investigação. Não sabia por que Robert não queria ir ao trabalho ou por que evitava sair até o dia de sua morte, e Christian não a culpou por aquilo. O caso era estranho por natureza.

Christian estava agora tentando escrever um *e-mail* para a namorada antes que ela virasse ex. Estavam brigados há uma semana, e os problemas não paravam por aí.

A morte do jornalista fora incrivelmente misteriosa. E o pior era que,

como detetive, ele não engolia a hipótese de suicídio. Robert era um jornalista *investigativo*, quem sabe não havia feito uma denúncia contra alguém muito poderoso e este resolvera dar cabo dele? Ou quem sabe ele fosse mesmo mais uma vítima do assassino que matava nos arredores de seu bairro?

E para variar, havia a hipótese de que o próprio Robert fosse o assassino. As mortes cessaram depois que ele morreu, não é mesmo?

Mas, se ele fosse o assassino, haveria provas, não haveria? (mas *há* uma prova, Chris, a *faca*, ele estava com a faca, e era a mesma faca com que foram mortas as outras pessoas, Chris, você não percebe?).

E o pior era que Robert esteve sumido durante um tempo. E esse tempo bate exatamente com o período em que ocorreram as mortes. Se as mortes cessaram, então era a prova final.

Agora, suicídio? Impossível, ninguém faz aquilo consigo mesmo.

Mas Christian não conseguia se concentrar. Vários fatores o incomodavam: a morte misteriosa do jornalista (“além das outras cinco mortes, não esqueça!”), a faca na mão dele, seu súbito tempo “desaparecido”, e, *lógico*, *sua* briga com a namorada e a falta de contato há uma semana.

Mas, de tudo, havia algo que realmente o estava impedindo de se concentrar e até de escrever um simples *e-mail*. Algo que o *torturava*.

Há quatro dias que isso o irritava.

Estava com uma coceira insuportável na mão esquerda.

Tobey

Ele estava comigo desde que eu tinha vinte anos e morava sozinho. Era um vira-lata cinzento com discretas manchas claras, orelhas pontudas e focinho curto. Eu o chamei de “Tobey” desde o primeiro dia, quando ele ainda era um filhote bobo que ficava mordendo a barra da minha calça. Depois, Julie entrou na minha vida, nos mudamos para uma casa relativamente grande no sul do Colorado e tivemos dois filhos lindos, Anna e Marcus. Invariavelmente, Tobey continuava conosco. Lógico, o tempo passou para ele mais rápido do que para nós. Na época em que me casei, Tobey ainda era um adulto forte e animado, com os olhos brilhantes e atentos, sempre rápido quando precisava. Quando Marcus nasceu, dois anos depois de Anna, Tobey ainda era saudável, mas já tinha fios brancos nos bigodes e os olhos levemente cansados, além do andar relaxado. Ele amava meus filhos como se fossem seus filhotes.

Tobey era um cão perfeito, e eu sei que qualquer pessoa que ame seu cachorro de verdade vai dizer a mesma coisa, mas a questão era que Tobey era no mínimo *genial*. Não era desses que buscava o jornal ou que fazia suas necessidades só onde deveria. Nesse quesito ele era um verdadeiro vândalo. Mas como cão de guarda, Tobey era o melhor. De dia, Tobey era como um brinquedo um pouco grande para meus filhos. Eles chegavam a montar em suas costas e a cavalgar com ele como se fosse um cavalo, e mesmo assim ele continuava com aquela cara tola de apaixonado, como se aquelas crianças fossem *o céu* para ele. À noite, porém, Tobey mudava completamente. Era vigilante, sutil e forte. Ao todo matou dois gatos que fizeram a tolice de pular no quintal, deixando-os com mordidas profundas e me mostrando seus corpos de manhã como se fossem troféus de uma caçada noturna, o focinho enterrado no pelo duro e cheio de sangue seco. Ratos, esquilos e gambás também entraram na lista. Uma vez acordou a vizinhança inteira quando notou um homem pulando a cerca da casa do vizinho. E outra vez quase me matou do coração quando conseguiu sua primeira fuga de casa: esqueci o portão aberto durante alguns segundos e ele escapou; mas o pior não foi isso. Havia um homem na rua, um mendigo. Ele usava um farrapo no lugar das roupas, era um velho, mas de longe eu não conseguia ver mais que isso. E Tobey corria *na direção dele*, rosnando como se o próprio diabo estivesse ali. O homem não fez qualquer menção de se mexer, e eu

corri atrás do cachorro, berrando para que parasse. Só que não adiantou. Ele pulou sobre o mendigo e os dois saíram rolando pela grama do parque que há na frente de nossa casa. Eu pensei nos gatos que Tobey matara e imaginei como ficaria o rosto daquele senhor e o problema que eu teria na justiça se o cachorro o matasse, porém quando cheguei perto ele somente lambia a cara do homem assim como fazia com meus filhos, e o velho ria como uma criança. Quando ele segurou Tobey no colo e levantou, eu pude ver sua face. Era muito enrugado, o rosto forte, bruto, orelhas largas, olhos apertados e nariz grande, obviamente de descendência indígena. Ele olhou para mim sorrindo e disse:

— Cuide desse carinha. Ele é o protetor de sua casa.

Passou Tobey para os meus braços, e eu lhe disse:

— Sim, vou cuidar dele até o fim.

Mas ninguém pode dizer isso, não é? Por que independentemente do que façamos, e se você ama seu cachorro ou seu animal de estimação que seja e faz o possível, você sabe que, de uma forma ou de outra, provavelmente ele partirá antes de você. Ele *vai* partir, e você vai sentir aquele vazio. Vai sentir falta daquela alegria que ele fazia quando você chegava em casa, do pulo que ele dava em você e que não era nada mais que um abraço de boas-vindas, da cara que fazia enquanto te olhava comer, mesmo ele estando de barriga cheia, ou da forma como encostava a cabeça no seu colo e cochilava como uma criança. Ele vai partir, essa é a lei.

E foi assim. Em uma noite que nevava muito eu levei o lixo até a rua e Tobey escapuliu pelo portão de novo. Foi tudo muito rápido e eu não tive tempo de gritar por ele. Só vi uma grande luz se aproximando dele, *crescendo* para ele, e Tobey estacou na rua, os olhos iluminados de branco arregalados, as pernas flexionadas e o rabo jogado por entre elas, como se aquela luz o tivesse paralisado, colando-o no chão. Então a luz virou um grande caminhão e passou por cima do meu cachorro, quebrando suas pernas e rompendo seu abdome. Seus órgãos se espalharam pela rua, tingindo aquela noite fria de vermelho.

Tobey morreu na hora.

Foi doloroso, principalmente para mim. Porém, quando notei o efeito que a morte de Tobey teve sobre meus filhos, eu tive que me reerguer. Os dois ficaram doentes durante uma semana. Anna chorava toda manhã ao sentar para o café, porque quando Tobey estava vivo, ela, que sempre fazia birra para se alimentar, dava partes da comida para ele quando não prestávamos atenção. Marcus tem

apenas três anos, e mesmo tão pequeno entendeu muito bem o que tinha acontecido. Por quatro dias foi impossível tirá-lo da cama, ele ficava lá o tempo inteiro deitado e choramingando ou dormindo. Julie ficou extremamente abatida e acima de tudo preocupada com os dois. Várias vezes eu a peguei chorando enquanto lavava as roupas. Tobey costumava ficar com ela na lavanderia, deitado no chão e olhando daquele jeito tolo para ela. Aquela companhia lhe fazia falta.

E eu, bem, nos primeiros dias eu me sentia um lixo. Quando acordava cedo e saía para o trabalho e percebia que ele não estaria lá no quintal me esperando com o jornal despedaçado na boca, ou quando chegava de noite e lembrava que ele não viria me receber, pulando sobre mim com a língua para fora como se dissesse “Que bom que chegou Stevie! Que bom que chegou cara, eu estava morrendo de saudades cara, por favor, vamos brincar, vamos brincar, vamos brincar! Joga essa bolinha pra mim, vai, por favor, eu quero pegá-la, por favor, joga vai!”, daquele jeito acelerado que provavelmente é a forma como os cachorros pensam; quando eu percebia que Tobey não estaria ali, brincando com meus filhos ou latindo pra cada pessoa que passava na frente de nossa casa, eu me sentia horrível. Eu chorava. Como uma criança. As lágrimas insistiam em sair, meu rosto inteiro tremia, porque eu havia perdido meu amigo, meu maior e único amigo, e nunca mais eu o veria. Eu entrava em casa com o rosto molhado e os olhos vermelhos, e todos sabiam o porquê. Meus filhos me viam desse jeito.

O desanimo se abateu sobre todos.

Então Julie me aconselhou, e me ajudou, principalmente, a superar a perda do Tobey. Não que isso fosse fácil, droga, ela sabia. Não foi fácil nem para ela, mas tínhamos que superar. E ela tinha razão. Julie deu a ideia de comprarmos um novo cachorro, e quando ela falou isso primeiramente eu senti uma raiva imensa. Drogas, nenhum cachorro nesse mundo substituiria Tobey. Nenhum!

Porém, depois da primeira semana sem ele, a sensação ruim foi diminuindo. Ainda havia um pouco de tristeza ali entre nós, principalmente quando víamos Anna e Marcus rodeados de brinquedos na sala e sabíamos que aquele que eles mais gostavam não estaria ali para diverti-los. Eles adoravam aquele cachorro. Comecei a pensar na ideia de Julie de comprar outro cão, ou adotar algum que estivesse precisando de um lar, mas ao mesmo tempo em que eu ansiava por um novo amigo, eu ficava muito triste em pensar que aquilo era somente uma forma de *substituir* Tobey, e eu não queria ofender meu amigo dessa forma. Ele era insubstituível.

Depois de duas semanas as coisas melhoraram. Anna já não perguntava mais se Tobey estava no céu (“Ele foi para o céu dos cachorros, querida”, dizia

Julie, “Lá existem árvores de biscoitos e nuvens de ossos que eles podem roer à vontade!”), e Marcus já não chorava mais quando via algum cachorro na TV ou quando assistia *Scooby-Doo*. Julie jogou a maioria das coisas de Tobey no lixo, a casinha onde ele pouco dormia, os pratos de ração e os ossos artificiais que comprávamos para ver se ele desistia de roer nossos sofás. Eu pensei que ficaria com raiva dela por ter feito isso, mas no fundo eu me senti aliviado. Isso significava que estávamos superando aquela perda. Significava que Tobey agora estava somente em nossos corações, em nossas fotografias e em nossa memória.

Foi a partir daí que eu comecei a perceber que Tobey não havia partido. Não *completamente*.

A primeira vez que eu o ouvi foi num domingo há cerca de duas semanas. Todos já tinham ido dormir, e eu fiquei na sala assistindo ao jogo dos *Rockies*, era uma semifinal, não me lembro bem. Eu estava sozinho, as luzes estavam apagadas, somente a TV iluminava meu rosto, e eu podia ver a rua pela janela, o poste brilhando no alto e jogando sombras de árvores se movendo no chão da sala. Havia bebido umas duas cervejas, nunca fui muito forte para bebida, mas nesse dia eu juro que estava bem, pelo menos acredito que sim. Eu não diria que o que eu ouvi foi efeito do álcool, não depois de tudo o que aconteceu até agora, entretanto, na hora eu cogitei a possibilidade. Não havia entendido.

Eu estava muito concentrado no jogo, por isso não percebi quando começou o som dos arranhões na porta. Era um raspar rápido, ritmado, o som seco de unhas se esfregando na madeira. Aquilo era muito, mas *muito* familiar para mim, pois Tobey *fazia* aquilo quando eu o esquecia do lado de fora em noites de chuva ou quando soltavam fogos de artifício nas redondezas. Foi por isso, por causa dessa sensação de normalidade, que eu demorei um pouco para perceber que aquele ruído, aquele som de arrANHAR, não fazia sentido porque Tobey estava *morto*, então quem estaria fazendo aquilo? Levantei-me do sofá com receio e caminhei pelo *hall*, o som de arranhões aumentando à medida que me aproximava da porta. Senti um arrepio muito estranho, aquilo me lembrava Tobey, e já fazia um pouco de tempo que não pensávamos nele ou comentávamos sua ausência. Os cabelos da minha nuca se eriçaram. Cheguei até a porta. O som continuava, um raspar acelerado e contínuo, mas não era só isso, havia *mais*, eu podia ouvir um arfar baixo, uma respiração acelerada quase no mesmo ritmo daquele raspa-raspa; confesso que pensei durante quase um minuto se deveria mesmo abrir a porta. Havia uma apreensão naquilo tudo, uma sensação angustiante e ao mesmo tempo uma curiosidade que me puxava. Depois, comecei a jogar a culpa daquela sensação na cerveja. O que mais poderia ser o fato de eu achar que quem fazia aquilo era Tobey se não fosse por

estar bêbado? O que deveria ser? Um gato? Tobey não estava mais ali, eles poderiam se aventurar pelo quintal agora. Ou quem sabe até mesmo um gambá ou um rato? Se esse bicho entrasse, seria uma confusão e tanta.

Então, em passos decididos, fui até a porta e a abri, bem devagar.

Quando a porta se abriu totalmente, um vento muito forte tocou meu corpo e invadiu a casa. As árvores balançavam com ferocidade, lançando folhas secas pelo ar. Olhei ao redor procurando por algum animal, mas nada vi. Saí para o jardim e olhei para a rua, que estava deserta exceto por um nevoeiro que o vento levava rapidamente e a neve que derretia devagar. Não havia nada nem ninguém na rua. Me senti um idiota por ter pensado que, meu Deus... que *Tobey estaria lá fora* cutucando a porta, como se quisesse *entrar*. Eu ri sozinho da minha cara. Primeiro porque não acreditava nessas coisas de fantasmas, ainda mais um fantasma de um *cachorro*. E segundo, se realmente houvesse um fantasma de Tobey, ele não se faria de rogado em entrar em casa pela porta, não é? Afinal, fantasmas atravessam paredes, não é?

No dia seguinte, aquele som dos arranhões e o arfar estranho do outro lado da porta já haviam sumido da minha memória. Fui trabalhar como qualquer outro dia, apesar do frio. À noite, quando cheguei em casa, uma coisa me chamou a atenção. Não foi bem uma coisa, mas sim uma pessoa. Aquele mendigo, que meses atrás havia sido “atacado” por Tobey com sua lambida mortal (diversão garantida para os meus filhos, isso era certo), estava ali, do outro lado da rua. Ele me encarava com olhos frios e impassíveis. Estava vestido com uma manta muito grossa e com uma touca grande que lhe cobria as orelhas, mas eu o reconheci. Ele não se moveu quando cheguei, nem reagiu quando lhe acenei com a cabeça. Imaginei se estaria à procura de Tobey, e mesmo ele tendo reagido de forma amigável da última vez, não me senti confortável em ver aquele homem próximo a minha casa, com minha esposa e meus filhos sozinhos lá dentro. Guardei o carro, entrei, e ele continuou ali, me observando.

Toquei no assunto com Julie. Perguntei se ela notara se o homem esteve ali durante toda à tarde, e ela se assustou com o fato de saber que *havia alguém* na frente de casa. Isso me deixou com saudades de Tobey. Ele vigiava a casa para mim, e agora não havia mais quem vigiasse. Mesmo que ele conhecesse o velho da última vez, eu sabia que à noite, se Tobey estivesse ali, *nada* cruzaria o portão.

Logo depois, voltei a olhar lá fora e vi que, aparentemente, o mendigo havia ido embora.

Naquela noite jantamos tranquilamente, mas eu notei que Anna estava um pouco mais feliz do que o normal. Ela estava mais disposta e se alimentando sem que nenhum de nós precisasse insistir. Por outro lado, Marcus estava calado

e sério. Era muito pequeno para demonstrar sentimentos mais complexos, mas para mim ele parecia amedrontado. Julie reparou que eu os observava. Quando todos nós fomos para a cama, eu perguntei a ela o que acontecera.

— Marcus teve um pesadelo — disse ela. — Disse que sonhou com Tobey rosnando pra ele.

— Tobey? Rosnando pra ele?

— Sim, mas eu expliquei para ele que era só um pesadelo e que Tobey nunca faria nada de mau com ele.

— Nunca mesmo — falei. — E Anna? Que milagre aconteceu que ela comeu direitinho hoje?

— Não sei querido, mas estou tão aliviada! Tenho medo que ela fique uma criança fraca ou doente. Ela come tão pouco.

Eu ia falar que aquilo era normal na idade dela quando ela continuou:

— Você não acredita no que ela fez hoje. Na hora do café da manhã, estávamos nós três comendo tranquilamente, então eu levantei para pegar as torradas no forno e daí ouvi um *splash!* Adivinha? Anna jogou metade das panquecas do prato dela no chão, dando risada. Então eu perguntei “O que significa isso, mocinha?”, e ela me respondeu com um sorriso na cara: “É pro Tobey, mamãe!”. Acredita nisso? Mesmo depois de Tobey ter morrido...

Ela parou quando viu meu rosto.

— O que foi, querido? Me desculpe, OK? Me desculpe por falar tanto assim do Tobey. Estamos indo bem, é melhor... melhor esquecer isso, não é?

Ela me beijou e me abraçou, mas eu continuei, como posso dizer? Assustado? Preocupado? Não sei se era pelo fato de as crianças não estarem bem, ou melhor, Marcus não estar bem, mas o que significava aquela atitude de Anna? Tinha quase duas semanas que ela havia parado com aquilo, por que aquela atitude?

Naquela noite, acordei de madrugada com o mesmo som de aranhões, ecoando lá de baixo. Não havia qualquer outro som naquela noite fria, exceto o vento e a madeira sendo riscada por algo. Levantei-me da forma mais silenciosa possível e descí as escadas na direção do som, preocupado, pois não tinha mais cão de guarda, minha casa é grande e chamativa, e não era incomum acontecerem assaltos pela redondeza; mas quando cheguei até a porta, o barulho cessara. De novo me senti um idiota por ter descido para checar aquilo. Tive sede, mesmo com aquele frio todo, então fui até a cozinha. Abri a geladeira para pegar uma garrafa de água. A minha geladeira é daquelas de aço escovado, que tem quase um metro e meio de largura, e eu não sei o que tinha dado na minha cabeça, mas eu queria tomar um bom copo de água gelada e então eu a abri, tirando uma garrafa e fechando-a de novo.

Bem... essas geladeiras de aço *refletem*... quase como um espelho. Imagine então qual foi o tamanho do meu susto quando eu fechei a porta e vi refletido nela o formato exato de um grande cachorro, com patas compridas e as orelhas pontudas, olhando para mim?

Soltei a garrafa nos meus pés e me virei com força. Os pelos na minha nuca estavam eriçados e minha cabeça e meu coração latejavam. Não havia nada. Nenhum cachorro nem nada parecido. Mesmo assim, havia uma *presença*, uma sensação muito forte. Minha mão tremia.

Voltei para a cama com a cabeça doendo. Droga, eu já havia superado a morte de Tobey, então por que aquela sensação estranha? Por que eu estava vendo e ouvindo aquelas coisas? Eu não conseguia conceber que realmente fosse o *fantasma* de Tobey. Aquilo não fazia sentido para mim! Não, eu não acreditava nessas coisas. De forma alguma. Mas tomei um susto desgraçado, e isso significava algo.

Levei a noite inteira para perceber o que aquilo significava, ou pelo menos o que eu achava que significava. E a solução parecia fácil. Eu estava sentindo falta de Tobey, e a única coisa que faria aquilo passar era colocar outro animal de estimação em seu lugar. E foi o que eu fiz.

Você não imagina o quanto eu me arrependo.

Quando Julie chegou com Benjamin, o gato, uma criatura minúscula, cheia de pelos brancos e laranjas, as crianças abriram um sorriso tão largo que parecia que seus rostos iam se rasgar. Anna queria abraçá-lo com força, como abraçava Tobey, mas o gato era bem menor que ele e Julie lhe disse que aquilo o machucaria. Marcus ficou impressionado com aquela bola de pelos, relutou em passar a mão sobre a cabeça dele, até que com esforço conseguiu acariciar a testa do felino com a ponta do dedo. Bom, já comigo a reação foi um pouco estranha. Não a minha, eu não tinha nada contra gatos, apesar de preferir cachorros. O estranho foi como o *gato* reagiu quando me viu. Ele arreganhou os dentes para mim e chiou tão alto que parecia uma chaleira cheia de água fervente. Os pelos se arrepiaram e ele parecia mais um porco espinho. Esticou as pernas com forças, colocando as garras para fora com tanta raiva que eu achei que fosse rasgar a manga do casaco de Julie. Marcus deu um pulo para trás, e Anna arregalou os olhos, assustada. Depois o gato se escondeu tremendo nos braços de Julie, como se eu fosse um monstro, o diabo, ou sei lá.

Como se eu fosse um cão.

— Bom, acho que ele não gostou muito de você, Stevie — disse Julie, rindo. As crianças seguiram o riso da mãe.

— Pois é, que coisa não? — falei, meio sem graça. — Será que aceitam devolução?

— Ah, não diga isso, Stevie! As crianças o adoraram. Não é, crianças?

Os dois soltaram um sonoro “SIM!”, e eu fiquei feliz em vê-las alegres com o novo bichinho de estimação. Eu havia sugerido que comprássemos um cão, mas Julie disse que um cachorro faria as crianças lembrarem de Tobey, o que não adiantaria muito. Eu discordava, mas deixei por fim que ela escolhesse o novo animal. No fim das contas, para mim as coisas não mudaram muito. Gatos também me faziam lembrar de Tobey, porque ele os *odiava*.

Ele os matava.

Na mesma noite eu ouvi os latidos de Tobey.

Já era por volta das 3h47min, e todos dormíamos profundamente. Naquela semana o gelo estava derretendo, mas mesmo assim ainda fazia um frio absurdo, o vento cantava quando passava pelas paredes de nossa casa e balançava as árvores com vigor. Em tempos assim, Tobey estaria dormindo lá embaixo, no *hall*, dentro de sua casinha de madeira. Fazia muito frio pra deixá-lo lá fora. Quando esquecíamos de colocá-lo dentro de casa à noite, o que não era comum mas acontecia (com tantos afazeres e duas crianças pequenas para cuidar às vezes a gente se desligava do mundo), e finalmente íamos nos deitar, Tobey começava a latir num volume terrível. Ele era o único cachorro naquela rua, senão naquela quadra, logo os vizinhos já começavam a xingar e reclamar, principalmente o Sr. Malcolm, o vizinho da esquerda, um velho ranzinza que serviu no Vietnã, porque o latido de Tobey era *ensurdecedor* quando ele estava com frio. Então nós corríamos e o botávamos para dentro, e o coitado entrava tremendo e gemendo de frio. Metade daquilo eu sabia que era pura chantagem para ficar dentro de casa conosco. Mas o inverno era mesmo terrível e havia dias em que ele mal saía de dentro da casinha.

Eu pensei que estava sonhando com ele, com aqueles latidos que ele fazia para chamar nossa atenção, mas aos poucos fui saindo do meu sonho, despertando, e percebi que o latido aumentava. Abri meus olhos e ergui a cabeça devagar, e aquele ruído continuou, rápido e ritmado, rouco e alto, e eu sabia, com toda certeza, que aquele *era* o latido de Tobey. Droga, foram mais de nove anos com ele, como eu não reconheceria aquele som?

Levantei devagar, calcei os chinelos e fui até a janela. O vidro estava fechado e abafava o som, mas ainda assim eu podia ouvi-lo, claro como ouço meus pensamentos. Pela janela eu não via nada. *Nada*. Nenhum cachorro latia lá fora, nem no meu quintal e nem na rua. Mas o latido continuava, e insistia, como ele fazia, e eu comecei a me perguntar se *alguém mais* estaria ouvindo aquilo. Julie estava dormindo e eu não quis acordá-la, não para perguntar se ela estava ouvindo *Tobey latir*. Saí do meu quarto e senti um arrepio quando olhei na direção do quarto das crianças. A porta estava totalmente aberta, e no mesmo instante meu coração subiu até a boca, porque eu e Julie sempre deixávamos a porta do quarto deles quase fechada, com uma pequena fresta por onde nós poderíamos ouvi-los caso chamassem. Apressei-me até a porta e entrei. Nenhum dos dois estava na cama. Os cobertores estavam revirados e não havia nenhum chinelo aos pés da cama.

Nós pais quase sempre nos desesperamos quando algo está relacionado ao bem-estar dos filhos, e mesmo com o susto eu imaginava que as crianças tivessem acordado à noite e descido para beber água. Mas descí as escadas correndo do mesmo jeito, chamando por eles numa voz não tão baixa, pois o que me amedrontava naquela hora não era o risco de alguém ter entrado em casa e levado as crianças embora, ou estivesse com elas lá embaixo, ameaçando-as ou só Deus sabe que tipo de maldade. Isso seria o mais lógico. Porém, *não era* o que estava na minha mente naquela hora.

O que me preocupava era o risco de Anna e Marcus terem acordado pela mesma coisa que *eu* acordei. Pelo mesmo motivo. Pelo mesmo *barulho*. Os latidos de Tobey.

Quando cheguei na sala, vi-os com os rostinhos e as mãos grudadas no vidro da janela. Eles ouviram meus passos e viraram a cabeça para mim bem rápido, com os olhos assustados, e quando viram que era eu, voltaram as atenções para o lado de fora, de onde eu ainda podia ouvir os insistentes latidos de Tobey. Fui até eles com uma crescente pulsação de nervosismo e apreensão dentro do peito. Sentei perto deles, olhei para fora e perguntei com a voz trêmula:

— O que vocês dois estão fazendo aqui embaixo à essa hora da noite?

Marcus não respondeu. Suas mãozinhas estavam grudadas no vidro frio, deixando marcas. Anna virou-se para mim com um sorriso tímido nos lábios e respondeu:

— O senhor não está ouvindo, papai? É o Tobey, ele está latindo lá fora. Tá ouvindo?

Meu coração deu mais um pulo no meu peito.

As crianças também estavam ouvindo.

Fiquei sem saber o que fazer. Eu ouvia os latidos, mas me negava a dizer para eles que eu ouvia. Primeiro porque isso significava que não era coisa da minha cabeça, ou não *somente* da minha cabeça, ou então estávamos sofrendo algum tipo de histeria coletiva por saudade de Tobey. E segundo, se eu confirmasse que o que ouvíamos era Tobey, as dúvidas naquelas duas cabecinhas pequenas seriam no mínimo torturantes, e isso já bastava para mim. Então, respirei fundo sem demonstrar e falei:

— Sim, eu estou ouvindo os latidos querida, mas tenho certeza absoluta que não é Tobey. — Passei a mão em seus cabelos. Anna virou-se de novo para a janela — Afinal, Tobey está no céu dos cachorros agora, não é? Nós já não conversamos sobre isso? Esse latido com certeza é de algum cachorro de rua.

Nenhum dos dois pareceu dar muita bola. Eles reconheciam aquele latido. E chamava muito mais atenção. Droga, o latido estava me *enlouquecendo*.

— Hey, vocês dois — falei, um pouco mais sério, e ambos se viraram para mim. — Olhem bem para o papai e prestem atenção: Tobey se foi, OK? Ele não está mais aqui com a gente, ele está num lugar muito longe, junto com outros cachorros que também se foram. Nós não podemos o ouvir latir. Assim como vocês, o papai também está muito triste por Tobey ter partido, mas temos que aceitar isso e deixá-lo descansar em paz, certo?

Eles balançaram a cabeça afirmativamente. Marcus bocejou e coçou os olhos.

— Então acho que está na hora de vocês dois voltarem para a cama e dormir, que tal?

— Mas papai — falou Anna —, como vamos dormir com esse barulho? Olhei para ela e depois para o quintal lá fora.

— Vocês dois vão para a cama que o papai vai lá fora mandar o cachorro ir embora, OK?

— Por que o senhor não traz ele aqui pra morar com a gente, papai? — perguntou Marcus, quando Anna segurou sua mão e eles já subiam as escadas.

— Não posso querido, se não ele vai morder o Benjamin. Certo? Então subam, e boa noite.

Acompanhei com os olhos enquanto os dois subiam. Quando finalmente sumiram de vista, eu levantei rapidamente, abri a porta e saí. O vento estava tão forte que parecia que cortaria meu rosto. Ele entrou por baixo do meu robe e minhas pernas começaram a tremer. Os dedos dos pés tocaram de leve a grama molhada e senti como se furado por agulhas.

Não havia mais nenhum latido.

As coisas continuaram estranhas durante aquela semana. Na quinta-feira eu fiquei de folga e aproveitei para fazer alguns reparos na casa. Julie tinha marcado um almoço com a mãe dela, Madeleine, e levou as crianças junto. Eles não tocaram no assunto dos latidos de Tobey depois que acordaram, e provavelmente também não falaram com Julie, porque ela não me disse nada. Saíram por voltas das 10h00min e eu fiquei sozinho. Tinha que consertar alguns buracos que cupins fizeram na porta da garagem e aparar alguns galhos da árvore da frente de nossa casa, que já estava começando a encostar no vidro da janela do meu quarto e me acordando de madrugada.

Eu terminava de tampar os furos do portão com serragem quando os latidos começaram. Vinham dos fundos, e eu reconhecia aquele latido específico. Tobey o fazia quando estava com fome. Tentei não prestar atenção naquilo. Queria forçar minha mente a acreditar que era pura imaginação, mas depois de cinco minutos de latidos ininterruptos, percebi que era impossível. Tapei o último furo com um incômodo de impaciência cutucando minha cabeça. Arrumei tudo meio apressado e entrei, mas quando cheguei até o jardim nos fundos, não havia mais som algum.

Na hora do almoço decidi que não perderia tempo esquentando comida, então fiz dois sanduíches de manteiga de amendoim e abri uma Coca-Cola. Sentei-me à mesa, deixei a porta dos fundos aberta e comecei a comer sem pressa. Depois eu só teria que cortar aqueles galhos, e provavelmente teria um bom pedaço da tarde para assistir a algum filme ou até mesmo dar uma volta de bicicleta, coisa que eu não fazia há um bom tempo, e que precisaria de um pouco de coragem com o frio que fazia, mas eu estava com vontade de pedalar. Quando Tobey estava vivo, eu amarrava a coleira na bicicleta e nós dois saíamos correndo como loucos pela rua. Eu já havia caído umas três vezes com aquela brincadeira, mas, caramba, como nos divertíamos!

Eu dava dentadas no sanduíche e pensava nisso quando ouvi um ganido baixo. Era um gemido bem fino, e depois havia um leve arfar atrás dele. Ah, e como aquilo era familiar! Parei de mastigar e prestei atenção. O som continuou, aquele choro baixo que os cachorros insistem em fazer quando querem alguma coisa. Tobey era profissional naquilo.

Eu ouvia, não podia estar louco. Era uma respiração rápida e leve, como quando ele ficava com a língua de fora, e meu Deus, eu podia ouvir o barulho de quando passava a língua pela boca, aquela baba clara pingando, e depois de novo aquele ganido choroso; *ele estava ali*, não havia outra explicação; então, com a

orelha começando a esquentar, passei a chamá-lo:

— Tobey? Tobey, é você garotão?

Ganido, gemido, respiração rápida. Língua para fora.

— Tobey, meu amigo, quanto tempo hein? Quer um pedaço de sanduíche? — Tirei um naco do lanche com a mão. — Você quer? Está uma delícia, hein!

Meu Deus, aquele som de respiração, eu quase podia vê-lo, sentado ali com o rabo balançando mais rápido que um ventilador e a língua estirada. Atirei o pedaço do sanduíche no chão e fiquei olhando para ele; por mais que parecesse corajoso naquela hora, na verdade eu estava tenso. Se o pedaço de pão com manteiga de amendoim se movesse um milímetro sequer, acho que eu daria um berro.

Depois de cinco minutos olhando para aquele pedaço do sanduíche, comecei a me sentir um idiota. Comi o restante do lanche e levantei para lavar as mãos. Ainda tinha que cortar os galhos da árvore, e se eu não corresse não sobraria nem um pedacinho da tarde para aproveitar. Depois Julie e as crianças estariam de volta e seria a mesma bagunça de sempre, com brinquedos espalhados pela sala e gritaria.

Tenho que assumir que eu sequer notei, na hora, que o pedaço de sanduíche que eu joguei no chão havia sumido. É o tipo de coisa que você só para pra pensar quando já está na cama prestes a dormir. Mas ele havia desaparecido, e quando eu ia dar o mínimo de atenção que aquilo merecia, a porta dos fundos fechou com força, fazendo um estrondo que me fez pular. O vento sacudiu as cortinas na janela sobre a pia da cozinha e ergueu a toalha da mesa. Ele passou por mim, e eu me arrepiei. Foi uma sensação desconfortante, como se houvesse algo sólido passando *por dentro* de mim, atravessando meu tórax e saindo pelas costas. Eu dei um passo para trás, como se tivesse sido empurrado.

Àquela altura, era tolice da minha parte não aceitar a presença de Tobey ali. Aqueles sinais durante toda a semana, o risca-risca na porta, o reflexo na geladeira, os latidos durante a madrugada, e agora aquele ganido e aquele empurrão, como ele fazia quando eu chegava em casa, droga, *por que não poderia ser ele mesmo?* O que impedia o “espírito” de Tobey de ainda estar conosco, senão somente o fato de eu não acreditar naquilo? O fato de não se acreditar em algo não significa, de forma alguma, que ela *não exista*. Por isso, tentei fazer com aquele momento não fosse assustador, e sim uma confirmação de nossa amizade. Tobey ainda estava comigo. Mesmo depois da morte. E eu deveria aceitá-lo, mesmo naquela condição. Mesmo que parecesse absurdo. Porque era *Tobey*, entende? Era meu cão de estimação, meu amigo de tantas

horas, que esteve comigo desde os tempos mais difíceis até os momentos máximos de felicidade. Como quando Anna nasceu, e voltávamos do hospital, e da rua eu podia ver a felicidade estampada no focinho dele, nos pulos que ele dava, correndo por todo o quintal, dando a volta ao redor da casa e ganindo. Ou no dia que Marcus nasceu, quando ele demonstrou o quanto era inteligente levando o celular com a boca até Julie, que estava deitada no corredor porque não conseguia se levantar de tanta dor depois que a bolsa estourou.

Por Deus, Tobey era quase um *irmão* para mim! Um irmão quadrúpede, que babava e latia como um tonto, mas meu irmão! E agora eu tinha certeza que ele *estava ali comigo. Ainda* estava ali. Depois de ter *morrido*!

Durante o resto da tarde eu cortei os galhos da árvore assoviando uma melodia qualquer com os lábios e com um sorriso estampado na cara. Sentia uma felicidade enorme crescendo no meu peito, irradiando para o meu corpo, como se tudo estivesse bem de novo. A única coisa que estragou aquela sensação foi o fato de que Benjamin, o gato chato, estava no topo da árvore que eu cortava, e quando eu menos esperava ele deu um berro feroz e pulou no meu rosto. No susto eu soltei as mãos do galho para proteger minha cara, ele agarrou-se com as unhas na manga do meu casaco e nós descemos em queda livre pelo telhado. Consegui diminuir a velocidade da queda segurando na calha um segundo antes de atingir o solo. Caí dobrando os joelhos, mas o peso me jogou para trás eu bati a nuca nos galhos secos que eu havia acabado de cortar.

Olhei ao redor procurando o maldito e o vi correndo para dentro de casa. E ainda deve ter caído de pé, o miserável!

Eu tateei a nuca procurando por sangue, mas não havia nenhum. No espelho eu pude ver que havia somente um pequeno arranhão. Julie e as crianças chegaram logo depois e eu passei a tarde inteira contando para eles sobre a queda da árvore por culpa de Benjamin, e as crianças gargalhavam.

Mas no fundo, eu queria contar a todos eles o quanto Tobey ainda era presente naquela casa.

As manifestações de Tobey continuavam. Na maioria das vezes eram os latidos, ou o raspa-raspa na porta. Eu não sabia se Julie notava esses sinais, mas eu estava certo de que Anna e Marcus percebiam e até os sentiam mais do que eu.

Anna vivia falando de Tobey. De manhã, vez ou outra, ela atirava um pedaço da refeição no chão embaixo da mesa, e quando Julie a pegava no flagra,

ela imediatamente dizia que era para Tobey. Julie ficava irritada e imediatamente limpava a sujeira, e eu pensei várias vezes em impedi-la de limpar para ver o que aconteceria, para ver se Tobey pegaria o pedaço de panqueca e levaria embora, e ver a reação dela à comida se movendo sozinha; meu Deus, nem eu vi tal coisa, acho que ficaria tão espantado quanto ela. Mas no fim eu não fazia nada. Ela dava um pito em Anna e tudo voltava ao normal. Quanto a Marcus, me preocupava até que ponto ele entendia que Tobey estava morto; era visível que isso o assustava. Na maioria das vezes ele dizia que sonhara com Tobey na noite anterior. Nos sonhos Tobey rosnava para ele, ou ficava latindo. Julie, paciente como sempre, explicava que era normal sonhar com Tobey porque ele gostava muito do cachorro, mas que não precisava ficar com medo no sonho, porque Tobey também gostava dele e nunca lhe faria mal.

No sábado, porém, Tobey nos deu um grande susto. Acordei com Anna me cutucando. Eram 4h25min. Anna sempre foi uma criança cheia de emoções extremas. Quando ela chora, *chora mesmo*, esperneia, grita, como se estivesse sendo torturada. Quando está feliz, ri rasgadamente, e Julie fica horrorizada porque a risada é idêntica à risada de sua irmã Natalie, que é uma verdadeira perua, daquelas que andam cheia de joias penduradas no pescoço, anéis nos dedos e ficam dando gargalhadas exageradas. Mas quando Anna está *assustada*, ela não demonstra, pelo menos não de forma explícita. Ela fica séria e fala baixo, com a boca apertada revelando duas covinhas nas bochechas.

Foi com essa cara que ela me acordou.

— Pai. Pai. Acorda, pai.

— O que foi, querida? — perguntei, sonolento.

— O Tobey tá lá no quarto.

No momento eu não processei aquela frase. Estava no meio da parte boa do sono, aquela onde é complicado levantar. Eu resmunguei um “hum?”, e ela começou a me sacudir.

— Papai, por favor levanta, o Tobey tá lá no quarto e ele vai morder o Marcus.

A voz baixa era sinal de que estava com medo. No momento imaginei que teve um pesadelo. Saí da cama, peguei sua mão e fui com ela até o quarto.

No caminho, senti que havia algo estranho. Os tapetes que cobriam o corredor estavam bagunçados, como se tivesse acontecido alguma correria ali e tirado os tapetes do lugar. De novo senti aquele medo de alguém estar no quarto, ameaçando meu filho, e senti falta do Tobey-cão-de-guarda, aquele que mordida primeiro e latia depois. Empurrei a porta devagar e entrei, mas Anna soltou minha mão e parou, com os olhinhos arregalados. Ouvi o rosnado e me virei, com o coração aos pulos.

Por Deus, Tobey *estava lá*, e dessa vez não era só o rosnado ou a respiração. Eu o *via*, escondido nas sombras, os olhos brilhando entre trevas, dentes brancos manchados de vermelho, arreganhados, a mandíbula tremendo e se contraindo, formando rugas ao redor do nariz que brilhava úmido. Suas patas dianteiras eram visíveis e estavam flexionadas, naquela posição de espreita, de espera, pronto para atacar ao primeiro sinal, ao primeiro movimento que levantasse sua suspeita ou o ameaçasse.

Segui o ponto em que ele olhava e minha respiração travou. Seu focinho estava virado para um canto do quarto onde Marcus estava, agachado, com os olhos fechados, chorando e agarrado a um urso de pelúcia.

Minhas pernas tremeram diante da situação. Fiquei sem voz e sem ação, enquanto Tobey dava pequenos passos em direção ao meu filho. Seu focinho saiu da sombra e eu pude ver que havia traços de decomposição ao redor dele, descendo pelo peito, onde por fim podia-se ver as manchas de sangue do seu abdome aberto. Meu Deus, ele parecia uma droga de um cachorro zumbi saído de um filme de terror, com sangue escorrendo da boca e da barriga aberta. Ele deu mais um passo e partes de suas tripas balançaram e tocaram o chão, manchando-o de vermelho. Fez um som, *ploft*, e aquilo me despertou. Era real.

Ele rosnou e deu um latido alto, e Marcus gemeu no chão. Andei lentamente até um ponto onde eu podia ver Tobey de frente e gritei:

— Tobey! Quietos! Vá embora! Xô! Vá embora! Xô! Xô!

Então, com a obediência que ele tinha, mas de uma forma que me deixou amedrontado, ele foi andando para trás, ainda com as patas flexionadas, ainda em alerta, ainda rosnando, com baba branca e vermelha escorrendo pela boca e pingando no chão, até seu corpo ir pouco a pouco se escondendo nas sombras. Durante alguns segundos somente seus olhos ficaram visíveis, olhos brancos cheios de fúria e insanidade, e então ele desapareceu. Eu corri até Marcus, agachei-me rapidamente ao seu lado e o abracei. Ele agarrou meu pescoço, chorando.

— Acenda a luz, querida. — falei para Anna, ainda temeroso que aquele espectro macabro pulasse das sombras e tentasse cravar suas presas em meu filho.

Porém, quando Anna apertou o interruptor e a luz inundou o quarto, não havia nada naquele lugar onde antes era tudo sombra. Não havia sinal de que Tobey estivera ali, nem mesmo saliva ou sangue no chão.

Não havia nada.

Julie apareceu na porta, assustada:

— Meu Deus, Stevie, o que está acontecendo? Por que está gritando?

Anna a encarou com os olhos inexpressivos e depois virou-se para mim.

Olhei para Marcus, que ainda chorava, e levantei com ele nos braços. Ele me envolvia no pescoço com seus pequenos bracinhos e eu mesmo não queria soltá-lo. Não naquela hora.

— Foi só um pesadelo, querida. Só um pesadelo — falei, olhando de Julie para Anna e de volta para Julie. — Só um pesadelo. Vai passar.

Mas não passou.

As aparições de Tobey se tornaram mais frequentes. A maioria delas aconteceu durante a madrugada, mas às vezes durante a tarde, geralmente na hora do almoço.

No dia seguinte à aparição no quarto das crianças, eu fui até lá quando acordei. Era um domingo cinzento e os dois dormiam. A luz havia ficado o resto da madrugada acesa, mas já estava claro e eu a apaguei. Fiquei olhando para os dois ali, dormindo, tão *frágeis*, tão pequenos, e imaginei o que poderia ter acontecido a Tobey para ter agido daquela forma. Li certa vez que os espíritos de pessoas que morriam de forma violenta ou repentina ficavam presos à casa e às pessoas com quem viviam. Isso por que a morte é o momento mais crucial da *vida*. É o último momento do ser em sua existência terrena, e por si só um processo complicado para a alma que deve se desligar de seu corpo e partir, deixando para trás todos os bens materiais que acumulou durante a vida e, acima de tudo, deixando para trás as pessoas que amava. No momento em que o fio que liga a alma ao corpo se rompe, *razão* e *emoção* se misturam num turbilhão caótico indescritível, e a reação da alma àquilo, àquele momento, definiria seus rumos a partir de então, no pós-morte. Logo, em vítimas de acidentes e mortes repentinas, a alma desliga-se do corpo de forma brusca e despreparada. Isso gera um nível de confusão tão forte no espírito que pode fazê-lo *enlouquecer*.

Lógico, Tobey era um *cão*, não um ser humano, mas eu o estava *vendo* depois de ter morrido diante dos meus olhos, e aquilo era o bastante para eu acreditar. Ele morreu esmagado por um caminhão no auge de sua vida adulta. O acontecimento, por mais absurdo que possa parecer, pode ter feito o espírito de Tobey pirar completamente, e fazê-lo confundir seus “sentimentos” em relação a meus filhos. Era uma hipótese considerável, principalmente após vê-lo rosnando para Marcus. Depois de *morto*.

Desci para a cozinha para preparar o café da manhã. Julie ainda dormia, já que domingo era o meu dia de fazer o café, como combinávamos. Abri o armário e peguei a caixa de cereais das crianças e os pães. No balcão embaixo

peguei os ovos para as panquecas. Eles gostavam delas bem grossas e cheias de mel. Eu prefiro bem fina e com tiras de bacon, então abri a geladeira para pegar um pedaço do defumado.

Então senti de novo aquele arrepio, aquela *sensação* estranha de que alguém te observa escondido, como um vapor quente soprando em sua nuca. Fechei a porta da geladeira bem devagar, tentando ver algo refletido na porta prateada. Porém, não havia nada. Virei-me e olhei ao redor. A cozinha continuava da mesma forma, imóvel e fria. Nada estava fora do lugar ou destoando da normalidade. Quando comecei a pensar que talvez fosse a adrenalina ainda correndo nas veias devido à noite anterior, ouvi o velho e familiar som do raspa-raspa na porta da frente. E o que antes me deixava animado devido à presença amigável do meu cachorro, então me amedrontava.

— O que está planejando, Tobey? — sibilei, enquanto andava em direção à porta, seguindo pelo corredor ainda cheio de sombras, observando a porta imóvel e ouvindo o som constante que vinha detrás dela. — O que você vai aprontar, hein?

Cheguei até o pé da escada, ainda com os olhos na direção da porta, onde o risca-risca das unhas de Tobey começava a me irritar, e estava prestes a correr até ela e abri-la rápido, para ver se realmente era Tobey ou algum outro animal curioso tentando entrar em casa, quando o vi. Estava sentado no meio da sala, ereto, com o focinho apontando firme para cima. A cauda balançava de um lado para o outro, e a barriga aberta mostrava alguma coisa que pulsava entre ossos amarelados. A língua estava estirada para fora da boca, e ele babava, como na noite anterior, mas permaneceu quieto, me olhando com aqueles olhos brancos que me arrepiavam. Era como uma imagem produzida por um velho projetor de cinema enroscado, piscando e reaparecendo entre as sombras, e apesar de eu vê-lo ali, sabia que ele não *estava* ali de verdade. Senti um vento correr por trás de mim e me arrepiar a nuca. Dei um passo temeroso para trás e então ele sumiu de vez, deixando um espaço vazio entre os sofás.

Passei a mão pelo rosto, confuso com aquela nova aparição, e olhei pela janela. O velho mendigo estava lá, do outro lado da rua, perto do parque. Olhava diretamente para *mim*, não era para a casa ou para qualquer outro ponto. Ele olhava bem nos meus olhos. Decidi ignorar. Se estivesse planejando algo, já teria percebido que chamava muita atenção e pensaria duas vezes antes de qualquer coisa. Então virei para voltar à cozinha e dei de cara com Julie. Meu coração pulou, e dei um passo para trás. Ela riu de mim, apesar da visível irritação. Ela trazia nas mãos um par de sapatos que eu sabia que eram dela.

Ergueu-os na minha direção, mostrando marcas profundas e manchas escuras.

— Benjamin está com a mesma mania do Tobey. Está comendo meus sapatos.

Olhei para aquelas marcas e não precisei de muita imaginação para saber que Benjamin não havia sequer chegado perto dos sapatos de Julie, mas preferi ficar calado.

O restante do dia passou sem nenhuma surpresa, mas eu notei os rostos assustados de Anna e Marcus, e isso me preocupou. À noite, as crianças brincavam no corredor, Julie assistia TV meio cochilando no sofá enquanto eu lia um livro qualquer que há tempos eu enrolava para terminar quando Benjamin, que estava ao lado de Julie lambendo a própria pata, virou para mim com os olhos arregalados e começou a chiar como fazia quando me via. Eu estava começando a me acostumar com as frescuras daquele gato, então não dei muita bola. Na verdade, eu achava engraçado ver aquela bola de pelo que não tinha nem tamanho rosnando para mim. Continuei lendo e ele ficou lá, chiando arrepiado com as garras para fora. Isso durou um, dois, três minutos, e eu comecei a ficar impaciente. Julie nem se mexia, enquanto as crianças riam de alguma coisa e eu tinha certeza que era de mim e de Benjamin. O gato me olhava com os olhos cheios de fúria, e eu estava prestes a jogar uma almofada sobre ele só para me vingar quando comecei a ouvir o *rosnado*. No mesmo instante eu soltei o livro sobre o colo e corri os olhos pela sala, mas não vi nada.

As crianças se calaram quando ouviram o rosnado grave de Tobey. Anna levou a mão à boca e Marcus arregalou os olhos, segurando a mão da irmã. Julie não pareceu ter notado mesmo com Benjamin se esticando todo e chiando irritante do seu lado. Olhei nos olhos de Anna. Ela levantou-se devagar com Marcus e eles começaram a andar em direção à cozinha, como se ali houvesse onde se esconder.

Então o rosnado foi se tornando mais selvagem, quase bestial, pontuado com latidos altos e violentos. Julie continuava imóvel, com os olhos fixos na TV, numa espécie de transe, e mesmo com aquele som irritante que parecia ter força para estourar nossas cabeças, ela parecia alheia ao que acontecia ali. Marcus começou a choramingar baixinho. Anna passou o braço por trás dele, apesar do medo visível. Os rosnados pareciam vir de várias direções diferentes, mas quando ficava mais alto parecia vir das minhas costas. Eu senti o bafo quente de Tobey na minha nuca e me virei num pulo. Benjamin deu um salto de mais ou menos um metro, soltando um miado esganiçado que fez Julie despertar e sair do sofá na mesma hora, gritando e balançando os braços. Anna abraçou-se a Marcus e também gritou. Benjamin pulou para o chão e saiu correndo pelo corredor, desaparecendo na cozinha.

Os rosnados cessaram na mesma hora.

Mais tarde, tive medo de deixar as crianças sozinhas enquanto dormiam. Fui até o quarto deles várias vezes durante a madrugada para ver se estava tudo bem, deixando Julie incomodada. Expliquei que estava preocupado com os pesadelos de Marcus, ao que ela concordou com o rosto também preocupado, mas sem dizer nada. Por fim, não tive mais nenhuma interrupção durante aquela noite.

Nos outros dias, porém, Tobey continuou a me atormentar. Na segunda-feira eu acordei tremendo de frio por volta das 2h50min, só para ver que *alguma coisa* havia puxado meu cobertor até o chão. Enquanto acordava, ainda meio sonolento, pude ver que algo balançava o cobertor de um lado para o outro, mas quando coloquei meus pés no chão, incrédulo com o que via, o cobertor caiu e foi murchando lentamente, até ficar imóvel. Depois, quando me levantei para trabalhar, constatei que meus sapatos haviam sido totalmente *dilacerados*, o solado fora arrancado a mordidas e o couro perfurado. Aquilo *era típico de Tobey*! Ele destruiu diversos pares de sapatos meus e de Julie durante a vida, e pelo visto não havia perdido o costume mesmo depois de morrer.

Durante o dia, enquanto trabalhava, aquelas aparições ficavam na minha mente, e eu passei todo o tempo apreensivo com o que poderia estar acontecendo em casa com Anna e Marcus; eles ficariam apavorados se Tobey aprontasse alguma com eles, e o fato de Julie não estar vendo as aparições os deixava ainda mais sozinhos. Além disso, suas aparições vinham mudando de tom lentamente, e o que antes parecia ser só uma forma de chamar atenção, agora estava nos assustando.

E eu não sabia até que ponto aquilo era perigoso, porque, ao mesmo tempo em que ele era um fantasma, um espírito imaterial, ele parecia ter um efeito relativamente direto no mundo físico, pois se era capaz de fazer comida sumir, puxar edredons ou morder meus sapatos, o que ele poderia fazer com meus filhos se entrasse em mais um ataque de fúria como o daquele sábado? Só de imaginar Anna ou o pequeno Marcus sendo atacados por uma força invisível que podia *mordê-los* e *machucá-los*, isso me deixava apavorado, e o dia no trabalho foi extremamente improdutivo por isso. Eu só me acalmei quando cheguei em casa e dei um abraço forte em cada um deles.

Mesmo assim eu pude notar seus rostinhos assustados, e aqueles olhares me diziam que Tobey estivera presente durante aquele dia.

Os dois dias seguintes foram preocupantes. As manifestações sonoras do

“fantasma” de Tobey foram diminuindo à medida que a neve derreteu e o céu cinza se abriu num azul claro e tímido. Apesar de passar uma boa parte da madrugada acordado, eu já não ouvia mais os latidos dele, e seus rosnados não se repetiram durante alguns dias. Mas ele ainda estava lá. Anna começou a reclamar dos mesmos pesadelos que Marcus. Neles, Tobey corria velozmente ao redor dos dois, impedindo-os de se mover, e ficava latindo sem parar, enlouquecido. Na maioria das vezes Marcus acordava chorando. Eu ouvia o som dos soluços e corria desesperado até o quarto deles. Julie acordava assustada com meus movimentos bruscos. Dentro do quarto eu não via Tobey, como no outro dia. Isso me tranquilizava, mas ao mesmo tempo me deixava com dúvidas do que aquelas aparições poderiam significar.

Várias vezes, no caminho até o trabalho ou na volta para casa, eu via o vulto destroçado de Tobey, uma figura distorcida, cheia de rasgos abertos e sujos de sangue pela cabeça e no peito, deixando à mostra intestinos rosados e purulentos. Ele aparecia nos semáforos, nos becos, e vez ou outra eu o via pelo retrovisor, sentado no banco de trás, me olhando com duas bolas brancas imóveis e sem sentimento, a língua rasgada pendurada para fora da boca, e no mesmo instante ele desaparecia, antes que eu pensasse em gritar.

Na última sexta-feira as coisas se complicaram. O que aconteceu me deixou ainda mais apavorado, e completamente ciente do estrago que Tobey parecia capaz de fazer no mundo físico.

Meu Deus, só de lembrar eu me arrepio!

Era uma sexta-feira ótima, o sol aparecera completamente dessa vez, e após chegar mais cedo do trabalho, Julie e eu decidimos sair para comer uma pizza com as crianças. Havia um parque de diversões a duas quadras da pizzaria, e meu plano era levá-los lá antes de comer, porque sabíamos que Anna tinha o estômago fraco, e se brincasse num simples carrossel com a barriga cheia, era certeza que vomitaria. Elas ficaram eufóricas com a ideia, já fazia alguns meses que não saíamos para um lanche, e pelo menos uns dois anos que Anna não via o parque de diversões. Marcus era muito pequeno e nunca tinha ido a um. Ele insistiu para levarmos Benjamin, que miava esporadicamente nos braços dele e me olhava de esguelha de vez em quando. Mas eu não deixei que levassem o gato, para que não se machucasse ou até mesmo se perdesse. Além disso, seria bom uma distração para nós depois de tantos eventos estressantes.

A noite estava muito mais fresca e gostosa do que nos dias anteriores. Eles brincaram durante quase duas horas diretas sem parar, e eu fiquei imaginando de onde eles tiravam tanta energia. Meus pequenos amores, esses dois. Partes de mim. Eu não podia imaginar do que seria capaz por eles. Vê-los em perigo, como na noite em que Tobey ameaçava meu filho, me deixava

trêmulo.

Depois de enjoarem do parque, fomos até a pizzaria e matamos a saudade. Adorávamos aquilo. E ali a pizza era deliciosa, ainda mais acompanhada por um bom vinho. Anna comeu como nunca. Marcus estava sorridente, e provavelmente aqueles momentos de diversão o ajudaram a se esquecer dos últimos acontecimentos. Julie parecia um tanto cansada. Aquelas crianças eram nossos amores, mas davam um bom trabalho, e como davam. Por isso precisávamos de momentos de relaxamento, de descontração. Eu estava aliviado e surpreso, pois até então não vira nem um sinal de Tobey, o que era bom, pensei. Talvez, se eu afastasse aquela preocupação de dentro de mim, pouco a pouco eu acabasse parando de vê-lo ou de senti-lo. Eu estava começando a não sentir *tanta falta* dele. Principalmente depois de tantos sustos. Aquela não era a ordem natural das coisas, entende? Ele estava morto. Foi doloroso e terrível para nós, mas ele estava *morto*, e deveria enfim *partir*, ter seu descanso ou algo assim. Vê-lo com o “corpo” daquela forma, dilacerado, com aqueles olhos claros e a língua dividida, era ainda mais cruel. Desejava não mais vê-lo. Nunca mais. Aquela sensação de companhia desaparecera e em seu lugar havia um incômodo constante, como uma mão gelada e seca em meu ombro.

Ou uma pata de cão esmagada.

Por fim, já eram quase 23h00min quando saímos da pizzaria e fomos para casa, a pé, como havíamos ido. Era uma caminhada tranquila de uns dez minutos, e eu e Julie tivemos que nos revezar para carregar Anna, que estava muito cansada e cochilando em pé. Marcus aguentou ir andando durante todo o caminho, estranhamente animado e conversando conosco o tempo inteiro. Eu achei isso ótimo, pois indicava que estava superando o susto, assim como eu.

Quando chegamos em casa ninguém *latia*, o que era ótimo. Aquela presença estranha parecia ter se suavizado. Porém, para não me deixar totalmente tranquilo, o velho mendigo descendente de índios ainda estava do outro lado da rua, fitando-me com uma expressão séria. Encarei-o de volta e ele sequer se mexeu. Estava quase a ponto de ligar para a polícia, no entanto, a presença daquele homem ainda não parecia ameaçadora. Entramos, e somente naquela hora eu senti saudade de ser recebido pelo meu animal de estimação com alegria e entusiasmo, mas Benjamin sequer estava na sala. Decidi deixar aquele sentimento de lado. Quanto menos saudade, menor a necessidade da presença de Tobey. Julie colocou Anna no chão e foi ao banheiro. Marcus ficou empurrando a irmã, provocando-a para que brincasse. Ela estava visivelmente sonolenta e irritada, e eu ia pedir que Marcus a deixasse, mas ele saiu correndo e gargalhando para a cozinha e ela o seguiu correndo também. Sentei no sofá e estiquei as pernas sobre a mesinha, atento para que Julie não me visse fazendo

aquilo. Senti o quanto a casa parecia silenciosa, exceto pelo som das crianças rindo na cozinha e Julie cantando no banheiro. Fechei os olhos, coloquei as mãos atrás da cabeça e relaxei na poltrona.

Então Anna gritou. Foi agudo e forte, até mesmo para ela. Arregalei meus olhos e dei um pulo da poltrona, chamando por ela. Corri apressado pelo corredor, e mesmo com a mente confusa e o medo que fazia minhas orelhas esquentarem, eu pude notar que os tapetes que minha esposa metodicamente colocava no hall estavam todos desalinhados e fora do lugar.

Tobey.

Cheguei na cozinha e me espantei com o contraste do vermelho com o branco no piso. Anna e Marcus estavam ajoelhados, de costas para mim, e olhavam para o chão, chorando. Corri até eles gritando seus nomes, e afastei-os um do outro com a mão. No mesmo instante Anna agarrou-se ao meu braço, enquanto Marcus continuava imóvel, olhando para o mesmo ponto que eu.

Era Benjamin. Ele estava morto, mas não era só isso. Ele havia *sido morto*, e com uma brutalidade incrível. Seu pequeno corpo foi partido ao meio violentamente, espalhando vísceras e minúsculos ossos quebrados pelo chão, além do sangue que manchou todo o piso e respingou nas pernas da mesa e na geladeira. Sua boca estava arreganhada, como fazia quando guinchava para mim.

As crianças choravam desesperadas, e eu as tirei de lá. Julie chegou e deu um grito assustado ao ver o que um dia fora o pequeno Benjamin.

Deixei as crianças no corredor e pedi que não saíssem dali. Meu coração estava pulsando descompassado, eu podia ouvi-lo. Corri o mais rápido que pude até a porta e a abri, olhando fixamente para o outro lado da rua. Minha respiração saía em jatos de fumaça branca e espessa, pois a noite começava a esfriar. Andei por todo o quintal, olhando em volta diversas vezes, e fui até o meio da rua, andando desorientado, mas era tarde.

O mendigo já havia ido embora. Não que eu achasse que ele matara o gato. Lógico, não podia confiar, mas há quanto tempo ele estaria ali na frente da minha casa? Uma hora? Duas horas? Será que não teria ouvido algo, como alguns chiados agudos, rosnados brutais, insanos e cheios de ódio, e por fim latidos ferozes, seguidos por miados agonizantes e sons de carne sendo rasgada?

Será que não teria ouvido Tobey matar Benjamin?

Foi simplesmente chocante para os dois ver Benjamin daquele jeito, ainda mais depois da crescente de eventos estranhos envolvendo o suposto fantasma de

Tobey, então eu e Julie ficamos no quarto com Anna e Marcus até eles pegarem no sono, o que demorou um pouco. Anna ficou a maior parte do tempo calada e quieta. Eu fiquei com ela, passando a mão em seus cabelos e sorrindo para tranquilizá-la, até que ela pegou no sono. Já Marcus ficou o tempo inteiro chorando, foi difícil acalmá-lo. Depois que Anna dormiu, Julie, que já estava com ele no colo a mais de uma hora, passou-o para mim e suspirou cansada. Consegui fazer Marcus dormir depois de um longo tempo balançando-o devagar. Quando finalmente dormiu, eu e Julie descemos, ela para tirar da cozinha os restos de Benjamin, e eu para observar se havia algum sinal de arrombamento na casa.

Não encontrei nenhum, o que reduzia para quase zero a já fraca hipótese de o gato ter sido morto pelo mendigo. E depois dos acontecimentos anteriores envolvendo Tobey, era mais fácil aceitar que foi ele. Olhei todas as janelas, todas as portas e trancas, e estavam intactas. Porém, pude ver pela primeira vez as marcas que o fantasma de Tobey fizera com as unhas na porta da frente. Eram diversos riscos, que retiraram a tinta e em alguns pontos fizeram subir finas lascas de madeira. Imaginei que tipo de história contaria para Julie depois que ela visse aqueles riscos. O mais sensato seria jogar a culpa em Benjamin. Ela nunca acreditaria se eu falasse que foi o fantasma de Tobey. Fiquei com uma sensação ruim depois, como se estivesse escondendo algo muito importante dela, principalmente depois da morte do gato. Se até então ela não havia notado nada, não seria melhor contar para ela o que *realmente* estava acontecendo?

Pensei muito enquanto tomava banho antes de ir para a cama. Dei uma última olhada nas crianças. Anna se movia impaciente no sono, enquanto Marcus dormia profundamente, e eu tive muita pena de ambos. Quando cheguei até meu quarto, Julie já dormia. Decidi não a acordar, não para tocar num assunto como aquele. Mas prometi para mim mesmo que falaria com ela no dia seguinte. Contaria a ela dos riscos na porta e revelaria quem destruíra seu sapato e matado Benjamin. Se ela me achasse louco, bom, eu teria que me conformar.

Acordei sozinho na cama na manhã de sábado. Com um leve receio, desci as escadas rápido, mas tão silencioso quanto um gato. Julie e as crianças estavam na cozinha tomando o café da manhã. Ela me olhou e deu um sorriso amarelo. Anna estava com os olhinhos vermelhos e mexia sem interesse nas panquecas do prato. O pequeno Marcus mastigava devagar em sua cadeirinha, com o rosto inchado de tanto chorar no outro dia. Sentei com eles e comemos em silêncio.

Queria falar com Julie. Olhei para ela e cochichei:

— Precisamos conversar. Sobre ontem.

Ela olhou para mim e depois para Anna e Marcus. Olhei para eles. Os dois me encaravam com os rostos tristes. Quando encarei Julie de novo, ela abaixou a cabeça, e continuou comendo, o que significava que aquela não era uma boa hora.

Comi o mais rápido que podia, na tentativa de que Julie percebesse que eu queria conversar *naquele momento*. Terminei e fui para a sala. Ela já estava limpando a mesa quando cheguei até a janela.

Tobey me olhava lá de fora. Estava na mesma postura de sempre, sentado sobre as patas traseiras, com a língua e as tripas de fora. Sua cabeça se mantinha inclinada e ele respirava rápido. Seus olhos brancos me incomodavam.

Então olhei mais adiante, e o velho mendigo estava lá. Um arrepio correu por minha espinha, enquanto eu me aproximava do vidro. Ele olhava para mim, assim como Tobey, com olhos frios e sem sentimento. E eu tinha certeza que ele sabia que Tobey *estava ali*, entre nós dois.

Naquele momento, quis falar com aquele homem. Queria sair e perguntar para ele se sabia o que estava acontecendo naquela casa, o que estava acontecendo com Tobey, e algo em seus olhos, algo que estava tão no fundo que só com muita atenção você poderia perceber, me dizia que *ele sabia e queria que eu soubesse que ele sabia*. Era como uma urgência, uma necessidade. Mas ele permanecia imóvel. Só me olhando, enquanto Tobey arfava e me encarava impassível. Decidi que ia falar com aquele homem, e seria naquele minuto.

Porém, quando estava prestes a me afastar da janela, eu ouvi as sirenes. Colei meu rosto no vidro e vi uma viatura da polícia parar bruscamente próximo ao velho mendigo. Meu coração começou a acelerar, pois eu sabia o que ia acontecer. Eles o levariam.

Comecei a berrar na janela, “Não! Parem! Parem!”. Corri até a porta o mais rápido que podia, enquanto os dois policiais que saíram da viatura erguiam o velho pelos cotovelos e o levavam para dentro. Ele foi sem reagir, mas continuava olhando para mim, enquanto eu saía para o quintal. Tobey me acompanhou com os olhos enquanto eu corria e gritava o mais alto que eu podia para os dois policiais, para que parassem com aquilo e não levassem o homem, porque eu queria *muito* falar com ele, mas foi em vão. Quando cheguei à rua, a viatura já estava partindo, e o velho descendente de índio foi se afastando rapidamente, me olhando por detrás do vidro do carro da polícia com aqueles olhos miseráveis e urgentes. Como se quisesse me dizer alguma coisa.

Ouvi uma voz familiar e olhei à minha direita. Era meu vizinho, Sr. Malcolm:

— Finalmente a viatura chegou! Eu já estava quase amarrando aquele mendigo e levando-o embora daqui pessoalmente!

Meus olhos estavam cheios de fúria. Ele percebeu e ficou parado na frente de sua casa, me encarando. Eu quis arrastar a cara dele naquele asfalto.

Voltei para dentro de casa, desconcertado. Tobey me acompanhou com os olhos enquanto eu entrava. Julie estava na janela, olhando para fora.

— Você acredita que aquele grande filho da puta do Malcolm chamou a polícia para levar aquele homem daqui? Acredita numa coisa dessas? — falei, revoltado, enquanto ela movia os olhos de mim para a rua. — O homem... o homem não fez absolutamente nada! *Nada!* Como pôde fazer uma coisa dessas?! Não acredito nisso...

— Quando será que ele vai embora, Stevie? — perguntou ela, com a voz baixa.

— Eu não... o quê? Não entendi? Embora? Quem?

— Tobey, Stevie. Quando ele vai partir de verdade?

Arregalei os olhos para ela.

— Droga, Julie, você *também* está vendo? Oh meu Deus Julie, diga que sim! Diga que eu não estou louco...

— Eu estou vendo ele há tanto tempo quanto você, Stevie.

— Mas então por que não me disse nada? Por que ficou esse tempo inteiro fingindo?

— Por favor, Stevie, não grite. Fique calmo! — ela olhou para atrás de mim e eu me virei. Anna e Marcus estavam no corredor nos observando conversar. Anna segurava uma das mãos de Marcus enquanto este chupava o dedo polegar da outra mão com a cabeça baixa. — Eu o vejo desde aquele dia em que começaram os latidos. Mas eu... fiquei com tanto medo... que achei melhor fingir que não o via, para não assustar as crianças... mas agora, ele está... está nos ameaçando, Stevie. Ameaçando a todos nós, principalmente os nossos filhos.

Ela veio até a mim e eu a abracei.

— Droga, Stevie, ele *matou* o Benjamin... por que ele *fez* isso? Por quê? Ele já morreu... deveria ter ido...

Ela encostou a cabeça no meu ombro. Anna trouxe Marcus e eles se agarraram nas minhas pernas. Levei uma das minhas mãos até eles, e nós quatro ficamos abraçados durante um tempo. Por fim, segurei a cabeça de Julie para que ela me olhasse e lhe disse:

— Não se preocupe querida. Ele vai embora, mais cedo ou mais tarde. Ele *tem* que ir.

Depois do almoço, minha cabeça ainda estava quente, então decidi dar uma volta sozinho. Deixei Julie e as crianças em casa com certo receio, peguei o carro e saí.

Dirigi a esmo durante uns trinta minutos, passando por bairros residenciais e postos de gasolina, comuns naquela região. Não era difícil ver um cachorro ou até mesmo dois ou três em diversas casas, pequeninos barulhentos ou gigantes silenciosos, daqueles que observam calados enquanto lambem os beiços. Nenhum deles lembrava Tobey, com suas orelhas pontudas, o focinho curto e o olhar esperto, pelo menos enquanto estava vivo; então, seu olhar era assustador.

Cheguei ao centro da cidade e ao longe pude ver a fachada da livraria que eu costumo frequentar. Naquele momento o letreiro vermelho e branco (“Livraria Papiro Sagrado”, em letras quadradas e inexpressivas) pareceu reluzir, como se me chamasse. Como se tivesse *a solução*.

Fui até lá. Estava praticamente vazia, o que era normal em sábados frios como aquele. Decidi procurar ali algo que me ajudasse com o meu problema. Livros de espiritismo, feitiçaria, veterinária, não sei, *qualquer coisa* que me ajudasse. E depois chegaria em casa e pesquisaria na internet também. Já estava na hora de encarar aquilo como um problema, e se possível cortá-lo pela raiz, arrancar aquele fantasma de nossas vidas. Dar um descanso a Tobey. Ele merecia, e nós também.

Depois de umas duas horas, saí da livraria com pelo menos cinco livros, um deles chamado “*A influência dos espíritos no mundo físico*”. Outro, com um belo lobo cinzento na capa, chamava-se “*Canidae*”. Outro, com uma capa chamativa que trazia um espírito retorcido roçando a mão ossuda no ombro de uma pessoa totalmente apavorada, tinha o sugestivo título “*Como se livrar de uma Assombração*”, e eu também o peguei. Se pelo menos um deles me ajudasse, seria ótimo.

Parti direto para casa, enquanto o sol lentamente se despedia por detrás de nuvens cinzentas. Senti uma necessidade imensa de chegar logo em casa, ver se todos estavam bem, e ler aqueles livros o mais rápido possível. Algum deles deveria ter uma solução, como alguma bruxaria ou exorcismo. Não esperava que surgisse um capítulo salvador, algo como “Simpatia para expulsar o fantasma do seu cachorro”; esperar algo desses livros na verdade me irritava, porque significava que eu estava acreditando *demais* e me deixando influenciar *demais* pelo que estava acontecendo.

Mas você nunca pode dizer que uma coisa é *realmente séria* sem saber o que de fato é uma coisa séria. O que havia acontecido até então? Latidos durante a noite? Porta riscada? Sapatos mastigados?

Um gato destroçado por um espírito?

Eu diria que as coisas são sérias para mim quando envolvem meus filhos. E foi o que realmente definiu e mudou o rumo da situação. Eu amava Tobey, mas também amava acima de tudo minha família, minha esposa Julie, minha querida Anna e o pequeno Marcus. Se eles estivessem em risco, eu não me importaria com mais nada. Muito menos com Tobey, que já estava morto.

A apreensão foi tomando conta de mim à medida que tentava chegar em casa e me deparava com semáforos insistentes e trânsito lento. Quando por fim cheguei ao bairro, já estava escurecendo. Estranhamente minhas mãos tremiam no volante, e eu suava. Alguma coisa *estava acontecendo*. Eu não conseguia imaginar outra coisa que não fosse meus filhos em risco. E *Tobey*. E foi o que aconteceu.

No começo da rua eu já pude ver que havia muitos vizinhos fora de casa, de pé no meio da rua ou na calçada. Depois, mais perto, pude ver que todos estavam olhando para o mesmo lugar. Para *minha* casa. Meu coração recomeçou seu galope inconstante. Acelerei e dei farol alto para que saíssem do meu caminho. Algumas pessoas viram e abriram passagem, e eu pude ver.

Anna estava no gramado, se contorcendo, com as mãos estendidas para frente. E alguma força invisível *a movia pelo jardim*, arrastando-a contra sua vontade. Julie estava próxima a ela, com as mãos na cabeça em visível desespero, enquanto Marcus chorava com a boca escancarada sentado no solo. Quis descer do carro com ele em movimento. Freei bruscamente, enquanto minha filha era sacudida para frente e para trás na grama, com os braços à frente, como se *lutasse*, como se impedisse que algo avançasse mais sobre ela.

Quando finalmente pulei do carro e corri, ouvi *o som*. Era um rosnado assustador, insano e demoníaco. Era Tobey, eu tinha certeza. Não podíamos vê-lo, mas podíamos ouvi-lo. *Todos* o ouviram. Todos que estavam na frente da casa, na rua, em suas casas. Todos ali que tinham ouvidos podiam ouvir o som ensurdecedor dos rugidos de Tobey, enquanto parecia querer devorar minha filha. Algumas pessoas levavam as mãos às orelhas, pois o som era perturbador, como o de cem cães amaldiçoados rosnando ao mesmo tempo. Então, o corpo de minha filha parou de ser movido contra sua vontade. Ela não teve força para continuar segurando o que eu imaginava que fossem as patas de Tobey. Os bracinhos se abaixaram, e uma garra invisível foi abrindo lentamente um rasgo na roupa dela, bem sobre a barriga. O rasgo foi aumentando e então surgiu um fio brilhante de sangue. Julie deu um grito. Eu berrei:

— TOBEY, NÃO!

Um vento muito forte bateu em nossos rostos, e o ataque cessou. A tal força largou Anna e ela começou a se arrastar em direção à mãe. Julie jogou-se sobre ela, tentando protegê-la com o corpo. Eu cheguei até elas e abracei as duas. Depois puxei Anna para mim e verifiquei seu ferimento, um corte que ia do osso do esterno até perto do umbigo, mas sem nenhuma profundidade grave. Respirei com alívio e a abracei de novo. Olhei ao redor e vi o pequeno Marcus sozinho e chorando. Julie foi até ele e o tirou do chão.

Todos olhavam para nós. Seus olhos estavam arregalados e os rostos pálidos como papel. Alguns levaram a mão até a boca, apavorados. Depois, um a um foram lentamente entrando em suas casas, não sem antes olharem para nós mais um pouco, embasbacados com o que tinham presenciado, e batendo a porta atrás de si rapidamente, até que em menos de dois minutos só nós quatro estávamos do lado de fora, debaixo de um céu escuro e amedrontador. Corri com Anna para o carro, e seguimos imediatamente para o hospital.

Aquilo foi a gota d'água para mim. Foi o *bastante*, o máximo que eu podia deixar acontecer sem tomar uma atitude. Por muito pouco Tobey não abriu a barriga de Anna com as garras. Ela levou doze pontos na barriga, sob constantes perguntas da enfermeira. “Quem foi o bicho malvado que fez isso com você, meu doce?”, perguntas essas que ela evitava olhando para baixo, calada, com o choro na garganta louco para sair. Mas eu passava a mão nos cabelos dela, tentando reconfortá-la, porque eu podia imaginar o quanto devia ser complicado para uma criança de seis anos entender e digerir o fato de ter sido atacada pelo *espírito* de um cachorro. Na verdade, o que parecia complicado de fato era aceitar que tenha sido o fantasma de Tobey que a atacara, o cachorro que a viu crescer e que eles amavam. Que todos nós amávamos.

Mas ele atacara um de nós, ele atacara alguém da *minha família*, e isso era imperdoável. Se estivesse vivo, Tobey seria mandado para um abrigo de cães, porque aquilo, aquele ataque, não poderia se repetir, e para garantir que aquilo não acontecesse outra vez, eu o afastaria de meus filhos e de nossas vidas imediatamente. Só que ele estava *morto*, era um espírito errante sobre o qual eu não tinha nenhum efeito físico. Então, o que eu *poderia* fazer?

Quando voltei do hospital com Anna, levei-a até seu quarto e pedi que Julie ficasse com ela. Depois voltei ao carro e peguei os livros que comprara mais cedo. Sentei na sala e fiquei folheando-os aleatoriamente, na esperança de

que algum deles me desse uma ideia ou sugerisse algo. Procurava um *feitiço*, para ser mais exato, uma simpatia, qualquer coisa, algo que afastasse o fantasma da minha casa ou que protegesse meus filhos de um possível novo ataque. Eu não entendia dessas coisas, mas acreditava que ali eu poderia encontrar a solução. Eu *precisava* encontrar. Era minha única esperança.

Por fim achei. No índice do livro “*Magias e feitiços norte-americanos*”, um dos cinco livros que eu trouxera, encontrei um capítulo chamado “Como expulsar um espírito de sua casa”. Meus olhos brilharam com aquilo. Fui até a página indicada o mais rápido que pude, pulando textos e folhas cheias de figuras bizarras e macabras.

O capítulo era curto e continha uma receita. Dizia que era uma espécie de incenso, que deveria ser queimado para expulsar o espírito. No fim, um detalhe que me fez levantar imediatamente e sair em busca de uma pessoa que eu já esperava que me ajudasse.

Na última frase, dizia que a receita só surtiria efeito se fosse feita por um nativo norte-americano.

O texto era categórico: a receita era indígena e só funcionaria se fosse feita por um. Eram 4h37min quando eu finalmente cheguei à periferia da cidade, onde eu sabia que havia uma alta concentração de descendentes Apaches, e onde possivelmente eu encontraria o mendigo que a polícia levava. Isso se ele não tivesse nenhuma pendência com a Justiça do Povo dos Estados Unidos.

Saltei do carro, temeroso, mas ciente de que era a única alternativa. Ainda havia muita gente na rua, pessoas menos sortudas do que eu, que se esforçavam para se divertir naquele lugar, e aparentemente conseguiam. Diversos bares e tendas se espalhavam pelas ruas, onde pessoas bebiam ou comiam falando alto. Procurei não chamar a atenção, enquanto observava atentamente cada rosto que passava por mim. Procurava por aquele homem, obviamente um descendente indígena. Uma conversa rápida, um pouco de dinheiro, e ele *tinha* que fazer aquela receita para mim. Mesmo que eu tivesse que pagar mais.

Parei diversas pessoas na rua, pessoas de narizes largos e olhos pequenos, traços que atravessaram gerações, mas nenhuma delas era quem eu procurava. Muitos se assustavam com minha atitude; eu tocava seus ombros e eles se viravam com olhos atentos, e em pouco tempo eu percebi que havia perdido o controle. Todos me olhavam, enquanto eu dava voltas e mais voltas pela rua,

com a cabeça latejando, tocando cada pessoa que passava por mim, olhando direto nos olhos dela, e logo em seguida dispensando-a para me voltar a outro que chamava minha atenção. Pude ouvir suas vozes, cochichando e perguntando uns aos outros quem eu era, o que eu fazia ali, e principalmente, por que eu parecia tão *desesperado*.

Por fim, exausto e com a cabeça rodopiando, eu sentei no meio-fio e fiquei pensando na tolice que estava fazendo, perdendo meu tempo naquela busca incerta enquanto minha esposa e meus filhos estavam sozinhos em casa, ou não *tão sozinhos* assim, e era isso que eu temia.

Foi quando um senhor surgiu do outro lado da rua. Era baixinho, magro, e tinha o corpo tão curvado que parecia um arco. Era muito enrugado e tinha as mesmas características que cansei de procurar durante quase duas horas. Ele olhava no fundo dos meus olhos, e eu tive medo daquilo. Ele parecia *me ver*, assim como o velho mendigo me via, como se eu contasse algo para ele só com os olhos. Ele apoiava o velho corpo numa bengala adornada e tinha compridos cabelos brancos que lhe caíam sobre os ombros. Em seu pescoço, colares e contas sem fim, e no meio deles um pequeno crânio, que eu não saberia dizer se era de raposa ou de um rato.

Levantei-me, e nisso ele se virou. Saiu andando, sem olhar para trás, e eu o segui. O dia já amanhecia, as ruas estavam vazias, e era difícil segui-lo, pois ele se enfiava em becos e ruas apertadas, dando voltas e mais voltas, e eu me sentia num labirinto. Depois de alguns minutos naquele jogo bobo de gato e rato, eu o vi entrar em uma pequena casinha com uma porta velha de madeira descascada. Ele olhou para mim de lá e deixou a porta entreaberta, sumindo atrás dela. Corri até a casinha, que se parecia com todas as outras casinhas que a ladeavam naquela rua, e entrei.

O velho estava sentado no chão que parecia ser o único cômodo da casa. Não havia móveis, exceto uma mesa ao fundo. Era escuro lá dentro, e uma leve fumaça dava voltas pelo lugar, um cheiro adocicado misturado com mofo. Ele falou primeiro:

— O senhor tá perturbado. Tem coisa ruim em você. — Sua voz era gravíssima, quase assustadora.

— Eu não seria bobo de dizer o contrário — falei, recuperando o fôlego. Encarei-o, naquele lugar que quase o transformava num ídolo, e me senti medíocre. — Eu me chamo Stevie...

— Por que me seguiu? — Ele permanecia sério.

— Acho... acho que o senhor pode me ajudar — disse, e tirei o livro do bolso. Abri-o na página da receita e estendi para ele, que esticou um braço magro cheio de veias saltadas e pegou o livro. Levou até diante dos olhos e leu

calado.

Depois de alguns segundos, olhou-me de volta. Devolveu o livro, fechando-o. Tinha os olhos sérios e duros.

— O senhor precisa mesmo disso?

— Sim, preciso muito. Eu... minha família está correndo muito perigo, então eu preciso sim que o senhor faça isso para mim. Pago o que for preciso.

— O senhor tem certeza?

Ele me olhava com uma profundidade que me assustava. E eu comecei a me sentir em dúvida se deveria mesmo apelar para um “feitiço indígena” para afastar Tobey. De repente tudo parecia não ter lógica: fantasmas, feitiços indígenas... o que mais viria?

— Por que o senhor... por que o senhor se importa tanto? É só fazer...

— Eu não me importo. Não confunda. Mas o senhor... pode se importar.

— Por que me importaria? Preciso me livrar dele, e rápido. Não sei quanto o senhor quer, mas...

— Esse feitiço não serve só pra espantar um espírito. Esse feitiço *mata* o espírito. Qualquer desencarnado que esteja perto de você quando usar. Mata.

Encarei-o, tentando não demonstrar nada. Aquilo não devia ser empecilho nenhum para mim. Eu precisava proteger minha esposa e meus filhos de qualquer ameaça. E Tobey já estava morto. Não faria diferença.

— Faça. Eu lhe pago.

Ele me encarou. Depois se levantou e pediu que eu esperasse na rua.

Fiquei cerca de quinze minutos sentado na calçada, esperando. Quando eu pensei que ele não sairia mais daquele casebre, ouvi a porta se abrir lentamente. Levantei e entrei. Ele me esperava de pé. Estendeu a mão para mim. Nela havia algo como um pequeno pedaço de corda preta de uns dez centímetros. Peguei-a. Ela pareceu esquentar na minha mão.

— Quando ele entrar na sua casa, é só queimar. Vai matar ele. — disse o velho índio. Ele virou-se e foi andando até seu lugar no meio da sala. Eu abri a carteira e tirei todo o dinheiro que havia lá, talvez uns 200 dólares, e coloquei no chão, diante dele. Ele ficou olhando para mim durante todo esse tempo, e eu me senti desconfortável. Temi que estivesse o ofendendo com aquilo, mas ele deveria receber pelo serviço.

Saí da casa e andei o mais rápido que pude até meu carro. Precisava chegar em casa logo. E resolver aquilo de uma vez por todas.

Cheguei em casa a tempo de vê-la em plena calma. Na verdade, a rua inteira estava quieta, como se não houvesse nenhum morador ali. Não havia vento. A única coisa que eu sentia era o olhar dos meus vizinhos sobre mim, por detrás das janelas. Calados, quase sem respirar, somente observando e esperando por mais alguma atividade maldita no quintal de minha casa. Olhei ao redor, inquieto, e entrei.

Dentro de casa, porém, as coisas eram absurdamente diferentes. Dentro de casa *ventava*. As cortinas balançavam com vigor, os vidros das janelas tremiam, e a porta dos fundos chocava-se insistentemente contra o batente, em um vai e vem rítmico e angustiante. Minha esposa e as crianças estavam sentadas nas escadas, agarrados uns aos outros. Quando me viram chegar, Anna e Marcus arreganharam um sorriso, mas não se soltaram da mãe. Julie tinha o rosto apavorado.

— O que está acontecendo, Stevie?!

Disse que não sabia, e pus minha cabeça para fora da porta. Nenhum vento. Do lado de fora, havia um mundo. Dentro de minha casa, havia outro.

Entre e me juntei a eles na escada. As crianças se agarraram a mim.

— Ele apareceu? Entrou aqui?

— Não — respondeu Julie. — Só ficou no quintal, rondando. Oh meu Deus, olhe...

Olhei pela janela e lá estava Tobey, andando pelo quintal com as orelhas de pé. Ele percebeu que eu o olhava e me encarou. Virei o rosto, mas ao mesmo tempo pensava: “Vamos garotão, entre aqui, entre e rosne de novo para qualquer um dos meus filhos e eu vou te dar o que merece”, enquanto segurava com firmeza o pedaço de corda preta que o velho índio me deu.

Ficamos sentados nas escadas durante horas, não porque eu quis, mas por insistência de Julie, que estava com muito medo. Anna e Marcus pareciam cansados, especialmente Anna, que me encarava com os olhos cheios de dor. Ela passava a mão sobre a barriga ferida de vez em quando, ao mesmo tempo em que olhava para o lado de fora pela janela, procurando por Tobey. Ele aparecia poucas vezes, andando pelo quintal e farejando a grama. Algumas vezes, parava de repente e ficava rosnando para o nada, um rosnado forte e alto, tão alto que parecia que ele estava dentro da minha cabeça, e então ele sumia; nessas horas, Marcus tremia.

Foi à noite que tudo piorou. À noite, as coisas aconteceram muito rápido.

Primeiro foi o vento dentro de casa, que parou repentinamente. O espectro de Tobey estava na frente da casa, e eu percebi que alguma coisa naquilo chamou sua atenção, pois ele ergueu a cabeça e ficou estático, até desaparecer lentamente, como uma nuvem de fumaça. Então os rosnados

retornaram, cheios do que parecia ódio e fome. Podíamos ouvir os passos, como se algo corresse velozmente pelo quintal, dando voltas e mais voltas invisíveis que estavam prestes a me enlouquecer. Sentimos a escada vibrar. Ele estava ali. Nós sentíamos. Viramos para o alto da escada e ouvimos a coisa se aproximando, junto com um hálito quente e um som gorgolejante de saliva escorrendo; percebi quando avançou.

Puxei Julie pelo braço o mais forte que pude. Marcus estava em seu colo e quase caiu. Peguei Anna pela mão com o outro braço e quase a arrastei pelos degraus. O vento retornou bruscamente, arrancando cortinas e escancarando a porta da sala. O rosnado aumentou, e ele desceu as escadas correndo. Por pouco ele não avançou sobre nós. Ouvi suas unhas arranhando o piso de madeira enquanto corria, passos rápidos que pareciam incrivelmente próximos de nós, que corríamos pelo corredor em direção à cozinha. A porta dos fundos já estava aberta, então eu joguei Anna nos braços de Julie rapidamente e a empurrei para o quintal, fechando a porta logo após eles conseguirem sair. Julie voltou-se contra a porta e ficou dando socos nela. Eu encostei minhas costas na porta, puxei a corda que o índio me entregara, peguei o isqueiro no meu bolso e esperei. O som das unhas no assoalho se aproximavam a cada passo. O rosnado vinha junto, algo tão monstruoso que eu custava a acreditar que *aquilo era Tobey*, meu cachorro, meu amigo, meu companheiro, a quem eu havia confiado a segurança da minha casa, da minha esposa e dos meus filhos na minha ausência. O amigo que passava horas brincando com aquelas crianças que ele parecia amar tanto. O companheiro que ficava sentado olhando pacientemente para Julie enquanto ela lavava roupas e falava com ele. O cachorro que praticamente crescera comigo, com quem eu compartilhei os momentos de maior felicidade em toda a minha vida, o amigo por quem eu chorara dias e noites quando uma carreta passou por cima de seu corpo, triturou seus ossos e abriu sua barriga. E então ele estava ali, correndo na minha direção, com saliva e sangue escorrendo da boca, as unhas raspando o chão, e rosnando, vindo para me matar, para matar minha família; eu *nunca* permitiria. Nunca.

Quando os olhos brilhantes surgiram na escuridão, eu acendi o isqueiro e aproximei-o do pedaço de corda enegrecido. A chama faiscou sobre o trançado, e uma forte chama azulada se espalhou sobre ele. Tobey estava a poucos metros de mim quando a chama consumiu a corda de uma vez, lançando uma luz intensa sobre toda a cozinha, me cegando momentaneamente, mas não sem antes ver Tobey frear repentinamente ante a visão daquela chama, arreganhar a boca com uma força assustadora e soltar um ganido agudo que me atingiu os ouvidos e meu coração. O cachorro desapareceu no mesmo instante em que a chama se desfez e a luz sumiu, dando lugar a uma escuridão gigantesca que me engoliu.

Aos poucos, meus olhos foram se acostumando, até a visão voltar por completo.

Abri a porta rapidamente e deixei uma Julie histérica entrar, trazendo junto duas crianças em lágrimas.

Eu os abracei, e depois Julie me apontou um ponto no chão. Havia uma marca exata de fuligem no formato das patas de Tobey. Mas a *sensação*, a presença que ele me causava, desapareceu completamente.

Porém, alguma coisa ainda estava errada. Eu *sentia*. Olhei ao redor ainda um pouco confuso, e só depois pude perceber o que era.

Era o vento. Lá fora não havia nenhum sinal dele, mas dentro de casa... dentro de casa as cortinas ainda balançavam.

Andei até a sala, trazendo Julie e as crianças comigo. Meu coração palpitava de forma desregrada, e aquela sensação estava me incomodando. A mão de Julie tremia. Os olhos azuis de Anna estavam arregalados e o pequeno Marcus empalideceu.

Eu ainda não acredito no que vi lá fora. Na mesma hora eu percebi o meu erro.

Havia cerca de duas dúzias do que pareciam ser *peessoas* no quintal, mas era perceptível que tinham morrido há muitos anos, séculos talvez. Eram espíritos, mas pareciam incrivelmente *físicos*, quase palpáveis, com as carnes em decomposição e mãos e braços com ossos à mostra, assim como os rostos de alguns, manchas brancas que surgiam entre pedaços de carne podre. Alguns tinham grandes buracos no peito ou na barriga, buracos por onde era possível ver do outro lado. Na maioria eram homens, e de uma etnia bem distinta. Aquelas características físicas eram facilmente reconhecíveis: narizes largos, olhos apertados, testas grandes. Alguns traziam colares grandes nos pescoços, outros tinham belos cocares na cabeça, mas cada um deles tinha o mesmo tipo de machadinha na mão direita, com lâminas incrivelmente brilhantes e afiadas. E eles nos olhavam com olhos brancos enfurecidos.

Não tivemos muito tempo para pensar, porque na mesma hora em que nós os vimos, eles *também nos viram*. Apenas corremos apavorados e entramos no primeiro lugar que parecia seguro, o armário embaixo da escada.

Estamos aqui dentro há no mínimo quatro horas. O dia ainda não amanheceu, visto que a luz ainda não se mostrou pela fresta da porta, mas eu duvido que a *luz* ajude de alguma forma a sairmos vivos daqui.

Julie e as crianças estão dormindo. Eu estava aflito em vê-los com tanto

medo, e ajudei Julie a fazê-los dormir, mesmo com o som horrível que vinha lá de fora. Marcus dormiu rápido, parecia cansado e triste quando finalmente fechou os olhinhos. Anna levou mais tempo para esquecer aquela situação toda, ela ficava olhando ao redor a cada ruído estranho, e reclamando que a cicatriz estava doendo, mas por fim dormiu com a cabeça apoiada na minha perna. Julie dormiu em seguida, segurando Marcus no colo e com a mão nos cabelos de Anna. Eu não consegui dormir, e decidi que não podia. Não sabia até que ponto nós estávamos seguros ali, então precisava ficar atento, vigilante. Nesse período tive tempo de pensar, e muito, sobre tudo o que ocorrera desde a morte de Tobey, e acima de tudo, pude remoer toda a culpa que eu sentia, e que na verdade *ainda* está me torturando, me consumindo.

É muito difícil explicar o tamanho do erro que eu cometi, porque me faz pensar em Tobey desaparecendo na luz azulada do feitiço indígena que usei para matá-lo pela segunda vez. Me faz pensar que não tive calma e discernimento para *ver* o que *de fato estava acontecendo*. Quando eu penso nisso, sinto meu coração encolher como se houvesse uma mão por dentro do meu peito, apertando-o, esmagando-o com gosto, como se dissesse, ou melhor, como se gritasse: “É tudo culpa sua!”.

E é tudo minha culpa. Se eu tivesse lido os malditos livros a tempo e com mais atenção, eu teria agido de outra forma. Mas agora não são mais de muita ajuda. Eles estavam aqui no armário, Julie os guardara quando eu saí apressado atrás do velho mendigo, e há pouco tempo eu estava lendo-os sob a luz amarelada da pequena lâmpada pendurada no teto; a cada descoberta que eu fazia, eu sentia mais e mais vontade de acabar com a minha própria vida, de bater na minha própria cara, porque eu pude ver que agi de forma totalmente desesperada e impulsiva. Eu acabei com todas as esperanças. Eu matei Tobey, e junto com ele matei a mim e a minha família.

O primeiro livro tem um lobo na capa, chama-se “*Canidae*”. É um livro sobre cães, *raças de cães*. Eu não sabia, por exemplo, que Tobey era um híbrido de um *Canis familiaris* da raça Malamute do Alasca com um *Canis lupus familiaris*, o Cão-lobo. E que o Cão-Lobo é um cruzamento de um cão doméstico com um *Canis lupus*, um Lobo Cinzento. Pode parecer óbvio, mas isso faz de Tobey um espécime *especial*. Ser filho de um Cão-lobo torna Tobey algo como um *primo* de um lobo, um parentesco que vai além da similaridade do DNA. No caso, Tobey *compartilhava* parte do DNA de um lobo. E isso foi crucial para eu entender tudo. Sempre fui injusto em classificá-lo como SRD, pois mesmo ele sendo um, sempre houve algo a mais em sua genética, algo *selvagem*, que eu não conhecia. Daí sua hiperatividade, sua relativa rebeldia e sua *ferocidade*.

Mas não parei nesse livro, eu dei uma lida nos outros também. O mais esclarecedor se chama “*História Completa dos Estados Unidos*”. Esse eu tinha há certo tempo, e também estava aqui, no armário. Nesse livro eu encontrei um trecho interessante sobre os nativos norte-americanos. Eu descobri que os lobos, para eles, eram uma espécie de *guia espiritual*, uma luz de sabedoria que os conduzia pelos mais altos níveis de conhecimentos xamânicos, e aqueles que nasciam sob seu signo eram guerreiros e líderes natos, além de nobres e amorosos com sua família. Eles acreditavam que os lobos eram seus *ancestrais*, que em tempos muito antigos eles podiam se transformar em lobos e depois voltar à forma normal, porém uma divindade celestial teria selado a ligação entre nosso mundo e o mundo espiritual, impedindo-os de se transformar, e prendendo na forma de lobo alguns que estavam transformados naquele momento. O lobo era um guardião; os lobos eram seus *protetores*.

Nesse mesmo livro eu encontrei um mapa muito detalhado dos Estados Unidos; ele mostra a taxa de população indígena no território americano, e sua diminuição no passar dos anos. Achei aquilo estranho, pois é fato que foi o próprio governo norte-americano que investira contra os índios para explorar o território, foi o governo que os caçou, os matou e os dizimou, além de anos depois vilanizá-los em filmes de faroeste, mas aquele mapa era terrivelmente esclarecedor. Havia um símbolo curioso sobre o sul do Colorado, uma *caveira*, e eu posso afirmar com toda certeza, mesmo sem ter feito um teste, que se eu posicionasse esse mapa mórbido sobre um mapa atual dos Estados Unidos, aquela caveira maldita, que indicava que naquela região houve um alto número de *massacre de índios*, ficaria exatamente sobre a região do Condado de Alamosa, no sul do Colorado... mais precisamente sobre meu bairro, e quem sabe até mesmo sobre *minha casa*.

Isso foi o necessário para que eu abrisse meus olhos e finalmente constatasse o terrível engano que cometi. Se eu tivesse prestado atenção desde o início, eu não teria feito o que fiz; se eu tivesse prestado atenção nas aparições de Tobey, nos momentos em que ele demonstrava raiva, eu teria notado o vento movendo as árvores na rua, uma movimentação contínua que se dirigia em direção à minha casa, atingindo a macieira no jardim, depois as janelas e as cortinas, abrindo as portas e invadindo meu lar, e era por isso que ele rosnava, porque *eles* queriam entrar, *eles* queriam nos fazer mal; Tobey era nosso *protetor*, ele amava essa família, e por isso mantinha todos eles afastados de nós.

Se eu tivesse o mínimo de bom senso e observação, teria lembrado, ao ver Benjamin cortado ao meio na cozinha, que Tobey nunca partiu um gato ao meio antes. Se eu tivesse lembrado que Tobey amava aquelas duas crianças, eu saberia que naquele dia ele não rosnava para Marcus e sim para um espírito

maldito que queria machucar meu filho; eu sabia que ele nunca tentaria rasgar a barriga da minha filha com as garras. Saberia que aquilo era uma alma perdida e enlouquecida de um índio, jogando sobre Anna todo o ódio ao homem branco, acumulado.

Eu matei nosso guardião.

Os primeiros raios de luz do dia estão entrando por baixo da porta. Dá para sentir o frio que está vindo também, sinal de um dia de vento cortante e sol claro e forte, um típico dia de inverno no Colorado. A minha boca solta uma fumaça branca, minhas pernas e mãos tremem de frio e de medo. Eu observo meus três amores dormirem um sono leve e incomodado. Eles tremem também, mesmo cobertos com uma lona que estava guardada dentro deste armário. As únicas coisas que temos: uma lona e livros. Não há comida ou água nesse cômodo estreito, apenas uma lona para nos esquentar e livros para me lembrar do que *eu* fiz.

Eu posso ouvi-los caminhando pelo corredor, descendo e subindo as escadas, passando os dedos na porta. Eles gemem. Eles sussurram. Me pergunto por que não entraram ainda.

Estão nos esperando sair. Esperando que nos conformemos com a morte óbvia que nos aguarda lá fora. Estão nos torturando, assim como fizeram com eles antes, e indiretamente, estamos pagando pelos erros dos nossos antepassados. Mas eu não quero sair. Não posso. Não depois do que fiz a Tobey.

Não depois do que ele fez por nós.

(ou “não pronuncie o nome de Deus em vão”)

Quando a estranha mulher de cabelos encaracolados lhe entregou o pequeno envelope amarelo, sua mão por pouco recuou instintivamente, como se tivesse tomado um choque. Mas, faceiro como Marcos era, ignorou a repentina inquietude e apenas sorriu, pegando o envelope ao mesmo tempo em que tocava de leve nos dedos dela. Afinal, ela era coroa, mas era uma coroa *boa*.

— O que é isso? Um bilhete pra mim?

Ele sorriu de leve, ainda segurando o envelope junto com a mulher. A lata de cerveja continuava firme na outra mão.

Ela abriu um sorriso que era ao mesmo tempo lascivo e despretensioso. Manteve-o no rosto durante todo o tempo, desde o momento em que viu Marcos ao longe (e ele a viu também), encarando-o com profundos e copiosos olhos verdes, enquanto acariciava a nuca com as mãos compridas, finas e sensuais, apesar da pele levemente afrouxada que quase lhe entregava a idade, até o momento em que por fim foi até ele, encostando no seu peito musculoso a ponto de quase deixá-lo sentir seus mamilos eriçados por baixo do vestido. De perto ele podia ver os minúsculos riscos dourados que cortavam a linda íris verde-jade, seu nariz afilado e a boca fina e voluptuosa. O colo apresentava marcas do tempo e manchas marrom-claro, e a pele dos cotovelos era mais enrugada do que o normal, mas seu quadril destacava-se da cintura extremamente fina e seus seios eram firmes e avantajados; ele constatou, pelo *movimento* que eles faziam enquanto ela caminhava, que eram naturais.

Naquele momento, pensou: “Finalmente, o fetiche de comer uma tiazona gostosa vai se realizar”, e sorriu.

Ela retribuiu o sorriso, aproximou-se da orelha dele e disse:

— Tenho uma coisa pra te dar.

Mas antes que a excitação de Marcos ficasse visível e ele pudesse responder ou propor qualquer coisa, a mulher enfiou suavemente a mão entre os seios e retirou de lá um *envelope amarelo*, o mesmo que ele e ela seguravam agora com as mãos quase se juntando, impudicas. O sorriso dela aos poucos se tornou ambíguo, mais do que ele seria capaz de decifrar.

Ela falou, e sua voz parecia apreensiva e ao mesmo tempo aliviada:

— Aí dentro deste envelope amarelo há um nome, e somente um *nome*. E você nunca, jamais, deve pronunciá-lo.

Marcos engoliu o sorriso, movendo sua boca para o que se tornou uma expressão de dúvida. Unida aos olhos, dava um tom de babaquice àquele homem alto e forte que usava óculos e cabelos arrepiados.

Antes que dissesse qualquer coisa, ela continuou:

— Mas se um dia ousar fazê-lo, saiba que a sensação de ter sua língua transformada em areia não é nada boa.

— Como é? — perguntou, confuso.

A mulher soltou o envelope, que pareceu pesar mais do que o normal para Marcos. Deu um passo na direção dele e o beijou de leve no canto da boca, num toque quente, suave e rápido, mas que para ele parecia dizer muitas coisas. Coisas *demais*. Desejo saciado. Coração desesperado, amedrontado, acuado. Saudades de um tempo bom. Um gosto tênue de chocolate. Calor. Cheiro de chuva. Pena. Piedade. Paixão. Segredo. E por fim, despedida. Ela abriu os olhos verdes perto dos olhos castanhos dele e eles pulsavam, brilhavam dentro de um corpo que antes parecia morto, frio, e agora estava vivo e febril.

Seus lábios se desgrudaram e ela se afastou. Foi embora. Ele não teve tempo de dizer nada. Aquele gosto na boca parecia maravilhoso e ao mesmo tempo pouco. Contemplou o corpo sensual partir, o movimento atrevido daqueles quadris e o esvoaçar dos cabelos negros cujos cachos desciam até o fim das costas. A última coisa que ele a viu fazer foi virar-se para ele, balançando os cabelos e sorrindo, um sorriso que se abria quase até o fim da bochecha.

Então simplesmente desapareceu no meio das pessoas.

Jonathan foi até ele em seguida.

— E aí, qual é a da tia?

Marcos não olhou para ele, não de imediato. Ficou esticando o pescoço, numa última tentativa de ver a mulher, que havia sumido entre os jovens que estavam no gramado do parque de diversões que chegara à cidade dois dias antes. Tinha muita gente naquele que era o dia da abertura do parque. Crianças corriam em todas as direções com grudentas maçãs do amor e algodões doces, perseguidas por pais e mães visivelmente esgotados. Um carrinho de pipoca chamava a atenção pela fila enorme que partia dele. O velho de barba branca serrada e chapéu coco parecia muito feliz. Ganhara a noite. Casais adolescentes e pequenos grupos caminhavam pela área. Adolescentes, havia *muitos* deles naquele lugar, Marcos percebeu. Tantos que se sentiu deslocado com seus vinte e seis anos; claro que tinha ido até lá para ver se conseguia alguém, uma garota, mas depois da misteriosa e charmosa mulher de cabelos negros e olhos verdes, percebeu que não precisava ser necessariamente uma garota, poderia ser uma

coroa também.

Ele fez uma careta de dúvida quando constatou que a mulher desapareceu.

— Eu sei lá. Ela veio em mim, encostou... achei que a gente ia se pegar aqui mesmo.

— É, eu vi.

— Mas ela só me deu isso — disse, erguendo o envelope amarelo, estranhamente pesado para a espessura do que havia dentro dele.

— E o que tem aí?

— Sei lá. — Encarou o envelope em suas mãos, sem a menor consciência do que ele era, mas também sentindo a perfeita e normal vontade de abri-lo e lê-lo ali mesmo. Então, alguma coisa na fala da mulher... na voz dela (“o que ela disse mesmo?”), o impediu de abrir o envelope.

Enfiou-o despretensiosamente no bolso da calça. Sentiu um alívio na mão, como se ela agradecesse.

— Bom... já que não rolou a tia — disse, sorvendo o restante do líquido amargo da latinha —, que seja uma novinha mesmo.

— É isso aí.

Um grupo de garotas passou por eles, e no mesmo instante o pequeno envelope e a curvilínea e estranha mulher de cabelos negros encaracolados e olhos verdes foram esquecidos.

Sua boca tinha um gosto amargo quando ele chegou em casa, às 5h37min, culpa da bizarra mistura de dezenas de cerveja e fluídos salivares de uma garota que ele nunca vira na vida. Tirou a roupa quase inconsciente, jogou a calça sobre a mesa do computador e se deitou na cama, se jogou nela, des preocupado.

Quando acordou, era uma bela e ensolarada tarde de domingo, daquelas que convida para churrascos, conversas ineptas e *mais* bebida. A dor de cabeça, entretanto, não o animava para nada disso. Durante horas sentiu a cabeça girando, como se estivesse solta do corpo e rodando pelo ar com hélices barulhentas. Seu estômago dava voltas e se comprimia com força, lançando para a garganta o gosto azedo do ácido clorídrico. Tentou comer duas torradas e as vomitou tão logo pousaram sobre as mucosas estomacais.

Levantou-se da cama de fato às cinco e meia da tarde. Tomou um copo de leite e conseguiu segurá-lo na barriga. Ligou o computador. Era a opção para o resto do dia: dar uma vasculhada nas redes sociais, ver se havia fotos dele e da

noite anterior, da qual não se lembrava direito, no perfil de alguém, e quem sabe até procurar a moça com quem havia “se enroscado” de madrugada. Não que quisesse vê-la de novo. Como não se lembrava muito bem do que fizera ou do que acontecera, provavelmente seria melhor evitar qualquer contato até ter certeza de que não fizera nenhuma burrada.

Era complicado não se lembrar do dia anterior como gostaria.

Olhou para a calça largada sobre a mesa do computador e viu a ponta amarelada do envelope despontando para fora do bolso esquerdo. Só então se lembrou dele e da mulher que o entregara.

Tirou a calça de cima da mesa e pegou o envelope, esboçando um leve sorriso. Lembrava da mulher, a morena de olhos verdes que o deixou desnorteado por alguns segundos e depois sumiu.

Para onde teria ido depois?

Olhou para o envelope, curioso, e o pousou sobre a mesa.

No *Facebook* não havia foto de sua bebedeira, e isso foi bom. Não queria causar má impressão à Julia.

Julia era sua ex-namorada, e eles terminaram havia dois dias. Tinha excluído todas as fotos dela do seu perfil, e sabia que ela ficaria furiosa com aquilo. Ela ainda gostava dele. E o que era pior... ele também gostava dela, mas a liberdade que sentiu na noite anterior, que culminou com a garota ruiva de óculos beijando-o descontrolada com a camisa desabotoada e os seios pequenos encostando nele... bom, foi ótimo sentir aquilo; mas não queria magoar Julia. Não queria se magoar. Não queria que tudo virasse um pesadelo por conta de uma ficada. Lógico, ainda não se imaginava voltando com ela, não tão cedo. Senão, por que diabos terminaram? Entretanto, entrando no perfil dela naquele momento e olhando para suas fotos, sentia saudade.

Sentia a droga da saudade.

A palidez do papel amarelo atraiu sua atenção de novo.

Já tinha visto aquela mulher antes, alguma vez? Não se lembrava. E provavelmente não teria esquecido tão facilmente daquele olhar profundo e do corpo belo e convidativo. Não a teria visto ali mesmo no parque, antes de *perceber* que ela olhava para ele?

A mulher parecia terrivelmente distante agora.

Conversou com um dos amigos com quem saiu na noite anterior. Perguntou se algum deles o viram com a moça ruiva que facilmente jogou os seios na cara dele. Não, ninguém viu. Menos mal. As chances de Julia descobrir praticamente não existiam, então. A não ser que a moça ruiva conhecesse Julia, o que seria uma puta falta de sorte. Imaginou-se reencontrando Julia enquanto ela passeava com as amigas, e de repente vendo o sorriso da moça ruiva do lado

dela... a moça contando para Julia, antes que ele se aproxime para impedi-la, que conhecia *aquele rapaz* e havia ficado com ele. “Quando isso?”, perguntaria Julia com a voz fina e apreensiva, e daí...

Bom, daí ele teria que se conformar em perder sua Julia, provavelmente para sempre.

Decidiu que não ia permitir que o acaso se intrometesse naquilo. Na sua vida. Não, o acaso não. Jamais. No dia seguinte, quando sarasse daquela maldita ressaca, colocaria sua melhor camisa e sua mais confortável calça *jeans*, faria a barba, passaria o perfume que Julia gostava e iria atrás dela. Iria procurá-la e tentaria reverter as coisas. Voltar com ela. Amava-a, afinal. Pra que ficar fingindo que não? Apenas por liberdade?

Se o sentimento de culpa fosse como era agora, seria melhor ignorar a liberdade, ou pelo menos a parte *perigosa* dela.

Passou a mão pela mesinha e seus dedos esbarraram no envelope, fino e fechado.

“O que a coroa havia dito sobre ele, mesmo?”, questionou-se, enquanto erguia o envelope na altura do rosto. Depois, colocou-o contra a luz do quarto, mas não podia ver o que estava escrito dentro.

“É um nome!”, lembrou-se. “Um nome? Mas por quê? Pra que?”

Forçou novamente as memórias, mas não, a coroa da noite anterior não lhe dissera mais nada, nem na mais vaga lembrança...

“E eu não devia ler. Foi o que ela disse”, pensou, e por alguns minutos ficou intrigado. “Se eu não devo ler, por que ela me entregou então?”

Com os dedos estralando, abriu o envelope devagar.

“Essa droga pode ter *antraz*” pensou, mas imediatamente ignorou a ideia. “Por que diabos alguém colocaria antraz nesse bilhete?”

“Pra te matar. É isso que antraz faz, idiota.”

Mesmo assim, abriu-o e pegou o pequeno cartão branco que havia dentro.

Imediatamente sentiu uma sensação gélida atravessar-lhe as costas, mas não era o antraz, ele sabia que não. Entretanto não sabia como podia saber disso. Na verdade, sentiu.

“*E você nunca, jamais, deve pronunciá-lo.*” Foi isso o que a mulher falou. Era um nome e ele não deveria pronunciá-lo.

“O que? É um jogo isso? Uma brincadeira? Qual o sentido de uma tolice como essa? Uma senhora com idade pra ser minha mãe perderia seu tempo com uma babaquice dessas?”

“Não, *a não ser* que ela tenha colocado antraz aí e queira te matar”, pensou e riu. Riu dos próprios pensamentos. Mas algo em seu riso o deixou

apreensivo.

Era *medo*, mas não da forma que ele conseguia definir. Era curiosidade também, e essa mais forte. E a frase da mulher começava a ecoar na mente dele, tão grave como fora na noite anterior, enquanto ele flertava com ela e ela apenas queria lhe dar aquilo, aquele envelope. Aquele papel com o nome. *Apenas um envelope*.

“Mas se um dia ousar fazê-lo, saiba que a sensação de ter sua língua transformada em areia não é nada boa.”

Então ele riu. Gargalhou, na verdade, pensando, entre outras coisas, que tipo de droga aquela mulher usara e por que estava com as mãos tremendo, mesmo enquanto achava graça naquilo.

Ele virou o cartão, e realmente *havia* um nome.

Seus olhos passaram sobre as letras quadradas e negras que contrastavam com o papel branco e rugoso, e por um instante imaginou que o fato de não conseguir ler, de não conseguir visualizar aquelas letras de uma forma coesa, como se houvesse uma camada de água tremulante sobre elas ou como se tivesse acordado naquele exato momento, se devia ao fato do álcool ainda estar fazendo efeito na cabeça dele. Porém, aos poucos as letras se tornaram visíveis, como se estivessem se *revelando* para ele. Sua nuca arrepiou-se e a pressão nos ouvidos aumentou, fazendo-os zumbir, mas ele não notou, porque ele *lia*. Em sua mente, as letras se juntaram, e ele as pronunciou para si no silêncio de seus pensamentos. E riu novamente. Riu da mulher, que agora parecia uma completa idiota por criar nele tanta expectativa para nada, e riu também dele mesmo, por sentir tanta apreensão por causa de um nome.

Um *simples* nome.

E era um nome tão fácil. Podia pronunciá-lo, tranquilamente:

— A... — começou, mas alguma coisa prendeu sua voz. —
Aaaaaaaaaaaaaa...

Mas não saiu. O ar travou na garganta. Seus lábios ficaram imóveis. Seus olhos se arregalaram.

E então, quando moveu sua mandíbula para cima, para fechar a boca, ele mordeu o primeiro e minúsculo grão de areia.

Um barranco, um corpo, um galpão

Lembro-me daquele dia como se fosse ontem, e de cada minuto daquelas quatro horas com Jack e Arnold como se tivessem acontecido agora mesmo.

Era primavera, mas a chuva deu as caras bem antes de seu tempo. O ano era 1992; eu tinha quatorze anos, o mais novo da turma. Sempre fui loiro, naquela época eu ainda tinha espinhas e no meu sorriso havia pureza. Meu cabelo era cortado curto no já antiquado estilo “Beatles”, mas eu não ligava. Usava uma camiseta preta surrada e uma calça jeans duplamente surrada. Era o auge do *grunge*, Kurt Cobain estava vivo, o Pearl Jam fazia um barulho e eu tinha ganhado do meu irmão um par de tênis modelo *All Star*, com o qual eu desfilava pela avenida General Sam Willis, crente de que diante de mim estaria um longo dia regado a bebidas, cigarros e rock. Eram 14h35min, tenho certeza, o céu estava nublado, nuvens cinzentas emboladas fazendo curvas bruscas e se retorcendo, e naquele trecho da avenida o tráfego era muito tranquilo.

Logo atrás vinham dois amigos. Não sei se isso é coisa que se deva dizer agora, mas no fundo, não eram meus melhores amigos. Meus amigos de verdade estavam nos esperando na casa do Bola. Bola era como chamávamos John. Pesava 110 kg, era baixinho e ruivo e, apesar de toda a humilhação que sofrera durante a vida devido à condição física, só permitia que nós, a *turma*, o chamassem de Bola. Do contrário, dava briga. No fundo, sempre gostei do Bola, mesmo depois de tudo o que aconteceu e da forma como nos afastamos. Bola sempre foi o meu amigo preferido. E eu digo preferido porque mesmo estando naquela turma, eu ainda não era visto como um deles, por causa da minha idade. Hoje eu sei que eles só andavam com o Bola e comigo porque o Bola era o único de nós que tinha um toca-discos enorme, com uns 300 Watts de potência, onde ouvíamos o bom e velho Neil Young despejar seus acordes loucos no volume máximo, e porque eu era filho de advogado, relativamente bem de vida, então pagava os lanches, as camisetas, as fichas nos fliperamas e, se precisassem de alguém para tirá-los de uma enrascada, já tinham a quem recorrer.

Na casa do Bola estava Mike. Alto, magro e careca, a cabeça raspada cheia de pelos minúsculos que parecias espinhos, e apesar de falarmos diversas vezes para ele que a época dos Sex Pistols já tinha passado, ele sempre estava lá, com sua jaqueta de couro cheia de *bottons* e tachinhas, a calça *jeans* puída e o

coturno com bico de aço amarrado até o meio das canelas, pulando igual um idiota. Mike era o mais empolgado de todos, se animava com qualquer coisa, fosse um álbum novo do Guns N' Roses (já estavam meio pra baixo nessa época, mas ainda gostávamos deles), fosse um jogo novo do Super Nintendo. Qualquer coisa “aparentemente boa” o fazia gargalhar e saltar feito um macaco, e ele ficava lá no meio, com aquela cara feia sorrindo, e hoje eu penso “Meu Deus, um rapaz tão ingênuo assim poderia virar qualquer coisa *mesmo* no futuro, de médico a ladrão!”, e foi o que quase aconteceu. Mas vamos voltar para onde eu estava.

Batia um vento frio em nossos rostos, e eu olhei para trás. Arnold estava logo ali, a uns dois metros de mim. Arnold era aquele tipo de rapaz que você olha e pensa: “Ele se veste assim, desajeitado, mas um dia acordará para a vida e será um grande homem”. Era o mais velho da turma (tinha dezenove anos, o Bola dezessete, o Mike pogo-pogo tinha dezesseis e Jack também, e me pergunto como eles me aturavam, eles pensando em garotas e a melhor forma e lugar de comê-las, e eu só pensava em música, jogos, música, jogos... mas claro, meu pai era advogado...), tinha os cabelos negros longos até os ombros, os olhos de um azul-acinzentado profundo, os pelos ralos no rosto. Vestia uma jaqueta *jeans* com uma camiseta do Pearl Jam por baixo (ele adorava o Pearl Jam...) e a calça *jeans* também rasgada (acho que o *jeans* rasgado era uma unanimidade entre nós). Era bonito, mesmo, e talvez por isso causasse essa impressão de futuro promissor. Naquele dia, porém, se você o olhasse bem, não pensaria assim: fumara dois baseados antes de sair de casa, e um sorriso meio débil, aéreo, marcava seu rosto. Estava na brisa.

Mesmo assim percebeu quando olhei para ele, e piscou. Não me deixavam fumar maconha porque eu ainda tinha quatorze anos, e somente quando virasse homem dentro das leis da turma (vejam só!), e isso seria quando fizesse *quinze anos*, eles me dariam um baseado e jogariam uma conversa em uma garota para que trepasse comigo. Só a partir daí eu seria realmente considerado da turma. E, podem acreditar, eu não estava lá muito ansioso por aquilo (pela trepada sim, mas não pela maconha), porque eu não gostava quando eles ficavam muito loucos (hoje eu sei que eles só ficavam muito doidos porque cheiravam uma coca também, sem que eu visse). No fundo daquele olhar azul cinzento que Arnold carregava eu *via* realmente um ótimo futuro, um ótimo médico ou bombeiro (nunca policiais, odiávamos eles), e isso me deixava feliz. Minha mãe tinha esperanças de que eu virasse um bom advogado como meu pai, e eu até fiz a faculdade anos depois, mas o que eu realmente queria ser era músico. Infelizmente, o *grunge* morreu dois anos depois, e meu desejo de continuar ouvindo aquele estilo se foi naquele dia frio de maio de 1992. E toda

vez que eu ouvia o Eddie Vedder cantar *Alive* eu me lembrava do que aconteceu, e acho que enlouqueceria se não estivesse escrevendo isso.

O problema das mães é que elas acham que isso é uma fase, que vai passar e que seu filho vai tomar jeito um dia, e a *merda* disso tudo é que realmente elas estão certas. Um dia você esquece, e isso geralmente é quando você está lá, com aquela beca ridícula e aquele chapéu ridículo, e se forma na profissão ridícula que escolheram para você; e quando você sai, descobre que o mundo não vai cair aos seus pés e sim o contrário, e você não tem mais tempo nem paciência para ouvir música, até porque, seus ídolos morreram e, vejam só, esse é o futuro para todos, baby, então “levante e vá trabalhar para não terminar em uma cova rasa sem nome nem lápide!”.

Certa vez perguntei ao meu pai se havia algo que o fazia se lembrar da juventude, e ele disse suspirando que sempre que ouvia o Jim Morrison cantar “*come on baby, light my fire...*”, ele se lembrava de como era boa aquela época. Depois disse que eu era muito curioso para minha idade, que curiosidade era coisa de criança.

Logo atrás de Arnold, naquele dia cinza, vinha o Jack. Era o mais impulsivo da turma. Loiro, usava o cabelo igual ao Kurt Cobain, tinha um rosto quadrado e duro, sem um único vestígio de barba. Vestia uma camiseta do Nirvana e uma blusa de flanela por cima, e usava a unânime calça rasgada. Jack era o mais selvagem de nós, por assim dizer: era o que mais enchia a cara, o que mais fumava, o que mais cheirava, o que mais trepava. Não trabalhava (o único que se aventurava nisso era o Arnold, pois já era maior de idade e “um pouco” mais responsável no quesito familiar); seu pai, veterano do Vietnã, tinha falecido uns anos antes; logo, Jack vivia com a mãe, da pensão que recebiam do governo. Sua “parcela” da pensão era gasta com bebidas e drogas, das mais leves às mais *hardcore*. Ele tinha uma namorada, com quem gastava seu dinheiro, chamada Mary; e meu Deus, como Mary era *gostosa*! Jack era um cara de sorte: Mary era linda, loira, olhos azuis, seios empinados, cintura fina e, cara... como era safada! Quantas vezes eu não os vi fodendo dentro do carro da mãe de Jack ou até no banheiro da casa do Bola? Uma vez os malditos treparam na casinha do *meu* cachorro, na *minha casa*, num daqueles dias raros em que sua mãe permite que seus amigos porra-loucas te visitem. Como é de se imaginar, Jack tinha um ciúme enorme de Mary, e foram muitas as brigas que compramos por causas dos caras que davam em cima dela.

Jack sempre andava louco, e se não era por causa da droga, era porque queria usar droga ou era porque queria fazer sexo. Mas naquele dia ele estava meio quieto, pensativo, sério até. E eu agradei a Deus por isso, porque ainda eram 14h40min e não era hora para *já estar* louco.

A av. Gen. Sam Willis terminava naquele trecho, e se bifurcava: à esquerda, no retorno para o centro de Ben Eagle, onde morávamos; à direita, seguia até certo ponto e se dividia novamente, reto à direita e crescendo em uma ladeira à esquerda. À esquerda, na ladeira, continuava a rua que daria em outro retorno, onde mais ou menos depois de uns três quilômetros de caminhada chegaríamos à casa do Bola, num bairro periférico. No outro lado a rua descia e depois mantinha uma distância de mais ou menos quinze metros de altura com a rua de cima, formando o que chamávamos de “barranco”, uma elevação pavimentada e coberta de grama em toda sua encosta. Depois, a rua de baixo virava novamente para a direita, onde deixava de ser asfaltada e levava à zona rural da cidade. Por causa das chuvas daqueles dias, o trecho estava quase intransitável.

Onde caminhávamos, ladeado por um *guardrail*, era totalmente pavimentado, uma calçada estreita que era o único lugar por onde podiam passar os pedestres que, assim como nós, preferiam seguir até aquelas bandas a pé. De tantos em tantos metros havia uma escada vertiginosa de degraus brancos que permitia descer para a rua de baixo, uma facilidade para quem precisasse chegar a certo ponto da rua de cima ou de baixo sem ter que dar a volta até o retorno, onde as ruas se nivelavam novamente.

Andávamos pela passarela pavimentada que dividia as duas ruas, bem na beirada do barranco, quando tudo aconteceu.

O barranco

— Dei uma camiseta do Pearl Jam pra Ana — disse Arnold. Essa Ana era uma garota que ele estava paquerando. Como dizia meu tio Claudie, “toda namorada de roqueiro é roqueira, e se não for roqueira, ele faz com que ela vira uma”. Essa Ana não gostava de rock, mas segundo Arnold gostava da música *Black* (droga, quem não gostava?). Aí já era meio caminho andado.

— Pô, legal — comentei. Jack não disse nada. Estava sério.

Um breve silêncio caiu sobre nós. Andávamos no ponto onde as ruas de cima e de baixo começavam a se afastar, uma altura mínima que já me deixava amedrontado.

— Pedi pro meu pai uma camiseta do Mudhoney, mas ele disse que eu vou ter que esperar eles cantarem um pouco mais baixo — falei sorrindo, e Arnold também riu.

— Acho que você vai ficar um bom tempo esperando por essa camiseta, Andy. — Rimos. Olhei pra Jack e ele também sorria. Era um sorriso de canto de boca, mas ele havia entendido.

Estávamos numa parte da rua que ficava a uns cinco metros de altura em relação à rua de baixo. O silêncio bateu de novo na gente, e dessa vez foi mais longo. Como éramos jovens, porém, sempre havia papo.

Foi Jack quem quebrou o silêncio:

— Tem um baseado aí, Arnold?

Sua voz era calma, lenta, e eu senti uma entonação de deboche, como se estivesse se dirigindo a mim por entre os dentes, dizendo “nós podemos fumar, mas você ainda não pode!”. Ele sorriu, e Arnold também. Diminuí o passo, esperou que Jack o alcançasse e passou o braço por detrás de seus ombros.

— Então o velho Jack-Celulose se rendeu e desistiu da sua greve “antierva” que durou oito horas? — disse Arnold, rindo, e Jack ficou sem graça. — Tá sem fumar desde que horas? Desde que acordou?

— Vai se foder — respondeu Jack, rindo.

— Vamos todos! — retrucou Arnold. Ainda estava na brisa. — Andy, vira e não olha, porque eu vou dar um presente pro Jack!

Virei-me, rindo, mas depois vi, por cima do ombro, quando ele tirou um pacotinho do bolso, ignorando o carro que passava, e o entregou a Jack. Este

parou e vasculhou os bolsos. Então voltou a andar quando achou o papel.

O céu estava se fechando mais. Eram 14h43min e estávamos no trecho em que o barranco já tinha doze metros de altura. Por um breve momento olhei lá embaixo e meu coração subiu até a laringe. Sempre tive medo de altura desde que caí do beliche onde eu dormia com meu irmão quando eu tinha sete anos. A barriga gelou e eu voltei meu olhar para a frente. Naquele ponto, a calçada por onde tínhamos que andar deveria ter uns dois metros de largura no máximo, e chegaríamos a uma parte que só teria metade disso e teríamos que andar em fila.

Os carros eram raros naquela parte do caminho. No horizonte cinza já podíamos ver os pastos e algumas das casas daquela região, que pareciam ainda mais escuras com o mau tempo. Meu tio Claudie morava por lá. Naquele dia, entretanto, o meu roteiro era outro: iria até a casa do Bola ouvir música e vê-los fumar maconha até dormirem. Eu convivía bem com isso. Na parte em que eles dormiam (ou quase dormiam), eu podia prestar mais atenção nas músicas. Isso quando não começavam a rir do nada.

Chegamos ao trecho mais perigoso do caminho, onde a calçada não tinha nem um metro de largura. Eu, que tinha medo, não me aventurava a andar olhando para o lado. Mantive meu olhar fixo ao chão que se estendia à minha frente. E nem havíamos chegado ao ponto mais alto! Atrás, Arnold e Jack andavam em fila. Jack já havia acendido o seu baseado, e fumava-o tranquilamente, sem se dar ao luxo de pensar que a qualquer momento uma viatura poderia passar, parar, e os policiais poderiam nos enquadrar, nos bater, e ainda poderíamos tomar um belo chá de cadeira (ou pior) até meu pai ir tirar a gente da enrascada. Não, Jack fumava pensativo, tranquilo, como se aquilo fosse tão necessário e trivial como realmente era.

Do lado direito a altura era de vinte metros. No meu relógio eram 14h50min. O silêncio novamente era nosso companheiro. O vento tinha aumentado, e meu maior medo naquele momento era que ele me desequilibrasse e eu caísse lá de cima. Por alguma razão que eu desconheço, comecei a pensar nos meus pais, minha mãe dizendo que eu não parasse os estudos, que tomasse jeito e não andasse mais com aqueles “vagabundos” que estavam me influenciando; meu pai dizendo que também ouvia rock quando era jovem, que o The Doors foi uma grande banda, que o Nirvana jamais seria como eles, e que um dia eu crescería e essas músicas só fariam parte do meu doce passado.

Meu pensamento foi quebrado pela voz de Jack:

— Alto aqui, não é, Arnold? — disse, meio provocador, mas o que gelou minha espinha naquela hora foi seu olhar quando me virei. Parecia outra pessoa. Me convenci de que seus olhos estavam estranhos por causa da droga e esqueci isso na mesma hora. — Não é, Andy?

— É alto mesmo — falei. Ele sabia do meu medo de altura.

— Ah, eu não acho tão alto não — disse Arnold. Seu rosto era uma incógnita. Eu não sabia se era a brisa ou se ele realmente estava imaginando seu sonho. — Um dia vou pular de asa-delta de um lugar bem mais alto que esse e voar como um pássaro.

E então, começou a cantar *Alive*, do Pearl Jam, e para mim aquele foi um belo momento, apesar de hoje essa música só tocar em meus pesadelos.

A voz de Arnold era suave, melodiosa, e na minha “futura banda de rock” ele seria o vocalista. E não somente por causa de sua voz, mas por causa do seu magnetismo.

De novo ele parou de andar e esperou que Jack o alcançasse, e novamente passou o braço por trás dos ombros do amigo, trazendo-o para perto. A música do Pearl Jam saía simples de seus lábios, e eu virei para a frente novamente. Dali a pouco estaríamos na casa do Bola, eu tocaria a guitarra dele, e naquele instante seria o que eu realmente gostaria de ser...

Eu os ouvi conversarem:

— Hein, Jack, você não gostaria de poder voar? — perguntou Arnold, e eu imaginei um dos irmãos pioneiros da aviação e dos quais eu não lembrava o nome fazer essa pergunta ao outro no mesmo tom; o tom de quem sonha.

— Ah, eu gostaria, cara — respondeu Jack, sorrindo. — E você, Arnold, gostaria de voar também?

Essa pergunta me fez virar somente para ver o rosto de Arnold e ouvir sua resposta.

— Pô, cara, lógico que si...

— Então vai, cara!

— JACK!

Foi um grito que morreu, mas com certeza ele iria dizer “JACK, MAS QUE PORRA É ESSA?!”, porque, naquele mesmo instante, Jack o empurrou.

Não vi muita força no empurrão, mas Arnold já estava no ar no segundo seguinte.

Lembro-me bem daquele instante, pois vi tudo. Jack não viu, pois fechou os olhos com muita força enquanto Arnold despencava e voava pelos vinte metros que separavam as ruas. Jack não viu, mas eu vi o rosto de espanto de Arnold, a surpresa que durou nada mais que três segundos, porque foi esse o tempo que durou a queda. Jack não viu, mas eu vi como o corpo de Arnold descrevia um arco irregular no ar, e como ele mexia os braços e pernas num esforço inútil de *voar*.

Jack só abriu os olhos no momento do impacto. O barulho foi seco, como o de madeira se partindo. Arnold caiu de cabeça no asfalto duro. Vi seu pescoço

dobrar e a orelha tocar o ombro, ouvi o barulho angustiante dos braços e pernas tocando o chão violentamente e estourando, os ossos desmanchando-se.

O choque na cabeça de Arnold fez seu crânio se partir e os ossos entraram no cérebro, perfurando áreas ligadas ao movimento, à visão e à audição. Se sobrevivesse, Arnold ficaria cego, surdo e paraplégico. Jamais voltaria a andar, pois sua coluna foi lesionada em mais de seis pontos. Precisaria da ajuda dos outros para comer, se vestir, ir ao banheiro, e não conseguiria sequer transar ou ouvir o Eddie Vedder cantar de novo.

Mas o destino às vezes não é tão piedoso; e eu digo isso porque teria sido bem melhor assim. *Bem melhor*. Porque esse foi só o início dos nossos problemas. Teria sido melhor para mim, Jack, Bola e Mike se Arnold tivesse ficado só paraplégico, cego e surdo. Mas não.

Não sabíamos ainda, mas Arnold estava morto.

O corpo

A primeira sensação foi confusa. Misturava impotência e desespero. É como quando quebramos aquele vaso preferido da mamãe ou a porta de vidro do bar do papai e eles não estão em casa, e você fica imaginando uma maneira de dizer a eles quando chegarem que *não foi* culpa sua, foi sem querer, não era a sua intenção. Na maioria das vezes até mentimos, dizemos que foi o gato, o cachorro, o irmão mais novo; e naquele momento, enquanto eu via o sangue de Arnold se espalhando pelo asfalto, meu maior medo era que Jack jogasse a culpa do acidente em mim, o “irmão mais novo”. Na hora, porém, não deu para pensar em muita coisa. Eu só conseguia olhar para Arnold caído enquanto minha mente rodopiava.

Olhei para Jack. Seu rosto era uma carranca de pânico. Os olhos tremiam dentro do crânio. No momento em que empurrou Arnold, havia um sorriso em seus lábios, um sorriso de criança, de moleque; de quem planejava somente dar um susto no amigo, puxá-lo antes que se desequilibrasse. Mas as mãos da morte o puxaram mais rápido. Arnold estava morto e fora *sua* culpa.

— Merda — disse, finalmente, entre os dentes. — Merda, merda, merda, merda! — As palavras iam subindo de volume, e ele gritava “MERDA! MERDA! MERDA!”, com os olhos fechados. Cerrou as mãos e começou a batê-las nas coxas, com força, ainda gritando. Abriu os olhos e virou-se para mim. — Merda, Andy, eu... droga! Que porra! Que merda, merda, merda!

E ele gritava comigo, tentando se justificar diante de um júri.

— Merda! Foi sem querer, porra! Eu... eu... — soluçou, e uma lágrima desceu pelo seu rosto. — Eu não queria...

Olhei para Arnold lá embaixo. O rastro escuro de sangue se esgueirava entre as rachaduras do asfalto. Estava imóvel.

Naquele momento, minha ficha caiu. Eu ainda não havia *compreendido* direito a situação.

Arnold estava morto. *Morto*. Jack o matou. Jack, seu amigo. Jack matou o líder da turma. Jack matou Arnold.

Na hora pensei: “Meu Deus, o que diremos pra *mãe* dele?” Aí eu não consegui mais segurar. Sentei com os lábios tremendo e coloquei a cabeça entre os joelhos. As lágrimas escorreram, primeiro espaçadas e mesquinhas, e depois

num turbilhão, e enquanto eu abraçava minhas pernas, só conseguia lembrar das coisas que fazíamos com a turma: quando eu tocava a guitarra do Bola e Arnold cantava, quando ele tirava a merda da maconha do bolso e dizia “Andy ainda é inocente, não pode usar essas coisas”, ou quando ele chegava do banco com seu salário miúdo e pagava umas fichas no *arcade* pra gente, ou quando ia falar com uma garota e dizia “Olha e aprende, Andy”, ou quando nos metíamos em brigas e era ele quem ia explicar pra minha mãe que tinha uns caras grandes querendo me bater (e na verdade era o contrário, a gente quem provocava as brigas), ou quando meu cachorro Ted morreu, e eu segurei pra não chorar na frente deles, e Arnold disse “Pois é cara, a vida é assim mesmo, um dia tudo morre, mas sempre haverá mais cachorros pra gente adotar”, e como eu chorei depois naquele dia sozinho em minha cama. E então quem estava morto era Arnold, e eu não consegui segurar. Chorei na frente do Jack, e em circunstâncias normais ele teria me dado um cascudo e dito “Seu maricas, homem não chora por bobeira”, mas já não era bobeira, era um amigo, era *Arnold* quem estava morto, e eu tinha todo o direito de chorar.

E ficamos assim, os dois lá no alto, Jack em pé com a cara sofrida, e eu agachado, chorando com a cabeça entre os joelhos, me obrigando a *não olhar* para o corpo de Arnold, por um tempo que pareceu eterno, esperando que surgisse alguma ideia do que deveríamos fazer em seguida.

Minha vista estava borrada, e as únicas coisas que eu ouvia eram meus soluços e a chuva fina, que decidiu dar as caras depois de um bom tempo de céu cinza. Exceto isso, tudo era calmaria. Não havia carros nem pedestres passando, e isso foi o bastante para me trazer de volta à realidade.

“Porra, e se algum carro passar e alguém ver isso? Pior, e se algum carro passar *por cima* do Arnold? Merda, eu não vou aguentar ver isso...”

Se alguém tivesse aparecido, teria sido bom. Maravilhoso, na verdade. Seríamos levados pela polícia, tirariam o corpo de Arnold da rua, sua mãe choraria sobre ele, mesmo sabendo que o filho se metia com o que não devia, porra, era seu *filho*; a polícia faria algumas perguntas, poderíamos falar a verdade, e Jack estaria literalmente *fodido*, ou poderíamos mentir, dizer que ele estava doidão, coisa que não seria muito difícil de provar, que se desequilibrou e caiu e não tínhamos culpa, e Jack ficaria me devendo essa para sempre. E, meu Deus, como eu desejei, depois, que alguém tivesse passado. Alguém *sóbrio*, diga-se de passagem; o que menos precisávamos naquele momento era que

algum drogado ou bêbado ou um grupo de rapazes mais velhos a caminho da cidade passasse por nós e visse aquela cena. Poderiam nos ajudar, lógico, mas também poderiam fazer com que tivéssemos o mesmo destino de Arnold. Ah, sim, com prazer, meus amigos roqueiros! Naquele momento, como desejei até que uma viatura da polícia passasse. Teria sido o único momento em que eu os adoraria.

Mas a voz de Jack interrompeu meus pensamentos:

— Temos que dar um jeito... nisso... — Respirou fundo. — No corpo.

Fiquei olhando para ele com cara de idiota, porque eu sequer entendera o sentido daquela frase. Então ele a repetiu, sem pausas dessa vez, e sua voz, fria e cavernosa, como se viesse de outra pessoa, um demônio dentro de seu corpo como em *O Exorcista*, me deu um calafrio horrível:

— Temos que dar um jeito no corpo.

Olhava diretamente para mim. Não tinha mais lágrimas nos olhos, nem seu rosto estava inchado como o meu. Só havia frieza e urgência em sua expressão.

Esforcei-me para desimpedir a garganta, soluzei umas duas vezes, e a frase saiu quase como um choro:

— Como assim, cara? Dar um jeito...

Mas ele me interrompeu novamente.

— Temos que fazer algo com o corpo. Se aparecer alguém...

— Mas Jack... ele...

Então o vi se dirigir à beirada do barranco. Na hora pensei “droga, lá se vai o Jack também”. Ele se agachou e virou o corpo para descer a inclinação do barranco. Começou a descê-lo lentamente, os tênis arrancando tufo da grama úmida que cobria toda a encosta, então pegou o jeito e foi mais rápido. Já estava na metade do caminho quando me chamou:

— Vem logo, Andy! Porra!

Cheguei perto da beirada do barranco e meu corpo travou. Não consegui dar mais um passo sequer. O medo congelou minhas pernas, os pelos da minha nuca se eriçaram e meu saco encolheu lentamente, como que sendo engolido pelo meu próprio corpo. A altura real pareceu dobrar. Era como se de onde eu estava pudesse ver a Terra girando. Jack continuava descendo. A rua estava deserta, e eu implorava mentalmente que aparecesse alguém *pelo amor de Deus*.

E minhas preces foram atendidas. Mas não por Deus.

Ouvi o barulho de um carro se aproximando, e acho que a maior sorte foi ele estar vindo pela rua de cima, onde eu estava.

Com o carro vinha uma música alta, um *rap*, e eu fiz uma imagem mental do automóvel antes mesmo que ele surgisse depois da curva: um Maverick preto,

com uns seis negrões dentro, fumando maconha e loucos para pegar um moleque loiro vagabundeando e enfiarem suas picas pretas nele.

Essa visão foi mais aterradora que o medo de altura, e eu me mexi. Mas foi inutilmente para trás. Afastei-me do barranco e vi o carro virando a curva. Chegando.

Não era um Maverick, mas um Landau, e não era preto, mas vermelho; o *rap* eu não conhecia, e não fazia questão de conhecer. Endireitei meu corpo e fingi que voltava a andar, com a cabeça baixa. Quando o carro estava a uns cem metros de mim, percebi que diminuiu a velocidade, e minha barriga gelou; quando passaram por mim, vi que eram cinco negros, e sim, fumavam a maldita da maconha. E gemi quando percebi que passaram me encarando. Acabei chamando a atenção.

Apertei o passo, no sentido de volta à cidade. Havia uma escada a uns dez metros dali, cortando o barranco e levando até a rua de baixo. Tínhamos passado por ela sem notar quando Arnold ainda estava vivo, e meu maior desejo naquele momento era chegar até aquela escada e sair da vista daqueles caras.

O carro parou no meio da rua, vinte metros atrás de mim, e a porta do passageiro abriu.

Meu coração pulou querendo sair do peito e minhas pernas travaram. Eu *queria* andar, meu Deus, como queria, mas eu não conseguia! Meu corpo não me obedecia.

Olhei para trás, por cima do ombro. O passageiro do carro botou a perna e a cabeça para fora e olhou para mim. Era o homem mais assustador que eu vi na minha vida, tinha o lábio muito grosso, um lenço na cabeça, e o barulho de suas medalhas e cordões e pulseiras chegava até meus ouvidos, mesmo naquela distância. Imaginei o que poderia estar passando pela sua cabeça (“olha, que *loirinha* mais indecente, com a roupa toda rasgada...”), mas eu não me permiti pensar mais. Minhas pernas acordaram, e eu corri, e correndo eu ouvia sua risada, seguida por sua voz dizendo “otário”, e mesmo quando a porta do carro fechou e eles partiram, eu não parei de correr, e aqueles dez metros pareciam eternos, aquela escada nunca chegava, e mesmo depois de alcançá-la e descê-la como o demônio fugindo da cruz, pulando os degraus, eu ainda imaginava aquele cara correndo atrás de mim, querendo me pegar.

Mas, por Deus, eles se foram, e naquela hora, já na rua de baixo, com Jack ao lado de Arnold e eu parado olhando para cima, pedi a Deus e a todos os santos que *ninguém* aparecesse, nunca mais. Ninguém.

Aproximei-me de Jack e Arnold.

De perto, a visão era ainda mais aterradora. A nuca de Arnold parecia amassada até a linha das orelhas. Seus cabelos se transformaram numa meleca empapada de sangue, ossos e cérebro. O líquido vermelho escuro já se espalhara pelo asfalto, as gotas finas da chuva o dissolvendo nas ranhuras do chão. Seu pescoço dobrara num ângulo impossível. Somente seu rosto estava inteiro. Até seus braços e pernas ficaram tortos, quebrados em lugares diferentes. Seus olhos estavam fechados e havia um filete rubro saindo de seu nariz.

Tive vontade de chorar de novo. Jack se agachou do lado do corpo e pôs a orelha perto do nariz dele, sem necessidade: era *óbvio* que Arnold estava morto, e naquele momento meu maior desejo era que ele se levantasse e falasse “*calma, pessoal, tá tudo bem, foi só um arranhão, já tô pronto pra outra!*”, e mesmo se eu tomasse o maior susto da minha vida, eu teria ficado muito feliz.

— Está... morto — murmurou Jack. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, e eu a sequei rapidamente.

— Sério? — Eu queria que fosse brincadeira, mas sabia que não era.

— Está, e a gente tem que fazer alguma coisa com o corpo.

Jack demonstrava uma frieza impressionante, e aquilo me irritava.

— Mas Jack — implorei —, temos que chamar alguém, uma ambulância...

— Vai cara, me ajuda, vamos levantar ele. — Falava numa naturalidade assustadora, como se Arnold fosse um toco de árvore que estava no caminho e devia ser retirado.

— Jack, não mexe nele, vamos procurar alguém! — Eu não sabia o que fazer, estava desesperado. — Sei lá, procurar um telefone público, ligar pra ambulância, eles têm médicos, o Arnold pode estar só sem consciência...

— Anda Andy, me ajuda aqui...

— Jack, *não podemos...*

— Vem *logo*, Andy!

— Jack, a gente tem que chamar alguém! Uma ambulância, a polícia, alguém...

Vi um reflexo e um borrão se aproximando, e só percebi que era Jack me dando um soco quando a dor explodiu no meu nariz. Dei três passos para trás e cai sentado. Caralho, como doeu! Não conseguia entender mais nada. Os olhos de Jack me fitavam vermelhos e cheios de ódio, e ele veio para cima de mim. Instintivamente eu me afastei para trás, ainda sentado no chão. Ele me agarrou pela camisa e colocou o rosto bem perto do meu.

— Seu veado filho de uma puta! Será que você não entendeu direito o que acabou de acontecer? Será que não entra um pouco de razão na porra dessa

sua cabeça, caralho?! O Arnold morreu, cara, tá morto, ele caiu e morreu e...

— Ele não caiu! Você que empurrou... — mas eu não terminei a frase, pois levei outro soco, dessa vez na boca, e ela ficou mais inchada que a boca do negro do carro.

— *Cala a boca, porra!* Cala a boca, seu merda! Ele caiu, tá certo? Caiu, e você vai ter que falar isso se alguém aparecer! *Caiu*, OK? Se não eu quebro essa merda que você chama de cara!

Fiquei em choque. Não pelos socos, mas pela forma como ele disse “caiu”. Merda, Arnold não “caiu”! Jack o empurrou, e eu vi!

Ele me largou e se levantou. Eu fiquei lá, choramingando e secando o sangue da boca, que pulsava no ritmo do meu peito. O céu escureceu mais ainda, e as gotas de chuva começaram a cair mais depressa.

Jack me encarava, mas já não havia fúria em seu olhar.

— Ele caiu e tá morto — Jack estava calmo de novo — E a gente vai tirar ele daqui e dar um jeito no corpo o mais rápido possível.

— A gente? — Falar doía o lábio, mas eu não aceitaria ser envolvido naquilo.

— Isso mesmo — se aproximou de mim de novo, e eu me encolhi —, você vai me ajudar, caso contrário, digo que foi *você* quem empurrou ele.

Aquilo foi a gota d’água. Bater em mim, OK, isso eu não podia evitar, mas referir-se a Arnold como *corpo* (qualquer tentativa de mostrar o quanto aquilo era óbvio seria inútil), e dizer que iria jogar a culpa em *mim*, ah, cara, aí já era demais.

Porém, olhando para o rosto de Jack, qualquer coisa que eu iria dizer simplesmente sumiu. Jack era a definição da frieza. Encarava Arnold com indiferença e ao mesmo tempo com o que parecia ser um grande respeito. Depois eu descobriria que não era nada disso. Mas, naquela hora, com aquela chuva fina e o vento frio batendo no rosto, a roupa pouco a pouco se encharcando, vendo Jack observar Arnold de uma forma tão difícil de compreender, a única coisa que eu consegui dizer foi:

— Vai tomar no cu, Jack!

Não era o que eu estava planejando dizer, mas foi o que saiu, e eu tive um medo repentino de que ele me espancasse por isso. No entanto, ele mudou o foco de sua atenção, passando de Arnold para mim. Encarou-me sério.

— Andy, eu... não queria ter matado o Arnold, OK? Mas aconteceu, e eu sinto muito, muito, por isso. Só que agora a gente não pode chamar ninguém, principalmente a *polícia*. — Falou a última palavra num tom de total desprezo. — Se eles nos encontram numa situação como essa, seremos presos imediatamente. Somos os suspeitos ideais, diante de um corpo que obviamente

despencou de lá de cima. Podemos dizer que ele simplesmente caiu e nós vimos e viemos ajudar, mas será difícil acreditarem que não estávamos com ele. Descobrirão que éramos amigos, que saímos juntos minutos antes de tudo acontecer... pensa um pouco Andy, pensa...

A habilidade de Jack com as palavras era estranha para mim, e eu sequer reagi àquele turbilhão de suposições.

— Pense, como nós vamos conseguir sustentar mentiras com tantas provas contra nós? — ele continuou. — Olha o estado do Arnold... tá óbvio que ele caiu lá de cima. Eles concluirão que fomos *nós* que o matamos. Seremos presos, ficaremos em casas de reabilitação até os dezoito anos ou mais, e pense bem Andy, *você* vai ficar bem mais tempo do que eu...

As palavras de Jack vinham numa corredeira, e eu não conseguia me concentrar. Hoje, lembrando tudo o que ele me disse naquela hora, consigo perceber que ele sempre se referia a *nós* como os suspeitos, e não somente a ele, verdadeiro culpado.

—... e lá nessas casas para jovens violentos e assassinos tem muitos caras como aqueles do carro que passou agora a pouco, e você não vai querer ficar num lugar fechado com eles...

Pensei na possibilidade e gelei. Naquela época, não percebi que ele estava me chantageando com meus medos. Mas eu fiquei realmente apavorado com a hipótese.

—... e se você não se mexer logo, vai passar *mais* um carro, o motorista vai notar, e nós vamos nos foder legal.

Falava calmo. Sabia que uma hora eu teria que tomar uma decisão: ou me levantar e sair correndo e chorando como um bebê, ou me levantar e ajudá-lo a (meu Deus, como concordar com aquilo?) *dar um jeito* no corpo de Arnold, mesmo que isso significasse peso na consciência pelo resto da vida.

Eu ainda estava indeciso quando vi Jack estender a mão para mim. Eu o olhei nos olhos e seu rosto ainda estava sério, frio. Parecia que levar o corpo de Arnold para *algum* lugar era uma missão especial secreta do governo que deveria ser cumprida o mais rápido possível. E, naquele momento, tomei a insensata decisão de ajudar Jack. Eu não imaginava até onde aquilo iria chegar ou como iria terminar, mas sabe, minha intenção ao sair de casa naquela manhã cinza e passar na casa de Arnold, onde Jack já estava, para a gente ir na casa do Bola, era ouvir muita música, beber um pouco e fumar uns cigarros baratos enquanto o tempo passava. Entretanto, as coisas tinham tomado um rumo incontrollável, e não havia sinal de que melhoraria.

Peguei na mão de Jack e levantei. A chuva se manteve como uma garoa medíocre, e o único barulho agora era o do vento, forte e frio, e eu pedi a Deus

que aquilo, de alguma forma, terminasse bem.

— Vai cara, passa o braço dele aí — disse Jack. Ele já estava com o braço esquerdo de Arnold jogado atrás dos ombros. A cabeça de Arnold pendia para trás, mole, e por mais macabro que isso possa parecer, na hora eu pensei no filme *Um Morto Muito Louco*; sei que não era o lugar ou situação para rir, e eu *não ri*, mas foi impossível não associar esta imagem. Acredito que, em momentos como esse, é natural que nossa mente viaje, numa tentativa inútil de manter um pouco da nossa sanidade ainda intacta. Puxei o braço de Arnold e sem querer passei a mão de leve no que era a nuca dele, empapando-a de sangue e do que eu tinha certeza que seriam os restos dos miolos dele.

— Ah, merda! — gritei ao ver aquela massa de sangue e cabelos na minha mão, e larguei Arnold quando já estávamos quase de pé. Jack não aguentou o peso dele e caiu de bunda no chão, junto do corpo inerte. Olhou para mim furioso, enquanto eu limpava minha mão desesperadamente numa poça de água.

— Caralho, Andy, assim não dá! Porra! — berrou enquanto levantava. Não tive medo que me batesse de novo. Pensei até mesmo que merecia. Ele puxou outra vez o braço de Arnold; parecia que manipulava um boneco de pano (ou melhor, boneco de *chumbo*), e eu ouvi um estalo quando ele puxou o ponto quebrado do antebraço. Aquele som me deu tonturas, mas me obriguei a ficar de pé. Peguei o outro braço.

Nós o levantamos com muito esforço. Arnold tinha a mesma altura de Jack, mas pesava bem mais, tinha lá seus setenta quilos, e eu, bem, eu estava sofrendo para levá-lo, pois era bem menor e mais leve que os dois. Erguemos o corpo e o endireitamos, e sua cabeça pendeu para frente, revelando parte da nuca destroçada. O cabelo negro tapou seu rosto, e nessa hora eu lembrei novamente que jamais veria Arnold sorrindo, fumando ou cantando de novo. E de novo veio aquela tristeza e a sensação avassaladora de que estávamos entrando num caminho sem volta.

A chuva parou de repente, mas o céu permaneceu fechado. Eram 15h07min, e eu achava que iríamos levar Arnold até a calçada, ou até o hospital, que ficava a uns dois quilômetros dali, e teria sido a melhor opção. Jack, porém, tinha outra ideia.

— Podemos levá-lo até o galpão...

— O quê?

— O galpão...

Mas eu não pude ouvir o que Jack dizia porque no mesmo instante fomos interrompidos por uma *cantoria*, alta e desafinada. As palavras eram inarticuladas e a melodia descompassada, e antes mesmo que o dono da voz virasse a curva e aparecesse a cinquenta metros diante de nós, eu já sabia como estava vestido e qual era o seu estado psicológico. Imaginei até mesmo seu cheiro. Antes mesmo que ele aparecesse, eu já sabia o que era.

Era um merda de um bêbado.

De todos que habitam um município 70% urbanizado, o *Bêbado* é um dos mais comuns e, convenhamos, o mais irritante. E eu não falo daquele cara que acabou de sair do trabalho, está cansado e de saco cheio, e bebe umas cervejas para relaxar, chega em casa um pouco alto, discute com a mulher ou os filhos, depois cochila um pouco no sofá, depois vai para a cama, e no outro dia acorda com uma leve ressaca, faz as pazes com a família e sua vida volta ao normal. Não. Eu falo daquele cara cujo sentido da vida é beber/dormir/acordar/beber. Falo daquele tipo de cara que não sabemos se tem uma família (aliás, nem ele deve saber se tem uma), que anda maltrapilho, sempre está bêbado, todo o dia, e fica andando pela cidade e enchendo a paciência dos outros, seja pedindo um cigarro ou uns trocados para fazer um “lanche” (na verdade os trocados são para comprar mais uma bebida), e você sente uma pena *enorme* de uma pessoa assim e também a leve urgência de manter-se distante dela.

E, bem, era esse tipo de cara que vinha em nossa direção. Ele nem se deu conta de que estávamos lá, mas não havia para onde fugir. Ele nos notaria, eu tinha *certeza*, e provavelmente viria até nós. Não dava para correr carregando Arnold e não dava para deixá-lo na rua, pois o bêbado poderia vê-lo e fazer o que bem entendesse com ele, pois, sabe como é, ele está morto mesmo, ele não vai nem *se mexer*. Por isso, no primeiro momento só conseguimos ficar parados no meio da rua, a apreensão tomando conta de nós a cada passo que ele dava.

Ele cantava alto, e não dava para definir o que saía de sua boca (talvez fosse uma música do Ray Charles, ou até mesmo o Hino dos Estados Unidos, não dava para saber!). Ele cambaleava, pendendo para a esquerda, e concluí que, no seguimento natural da situação, se ficássemos parados, ele iria ficar cara a cara conosco em menos de trinta segundos. Mas eu e Jack não conseguimos nos mexer. Percebi que Jack olhava fixamente para o chão, pensando no próximo passo a ser dado, ou talvez tentando ignorar o homem malvestido que vinha

vacilante em nossa direção.

Quando ele foi chegando mais perto, pude ver seu rosto. Era um homem já por volta dos quarenta anos, cabelos grandes e emaranhados, barba por fazer. Havia muita sujeira em sua roupa, uma camisa de time de futebol indefinível, pois já perdera sua cor e estava marrom de barro (com certeza levava um belo de um tombo na estrada de terra), e um short *jeans* fino e também muito sujo. O vento era cada vez mais forte e mais frio, e eu tive muita pena daquele homem por não ter uma roupa melhor para se proteger da chuva e do vento frio, e por talvez não ter onde morar e não ter com quem dividir suas mágoas e experiências (ou a bebida), porque, meu Deus, eles também são seres humanos, também sofrem, sentem medo, frio, fome, solidão, mas são completamente ignorados pela sociedade.

Quando percebi que ele parou no meio da rua e começou a sacudir os braços para o céu como se estivesse dançando, eu engoli seco e Jack quebrou o silêncio:

— Vamos para a calçada — disse, baixinho. Deu uma pausa e também engoliu seco — E vamos continuar andando e torcendo pra que ele não nos note, OK?

Não me esperou responder, e já foi empurrando Arnold para o meu lado, na direção da calçada à nossa direita. Demos dois passos com Arnold pesando nos ombros, sentindo o sangue dele molhar meu braço, o frio aumentar e a chuva voltar lentamente, e nesse instante o bêbado virou o rosto na nossa direção.

Estava nos olhando.

Gelei de novo e parei. Jack resmungou e eu voltei a andar, mas o bêbado não apenas piscou e nos olhou com mais curiosidade, esticando o pescoço, como também levantou o braço e nos apontou o dedo indicador.

— Ei! — gritou, e eu e Jack paramos. Não dava mais para evitar o contato. Meu maxilar tremia, e eu não sabia se era o frio ou o medo. Jack fitava o bêbado com um ódio assustador. — Ei! Bochs jáí!

Um ultimato; tinha nos notado e queria falar com a gente. Veio na nossa direção, todo torto e cambaleante.

Quando estava a pouco menos que cinco metros de nós, sentimos seu cheiro, uma mistura venenosa de álcool, barro, algumas semanas sem banho, além de merda e mijo velhos e pregados naquele short *jeans* puído. Foi o bastante. Meu estômago embrulhou e eu engulhei dolorosamente. Jack olhou o bêbado nos olhos até ele se aproximar.

Ficou tão perto que eu achei que iria desmaiar com aquele fedor de podre. O cheiro entrava no nariz e acho que ia direto para o cérebro, avisando “Sou venenoso! Saia de perto!”. Mas naquela hora não dava, e eu comecei a

respirar pela boca, e percebi que não mudava muita coisa, pois parecia que eu estava *comendo*, engolindo aquele cheiro, e ele ia apodrecer tudo dentro de mim.

Vi que Jack estava fazendo uma careta, também de asco, e experimentei uma breve sensação de satisfação. “Não vou passar por isso sozinho, pelo menos.” Entretanto, não parava de encarar o homem, que por ora não prestava atenção em Jack. Nem em mim.

Ele olhava para Arnold, e com uma curiosidade estranha até para um bêbado, pois quando encontram a gente, não costumam fazer perguntas, e sim nos contar como um cara implicou com ele e ele lhe mostrou uma faca e o cara fugiu de medo, ou falando que gostam da gente mesmo sem nos conhecer.

Fitava Arnold, com aquele olhar torto e a cara vermelha, e a minha respiração parou quando ele disse:

— Uh rabaiz aí num tá legal! — E riu, mostrando os dentes tão pretos quanto às cascas de sujeira que tinha grudadas no pescoço. — Eze aí ta ruim! Guê guê bocês taum fazenu aí?

Jack o fuzilou com os olhos, e eu tive medo que ele agisse de alguma forma. Visto o que tinha acabado de fazer com Arnold, não era um medo tão absurdo. Então, antes que ele tomasse qualquer atitude, me adiantei, ficando na frente de Arnold e escondendo minha mão esquerda, que estava toda suja de sangue.

— Pois é senhor, ele não tá legal não. Ele só tá meio... chapado. — Fiz o possível para não dizer “bêbado”, pois o “Ilustríssimo” Senhor diante de mim poderia se identificar com a palavra, e geralmente bêbados nunca reconhecem que estão bêbados.

Ele olhou para mim, sorridente, e depois sua face se contraiu como se estivesse *tentando* pensar. Aí, cambaleou e apontou o dedo de novo:

— Eze aí tá mal memo! Bebeu mai qui eu! — Gargalhou; seu bafo tocou meu nariz e eu quase cambaleei também.

Então, de repente, não queria mais saber de Arnold. Seu foco era *eu*.

— Ei! Bocê tem uns trocadinho aí? — perguntou, e estendeu a mão suja pra mim.

— Não tenho não, senhor — falei, e ouvi Jack soltar um muxoxo de impaciência logo atrás de mim. Eu não tinha *nada mesmo* naquele momento. Se eu tivesse pelo menos uma moedinha, teria dado ela o mais rápido possível para o bêbado, e nada de ruim teria acontecido. Merda, se eu pudesse, iria na minha casa pegar a porra da moeda. Mas, sabe como é, quando a coisa tem que dar errado...

— Bah! Eu zei qui bocê debe tê um dieiro aí! Me dá um aí, vai! —disse o bêbado. Cambaleava com a mão estendida para mim, e eu achei que ele

desmaiaria a qualquer momento. Era o que eu mais queria naquela hora.

— Mas senhor... eu não tenho... — tentei dizer, mas aí o bêbado chegou mais perto. Seu cheiro me imobilizou.

— Eu zei qui bocê tem! Tem sim! Tá querenu mi inganá? — dizia ele, na mesma voz enrolada de quando o pai do Bola bebia, e eu me perguntei como estava conseguindo entender tudo. Então, ele notou que eu escondia a mão nas costas.

— U dieiro tá aí na otra mão! Tá querenu mi inganá?!

Era um beco sem saída. Jack permanecia calado atrás de mim. Não dizia nada, mas eu sabia que devia estar puto comigo e muito cansado por estar segurando Arnold sozinho. Eu estava com o coração quase saindo pela boca. Tudo veio muito rápido: primeiro Arnold cai e morre, depois vem um carro cheio de caras mal-encarados, depois Jack quer me convencer a esconder o corpo de Arnold, e então, chega um maldito bêbado querendo arrumar confusão comigo. Já não conseguia entender muito do que ele estava dizendo. Parecia me ameaçar, dizendo que já havia acabado com um cara que não quis dar o “dieiro” dele (graças a Deus nem ligava para Arnold). Meu pensamento começou a se distanciar, e como numa espécie de transe, pouco a pouco a voz do bêbado foi se extinguindo, e ele só balançava o queixo e a barba e os braços, não havia som, não havia ruído algum, nem da chuva, nem do vento, nem do bêbado, só havia minha respiração, rápida e pesada, e meu coração dando saltos mortais dentro do meu peito. Eu queria paz novamente, queria fugir dali, queria voltar para minha casa, para minha vida, para minha família e para minha escola, que eu não levava muito a sério mas que estava me dando uma saudade imensa, voltar para a vida aparentemente louca, mas no fim totalmente normal e ridícula que eu levava.

No meio disso tudo, uma sensação estranha e nova: a impressão incomoda de que *alguém* me observava. Não o bêbado ou Jack, mas outro alguém. Alguém que não devia estar vendo aquilo. “Deus”, meu medo dizia.

Uma voz me trouxe de volta. Uma voz que fez questão de me lembrar que aquilo não era um simples pesadelo do qual eu poderia acordar e depois beber um copo d’água e tudo estaria bem de novo.

Era a voz de Jack.

— Acaba com ele, Andy. Dá um fim, cala a boca dele agora.

Voltei daquele “transe” abençoado e meus ouvidos doeram com o aumento repentino do barulho da chuva e da voz do bêbado, que agora gritava e gesticulava para mim como se quisesse me matar. Dizia coisas sem sentido, mas dava para saber que queria o “dieiro” (que eu não tinha!). Ele estava furioso, mas naquele instante aquilo não segurou minha atenção.

Eu estava ouvindo Jack:

— Dá um fim nisso *agora*. Não é o momento para termos mais problemas, então *dá um fim nele*. — Falava baixo, mas estava logo atrás de mim e sua boca estava bem próxima da minha orelha, e eu senti todo o ódio que ele estava nutrindo pelo bêbado na entonação de cada palavra.

Eu não me movi. Havia algo na voz de Jack, como uma rachadura em uma encosta de onde escorre lava fervente, que queria me impulsionar para a violência, mas não aquela violência que usávamos para brigar com os *playboys* do colégio; era uma violência *insana*, repleta de maldade. Uma violência onde o mais forte esmaga o mais fraco pelo simples prazer de esmagar. O tipo de violência que eu repugnava (e que na minha inocência, parecia ser o único tipo de violência repugnante, quando na verdade qualquer tipo de violência é). E não que naquele momento eu me sentisse mais forte que o bêbado, muito pelo contrário, eu estava com tanto medo de sua reação que nem me mexi. Ele era imprevisível, e isso me deixava aterrorizado.

O que eu não queria era machucá-lo. Essa era a razão de eu não ter reagido de imediato à ordem de Jack. Machucar aquele homem que parecia ter sofrido tanto, que parecia abandonado, me deixava de coração partido. Entendam como quiserem, não sei se era fraqueza ou medo ou pena, mas eu não queria cometer nenhuma covardia.

Porém, Jack continuava, impaciente:

— Anda logo, Andy. Acaba logo com isso. Dá um soco nele, ele nem é tão alto nem forte, você pode com ele.

Realmente, o bêbado não era alto. Era magro, desnutrido, parecia que não via um prato de comida há meses, mas eu me negava a feri-lo.

— Ele tá atrapalhando Andy, ele tá atrapalhando *a gente*... — vociferava Jack — Se passar um carro, ele vai chamar *muita* atenção. Andy, acaba com isso logo. — Sua voz era baixa, e ele dizia cada palavra por entre dentes muito cerrados, e não havia muita entonação ou exclamação, parecia um monge recitando algum mantra sem parar, sem respirar, um mantra repleto de ódio e maldade, uma maldade infantil, simplória e assustadora. E cada vez mais eu me enrijecia. Minha língua parecia estar inchada dentro da boca, e meus dedos tremiam em contrações rápidas; eu estive perto de um ataque de nervos naquela hora. Mas Jack e o bêbado continuavam:

— Vai logo Andy...

— Bocês taum querenu mi tirá uma... cá mia cara!

— Andy, eu já tô sem paciência...

— Ninguém faiz isso cumigo naum!

— Vai Andy, tem uma pedra ali...

— Óia só...

— Andy... vai Andy, *porra!*

Fechei os olhos e gritei. O que fiz em seguida foi a atitude mais impulsiva da minha vida até então. Com um ódio infernal, e que não era meu, nem de mim pelo bêbado, mas de mim por Jack, eu lancei as duas mãos diante do meu corpo e empurrei o homem com *toda a minha força*. Ele sequer pareceu ter percebido o empurrão, e antes que ele caísse, eu percebi que, primeiro, eu não devia ter feito aquilo; e segundo, que ele estava tão bêbado, mas *tão bêbado*, que se a gente tivesse ignorado ele e saído andando, ele teria ficado lá, falando sozinho, e nem perceberia. Por ironia do destino, ou de Deus, ou do diabo, Jack me forçou a fazer *uma* das coisas das quais eu mais me envergonhei depois; fez com que eu machucasse o bêbado.

Enquanto ele caía (o que parecia uma eternidade em câmera lenta), percebi que no chão, logo atrás dele, havia uma pedra. Era pequena, talvez do tamanho da minha mão fechada, e rapidamente eu já soube o que aconteceria. O bêbado caiu, e sua nuca bateu sobre a pedra. No mesmo instante vi seu rosto contorcer-se de dor, e ouvi seu grito, grave e profundo; gemeu no chão durante uns dois segundos e então levou as mãos até a nuca ferida, e de lá saía sangue. Ele deitou-se de lado e começou a *chorar* de dor, como uma criança, se mexendo e passando as mãos na cabeça, e nesse momento a chuva aumentou, e veio mais forte que antes, as gotas caindo com força. E mesmo com todo o barulho eu não conseguia deixar de ouvir o lamento do bêbado, ferido e sozinho; e quando Jack se afastou levando Arnold (não sem antes passar por mim e dizer “Parabéns, Andy, você conseguiu” da forma mais fria que eu jamais imaginei), e eu o segui, vacilante, o choro do bêbado me acompanhando, pouco a pouco diminuindo e dando lugar ao *meu* choro, gemido e soluçado, eu não consegui esquecer os dedos do homem sujos de sangue pela ferida que eu causei.

Jack seguiu alguns passos diante de mim, com Arnold morto ao seu lado, e eu fui logo atrás, as lágrimas de vergonha se misturando com as gotas da chuva que só aumentava.

Apesar da vergonha que me abateu, segui Jack sem olhar para trás.

Ele carregava Arnold com uma facilidade que me revoltava. Ele conseguia carregá-lo sem minha ajuda, o que significava que poderia ter saído na frente com o corpo e deixado o bêbado para lá, falando sozinho. Mas não, Jack *desejava* me ver violentando o bêbado. Por isso que me atçou para que eu

atacasse o homem. Fiquei com tanta raiva que mordi o lábio machucado do soco que ele me dera e o gosto metálico do sangue invadiu minha língua. Quis pegar uma pedra ou um pedaço de pau qualquer que eu achasse na rua e acertar a cabeça dele bem dali onde eu estava, logo atrás... eu já estava atolado na merda até o pescoço mesmo, então, daquele ponto não havia volta. Só que tentar derrubá-lo seria perigoso. Então segui Jack, a chuva forte caindo em nós e encharcando nossas roupas, diluindo o sangue de Arnold que escorria de sua nuca para as costas e das costas para as pernas, o pé e o chão, caindo em gotas difusas e desaparecendo nas poças. Eu tremia de frio, o nariz escorria junto com algumas lágrimas remanescentes e pingos de chuva.

Andamos talvez uns duzentos metros; o bêbado já havia desaparecido de nossas vistas, escondido pela curva. Tentei ouvi-lo gemendo de dor. Felizmente seus sons já não nos atingiam. A questão do bêbado ainda me incomodava. Eu não queria ter o ferido, mas o fiz, e isso me deixou ressentido comigo mesmo. Por isso havia chorado. E tudo o que Jack disse sobre a situação foi “*Parabéns Andy, você conseguiu*”. Frio. Indiferente.

Ele seguia alguns metros à frente, arrastando Arnold no que seria um esforço sobre-humano, para mim pelo menos.

Então gritei para ele em meio ao som da chuva, que diminuía:

— Por que, Jack? — Uma pergunta idiota e de vários sentidos e amplo alcance. — Por quê?

Ele parou e eu também. Aguardava uma reação violenta, como quando eu lhe dissera que precisávamos chamar a polícia. Ele não se virou. Esqueci pouco a pouco o medo e andei até ele.

No seu rosto se misturavam gotas de chuva e suor. Ofegava levemente e tinha um olhar cansado. Fitou-me e disse:

— Agora é sua vez de levar o Arnold.

Não era a resposta que eu queria. E, *lógico*, eu não conseguiria carregar Arnold nem dez metros adiante, então fiz cara de quem não entendeu. Ele me encarou, baixou a cabeça e durante um minuto infinito o único som que ouvíamos era o da chuva e do vento.

Jack sorriu. De leve, um sorriso de humor, de quem acha graça em algo, mas se envergonha disso.

— Andy, era *só um bêbado* — disse, por fim, me olhando com cara de “Ei! Se toca, Andy!”, e na hora quis fazer um discurso enorme sobre discriminação, preconceito, e que ninguém, nem eu, nem ele, era melhor que aquele bêbado que ficou caído no chão chorando de dor, e essas coisas idealistas que todo mundo pensa, mas no fim poucos praticam.

Por fim, só consegui me lamentar:

— Jack... — disse, suspirando com pesar.

— Vamos, Andy — disse, me passando o braço de Arnold —, me ajuda, carrega ele um tempo.

Com o coração ainda acelerado, peguei o braço direito de Arnold e passei-o por trás do meu pescoço. Quando Jack o largou, seus setenta e poucos quilos caíram em direção ao chão, e eu o suspendi o máximo que pude. Os ossos quebrados de suas pernas estralavam, enquanto Jack se alongava e relaxava um pouco. Um trovão ecoou a uns quilômetros de nós, e mesmo assim nos iluminou como um *flash* gigantesco. Jack me chamou, seguindo em frente, e eu reuni todas as minhas forças para segurar Arnold, mesmo acreditando que eu não conseguiria carregá-lo durante dois minutos.

Consegui carregar Arnold durante heroicos dez minutos, e quando o passei de volta a Jack (que protestou), meu braço tremia de cansaço e eu estava todo suado. A chuva diminuiu nesse meio tempo, e agora era uma garoa fina e fria que incomodava muito. A uns metros adiante, talvez quinhentos, começava a estrada de terra.

Minha cabeça doía por vários motivos. Músculos que eu nem fazia ideia de que existiam repuxavam em protesto nas minhas costas. Olhei para Arnold morto e de novo senti vontade de chorar. Eu sei que eu já disse que Arnold e Jack não eram meus amigos verdadeiros, meus *amigos* eram Bola e Mike, mas naquela hora eu estava sensibilizado demais com tudo, com a morte de Arnold, com o bêbado, com aquela situação. Na minha mente, naquele momento Arnold era algo como um herói. Era aquele tipo de cara que eu gostaria de ser quando crescesse. Só que ele não cresceria mais.

Jack seguia impassível. Não falava uma só palavra, e isso me incomodava. Seu silêncio me dava muito receio. Eu não conseguia adivinhar ou arriscar no que ele estaria pensando, apesar de depois ter achado óbvio demais. Sua cara estava concentrada, a missão de carregar o corpo de Arnold sendo cumprida à risca. Então, lembrei-me da pergunta que eu queria fazer desde o começo: *estávamos levando o corpo de Arnold para onde?*

Olhei para Jack com a testa franzida.

— Jack, pra onde pretende levar o Arnold?

Na hora ele não respondeu. Caminhamos durante um tempo nesse silêncio, Jack um pouco mais adiante com Arnold, olhando para os terrenos e pastos que se estendiam ao longe, e eu logo atrás, tentando não pensar em nada,

mas sem conseguir. Várias coisas vieram em minha mente, várias hipóteses estranhas sobre como Jack “daria um fim” no corpo de Arnold. Então ele virou o rosto para mim. Pus-me ao seu lado, a chuva fina em nossos cabelos.

— Lembra daquele galpão, Andy? — falou, enfim. — Aquele onde uma vez fomos nós todos, eu, você, Bola, Mike, e... e o Arnold? Levamos umas bebidas... lembra?

Lógico que eu me lembrava, e talvez até mais que ele, pois eu sempre me mantinha sóbrio ao fim das farras. E não fora somente uma vez que fomos lá. Diversas vezes levamos bebidas para lá. Uma vez, Arnold levou várias garotas com a gente; Jack ainda não namorava Mary. Ele comeu *duas*. Eu fiquei com uma e demos uns amassos. Ganhei um boquete lambuzado de batom e gozei em três minutos. Vi a menina poucas vezes depois daquele dia.

O galpão ficava a uns dois quilômetros da estrada de terra, num campo aberto que fazia parte da fazenda de um cara chamado Charles Neilhouse. Ele morrera atropelado por um touro anos antes. Não tinha herdeiros, e a fazenda ficou à mercê do tempo e dos vândalos. A gente não se atrevia a ir até a casa da fazenda. Diziam que havia um cachorro enorme lá, um pastor alemão gordo que se alimentava dos bois que pouco a pouco morriam de fome, e tínhamos medo de encontrá-lo. Então, nos contentávamos com o galpão, que ficava bem longe da casa. E o galpão era enorme. Do lado de fora, sua estrutura metálica estava completamente manchada e corroída pela oxidação, apresentando uma cor que parecia barro úmido com sangue. Dentro, entretanto, continuava muito conservado. Metade de sua área interna estava cheia de entulho e restos de tudo que era guardado lá dentro, como selas de cavalo, lenha, móveis usados e comidos por cupins, ferramentas e rações para animais vencidas; mas o resto era um espaço aberto com uma fina camada de feno seco, o qual trocávamos por mato seco novo sempre que molhava, visto que havia um buraco no telhado por onde entrava água da chuva. Em dias de sol, o galpão ficava numa meia-luz leve e acolhedora, e era bom ir até lá com um violão velho e ficar tocando melodias aleatórias. Era como um esconderijo. Sabíamos que não era exclusivo, outros garotos e suas garotas também iam lá para se “divertirem”, mas nunca encontramos ninguém lá. Sempre partiam antes da nossa chegada.

Quando íamos ao galpão, ele era apenas nosso.

Jack voltou a andar, carregando Arnold com certo esforço, e eu fui ajudá-lo.

— O galpão? O que vai fazer no galpão? Com ele?

Jack respirou fundo. A chuva parara. Continuamos a andar e carregar Arnold, o céu ainda fechado, o vento forte, e quando chegamos até o início da estrada de terra, paramos. Jack virou-se para mim, me encarou fria e

profundamente, e respondeu:

— Nós vamos levar Arnold até o galpão e vamos enterrar ele.

E como um sinal divino de descontentamento, um trovão ribombou próximo de nós e a chuva voltou mais forte do que nunca.

Aquela frase ecoou em mim por um tempo que pareceu eterno (Nós vamos levar Arnold até o galpão e vamos enterrar ele nós vamos levar Arnold até o galpão e vamos enterrar ele nós vamos levar Arnold até o galpão...). Essa hipótese não havia passado pela minha cabeça. *Enterrar* Arnold? No galpão? “Mas que porra, Jack, que *merda* você fumou hoje?”

A chuva voltou furiosa, e nós estávamos parados de novo no meio dela. Afastei-me de Jack e seu amigo morto, cuja cabeça pendia pesada para frente, e comecei a balançar a *minha* cabeça.

— Mas que *ideia* é essa, Jack? De onde você tirou isso? Enterrar o Arnold? Que...

Ele me interrompeu:

— Andy, não há tempo a perder. Eu já te disse, a gente...

— Jack, você é maluco! Eu não vou concordar com isso!

— Não tem essa de concordar ou não, Andy — falou, e eu pasmei. Tínhamos que gritar para nos ouvirmos. — *Você tá tão metido nessa quanto eu, e você sabe muito bem disso!*

— Seu *filho da puta!* — berrei, e ele me olhou com fúria. — Foi *você* quem empurrou ele! Esqueceu?! *Foi você!*

Meu grito saiu fino como o de uma hiena. Eu estava amedrontado. Tive medo de Jack, e mais ainda de alguém estar ouvindo nossa conversa. Mas ali naquela parte do mundo só estávamos nós três, e como um estava morto, bem, *quem* estaria nos ouvindo?

Então Jack me fuzilou com aquele olhar de novo. Sua boca tremeu, e também meu corpo inteiro.

— Você acha, Andy, que tem como *provar* que fui eu que empurrei Arnold? — rosnou, e eu calei. — Porque Andy, se você acha isso, você está completamente *fodido*, seu veado! Porque *ninguém* viu o que aconteceu, e você sabe muito bem disso!

Falava lentamente, e cada palavra me feria. E o maldito tinha um pouco de razão. Ninguém chegou a ver o momento da queda (o que foi um engano, saberia depois); e se ninguém viu, não havia testemunha. Não dava para provar

que fora Jack quem empurrara Arnold. Seria minha palavra contra a dele. E eu iria me foder, independentemente de em quem a polícia acreditasse.

— Jack... — falei baixo. — Você não pode ser capaz...

— Do quê? — ele retrucou, um sorriso débil, os olhos arregalados. — De falar que foi *você* que empurrou Arnold? Acha mesmo? Ninguém viu o que aconteceu, Andy. E se foi assim, porque você acha que eu assumiria isso, essa *cagada*? Andy, você é realmente muito inocente. Muito idiota.

Engoli em seco. Ele falava sério. Se a polícia aparecesse, ele jogaria a culpa em mim sem pensar.

— E você acha que eu teria medo disso? — falei, furioso, e fazendo força pra *acreditar* no que eu dizia. — Da mesma forma que eu não posso provar que foi você que empurrou ele, você também não pode provar nada!

E parei. Jack balançava a cabeça negativamente com um sorriso de desdém no rosto.

— Seu babaca. Você tá com o nariz sangrando.

Passei as costas da mão no nariz e ela voltou com uma estranha mancha vermelha.

— Se você falar alguma coisa — continuou —, eu digo que vocês brigaram, ele te socou e você empurrou ele.

Fiquei em choque, com o sangue e com o que ele disse. Jack realmente era maluco. E ele enfim tinha um trunfo. O soco que ele me deu poderia virar um soco que Arnold me deu de uma hora para outra. E o que eu faria? O que eu poderia dizer? Eu iria me foder, querendo ou não.

Enquanto isso ele sorria. Mas seu sorriso foi sumindo. Não havia tempo a perder. E eu não tinha o que fazer a não ser ajudá-lo. Peguei de novo o outro braço de Arnold e entramos na estrada de terra, o ruído da chuva a abafar o som das minhas lágrimas.

Sofremos para chegar ao galpão pela estrada de terra.

O chão estava mole e escorregadio, e cada passo era um enigma. Depois de apenas cinco metros andados naquela lama, já havia uma plataforma de barro de mais ou menos uns dois centímetros nas solas dos meus tênis. Sentia a umidade invadindo minha meia e engelhando a pele fina dos meus pés. A chuva não cedeu um só segundo, e às vezes ficava tão forte que diminuía a visibilidade diante de nós. Tudo parecia cinza e morto, e o vento desacelerava ainda mais nossa caminhada, nos jogando para trás em lufadas geladas.

Naquele trecho, nenhum carro se atreveria a passar, nem mesmo os com tração nas quatro rodas, e eu torcia para que continuasse assim. A estrada estava deserta e intransitável, e as únicas presenças vivas ali éramos eu e Jack.

Ele não reclamou durante a passagem pela estrada de terra. Escorregou e quase caiu duas vezes, mas sempre conseguia se recuperar. Já eu escorreguei diversas vezes, e numa delas caí de lado no chão e me sujei todo de barro. De quebra ainda trouxe Arnold ao chão, e Jack caiu por cima dele. E essa era a nossa maior dificuldade: passar por ali levando Arnold, aquele peso atrasando nossa jornada e castigando nossos braços e costas.

Após meia hora carregando Arnold, já podíamos ver o galpão ao longe, uma protuberância negra no meio do campo, como um cravo pútrido na face de um adolescente, pulsante, vivo, irrompendo no meio do nada, virado para o céu fechado. Encarei-o amedrontado, e era como um totem distante nos observando, nos *mirando*, impiedoso e sarcástico. Parecia dizer *“Vocês estão vindo para cá? Num dia como esse, lacrimoso? A que devo a honra da presença ilustre desses três distintos e insidiosos jovens? Hã? Como é? Não são mais três, são apenas dois? E o que é esse do meio senão um dos seus? Ah, não, ele não parece tão bem daqui...”*.

Levamos uma hora e meia para vencer os dois quilômetros de estrada até o galpão. De tempos em tempos eu o encarava na distância, e vê-lo se aproximar a cada metro vencido era angustiante. Parecia que *ele* vinha até nós, e não o contrário. Até que finalmente chegamos. E lá estava ele, no alto da colina, mórbido, grotesco, e não mais convidativo como era antes. Estava cercado por um capim que batia na altura da nossa cintura. Parecia se esconder de nós no meio daquele mato todo.

Quando chegamos até a cerca de arame farpado quase ocultada pelo mato e pelas árvores, encostamos Arnold num tronco qualquer e paramos para descansar. Eu não sabia se era suor ou água da chuva que escorria da minha testa; estava quente como lava. Jack ofegava. Pegou água que escorria de uma das folhas grandes da árvore com as mãos em concha e bebeu avidamente. Fiz o mesmo.

Observei o corpo de Arnold sentado no chão, a cabeça pendendo sobre o ombro, os braços relaxados em posições elásticas. A água da chuva lavara o corpo dele. Do nariz já não saía sangue, mas algo insistia em escorrer lentamente de sua nuca, e eu não quis saber o que poderia ser.

Então um raio faiscou próximo e nos apressamos em sair de baixo da árvore. Pegamos Arnold e o passamos com certa dificuldade pela cerca. Vencemos os duzentos metros finais até o galpão passando pelo mato alto e molhado.

O galpão estava com o portão encostado, como sempre ficava. Empurrei-o, e uma leve luz invadiu o lugar.

Eram 16h32min. Era só o começo.

O Galpão

Fazia mais ou menos um mês que não visitávamos o galpão. E apesar disso, ele estava quase do mesmo jeito como o tínhamos deixado, sinal de que naquela primavera chuvosa o galpão fora pouco visitado. Garrafas de vidro vazias jaziam em um canto, assim como bitucas de cigarro, displicentemente jogadas aqui e ali. Pendurada em um dos caibros mais baixos, que sustentava um mezanino minúsculo cheio de feno velho e seco, havia uma camisinha velha.

Assim que abri a porta, Jack olhou para trás por um momento e, certificando-se de que não havia ninguém nas redondezas, adentrou o galpão arrastando Arnold pelos sovacos. Eu me detive na entrada. Meu medo maior era que houvesse alguém dentro do galpão, quem sabe um casal se amassando ou outro bêbado mijando, ou até mesmo um *serial killer* ou o fantasma do velho Charles Neilhouse, sei lá, eu tinha *pavor* de que houvesse alguém ou algo ali. Alguém que chegasse a ver o que estávamos prestes a fazer.

Jack me olhou, notando minha preocupação, mas não se importou: arrastou Arnold até mais ou menos o meio do galpão, que recebia a chuva diretamente do buraco no telhado. Olhei mais um pouco ao redor e então entrei, fechando a porta logo atrás de mim.

O galpão estava escuro e apropriadamente fúnebre, e saber que aquele seria o túmulo de Arnold, pensar que se saíssemos bem dessa e ninguém descobrisse onde ele estava, seu lugar de descanso seria um galpão sujo onde garotos e garotas viriam se esfregar uns nos outros, onde bêbados dormiriam e mijariam e cagariam, onde não haveria chance da mãe dele ir visitá-lo, meu Deus, só pensar nessas coisas já estava me enlouquecendo.

Naquela hora, com o galpão escuro e aquele fecho de luz entrando pelo buraco no telhado e iluminando Jack de pé e Arnold no chão, meus piores pesadelos pareciam sonhos encantados, pois eu estava diante de uma cena que me marcaria para sempre.

Jack iria enterrar Arnold. Um assassino que enterraria sua vítima.

Deus, por que não me tirou daquele inferno?

A senhora Lucy Harrison era uma das mais antigas moradoras da cidade de Ben Eagle. Tinha oitenta e cinco anos e morava lá desde os sete, quando seus pais vieram da Costa Oeste, fugindo da falência. Desde então vivera toda sua vida naquela cidade minúscula e discreta no interior de Nova Iorque. Decidira mudar-se para a zona rural dois anos antes daquela tarde chuvosa, e era onde ela estava então, muito feliz, num pequeno sítio que comprara barato, a uns mil e cem metros da fazenda do falecido Charles Neilhouse (que Deus o tenha). Era viúva há vinte anos, ex-professora, e seus filhos (doze no total) sempre iam visitá-la, mas naquela primavera isso era um pouco raro, devido às chuvas que dificultavam o acesso. Como expliquei antes, nem carros com tração 4x4 se arriscavam naquela estrada lamacenta.

Lucy vivia sozinha. Tinha alguns porcos e algumas galinhas para cuidar, isolados no celeiro logo atrás da pequena e robusta casa construída no meio de um largo campo, e um papagaio chamado Diamond, com quem “batia um papo” de vez em quando. Cozinhava suas próprias refeições, apesar de sentir dores constantes nos braços enquanto mexia algum cozido com a colher de pau e das fisgadas nas costas que a acometiam quando se curvava para ver um bolo no forno. Apesar dessas coisas, ela era feliz. Lucy vivia bem. Seus dias quase sempre eram ensolarados. Ela levantava cedo e dava comida aos porcos e às galinhas. Depois fazia seu almoço (na maioria das vezes o que ela cozinhava sobrava para a semana inteira, então ela apenas requentava), e sentava-se para ler, tricotar ou praticar seu “hobby” com sua “poderosa arma”. Quando estava só, à noite, conversava com seu papagaio (que respondia apenas “OK!” e “*Nem vem que não tem!*” numa entonação hilária) ou ligava para os filhos. Ela possuía um telefone residencial (uma iniciativa dela, e que logo contagiou vários moradores da região, o que obrigou a companhia a instalar uma linha por lá), vermelho e chamativo, que ficava no canto da pequena sala. De sua janela era possível ver quase toda a zona urbana de Ben Eagle, inclusive sua saída, a poucos três ou quatro quilômetros dali, e até mesmo os limites da fazenda do falecido Charles (que Deus o tenha) Neilhouse, mas apenas em dias claros e de boa visibilidade. A Sra. Lucy possuía uma vista privilegiada, um ótimo sítio, e um ótimo lugar para passar o “resto de seus dias”, como costumava dizer.

Naquele dia, porém, a Sra. Lucy não receberia visitas. A estrada estava péssima, mesmo, quase um mar de lama, e seus filhos não se atreveriam a enfrentá-la com aquele Fusca velho ou aquelas motos minúsculas. Ela até poderia sair com o guarda-chuva e ir até o celeiro ver suas galinhas e seus

porcos, mas provavelmente eles não ligariam para ela, pois estariam se escondendo da chuva em suas “casinhas”. Naquele dia, Diamond não estava muito pra conversar: ela tentara provocá-lo, mas ele apenas murmurou um “*nem vem que não tem*” xoxo e depois, por volta das 14h30min da tarde, enfiou a cabeça debaixo da asa e estacou no poleiro. Só restava a ela sentar-se numa cadeira diante da janela e admirar a chuva sagrada (“devidamente agasalhada para não pegar um resfriado, mamãe”, dizia sua filha). De onde estava podia ver a saída da cidade. A aura cinzenta do dia não a impedia de ver a estrada que levava ao centro de Ben Eagle, ao longe. Poderia ver quando o velho George, seu vizinho de sítio, estivesse voltando para casa, e quem sabe ela não o convidasse para tomar um cafezinho com um bolo (e ele adorava um cafezinho com bolo, ela sabia). Só mesmo o velho George para meter aquela caminhonete velha naquele barro para ir à cidade comprar *peixe*!

Ela sabia, porém, que teria que esperar um pouco, pois ele saíra mais ou menos meia hora antes, e iria demorar para chegar. Chamou novamente por Diamond, mas ele só resmungou; devia estar com frio. A Sra. Lucy levantou-se, o joelho estalando, e ligou o aquecedor. Voltou para a janela. A chuva parara um pouco mais cedo, mas o céu ainda estava cinza. Ah, como os dias se arrastam para uma velha sem companhia.

Então cochilou um pouco e acordou de sobressalto às 14h48min. O velho George ainda não havia chegado, ela sabia, pois podia ver seu sítio pelo vitrô da cozinha e ele estava na mesma. Foi até a mesa e apanhou seus óculos, para ver se podia enxergar o velho George chegando lá pela estrada de terra. Não havia carro algum. Mais longe, na saída da cidade, conseguiu ver três formas se movendo... três pessoas, pôde conferir forçando a vista. Estavam saindo da cidade a pé, debaixo daquele tempo.

A Sra. Lucy não se conteve de curiosidade. A vida sozinha era ruim, o tempo era lerdo, e ela precisava passar esse tempo se divertindo com algo. Com seu “hobby”. Pegou sua “poderosa arma”, um binóculo de longo alcance, presente de um de seus filhos, Matthew, que serviu ao exército, e mirou nas três pessoas que saíam da cidade pelo topo do conhecido “barranco”.

Ela sempre fazia isso quando via pessoas andando perto da estrada. Se a movimentação atraísse sua atenção, não tinha jeito. Sozinha e com pouca coisa para fazer, só restava uma coisa à Sra. Lucy: bisbilhotar a vida alheia. Não a julgo, é claro. Cada um com seu “hobby”.

Eram três garotos, constatou. Andavam despreocupados à caminho da periferia (“O que três garotos que nem saíram das fraldas fazem na rua no meio desse tempo?”). Farra, com certeza, ela sabia como eram os jovens nesses tempos (e não tinha nada contra, diga-se de passagem). Um deles, o da frente,

parecia mais jovem que os outros dois que o seguiam, era loiro e tinha o rosto arredondado, infantil, enquanto os outros eram maiores, os rostos mais quadrados (“O que um garotinho como você faz andando com esses marmanjos?”). O segundo tinha cabelos negros e parecia bonito, ela pôde ver (“Ai, no meu tempo...” e o terceiro também era loiro, os cabelos até os ombros, meio... (“selvagem”).

Não eram tão interessantes, concluiu. Até chegou a ver quando um deles deu algo para o outro e ele enrolou um cigarro e fumou (“Ah, danadinho, fumando erva, hein, deixa a sua mamãe saber disso!”), mas isso ela já estava cansada de ver.

Pousou o poderoso binóculo sobre o colo e bocejou. Aquele tempo fechado era mesmo desanimador. Nada acontecia, era só chuva, só vento, chuva, vento... e nada do velho George... só vento, chuva, e aqueles garotos (“maconheiros”) saindo da...

Então algo que ela captou entre os olhos semicerrados a deixou em choque. Seu coração pareceu parar por um instante, subindo quase até a garganta para depois voltar a galopar dentro do seu tórax, aquela sensação terrível da contração das suprarrenais e a adrenalina dopando o sangue, fazendo as pernas formigarem e o corpo tremer inteiro e ferver. Ela quase deu um salto da cadeira inclinada onde estava, e seu ciático fisgou de leve, mas ela não deu atenção, porque *aquilo* que ela acabara de ver era pior. E mesmo quando ela pensou que era “miragem” ou uma alucinação e colocou o binóculo diante dos olhos, constatou que não, não era uma visão.

Um dos rapazes que vigiava desinteressada, o terceiro, empurrou o do meio de cima do barranco, e ele caiu lá embaixo.

De súbito, sentiu seus ouvidos como que selados, uma estranha pressão de dentro para fora, e ela estremeceu inteira. O mundo rodopiou lentamente diante de seus olhos (ou ela apenas imaginou isso?), e então ela sentou-se de novo.

A Sra. Lucy estava pasma. Uma história macabra estava se desenrolando diante de seus olhos azuis; um acidente, aparentemente bobo, inocente, e ela ali, acompanhando tudo. Provavelmente a primeira coisa em que pensou foi em ligar para a polícia. “Mas o rapaz pode ter sobrevivido à queda”, poderia ter pensado, e então ela chamaria uma ambulância.

A curiosidade, porém, foi mais forte. Ela não se moveu. Ficou ali na cadeira, os rapazes na mira de seu binóculo.

Viu que os dois loiros ficaram desesperados. O mais jovem agachou-se, e ela imaginou que ele estivesse chorando. O outro permaneceu de pé, mas olhava pra baixo, com certeza para o local em que o rapaz havia caído.

Não dava para ver se o rapaz havia sobrevivido ou morrido. Uma grande árvore tampava sua visão. Mas uma aflição crescia dentro dela e tomava conta de seu coração à medida que os segundos passavam. Uma *desconfiança*. Ela acabara de presenciar um acidente no mínimo perturbador: o rapaz poderia ter acabado de matar o outro, e se aquilo de fato aconteceu, estaria encrencado.

Então, com o binóculo, ela viu que um deles começou a descer o barranco. O que havia empurrado o rapaz. O outro parecia ter medo, ameaçava descer, mas não se atrevia.

Viu também quando um carro surgiu na rua de cima (“Meu Deus, vão ver eles!”), (uma bobagem, pois eles já estavam sendo observados desde o início, por *ela*). O rapazinho que não desceu o barranco voltou a caminhar, com certeza para tentar não chamar a atenção das pessoas que estavam no carro. Observou aflita quando o carro parou e um dos ocupantes quase desceu, e viu que o menino correu para a escada (“Mas o que está acontecendo ali?”). Então o carro continuou sua viagem, e o garoto desceu para a rua de baixo pelas escadas.

Durante uns dois minutos a Sra. Lucy não pôde ver o que estava acontecendo, enquanto ofegava nervosa; os garotos deviam estar perto do corpo (“Mas que merda, *corpo*? Eu nem sei se ele morreu!”). Impossível sobreviver a uma queda daquelas. Tinha esperanças (e como tinha!) de que o rapaz não tivesse morrido, mas era quase certo que morreria. Não parecia justo. Lógico, se foi uma brincadeira aquele empurrão, foi de muito mau gosto. Além disso, os rapazes não pareciam nervosos ou brigando, eles só estavam andando, então não havia motivo para um ter matado o outro.

Seria uma interferência muito infeliz no destino de três jovens.

Seu nervosismo aumentou. Como não tirava os olhos do local do acidente, não pôde ver que um homem lentamente se aproximava do lugar onde os meninos estavam. Então viu uma movimentação, e os rapazes saíram detrás da árvore.

Agora carregavam nos ombros o rapaz que caíra.

Naquele momento a respiração da Sra. Lucy parou, como se travada por algo irritantemente sólido, e ela procurou um silêncio impossível, na tentativa inútil de ouvir o que os rapazes diziam, mas as batidas de seu velho coração pareciam amplificadas, e ela sentia a pulsação nas têmporas.

O rapaz ou estava desmaiado ou morto. Não movia uma parte sequer do corpo por vontade própria. Parecia um boneco, a cabeça caída para frente. Os rapazes pareciam carregá-lo com certo esforço.

Só podia estar morto...

Então ela viu o homem e sua boca secou.

Tinha certeza absoluta de que ele estava bêbado (“em que condição um

ser humano andaria daquela forma?”), e viu quando ele foi até os rapazes, que pareciam travados diante da chegada do estranho.

A Sra. Lucy assistiu a tudo perplexa. Viu o bêbado se aproximar dos garotos, viu que o mais jovem se adiantou, e após o que para ela foi uma discussão, viu o jovem enfurecido empurrar o bêbado no chão. Ela praticamente sentiu a dor do homem.

Então os rapazes se afastaram (“Meu Deus, o garoto... o garoto está chorando de novo!”). Viu que eles seguiram a pé na chuva forte que voltara, revezando a tarefa de carregar o rapaz (que ela concluía que estava morto mesmo). Mas seguiram no sentido de saída da cidade, consequentemente, o sentido *contrário* ao do hospital.

E nessa hora a Sra. Lucy decidiu que não, ela não chamaria uma ambulância. Ela ligaria para a polícia.

Mas a Sra. Lucy, oitenta e cinco anos, viúva há vinte, se recusava a sair dali. Não *conseguia* sair, na verdade. O telefone estava do outro lado da sala, e por mais terrível que aquilo parecesse, aquele sentimento, ela não queria perder um momento sequer daquela...

Daquela tragédia.

Ela não estava se deliciando com a desgraça alheia, não. Ela estava com pena dos garotos. E se por um lado ela queria chamar a polícia, pois sabia e via que tinha algo errado naquilo tudo, por outro ela estava desesperada para proteger os garotos de qualquer injustiça.

Então, como que em estado de hipnose, a Sra. Lucy acompanhou durante quase duas horas os garotos seguirem lentamente pela saída da cidade, passarem mais lentamente ainda pela estrada de terra (quando os garotos escorregaram, ela teve mais certeza ainda, se é que isso é possível, de que o rapaz estava morto), e chegarem até a cerca da fazenda do falecido Neilhouse (que Deus o tenha!). Nesse tempo a chuva havia retornado mais forte que um furacão, e ela imaginou em seu mais profundo sentimento supersticioso que aquilo parecia mais um grito de insatisfação de Deus, um dilúvio como punição pelo que acabara de acontecer.

E quando os rapazes pegaram o corpo sem vida do outro, o passaram entre o arame da cerca e o arrastaram até o galpão abandonado da fazenda do falecido Charles (E que Deus o tenha!) Neilhouse, ela acordou do estado de hipnose e tomou a atitude que mudou o destino daqueles rapazes, de seus amigos e familiares, e daquela história maligna.

Foi até o outro lado da sala e ligou para a polícia.

— Procura uma pá, Andy — Jack ordenou, suavemente, e eu me pus a procurá-la. Eu estava em pedaços por dentro, sujo, molhado, machucado e completamente perdido por fora. Mas para Jack aquilo parecia normal. Ele mandava e eu obedecia, o que me deixou com tanto ódio a ponto de ter desejado loucamente coragem para matá-lo com a pá quando a encontrei. No entanto, ele também havia encontrado uma, e agora olhava sério para o solo molhado do galpão, naquele ponto onde a chuva batia incessantemente.

Fincou a pá no chão e puxou Arnold um pouco para a esquerda, tirando-o da chuva.

— É aqui que vamos cavar. — Olhou para mim, e eu pude ver suas pálpebras tremendo. Mas a mão continuava firmemente fechada em torno do cabo da pá.

Implorei com os olhos para que ele desistisse daquilo. Ainda havia tempo de voltar atrás, eu tinha fé naquilo, porém ele pareceu adivinhar meus pensamentos.

— Não há mais o que fazer Andy. Apenas me ajude — disse, e vi seu lábio tremer e uma lágrima (ou seria uma gota de chuva?) escorrer de seu olho direito. Passou bruscamente a manga da camisa de flanela no rosto, secando-o.

Então me deu as costas e começou a cavar. A pá entrou fácil na terra molhada, e ele jogou-a para a sua direita, com esforço. Ela caiu silenciosamente. Quando já havia tirado dez pás de terra, juntei-me a ele. Não porque concordasse com aquilo, e acreditem, em *nenhum momento* eu concordei, mas, digamos, como puderam perceber até agora, aos quatorze anos eu era um moleque muito influenciável. E talvez vocês até digam que eu era um frouxo, mas até aquela hora eu tive medo, *pavor* de Jack. Merda, ele tinha *matado* Arnold; e, de propósito ou não, ele ainda por cima estava tentando *dar um sumiço* no corpo. Ou seja, era capaz de tudo. O que ele não faria comigo se bem quisesse? Naquela hora, cavando a cova do amigo morto e suando como se fosse verão, eu me convenci de que não era exatamente medo que eu tinha de Jack. Era pena. Por isso que eu o ajudava.

Enquanto cavávamos (o que, eu vou confessar, é incrivelmente cansativo e interminável), Jack começou a querer conversar. E era estranho. Talvez estivesse tentando se desligar do que estava acontecendo. Tirou a blusa de flanela e continuou cavando com ela amarrada na cabeça.

E conversou. Ou melhor, falou praticamente sozinho o tempo todo. Contou que pretendia voltar a estudar, e que queria dar um futuro a Mary. Ah, e como falou de Mary. Disse que já fazia certo tempo que não a via; que ela estava triste e o repudiava, mas que agora com certeza ela o aceitaria, pois iriam fazer as pazes; e falou duas vezes que estava morrendo de saudades de transar com

ela. E que daria a ela um futuro.

Só falei em um momento, quando perguntei o que ele faria para esquecer tudo o que aconteceu naquele dia, ao que ele respondeu:

— Contarei com você, meu amigo.

Foi a primeira vez que me chamou de amigo.

Cavamos o buraco (o túmulo de Arnold) em dolorosos cinquenta e cinco minutos. Quando terminamos, eu estava completamente dolorido, dos pés à cabeça. Meus punhos doíam muito, assim como minhas costas. Entre meus dedos haviam bolhas que levariam dias para secar e desaparecer. Jack jogou a pá dele para fora da cova e saiu dela facilmente. Naquela hora algo perto do pânico me dominou. Achei que Jack me deixaria lá dentro e me enterraria com Arnold (com a diferença de eu estar vivo). Mesmo que eu me esforçasse, não conseguiria sair de lá sozinho devido a minha altura. A cova era tão funda que eu sequer conseguia olhar para fora.

Mas ele me estendeu a mão, o olhar frio de sempre, e me puxou para fora.

Ficamos a contemplar a nossa “obra” durante um tempo, cansados, eu com os olhos vermelhos, quase a chorar, e Jack calado e concentrado. Olhei para o corpo de Arnold, deitado torto no chão. Toquei o ombro de Jack e ele respirou fundo.

— Vamos. Vamos jogá-lo — disse. Peguei as mãos frias de Arnold, e Jack o segurou pelos pés. Tiramos ele do chão e o jogamos dentro do túmulo.

O corpo bateu no fundo da cova e o som molhado me deixou arrepiado.

Olhamos Arnold durante uns cinco minutos. Fiquei imaginando ressurreições bizarras de filmes de terror e preces de descanse-em-paz-amém. Me pus ao lado de Jack. Ele tremia, não sei se de frio ou não. Não me ofereci para abraçá-lo. Parecia o momento certo, mas não era.

Então todos os acontecimentos, do momento da queda até aquele minuto, me vieram à mente como um filme, e eu não contive a pergunta que eu mais queria fazer:

— Por que, Jack? — perguntei, me afastando. Percebi que seu soluço aumentara. — Por que com a gente? Por que... ele?

Então Jack começou mesmo a chorar. Era um choro infantil, triste, os braços entrelaçados. Ele tremia e o choro ecoava pelo galpão como uma marcha fúnebre. Aquele choro estava quase me enlouquecendo. Daí, do choro Jack

começou a *rosnar*, primeiro baixo, depois como um monstro, alto e grave como um demônio, e as lágrimas saíam junto daquele lamento aterrorizante. Então, ao rosnado e ao choro, Jack misturou um riso.

Um riso louco, doente.

Ele deu uma gargalhada, e eu me virei constrangido. Era uma risada assustadora, profunda, e ao fim de cada riso ele urrava, colocava as mãos na cabeça e puxava os cabelos, e de novo chorava e urrava e gritava.

Sua voz veio baixa:

— Filho da puta... filho da puta desgraçado...

Arregalei meus olhos de medo. Jack estava louco.

— Maldito... maldito filho da puta... — As palavras se misturavam às lágrimas, e ele berrou: — Filho da puta! SEU MALDITO! QUEIMA NO INFERNO, SEU DESGRAÇADO!!! AAAHHHHH!!!

— Jack...? — sussurrei, e ele calou-se. Respirava fundo e alto, as mãos na cabeça. — Algum... meu Deus, algum problema, Jack?

Lógico que haviam problemas. *Muitos*.

Ele era um dos problemas.

— Jack... o que tá acontecendo? — insisti.

Então ele tirou as mãos da cabeça, endireitou o corpo, respirou fundo, e entre soluços, disse:

— Não foi... não foi... não foi sem querer, Andy.

— Como assim? — *Como* não pude ter percebido?

— Não foi sem querer, Andy — repetiu, baixo.

— Como assim?! — Eu não conseguia entender. Não *queria* entender.

— Não foi...

— Como assim Jack, *não foi*?

— Não foi sem...

— Jack, o que foi...

— Não foi...

— Jack...

— Não...

— *Jack!*

— Aaahhhhhh!!!

— Jack! O que você...

— *Não foi sem querer porra! Não foi. Não foi acidente, Andy!* — Eu parei e ele terminou: — Não foi acidente. Eu matei Arnold de propósito.

Ele chorava. As mãos estavam fechadas e as unhas cravadas nas palmas. Estava vermelho e mordida o lábio.

Eu estava simplesmente perplexo. Não que fosse uma descoberta impressionante: já passara pela minha mente que Jack o matara de propósito; mas qual a motivação? Além disso, uma coisa é imaginar, outra é ouvir a confirmação do próprio assassino.

— Jack... você está louco — falei. — Você... não teve a intenção! Você... foi um acidente! Não precisa se culpar...

— Deixa de ser otário, Andy! Que merda! — gritou, e eu me calei. — Está tudo aí na sua frente e você não quer enxergar! Foi de propósito sim, merda, foi porque eu *quis*!

Lá fora a chuva voltou, soturna. Jack estava simplesmente confessando sua parte ativa no acidente, no crime, e eu não conseguia pensar em mais nada. Jack empurrara Arnold por maldade, era isso. Pelo menos para mim, até àquela hora, era isso.

Só *podia* ser isso.

Então ele voltou a olhar para o corpo no fundo da cova. A chuva molhava Arnold, as pás, a cova, Jack. Eu me afastei lentamente. Jack estava ficando vermelho de fúria.

Ele respirou fundo e continuou, mais calmo:

— Eu o matei sim, Andy. Faz duas semanas que eu queria matar Arnold, e hoje eu consegui. — As palavras saíam frias e duras. — Eu não queria empurrar ele. Não. Eu não ia matar ele dessa forma. Na verdade, eu ia matar ele com isso.

E sacou seu punhal lentamente do bolso detrás da calça. Era um punhal que nós todos conhecíamos: pequeno, bem afiado, cabo branco de marfim, devidamente protegido por uma bainha de couro escuro. Jack sempre andava com aquele punhal, para qualquer *eventualidade*. Ao ver a arma, dei mais um passo para trás.

— Mas... — continuou, desembainhando o punhal até metade, a lâmina reluzindo mesmo naquela escuridão — quando eu cheguei na casa dele hoje, e estava quase criando coragem pra enfiar isso no pescoço do filho da puta... você apareceu por lá, e eu tive que mudar de ideia.

Engoli em seco, um tanto atordoado. Imaginei-me abrindo o portão da casa de Arnold, o silêncio incomum nos cômodos, e então subiria as escadas, cujo rangido seria o único barulho ali, abriria a porta do quarto e veria Jack com as mãos ensanguentadas, o punhal cravado no pescoço de Arnold, que convulsionando estenderia as mãos para mim num desespero derradeiro. Estremeci quando o olhar de Jack me encontrou. Sacudi a cabeça e voltei à

realidade.

— Então — emendou —, quando estávamos no barranco... decidi empurrá-lo. Não queria que você estivesse olhando. Mas você se virou na hora exata. Você sempre faz as coisas na hora errada. Eu queria que parecesse um acidente... mas...

Eu continuava pasmo com a frieza de Jack, apesar de ter convivido com ela aquela tarde inteira.

— Eu juro por Deus que na hora eu pensei em acabar com você também, mas acredite Andy... ver você daquele jeito me fez mudar de ideia. Chorando e tal... além disso, seriam dois corpos, e olha só o *trabalho que deu* trazer esse filho da puta pra cá! Porra! E também pensei que não tinha por que fazer isso com você. Na verdade, se não fosse você, eu estaria ainda mais ferrado.

Ele me olhou sorrindo de leve.

— Sorte que era você que estava comigo, e não aquele molengão do Bola nem o Mike retardado. Obrigado. Sério mesmo. Obrigado.

— Por Deus, Jack... — murmurei, os lábios querendo tremer.

Ele me olhou. Inclinou a cabeça, como se tentasse (e pudesse) ler meus pensamentos.

— OK, Andy... — continuou, voltando a olhar para Arnold. — Eu sei que você deve estar se perguntando... por que eu fiz isso...

Me olhava sério e cheio de maldade. Seu peito se inflou, ele fez uma careta, e eu ouvi um escarro, e me revoltei quando o vi virar-se para Arnold e cuspir no rosto dele.

A saliva visguenta atingiu-lhe a cara e escorreu pela bochecha.

— Jack! — gritei, pasmo, e ele riu. *Gargalhou*.

— Pois é, Arnold, finalmente você está morto, seu safado de uma figa! Seu miserável! — gritou ele, como se o outro ainda pudesse ouvir, e eu me encolhi com o rancor que havia em sua voz.

— Jack... — balbuciei assustado, mas ele continuava a xingar o corpo caído na cova. Gotas de saliva respingavam de sua boca. O punhal permanecia meio fora/meio dentro da bainha.

Eu ficara completamente estacado no chão. Meu peito estava gelado de medo, e ao vê-lo cuspir e xingar Arnold, meu pavor voltou. Porém, alguma coisa dentro de mim “coçava”, instigava, como um prurido no céu da boca: eu precisava saber por que ele matou Arnold.

— Jack!

— ... filho da puta!

— Jack, me ouve!

— Agora você se deu mal, não é, seu desgraçado?!

— Jack, por quê?!

— POR QUE, ANDY?! — ele berrou, e eu, que já estava encolhido, quase sumi diante de todo aquele ódio. — Você quer mesmo saber *por quê*? Não prefere ficar com essa imagem de herói, de galanteador, de “bom amigo” que você tem do Arnold? Tem certeza? Vai ser melhor assim, Andy, tenha certeza disso!

Havia sarcasmo em sua voz. Tentava me convencer de que matara Arnold porque estava mesmo louco, mas não, eu não era tão idiota assim. De um momento para outro, Jack passou a odiar Arnold. Havia sim um motivo para todo aquele ódio, e eu precisava saber.

— Não, Jack — falei, tentando parecer calmo. — Eu quero saber. Não quero acreditar que foi por pura maldade sua. Não quero. Eu quero saber o motivo. E eu não me importo agora... com o que o Arnold era, ou o que *poderia* ser. Porque, sim, ele poderia ser *muito* mais do que ele já era. Muito mais do que nós dois podemos ser um dia. Não é? Você sabe que é... mas agora, qual a importância disso? Ele tá morto. Acabou.

Ele me olhou com a boca apertada. Lentamente sua respiração desacelerou. Seus braços relaxaram e a pressão da mão no punhal diminuiu. Seu rosto mudou, e seu olhar se perdeu na escuridão do galpão.

— Há um motivo, não há, Jack? — perguntei. Estava à beira de um choro. Talvez eu sentisse o que estava prestes a descobrir, e talvez tivesse sido melhor que eu não soubesse o motivo do assassinato. Mas daquele ponto não havia volta. Arnold estava morto, Jack tivera atitude quanto a consolidar esse fato, não havia dúvidas, e eu fora o único que vira tudo (pensava eu) e o único que saberia o motivo. Era o que estava *faltando*, entende? Você não vai se contentar com um simples “Eu o matei sim, e daí?”. Eu queria o porquê. E havia um porquê.

— Andy, eu... — falou, desanimado, mas viu que não havia mais o que esconder. Não havia por que esconder.

Esperei, e então ele continuou:

— Andy... um mês atrás, o Arnold... ele... meu Deus, eu... — parou e respirou fundo de novo. Então concluiu, e naquela hora eu soube tudo o que acontecera de verdade, eu *lembrei* do que acontecera, e lamentei muito e chorei por dentro pelos dois. — Andy, um mês atrás... o Arnold drogou a Mary... e estuprou ela.

Não houve silêncio na hora, porque a chuva lá fora ainda caía, mas nós dois nos calamos; Jack, porque, para ele, tudo havia realmente acontecido, e aquilo era terrível. Eu, porque sabia a verdade.

Ele suspirou, e eu vi uma lágrima escorrer silenciosamente de seu rosto.

— Foi... mês passado, Andy — repetiu, como se eu não tivesse entendido. — Ela me contou.

Eu baixei a cabeça, e pensamentos e lembranças vinham e iam como *flashes* repentinos.

— Ela... ela demorou pra me contar — continuou, a voz baixa e embargada. — Só fiquei sabendo há duas semanas... ela... ela falou que foi naquele dia que eu me desencontrei dela e...

“Ah, sim, eu lembro daquele dia, mas minha cabeça está ficando confusa.”

—... e ela foi lá me esperar na casa dele... vocês iam lá também... mas antes que vocês chegassem... você, Bola, Mike... ele deu umas drogas pra ela... disfarçado na bebida e...

“Sim, eu lembro, Jack, das drogas, das bebidas...”

— E então ela disse que dormiu... e depois quando acordou... oh meu Deus, acordou *sangrando*, Andy, você me entende? Sangrando lá, Andy...

“Sangrando? Mas...”

— Você entende que isso é *imperdoável*? — perguntou, e sua voz levantava o tom lentamente. — Entende que um estuprador *desgraçado* como ele, que tem a coragem de drogar uma mulher... a namorada do *amigo*... e abusar dela não pode ficar vivo? Entende agora, Andy?!

“Mas Jack, há algo errado...”

— Foi por isso que eu matei ele, Andy, e eu faria isso mais umas milhões de vezes se fosse necessário...

“Há algo errado nisso, Jack...”

—... porque eu não posso deixar vivo um merda de um cara assim! Um cara desses tem que ser torturado até morrer!

“Não Jack, tá errado!”

— Mas você apareceu, Andy... você *tinha que aparecer!*

“Eu me lembro daquele dia...”

— E eu não pude fazer tudo o que eu queria!

“Foi na casa do Arnold sim...”

— Eu ia cortar ele em pedaços, começando pela droga do pau dele, e eu ia fazer ele *comer!*

“... mas...”

— E eu ia cortar e furar ele até ele implorar pela vida dele...

“... o que realmente aconteceu...”

— E depois eu ia queimar ele vivo!

“... Jack, o que você...”

— Porque é isso que um estuprador filho da puta como ele merece...

“Jack, o que você fez?”

— Satisfeito Andy, em saber que seu herói era na verdade um grande filho da puta?!

“Jack, você cometeu um terrível engano!”

Lógico que eu me lembrava daquele dia, mais ou menos um mês antes. As lembranças eram pálidas como são todas as lembranças estranhas, mas eu lembrava. Era um sábado, eu acho. Combinamos todos, eu, Mike, Bola, Jack e Mary, de irmos à casa do Arnold para nos divertirmos um pouco, aquela coisa de sempre, bebidas, rock, drogas para eles e depois dar risadas com os gemidos de Jack e Mary no andar de cima. Aliás, a casa de Arnold era bem grande. Seus pais, os Blates, eram corretores de imóveis, e formavam um “clã” de corretores que praticamente urbanizou Ben Eagle. E por sinal ganhavam bem. Viviam num bairro nobre de Ben Eagle, tinham piscina, uma garagem enorme (onde eu pretendia colocar minha futura banda um dia), vários quartos e, na maioria das vezes, os pais de Arnold não estavam lá. Ou seja, a casa era inteira nossa.

Apesar da abastada família que Arnold tinha (que incluía, além dos pais, duas irmãs mais novas), ele não seguia o estilo empreendedor dos pais. Já recebera propostas e recomendações deles para trabalhar na mesma área, mas Arnold preferia seu serviço de mecânico na oficina do velho rabugento Kurt Stewart, onde “ganhava pouco, mas se divertia”, segundo ele. Arnold era meio idealista. Queria uma vida simples, trabalhar com o que gostava e gastar o dinheiro com bebidas e discos e o que desse na telha. Mais cedo ou mais tarde, porém, não haveria escolha a não ser seguir seus pais. Sua forma de ganhar dinheiro já não daria mais conta da vida que estava levando, recheada de drogas e gastos desnecessários com putas.

E naquele dia, como em muitos outros, a casa estava vazia e era só nossa. Arnold nos disse para chegarmos às 13h00min, mas, para poder sair do tormento que era a minha casa quando meus pais estavam lá, eu saí mais cedo e cheguei lá 12h30min.

Como de costume, entrei sem avisar. Arnold não tinha cachorros, nem seguranças. Passei pelo quintal, pela piscina, e vi as bicicletas de Bola e Mike

estacionadas perto da entrada.

“Que beleza!”, pensei, “Já chegaram também!”

Entrei na casa; não havia ninguém na sala de estar. Chamei por eles, mas ninguém respondeu. Então notei um ruído e fiz silêncio para ouvir. Uma cama estalava no andar de cima. Depois veio um gemido leve... de mulher, e logo concluí que eram Mary e Jack no quarto de hóspedes, como sempre faziam.

Quando estava sozinho com Bola, ele chamava a casa de Arnold de “Blates Motel”.

“Começaram cedo hoje!”, pensei sorrindo, e como seria de impulso de muitos jovens e não exclusivamente meu, subi as escadas para os quartos, para tentar... ver alguma coisa.

Na verdade, eu era *fascinado* por Mary. Aquele rosto jovem repleto de falsa inocência, os lábios finos brilhantes, os olhos claros como um céu límpido, o pescoço sedoso e convidativo, os seios redondos e firmes, os mamilos rosados, a barriga lisa e branca...

Porra, quando eu pensava em Mary eu ficava de pau duro! Era isso. E quem não ficava? A maldita andava com *shorts* curtíssimos e com camisetas sem nada por baixo! Qual garoto de quatorze anos não enlouqueceria com aquilo? Lógico que Bola e Mike deviam sentir o mesmo. Sempre conversávamos sobre ela, apenas quando nós três estávamos sozinhos, e das vezes que víamos Jack fodê-la. Inclusive, uma vez, Bola nos contou que um dia ela percebeu que ele a observava pela fresta da porta, e quando notou isso, sorriu e meteu com Jack mais rápido ainda, sem parar de olhá-lo pela fresta da porta. Bola deve ter se masturbado uma semana inteira pensando naquilo.

Nunca falávamos nada disso para Arnold, e obviamente, muito menos para Jack. Ele tinha um ciúme assustador dela. Chegou uma vez a espancar um *nerd* da escola, Michael Spencer, por ele ter olhado para ela. Só por ter olhado! Eu não duvido que ela tenha sorrido para ele como sorriu para o Bola naquele dia que ela o viu espiando. Aquele sorriso safado que ela tinha, muitas vezes acompanhado de uma piscadela e uma leve beliscada no bico do seio por cima da roupa.

Mary era nossa vadia platônica.

E naquele dia, na casa de Arnold, eu de novo fui possuído pela vontade, pelo desejo de vê-la nua, nem que fosse por dois segundos, o tempo necessário para eu ficar ereto numa situação daquela. A visão esplêndida de seu corpo nu e seu rosto em êxtase. Depois, quando eu chegasse em casa, bastaria alguns segundos de olhos fechados (e de *portas fechadas* também) e... bom, vocês sabem. Então, segui os ruídos, os sussurros de seu prazer. Subi a escada e virei à esquerda, e tive duas surpresas: primeiro, o som vinha do quarto dos pais de

Arnold, e ele *nunca* permitia que alguém fosse lá e transasse na cama dos velhos; e segundo, agachados diante da porta dupla, quase fechada não fosse por uma fina fresta, eu vi ninguém mais, ninguém menos que Mike pogo-pogo e John, o Bola.

Observavam o interior do quarto, e antes que eu pronunciasse qualquer palavra relacionada ao fato de estarem se divertindo sem mim, ou emitisse qualquer som de riso, Bola me viu e gesticulou para que eu nem me mexesse. Seus olhos estavam arregalados. Mas eu não me contive e continuei me aproximando. Mike virou-se para mim num desespero silencioso e sinalizou com o dedo para que eu não falasse, e seus olhos me disseram que havia algo meio sério acontecendo.

Me aproximei e agachei, sem qualquer ideia do que estaria deixando aqueles caras daquele jeito nervoso (Jack *sabia* que vez ou outra o víamos transando com Mary, mas seu ego se sobrepunha ao ciúme nessas horas), e antes que eu olhasse pela fresta da porta eu já sabia que Mary estava lá. Eu reconheceria seu gemido em qualquer lugar da face da Terra, o gemido que habitou meus sonhos até aquele dia e meus pesadelos depois *disso*. Era aquele gemido que parecia inocente, de dor, mas que escondia (ou fingia esconder) toda a sua perversão.

Mas o outro gemido... o da pessoa que estava com ela... definitivamente, não era o de Jack. Eu também reconheceria seu gemido, mesmo sem querer.

Não contive a curiosidade, e mesmo com os avisos que, silenciosamente, meus amigos me davam, eu olhei pela fresta da porta, e uma mistura de tesão, desespero e medo tomou conta de mim.

Sim, era mesmo Mary quem estava lá, completamente nua, os mamilos apontando quase para cima, os quadris girando, ensandecida; mas era em Arnold que ela cavalgava como uma louca, de costas para ele, e seus rostos mesclavam efeitos de álcool e gozo.

Tentei me conter, e para isso levei meu punho até a boca e o mordi. Enquanto isso, meu pau cada vez mais endurecia, pressionando a cueca, e eu não queria acreditar no que via.

“É a Mary... e o *Arnold*! Eles... merda, eles estão *trepando*!”

— Se o Jack souber disso... — sibilou Bola, mas Mike rapidamente tapou sua boca, e nós ficamos a contemplar o sexo dos dois, selvagem e insano como duas forças da natureza se encontrando. Ela deitou-se na cama e arreganhou as pernas, e Arnold a possuiu como um animal, como um monstro. Ele urrava e ela *ria*, enquanto seus gemidos subiam num crescendo extasiado.

Depois de uns cinco minutos, Mike saiu com o que parecia preocupação

no rosto, e foi lá pra baixo, com certeza pro banheiro bater uma, e não voltou; e antes que Arnold e Mary terminassem, Bola também saiu, os olhos arregalados, e com certeza faria o mesmo que Mike; eu fiquei lá, só, sem conseguir me mexer, em parte fascinado, em parte chocado, enquanto Mary ficava de quatro e Arnold a dominava por trás e a chamava de vagabunda, e quando gozaram, num uníssono gemido e arrebatado, eu pude ouvi-los comentarem que deviam se arrumar logo, pois os meninos chegariam a qualquer momento. *Jack* chegaria a qualquer momento.

Eu corri para o quintal. Bola e Mike estavam lá, e antes que os dois descessem ou Jack chegasse, prometemos um para o outro que jamais, *jamais* falaríamos sobre o que vimos, principalmente para Jack.

E quando ele chegou, Mary já o esperava no quintal (nem um pouco surpresa em nos ver lá embaixo, aparentemente acreditando que tínhamos acabado de chegar); ela o fez cair na conversa de que haviam se desencontrado e ela resolvera ir direto para lá, para a casa do Arnold, esperá-lo. E quando eles subiram para os quartos, Jack fingindo estar bravo e dizendo que iria fazê-la pagar por tê-lo deixado esperando no ponto de ônibus, e Mary fingindo estar arrependida e dizendo que nunca mais faria passá-lo por isso e “*não me castigue, por favor!*”, eu concluí que Mary realmente era uma grande vadia; e Arnold... bem, Arnold seria um homem morto se Jack descobrisse que ele comeu sua namorada.

E que ela gostou.

Jack continuava gritando para mim e para o corpo.

A lembrança daquele dia veio rápida e avassaladora. Era óbvio: Mary mentira para Jack, e este cometeu a loucura de matar Arnold. Suas lágrimas diante do “túmulo” exprimiam sua parcela de culpa e remorso pelo que tinha feito, mas em sua cabeça a consumação da vingança pelo “estupro” de Mary era mais importante. Por isso, agora ele desabafava todo o seu ódio.

— Entende agora, Andy?! — gritava para mim, o rosto estampado de ódio e a tentativa de se justificar pelo que havia feito. — Entende? Arnold não podia ficar vivo depois do que tinha feito!

Eu já não estava mais suportando aquilo. Jack tinha sua versão, mas não era a verdadeira. Tudo bem, Arnold tinha a sua culpa. Mas... ele não havia “estuprado” Mary! Aquela vagabunda! Ela deu para ele por vontade própria (e gozou mesmo, diga-se de passagem), e ainda disse para Jack que foi violentada!

Enganou ele e fez com que matasse Arnold! No fim das contas, a culpada pela morte de Arnold era ela! Ela arquitetou aquilo! Como pôde? Como?

A resposta veio rápida na minha cabeça, e de tão insignificante e fútil que era, me fez estremecer: provavelmente, Arnold a desprezara. Depois daquela tarde. Depois de já ter comido ela. Ele só falava da Ana. Queria a Ana, e não mais a Mary. Ele a dispensou e ela não gostou nem um pouco daquilo.

Jack não podia continuar pensando daquela forma! Não podia continuar sendo enganado!

— Jack! — falei, e ele me encarou. — Você acha mesmo... acha mesmo que...

— *Cala a boca Andy!* — berrou. — Você tá querendo defender o Arnold agora? Defender um estuprador? Você enlouqueceu?

— Não, Jack — falei, impassível, e alguma coisa no meu tom de voz fez com que ele se calasse. — *Você enlouqueceu. Enlouqueceu de tanto ódio. Enlouqueceu de tanto ser enganado...*

Ele inclinou a cabeça de novo.

— Do que você tá falando, Andy? — Me olhou nos olhos, e sua voz era ameaçadora.

— Jack... você... — Eu não sabia como começar. Primeiro, porque, meu Deus, vou dizer que era um assunto *delicado*? Merda, era mais delicado que um boneco de cera num forno de padaria. E segundo, eu estava com medo. Jack ainda segurava o punhal na mão direita. O que ele faria se descobrisse a verdade?

— O que foi, Andy? — respirou fundo. — Essa sua cara... Andy, eu odeio quando você faz essa cara!

— Jack, eu... eu não queria falar isso pra você... eu não deveria. Cara, eu tinha até prometido que não...

— Andy, seu grande filho da puta de merda, o que você tá querendo dizer...

— Jack, eu... você... você cometeu um grande erro. Não devia ter matado o Arnold... — falei, quase em choro.

Ele berrou, e saliva voava de sua boca.

— Andy, seu desgraçado, o que você quer dizer com isso?!

— Jack, você... — Eu ia dizer “Jack, você matou a pessoa errada”, mas acho que teria sido pior. — Você cometeu um erro. Arnold não estuprou Mary.

— Como *não*, Andy?! *Como não*?! Como pode dizer isso?! Ela quem me contou! Ela quem... — Então parou, e eu pensei que havia entendido. Mas não. Seu “amor” pela Mary o havia cegado. — Você tá estranho, Andy. O que foi? Parece que... tá escondendo *algo mais* de mim.

E então, certo, disse:

— Você viu, não é Andy? Você viu!

Não falei nada. Baixei a cabeça e congelei de medo.

— Você deve ter visto algo, não é Andy? Você *sempre* vê. Pra dizer que eu não devia ter matado aquele merda do Arnold, só pode ter sido isso! Você viu, não é Andy? Viu, não foi?

— Jack... — falei, mas de novo ele me interrompeu.

— *Você viu, seu bosta!* O que foi? Não foi o Arnold, é isso? Não foi ele? Quem foi então? — falava, os olhos arregalados. Estava louco. — Foi o Bola, Andy? Ou foi o Mike, aquele magrelo miserável? Ou... foi você, Andy? Foi você? Você quem abusou dela?

Deu um passo na minha direção, o punhal firme na mão, e acho que isso despertou uma centelha da minha vontade de viver. E para isso, ele devia saber a verdade.

— Cala a boca, Jack! — gritei, e ele parou. — Seu grande... *idiota!* Não tem nada a ver com isso! Não foi o Bola, nem o Mike, nem eu, porra! Nem foi *estupro*, porra! Ela que deu pro Arnold, seu grande idiota estúpido! Ela deu pra ele com vontade e porque quis! Eles meteram sim, seu otário, e ela te enganou o tempo inteiro! Não foi estupro! Foi sexo, ela quis, ele também, e eu vi, porra! Eu *vi tudo*, caralho, vi tudo! ELA FEZ PORQUE ELA QUIS!!! AQUELA VAGABUNDA DEU PRA ELE EM CIMA DO SEU NARIZ E TE ENGANOU! E VOCÊ AINDA FEZ ESSA MERDA! QUE MERDA, JACK! QUE MERDA! ELA FEZ VOCÊ MATAR SEU MELHOR AMIGO!

Caí no choro.

— Ela te enganou, Jack. Fez você matar seu melhor amigo. Te enganou o tempo inteiro.

As lágrimas escorriam e eu não sabia por quê.

Não eram por Mary (caralho, desde que eu a vi com Arnold, passei a ter nojo dela), nem por Arnold (estava morto, não havia mais volta, e, querendo ou não, tinha culpa no cartório), e nem por Jack (fora enganado, mas havia cometido aquela loucura porque, no fundo, era mau). Acho que eu chorava por mim. Eu estava no meio daquele turbilhão caótico e aquilo me enlouquecia.

— Era mentira dela, Jack! — falei, chorando. — Ela não foi estuprada. Ela te traiu!

O rosto de Jack congelou. Seus olhos pararam arregalados, e ele fitava

inconscientemente o escuro atrás de mim. Tentei imaginar de todas as formas o que poderia estar se passando dentro daquela cabeça, mas só conseguia pensar em confusão e vazio. Ele fechou os olhos e tremeu, e sua mão abriu; o punhal caiu e sua lâmina entrou no chão molhado.

Caiu de joelhos e levou as mãos até os olhos. Cobriu-os e chorou baixinho.

Parei de chorar e comecei a observá-lo. Naquele momento soube que Jack sentia toda a dor, todo o remorso e toda a culpa que existia no mundo. Suas costas pesavam. Naquele momento, tudo se resolveu em sua mente. Entendeu que estava namorando uma mentirosa psicopata desde o começo. Entendeu que, provavelmente, aquela com certeza não fora a única vez em que tinha sido traído. Entendeu que matara Arnold envenenado pela maldade de Mary (ou seria pela *sua* maldade? Sempre quis matar, olha aí Jack, como é, como se sente agora?). Entendeu que iria para a cadeia e sofreria lá durante um bom tempo. Provavelmente durante o resto da vida. Entendeu também que aquilo teria volta, e que se não caísse na cadeia, pegaria aquele punhal e o enfiaria inteiro naquela vadia chamada Mary.

Entendeu tudo errado.

Começou a berrar, e no mesmo instante me preparei para tudo.

Seus gritos ecoavam pelo vazio do galpão, e se a polícia não tivesse chegado minutos depois, muitos dos vizinhos das redondezas pensariam que aquele grito seria do fantasma de Charles Neilhouse. A chuva dava fundo para sua loucura, e enquanto ele gritava e puxava os cabelos, eu não tirava os olhos do punhal cravado no chão.

— MARY!!! — gritou para o galpão, e eu me arrepiei inteiro. — POR QUÊ?! POR QUE VOCÊ FEZ ISSO COMIGO?!

— Jack... — Tentei consolá-lo, mas estava um pouco longe (e nada me faria chegar mais perto) e ele não me ouviu. Mais um trovão ecoou lá fora, e a chuva desabava cada vez mais.

— POR QUÊ? POR QUE VOCÊS FIZERAM ISSO? POR QUÊ? — gritava, e cada vez mais eu temia suas reações. — Eu te amava tanto, Mary. Tanto... — dessa vez, sem gritar. Fechou os olhos e baixou a cabeça, as mãos no peito. Levou a cabeça quase até o chão, a chuva caindo em suas costas.

Então sua voz se fez ouvir mesmo baixa. Era aquele som gutural de quando disse que tínhamos que sumir com o corpo de Arnold, e de novo eu estremeci, e quando ele falou, me perguntei como não havia imaginado que ele realmente entenderia tudo errado. Estava cego. Cego pela loucura, pelo amor e pelo ódio.

— Você... — sibilou. — Andy... seu filho da puta. Por que não me

contou? Por quê? POR QUÊ?!

Falar que havia prometido não adiantaria. Além de cego, estava surdo também.

— *Você era meu amigo!* Sabia de tudo, desde o começo, e preferiu esconder de mim?! — Sua respiração voltou a ficar pesada, e ele apoiou o pé direito no chão. Iria levantar. — Sabia de tudo e preferiu defender aquela VAGABUNDA e aquele FILHO DA PUTA? Andy, eu vou arrancar sua cabeça e enfiá-la no seu cu.

Nossos olhares se encontraram e foram até o punhal, fincado no chão, bem perto dele. Sua mão direita se enrijeceu e eu me preparei para morrer.

— E quando eu fizer isso, vou até o Bola fazer o mesmo. E depois eu vou matar aquele filho da puta do Mike. E depois vai ser a Mary... e vocês vão se arrepender de terem me enganado.

Os olhos de Jack eram o próprio fogo do inferno. Ele estendeu a mão até o punhal.

Corri e me joguei sobre ele, não sei com qual coragem. Minhas mãos agarraram seus ombros e ele caiu antes que o punhal estivesse entre seus dedos. A chuva caiu em seus olhos, e ele tateou o chão cegamente. Respingos de lama marcavam seu rosto quadrado cheio de pelos encravados e seus dentes, que arreganhados pareciam rugir para mim. Pegou no meu pescoço, as mãos frias e molhadas, e o apertou, e eu perdi a respiração. Senti a cabeça rodopiar sem sair do lugar, além do ardor na garganta, como se eu estivesse engolindo ferro derretido. Apertei sua mão com as unhas para que ele me largasse. Nem o feriu. Ele jogou seu corpo e me derrubou. Em um segundo estava sobre mim.

Apertou mais meu pescoço, e quando minha vista escureceu e eu achei que ia morrer, ele me socou duas vezes no rosto. A explosão de dor foi terrível, e eu senti o sangue descer goela abaixo. Então senti algo duro na mão. Era uma pedra no chão, uma pedra *providencial*, e eu a peguei. Acertei Jack na orelha com toda a força que eu tinha. No mesmo momento ele largou meu pescoço. Acertei-o de novo, na têmpora, e vi gotículas de sangue brotarem no seu rosto. Porém, mesmo tonto, Jack pegou minha mão e a segurou no chão.

Olhei para a minha direita. A chuva caía sobre o cabo branco do punhal. Lancei minha mão até ele, mas tomei mais dois socos no rosto. O sangue espirrou do meu nariz. Tentei socá-lo desesperadamente, mas ele havia me dominado de novo. Segurou meus punhos e conseguiu acertar minhas bolas com o joelho. Senti a bexiga afrouxar e minha perna fiseou como se fincada por um gancho de carne. Encolhi-me sobre meu próprio corpo, minha coluna curvando-se como um arco. A dor era enorme, excruciante, terrível, e na minha cabeça algo gritava: “Mantenha-se vivo! Mantenha-se vivo!”, mas eu me sentia inútil

com toda aquela dor se espalhando do saco para meu corpo inteiro como uma gota de tinta num papel absorvente.

Jack largou meu pulso direito e lançou a mão até o punhal. Mesmo com a maior dor do mundo, aquela coisa gritou na minha cabeça e eu também me joguei, e nossas mãos se encontraram.

Puxamos o punhal ao mesmo tempo. Com a outra mão dei um soco em Jack, embaixo do maxilar, e ouvi o som dos dentes se chocando. Aquilo me motivou, me renovou. Quis dar outros como aquele, mas de novo ele se jogou sobre mim. Segurava parte do cabo do punhal. Forçava-o em minha direção, mas eu consegui segurar a outra metade do cabo. A lâmina parecia reluzir no meio daquelas sombras. Com a outra mão, segurei seu pulso. A faca brilhava a poucos centímetros de meu peito, e a dor no meu saco estava quase me obrigando a ampará-lo com as mãos.

De novo ele me socou, na testa, e conseguiu puxar o punhal. Levou rapidamente a lâmina até o alto, gritou e juntou toda a sua força, mas antes que seu braço descesse, me lancei sobre seu peito e o acertei no estômago com toda a força que me restava. Sua respiração travou, seus olhos se estufaram e ele bufou. Eu o derrubei e tentei tomar o punhal de sua mão, mas foi inútil: ele a puxou para baixo e de novo sua lâmina apontava para meu peito. Chegou tão perto que sua ponta me furou como uma agulha e eu gemi de dor. Estávamos de novo nos inclinando, e Jack estaria novamente sobre mim. Eu não podia deixar, *não podia*. Se ele virasse de novo, seria o fim. Meu saco doía em beliscões ritmados. Ele forçou novamente o corpo, fincando o pé no chão e dobrando os joelhos. Ele virou-se sobre mim, mas o chão molhado o traiu. Seu pé escorregou e seu peito colou-se no meu. Senti seu hálito quente no meu rosto. Ele grunhia. Seus olhos fitavam os meus com uma cólera infernal. Então senti algo quente escorrer em minhas mãos. Jack arfou e seus olhos se arregalaram. Sangue saiu de sua boca e pingou no meu rosto.

O punhal havia entrado quase inteiro em sua barriga.

— Andy... — balbuciou com ódio. Lançou a mão sobre meu cabelo e o agarrou.

Com uma mão agarrei seu pescoço e ergui seu rosto para longe de mim. Com a outra, envolvi o cabo do punhal, arranquei-o de seu abdome, um som úmido acompanhando o movimento, e o enfiei mais uma vez em Jack. Ele gemeu com força, apertando os olhos. Finquei uma terceira vez, e ele abriu os olhos e a boca, surpreso, espantado, pasmo, como se não tolerasse que era o “pequeno Andy” que o matava com seu próprio punhal. Furei-o mais uma vez, só para garantir que eu não seria vítima daquela insanidade. Ele gorgolejou, como se engasgasse, e seus olhos se arregalaram mais ainda. Seu corpo

amoleceu e ele caiu sobre mim, o sangue quente escorrendo de sua boca para meu rosto e de sua barriga para minha mão.

Fiquei cerca de trinta segundos ali, parado, com Jack morrendo sobre mim, sem me mexer.

Senti-o esfriar lentamente.

Depois, joguei seu corpo para o lado, forçosamente, e arranquei o punhal de sua barriga. Ainda com a bunda no chão, empurrei-o com os pés até a beira da cova e o joguei lá dentro. Jack caiu sobre Arnold, de frente; seu rosto colou-se no peito imóvel do amigo também morto. O sangue ainda escorria de sua boca quando joguei o punhal na cova, a chuva a cair cada vez mais forte.

Abraçados. Jack e Arnold jaziam abraçados no fundo da cova, e em silêncio eu me arrastei até a parede de madeira do galpão, encostei e me agachei lentamente. Fiquei no chão, a cabeça entre os joelhos. A chuva entrava pela janela quebrada e me molhava; as lágrimas escorriam entre soluços pelo meu rosto.

Sentei, chorei e torci para que alguém aparecesse logo.

Não precisei esperar muito. Meia hora depois o galpão foi invadido pela polícia. Não me movi. Eu me sentia entorpecido. Não me perguntei *como* eles foram parar lá. A obviedade de que alguém vira nossos últimos movimentos não passou pela minha cabeça. A polícia simplesmente apareceu. O galpão estava escuro, e os policiais só me viram quando ligaram as lanternas. Minha cabeça parecia prestes a explodir. Meu corpo inteiro doía e minhas mãos ainda tremiam pelo que eu havia feito.

Eles não foram rudes. Me ajudaram a ficar de pé, e uma policial muito gentil veio cuidar de mim. Os outros policiais se reuniram ao redor da cova, e em poucos minutos já havia muitos deles pelo galpão. Um deles veio até mim e me fez perguntas das quais não me lembro. Uma ambulância chegou pouco tempo depois, toda suja de lama nas laterais. Uma enfermeira ou paramédica, acompanhada pela policial, me conduziu até fora do galpão.

Lá fora a chuva já cessara, mas ainda havia nuvens no céu. A claridade machucou minhas vistas, e eu apertei os olhos. Quando os abri vi que havia pelo menos três viaturas do lado de fora, além de diversos desconhecidos curiosos, moradores das redondezas que provavelmente viram a movimentação da polícia naquela direção, apesar de eu acreditar que o que de fato os levara para lá foi o “grito de horror do fantasma de Charles Neilhouse”. Durante alguns segundos

meus olhos se encontraram com dois pontos de um azul cristalino, os olhos de uma senhora que, vestida com um casaco velho, uma saia longa comprida e os pés enfiados em um par de botas, me encarava com pena. Entrei na ambulância e minutos depois estava no hospital, meus pais nervosos do meu lado na cama, enquanto aquele mesmo policial que me interrogara no galpão fazia mais perguntas.

Pediu que eu contasse tudo o que havia acontecido.

E o que eu contei:

Disse que estávamos indo para a casa de um dos nossos amigos (até aí a mais pura verdade), quando algumas garotas (aí começa a mentira), cinco no total, passaram por nós de carro e nos convidaram para nos encontrarmos no galpão para nos divertirmos um pouquinho. Chegamos lá e, lógico, não havia ninguém nos esperando. Então, Jack e Arnold se desentenderam, começaram a brigar e, bem... um matou o outro, como foram encontrados.

Ele me questionou quanto ao buraco (que ele chamava de *cova*, palavra que eu evitei), e eu disse que ele já estava lá quando chegamos. Ele me perguntou por que eu estava ferido, e eu disse que havia tentado separar a briga e eles me bateram. Ele perguntou por que eu não havia procurado ajuda, e eu disse que fiquei chocado e depois desmaiei. Forcei uma lágrima (o que naquele ponto não era tão difícil) e meu pai interveio. Pediu ao policial que me procurasse depois que eu me recuperasse do choque.

Meus pais não me questionaram quando cheguei em casa. Me trataram as feridas, me deram banho, me alimentaram. Me observavam com os olhos repleto de uma pena odiosa, mas não reclamei. Na verdade, as coisas correram tão rápido que sequer percebi que estava em casa. Finalmente em casa. Deitado na cama no escuro, e imaginava que Jack surgiria daquelas trevas com o punhal na mão, mas isso não acontecia, e eu dormia. Foi assim durante uma semana.

Então, novamente o policial me procurou. Não fez muitas perguntas dessa vez. Parecia claro para ele: mulheres, drogas, desafeto, briga, mortes. Conversou comigo, meu pai e minha mãe. Disse que nenhuma impressão digital fora encontrada. A chuva havia lavado tudo. Parecia óbvio que haviam se matado. Lutaram, Arnold esfaqueou Jack, mas antes de morrer ele conseguiu empurrar Arnold, que caiu no buraco e quebrou a coluna e o crânio (uma coisa que pareceria estranha até para mim, mas eu rezei para que eles acreditassem). Jack, morrendo, caiu sobre ele. E lá eles ficaram. Eu não havia feito nada, nem contra, nem a favor.

Ainda assim, naquele dia, quando o policial ajeitou o chapéu na cabeça, sob o umbral da porta, preparando-se para ir embora, eu senti seus olhos sobre mim, deitado no sofá, e aqueles dois buracos negros que se estreitavam quando

ele sorria de leve me diziam apenas uma coisa:

“Eu sei que foi você.”

Duas semanas depois a polícia já não vinha em casa. Jack e Arnold foram enterrados. Devidamente enterrados. Eu não fui me despedir. Bola e Mike vieram somente uma vez em casa. Prevaleceu o silêncio, e à medida que o tempo passava, nos víamos cada vez menos, até o dia em que definitivamente não nos falamos mais. Eles sabiam, no final das contas. De certa forma, puderam *ver* como ocorreu, olhando bem dentro dos meus olhos.

Meus pais me mudaram de colégio, e mesmo assim fui espancado duas vezes na rua, uma vez por amigos de Arnold, outra por amigos de Jack; amigos que eu nunca tinha visto antes. Ambos me acusavam de não ter impedido que se matassem. Nas duas vezes apanhei calado. Nem tentei me defender. Apenas me encolhia no chão, protegendo meus testículos, enquanto eles me chutavam sem pena alguma. Meu pai quis colocá-los na cadeia, mas pedi que não fizesse isso. Que ignorasse, assim como eu fazia.

Um mês se passou. Minha irmã chegou da escola certa tarde e me contou que Mary havia morrido. Overdose. Correram boatos de que havia sido estuprada também, mas nunca soube se foi verdade. Não demonstrei nenhum sentimento quanto a isso.

Três meses se passaram. O assunto foi esquecido. Menos, é lógico, pelas famílias dos mortos. E por mim.

Seis meses. Um ano. Dois anos. Quatro anos. Dez anos.

Dezenove anos.

O tempo passou, e até esse momento eu guardei só para mim toda a verdade.

Até esse momento...

Vocês devem estar se perguntando, espero que *sim*, por que guardei um segredo tão terrível como esse e abri mão dele agora, depois de tanto tempo.

Na verdade, tudo pareceu perfeito. Jack matou Arnold, eu matei Jack, mas ninguém descobriu. Então, a verdade se tornou “Jack matou Arnold, Arnold matou Jack”. A chuva lavou as impressões digitais das pás e do punhal, e apagou as marcas da minha luta com Jack e nossas pegadas, desde a estrada de terra até dentro do galpão. A chuva levou o sangue para dentro da terra, levou o sangue de Arnold que estava na rua para dentro do bueiro, juntamente com o sangue que escorreu da ferida do bêbado, do qual nunca tive notícia.

Lógico, havia inconsistências. *Diversas* inconsistências: primeiro, a “cova”. Não havia como provar à polícia de que ela já estava lá. Mas o contrário também era verdadeiro. Então, fiz com que não a enxergassem como uma cova. Me referia a ela sempre como “buraco”. Caberia a eles engolirem essa parte, e apesar de tudo, foi o que aconteceu. Segundo, os ossos quebrados de Arnold. A profundidade da cova não ultrapassava os dois metros. Uma queda daquela altura, num chão de terra molhada, dificilmente faria aquele estrago no corpo de alguém. Soube depois que sua coluna fora lesionada tão gravemente que seria impossível ele ter ficado em pé de novo (“*nada que dois amigos segurando pelas axilas não resolvam, não é Jack?*”). Nessa parte contei com a sorte, talvez com a impaciência do legista, e com a ajuda de uma pessoa que eu sequer conheci.

A Senhora Lucy.

Eu fiquei sabendo, no dia que o policial foi em casa, algumas semanas após o ocorrido, que houve uma *testemunha*, e na hora eu quase desmaiei. Não liguei de imediato a chegada da polícia à essa pessoa. Porém, fiquei sabendo que essa pessoa (o policial se referia a ela como “essa pessoa”) não chegou a ver nada (o que era mentira). O policial disse que ela viu três estranhos entrarem no galpão do falecido Neilhouse e que, com medo de ser assaltada, por morar nas redondezas, chamou a polícia. Depois, ela ouviu gritos de uma possível briga.

Os gritos nunca existiram (exceto aqueles de Jack, mas qualquer um saberia que aqueles não eram gritos de gente brigando). A testemunha não se identificou. Na inconsistência da forma como Arnold morreu, então, eu contei com essa pessoa que eu nunca vi, apesar de hoje eu saber quem ela era. Ela *viu* que foi Jack quem matou Arnold. Logo, se ela sabia que Arnold morreu primeiro, ela também sabia, mesmo sem ter visto, que *fui eu* quem matou Jack. Como a testemunha não se identificou, não houve outro depoimento senão o meu, e nenhuma outra versão senão a minha. E isso me garantiu a liberdade, pelo menos até hoje.

Quando Mary morreu eu me senti um pouco estranho. Parte de mim sequer reagiu. Era uma notícia como qualquer outra. Mas outra parte estava muito satisfeita. E há dias em que ainda me pergunto se ela foi mesmo estuprada ou se teve a merda da overdose enquanto trepava com algum cara. Nada me tira essa ideia da cabeça.

Minha amizade com Bola e Mike se dissolveu como uma nuvem de chuva diante do calor do Sol. Pouco a pouco eles se afastaram de mim. Como eu disse, provavelmente desconfiavam do que aconteceu, de como a história foi contada. Talvez lembrassem, toda vez que me viam, que Jack e Arnold estavam mortos, ou talvez até tivessem medo que levassem o mesmo fim. O fato é que eles se

distanciaram de mim sem ao menos se despedirem. Hoje, John, o Bola, é um bem-sucedido engenheiro civil em Ben Eagle. Pesa cento e oitenta quilos. Eu o vejo todo final de semana, quando volto da casa que tenho na praia: ele sempre leva seu corpo pesado para se bronzear quando pode. Não sei se ele também me vê. Mike, o careca, está preso por furto e receptação. Enquanto cumpre pena, faz um curso de reabilitação. Vai ser pastor de Igreja quando sair. E eu torço para que ele fique bem.

Quanto a mim, esperei a poeira baixar. Arrumei uma namorada aos dezessete e casei aos dezenove. Me mudei de Ben Eagle. Hoje tenho trinta e três anos, dois filhos, um menino e uma menina a quem amo muito, e ainda estou com a mulher com quem casei. Nenhum deles sabem dos fatos ocorridos naquele dia. Sou um homem feliz.

E apesar do que eu acabei de contar, vocês ainda devem se perguntar por que eu abri mão do meu segredo agora, depois de tantos anos e sofrimentos. E eu vos digo, meus prezados confidentes, que houve dois motivos básicos.

E o primeiro chama-se “Sra. Lucy”.

Há duas semanas, recebi uma carta datilografada de um remetente que eu não conhecia. A carta era enviada da cidade de Ben Eagle (e somente esse fato já me fez suar frio) por um homem chamado Clark Harrison, e cujo conteúdo eu transcrevo a seguir:

Caro Senhor Andy McKeller

Essa carta pode deixá-lo surpreso, e eu digo que também estou meio ressabiado em ter que escrevê-la. Sinceramente, não o conheço e creio que o senhor também não me conheça; não quero alarmá-lo, de forma alguma, então, vou logo ao ponto: estou escrevendo esta para cumprir um dos últimos pedidos de uma pessoa a quem amo muito, minha mãe, a Senhora Lucy Harrison.

Suponho que o senhor a conheça ou ela o conhecia (talvez um ex-aluno da época em que dava aulas em Ben Eagle?). Não sei. Como filho mais velho, me sinto na obrigação de resolver questões pendentes, por assim dizer, de uma mulher que na verdade nunca teve muitos problemas e que não teve do que reclamar até os últimos dias de sua vida.

Minha mãe faleceu há três semanas (a contar da data em que escrevo esta correspondência), e me sinto no dever de informá-lo que ela morreu dormindo, aos 104 anos de idade. Ela sempre foi uma mulher muito ativa. Não conseguia ficar sem fazer nada. Basta dizer que ela mantinha um diário no qual escrevia diariamente (soa redundante, eu sei), de forma quase religiosa.

Quando encontramos mamãe já falecida, deitada na cama, junto a ela havia um bilhete, no qual dizia que devíamos abrir seu diário caso a encontrássemos sem vida. Dentro dele havia diversas cartas, Sr. McKeller, endereçadas a diversas pessoas. E uma delas estava destinada ao senhor, Sr. McKeller. De novo, supondo que o senhor a conhecia, fiz questão de guardá-la comigo. Confesso que não tinha a intenção de enviá-la, mas, para a minha surpresa e de meus irmãos, nas cartas destinadas a nós, mamãe pedia “pelo amor de Deus” que enviássemos essa carta ao senhor. E isso estava escrito em todas as nossas cartas (no total somos doze filhos), em meio a despedidas e declarações de amor.

Resguardando o senhor destes detalhes, posso dizer que ainda relutei em enviá-la, mas, como era um pedido de minha mãe, aqui estou a cumpri-lo.

Anexo a esta está a carta que mamãe escreveu para o senhor. Ao que me parece, foi escrita no mesmo dia que as nossas. Quanto ao

seu conteúdo, não posso especular, pois cabe somente ao senhor abri-la e lê-la.

Atenciosamente, Clark Harrison.

Ps.: se o senhor se interessar em visitar Ben Eagle, podemos recebê-lo no endereço do envelope. Confio plenamente em minha mãe, e se ela deixou algo exclusivamente ao senhor, também estamos dispostos a recebê-lo e discutir o assunto. Se não quiser visitar-nos, de qualquer forma, deixo aqui o endereço do cemitério e o número de seu jazigo, caso queira se despedir:

Cemitério Municipal de Ben Eagle, quadra R, túmulo 127.
Rua Sam Worvis, nº 20, Hyacint Garden, Ben Eagle, NY.

No mesmo envelope, então, havia *outro* envelope, este sem selo postal, somente com algumas palavras:

Ao pequeno Andy

A letra caprichada, levemente inclinada para a direita, realmente parecia pertencer a uma professora, mas eu nunca imaginaria que uma senhora de cento e quatro anos conseguiria escrever daquela forma. E com *aquelas* palavras.

Abri a carta, e a caligrafia era belíssima, assim como no envelope.

Confesso que relutei em ler. O que poderia conter aquilo? Uma ameaça? Um depoimento destinado à polícia? Ou quem sabe a senhora Lucy fosse daquelas que gostam de joguinhos de detetive e a carta me obrigasse a, vamos dizer, mexer no meu passado?

Eu só saberia lendo. E eu li, e agora transcrevo também o seu conteúdo:

Pequeno Andy

Oh, meu querido desconhecido! Meu pobre jovem vítima do destino! Sei que não me conheces. Estive com você, mesmo ao longe. Acompanhei seu tormento e as coisas que foi obrigado a fazer, e eu sinto tanto, tanto por você, que sempre choro quando me lembro daquele dia chuvoso. Eu vi, pobre Andy, e como tive pena de você. Tinha um rosto tão inocente! Aquele jeito rebelde na verdade era somente uma forma de manter todos afastados, não era, querido? Você tinha tantas dúvidas, tantos medos, tantos sonhos, e tristemente foi cercado pelas pessoas erradas num momento em que o destino soltou as rédeas. Uma pessoa foi morta e você se viu obrigado a ajudar o assassino, e isso é fácil de julgar, mas difícil de compreender, e mesmo assim quem somos nós para incriminá-lo? No fim, você lutou pela sua vida e nisso está o seu valor.

E você era tão jovem, tão pequeno, tão puro, e sua juventude foi corrompida pelas garras da morte. Virou homem antes do tempo.

Mas sobreviveu. E eu tenho certeza que terá um futuro limpo, pois só quem chegou à beira da morte sabe realmente valorizar a vida. E vivê-la.

Porém, meu jovem, meu garoto, sei que não podes ficar calado. Pouco a pouco a angústia vai tomar conta do seu peito, e a insanidade estará sempre muito próxima, tão perto que poderá sentir seu hálito, doce, convidativo. E então, ela pode domá-lo mais cedo do que imaginas, e será ruim não só para ti, mas também para tua família, que não tem culpa de seu passado. (Oh pobre jovem, e nem você tem!)

Então, eu lhe peço, pequeno Andy, não faça como eu. Não leve seu segredo para o túmulo. Eu rasquei de meu diário as páginas daquele dia e as queimei. Foi um erro. Durante dezenove anos fiquei com aquela imagem na cabeça, aquele corpo despencando, e eu sei que além desta você deve ter ficado com muitas imagens na sua cabeça, em seus pesadelos; então eu lhe peço, por favor, conte a alguém, Andy! Por Favor! Ou simplesmente escreva. Vá fazê-lo sentir-se melhor e ajudá-lo a dormir à noite.

Escreva e esqueça.

Ass: Lucy Harrison

Chorei muito ao ler essa carta. A Sra. Lucy foi a única pessoa que podia provar minha inocência quanto a Arnold, e minha culpa quanto a Jack. Um dilema que a perturbou por dezenove anos. Porém, ela *conseguiu*, e acho que isso foi o bastante para me fazer pelo menos escrever.

E foi o que fiz, não só em nome da Sra. Lucy e de seu sacrifício, mas por mim também. E pela minha família, meus filhos... minha esposa que sempre está do meu lado quando acordo desesperado à noite. E não foram poucas as noites...

E aqui está minha história diante de vocês. Tentei ao máximo passar tudo o que senti, e espero que vocês não se perguntem “*E agora, que você confessou? E se for preso?*”. Por que se perguntarem, vou dizer que estou me lixando, não me importo mesmo. Os anos já passaram e nada vai mudar: nada nem ninguém trará Arnold, Jack, Kurt Cobain, Layne Staley, Jim Morrison ou qualquer outro de volta. Além disso, tenho que contar o segundo motivo que me fez confessar escrevendo:

Os pesadelos.

Dezenove anos de sonhos ruins foram o bastante. Mais do que o bastante. Quem sabe agora eu possa dormir uma noite inteira, ao contrário das noites em que eu acordava suando e vendo os corpos de Arnold e Jack, naquele abraço sujo de sangue, ódio e morte.

O mendigo

Não lembro qual foi a primeira vez que vi aquele velho mendigo, mas posso dizer que ele foi *notado* durante os primeiros dias do inverno, quando as pessoas, repentinamente, passam a sentir pena de cães e humanos que dormem todas as noites ao relento.

Eu sou funcionário público, disso consigo me lembrar. “Agente de trânsito”, para ser mais exato, ou o famigerado “amarelinho”; se você tem um carro e uma carteira no bolso, sabe muito bem de quem estou falando. Digo desde já que a culpa não é nossa. Só sigo ordens. E na maioria das vezes vocês motoristas são uns verdadeiros filhos da puta. Apenas isso. Se tem uma droga de um radar ali, se tem um semáforo para indicar que vocês devem parar, se tem uma faixa de pedestres (repetindo, faixa *de pedestres*!) naquele ponto, e vocês invariavelmente passam a cem por hora, ou ultrapassam o sinal vermelho ou param *em cima* da faixa de pedestres, qual direito que os senhores têm de reclamar? Mas enfim... não quero ficar de rodeios. É que estou realmente confuso. Lembro-me da primeira vez que notei aquele mendigo, pois como dizia, sou agente de trânsito e meu trabalho é ficar na rua, do nascer ao pôr do sol, fiscalizando o trânsito e os motoristas ruins que insistem em sair das autoescolas pensando que são pilotos de “Formula 1”. Meu posto principal é o centro da cidade, e em um município pequeno como esse, o centro é praticamente a cidade. A praça de frente para a igreja matriz é o epicentro de todo o comércio, movimentação financeira, entretenimento e consumo. Lojas, bancos, lanchonetes, lotéricas, mini shoppings de bugigangas, cabeleireiros, bares e padarias, todos esses estabelecimentos se abarrotam ao redor da praça e nas quadras próximas, transformando o resto da cidade em bairros residenciais relativamente silenciosos e desertos. Além desses bairros a cidade é circundada por extensas zonas rurais, pastos, e densas matas mais ao sul, por onde a autoestrada nos leva à cidade vizinha. Uma cidade definitivamente do interior, você pode dizer, e estará certo. Pequena, calma e bucólica, com exceção de seu “micro” centro, que parece girar como um ciclone todos os dias até às nove horas da noite. Depois dessa hora tudo se acalma, e o centro transforma-se numa legítima cidade fantasma.

Bom, como agente de trânsito eu não tenho a obrigação de me preocupar

com mendigos, isso é trabalho da Comissão de Solidariedade, mas é difícil ignorá-los quando a Comissão parece indiferente, e quando são parecidos com *aquela* mendigo. Porque eu nunca tinha visto na minha vida uma pessoa como aquela. Ou melhor, uma pessoa daquele jeito.

Como eu disse, era o começo do inverno, e aqui nessa cidade (me encontro no hospital agora, e parece ser noite, pois está tudo escuro) o frio que chega junto ao mês de junho é implacável. O ar seca completamente. O céu fica cinza durante dias, e mesmo nos dias mais ensolarados o calor não existe. Ventos cortantes atingem nossos rostos, ressecando narinas e rachando lábios. É impossível sair na rua com uma calça apenas, ou sem luvas ou uma touca cobrindo as orelhas. No meu caso, sou calvo e minha cabeça dói muito devido ao frio, por isso sempre uso uma touca escura que cobre o cocuruto e as orelhas, e graças à pele branca e a pouca altura ganhei dos honoráveis senhores que frequentam um dos bares de esquina que cercam a praça o carinhoso apelido de “Tio Chico”. Administrei a recepção da alcunha até ela se tornar algo familiar. Acabei me acostumando. No geral, tenho uma boa relação com a população que frequenta aquele centro. Alguns eu vejo todos os dias e mantenho uma breve relação de amizade enquanto dura a permanência deles naquele pequeno centro. O mesmo não posso dizer dos motoristas, que me odeiam, provavelmente. Aqueles olhares não podem ser de carinho, eu garanto.

Uma pessoa com quem me relaciono sempre é o dono da padaria (não consigo recordar seu nome agora) onde eu tomo meu café da manhã todos os dias. Ele foi um dos primeiros a notar o velho mendigo, porque foi comigo que reclamou uma vez o fato de encontrá-lo dormindo na frente do estabelecimento quando chegou certo dia para começar o expediente. Disse-me que “Não estava com disposição para enxotar mendigos de frente de seu *restaurante* (insistia em chamar aquela birosca de “restaurante”) todos os dias”, e eu lhe disse que “Procurasse a polícia”, que não era “só porque usava uniforme que eu era policial”. Apesar do tom, nosso relacionamento é tranquilo. Outro com quem sempre converso é o segurança de um dos bancos (não me pergunte qual banco nem qual segurança), pois o semáforo do cruzamento principal é na frente do prédio acinzentado onde se concentra a grana da cidade. Também teve que enxotar o mendigo de dentro do banco uma vez.

A pessoa com quem eu mais gosto de conversar, porém, é uma jovem que trabalha em uma loja como vendedora. Também não recordo seu nome, mas suas características físicas ainda estão na minha memória: alta, magra mas curvilínea, os cabelos loiros e lisos até a altura das nádegas, que ela amarra em um penteado disforme e ao mesmo tempo belo, o rosto branco e olhos castanho-escuros quase pretos, abissais, plantados em uma face simétrica de lábios finos e queixo

pequeno, delicado. Ela maquia o rosto de forma simples, sem exageros, destacando apenas seus olhos perfurantes e os lábios ínfimos. Seus braços são finos e se movem com agilidade. Ela conversa abertamente com qualquer pessoa, e talvez por isso, pela simplicidade e pela simpatia, é uma moça adorada por praticamente todos naquelas redondezas. Os homens a cobiçam, mas parecem frouxos demais para falar qualquer coisa. As mulheres ou a admiram ou a invejam, acho que mais o segundo do que o primeiro. Consegue vender numa facilidade absurda, graças com certeza à sua beleza e bom papo, visto que trabalha em uma das lojas com os produtos mais caros da cidade. Bate a meta de vendas quase sempre antes mesmo das duas da tarde, e fica liberada para ir embora, e é nessa hora que eu a encontro, no semáforo, quando segue para o ponto de ônibus. Mora em um bairro afastado, e sua condução leva um bom tempo para chegar. Nesses momentos, conversamos.

São conversas curtas, e eu, homem casado, tento não demonstrar qualquer tipo de emoção precipitada, pois além de estar em pleno expediente, e como agente visivelmente *odiado*, com certeza sou *vigiado* por aqueles que não admiram minha propensão a multar. Ora, também respeito minha esposa, então nunca digo nada que possa mostrar àquela moça o quanto a acho maravilhosa e o quanto ela me... bem, droga, o quanto ela me excita!

Por isso sempre a trato bem, mas com discrição, e ela retribui a gentileza com conversas deliciosas. Seu humor está sempre no auge, e eu nunca vi aquela garota desanimada ou triste. Aquele sorriso deixa meu trabalho mais fácil.

Foi ela a primeira pessoa a de fato *notar* o mendigo. Vê-lo de verdade. Naquele dia eu realmente passei a admirá-la não só como mulher, mas como ser humano. Ela estava no ponto de ônibus, sentada e olhando para cima, conversando abertamente comigo, e rindo mesmo com aquele vento frio que fustigava seu rosto e agitava seus cabelos, jogando-os contra seus olhos e sua boca. Usava um cachecol escuro e bufante e luvas grossas cor de rosa, além de um enorme sobretudo de gola que escondia todo seu corpo, o que com aquele tempo era totalmente aceitável. Conversávamos não sobre o frio, mas o quanto as pessoas *reclamavam* do frio, dizendo que sentiam saudade do calor, e o quanto isso era contraditório quando o verão chegava e as pessoas imploravam pelo retorno das temperaturas mais baixas. Ela deu uma alta gargalhada depois de alguma coisa que falei, algo sobre a frescura da minha esposa nesse sentido (só depois fui perceber que era covardia com a minha mulher rebaixá-la assim diante de outra), quando ela olhou para o outro lado da rua, onde havia um boliche, e finalmente viu o mendigo.

Seu sorriso desapareceu de imediato, e seu rosto se converteu na expressão da mais pura pena.

— Coitado, né? — disse, e então parei de admirar seu rosto para prestar atenção no que ela dizia. — Um tempo desses, tão frio, madrugadas tão geladas que não conseguimos ficar dentro de casa sem ao menos dois cobertores, e esse senhor vive na rua, com essa roupa suja, úmida, em frangalhos, tremendo de frio, e à noite tem que se cobrir com o quê? Jornais? Papelão? É tão... injusto! A gente reclamando do frio tendo com o que se aquecer, e enquanto isso, qual a maior preocupação desse homem? “O que será que eu vou comer mais tarde?”. “Será que vou acordar amanhã?”. É tão... triste...

E se levantou, com aquela graça normal de sempre, e antes que eu dissesse qualquer coisa ela olhou os dois lados da rua, atravessou rapidamente, chegou até o velho mendigo, do qual eu sequer conseguia discernir as feições, tirou seu grosso e aconchegante sobretudo e jogou *sobre ele*, delicadamente, como uma mãe cobre o filho com o edredom antes de dormir. Depois, pousou a mão sobre o ombro do homem com uma humildade pavorosa, e ele despertou. Dezenas de pessoas observavam a cena. Mulheres sorriam graças a tamanha bondade, enquanto vários homens, e por que não dizer eu também, se rasgavam por dentro de inveja ao toque tão amistoso e firme que o velho mendigo recebera daquela... daquela *mulher*!

E quando ele a viu... por Deus, como posso descrever? Abriu um sorriso tão largo em meio à barba gigante, e o sorriso era tão feio, mas igualmente tão *esplendido*, que qualquer espaço vazio ou qualquer mancha negra naqueles dentes simplesmente se tornaram invisíveis. Seus olhos brilharam. Balbuciou qualquer coisa impossível de se ouvir de onde eu estava e puxou o sobretudo para si, aninhando-se naquele conforto como se fosse o seio de uma mãe ou o abraço de uma amada.

Na mesma velocidade com que a moça atravessou a rua para chegar ao mendigo, ela voltou. Tinha um sorriso enorme nos lábios estreitos, e sorria para mim, como se dissesse “estou tão orgulhosa *do que fiz*!”. Eu tentei sorrir de volta, mas algo naquele rosto feliz me embasbacava, por isso não percebi seu aceno a tempo de responder. Ela fez sinal para o ônibus, ele parou e ela subiu, e ele partiu para longe daquele centro, daquele movimento cíclico de furacão.

Foi só aí que *eu* notei o mendigo.

Se era velho ou não, era impossível dizer, pois sua longa barba poderia facilmente confundir. Era uma cobertura cinzenta e espessa de pelos que contornava seu queixo, suas bochechas e parecia fechar-se ao redor de seus olhos, olhos esses apertados e cansados, confusos. Alguns pontos da barba se enroscavam e se acumulavam como espuma de colchão. A pele visível era um pouco bronzeada. As mãos, despontando para fora do grosso agasalho que ganhara de presente, eram secas e grossas, meio machucadas. Os cabelos

desgrenhados estavam cobertos por um boné escuro sujo e rasgado, assim como suas outras roupas, rasgadas e escuras. Havia um pequeno carrinho de feira do lado dele, cheio de pedaços de papelão e fragmentos de tecido. Imaginei dali mesmo o cheiro úmido que elas exalariam e fiz uma careta. Depois me senti envergonhado, pois segundos antes aquela moça tão bonita e tão *inalcançável* havia se aproximado dele e sentido por ele algo que jamais sentiria por mim ou por qualquer uma das pessoas que a observavam. Ou não. Na verdade, não sei. Aquela compaixão que irradiava de seu sorriso era legítima, mas eu não me imaginava na mesma situação daquele homem, e logo, não me sentia merecedor de qualquer sentimento como aquele.

Tentei não pensar com preconceito quando olhei para aquele homem, mas parecia impossível! Julguei-o de todas as formas que encontrei. Tive pena da situação em que estava, e paralelamente joguei sobre ele toda a culpa de sua condição, mesmo não sabendo nada sobre sua vida. Taxei-o imediatamente de alcoólatra ou drogado, um provável vagabundo que deixara a família em troca do vício e que agora levava de volta o desprezo em dobro, o castigo. Imaginei quanto tempo aquele sobretudo novinho duraria, se não seria trocado por *crack* ou se estaria inteiro dali a uma semana. Depois, despejei sobre o homem todas as frustrações e coitadismos existentes (“Não consigo arrumar emprego, me ajude!”, “Sou um viciado incapaz, me ajude!”, “Perdi minha família e não tenho onde morar, me ajude!”, “Me dê um dinheiro pra comprar algo pra comer, *me ajude!*”, entre outras), e na minha cabeça xingava-o de preguiçoso, fraco e medíocre, pra só depois perceber que eu jamais poderia compreender, e por isso julgar, o que levava aquele homem à condição humilhante em que se encontrava, e que por isso estava sendo injusto e cruel. Envergonhei-me ainda mais de meus pensamentos, e tentei, naquele instante, aprender com aquela moça o verdadeiro sentido do amor ao próximo.

Dei um passo na direção da rua, não sei com qual boa intenção, olhando para o mendigo, porém sem olhar para os lados, e um carro passou velozmente diante de mim, buzinando enlouquecido, e aquilo meio que me despertou.

O lado egoísta falou mais alto: “Porra, sou apenas um agente de trânsito! Que posso fazer por esse homem? Isso é trabalho da Comissão de Solidariedade!”

Voltei para a calçada e para o meu trabalho, e estacando na minha zona de conforto, voltei a ignorar aquele estranho homem, que de uma forma um tanto indagadora olhava diretamente para mim. Um olhar lúcido e que nada tinha de fracasso, como se tentasse dizer “fracassado é você”.

Bem, resumindo um pouco essa parte, posso contar que depois daquela atitude da moça, o mendigo passou a receber, digamos, mais atenção das outras

peessoas, que visivelmente também envergonhadas da própria falta de compaixão, passaram a tratar o mendigo um pouco melhor. Eu digo “um pouco”, o que significa que ele não era mais enxotado das coberturas e toldos de estabelecimentos, mas apenas “educadamente conduzido para a rua”. Ninguém se desfez de agasalhos para dar a ele, mas uma mulher lhe entregou certa vez um edredom cinza meio gasto, e dia sim, dia não, alguém levava para ele uma marmita ou um lanche da padaria, o qual ele aceitava de bom grado. Na verdade, nem posso dizer que as pessoas *passaram* a tratá-lo melhor, porque antes daquele acontecimento, eu sequer havia *notado a existência daquele homem*. Posso inclusive afirmar que só fizeram isso por vergonha do egoísmo que nutriam dia após dia. Vergonha de terem demorado tanto para ajudá-lo.

Apesar da atenção, ele ainda dormia na rua.

E foi assim durante algumas semanas, até o dia em que o mendigo estranhamente desapareceu, em meados de julho, eu acho. Em um fim de tarde, enquanto eu seguia para a minha casa, ele estava lá, sentado em um banco de praça, rodeado por uns quatro cães e dividindo com eles pedaços de uma pizza que ganhara de um grupo de jovens, e no dia seguinte já não estava mais lá! Não perguntei para o... para o “dono da padaria” se ele dormira sob o toldo da fachada do “restaurante”, e nem para o segurança do banco se ele se escondera em algum canto dentro do prédio para fugir dos ventos na madrugada, mas a resposta parecia estampada naqueles olhares: ele não estivera ali. Não dormira sob o toldo nem dentro do banco, nem debaixo de alguma árvore na praça e muito menos dentro da igreja ou em algum banheiro público. O mendigo não estava mais naquela parte da cidade.

Os dias se passaram e o mendigo não reapareceu, até que vários rumores começaram a surgir, como se as pessoas estivessem esperando um pouco para ver se ele voltava. Ou como se esperassem pelo melhor imaginando que ocorrera o pior. Todos passaram a comentar sobre o mendigo e seu misterioso paradeiro. Para alguns, ele tinha sido levado por jovens alcoolizados que gostavam de barbarizar, mas a polícia não tinha recebido nenhuma denúncia até aquele momento. E também, não há jovens desse tipo na nossa cidade, acredite. Para outros, sua família simplesmente reapareceu e o convenceu a retornar para casa, a largar o vício no *crack* e voltar a trabalhar (não, nunca o viram usando *crack*). Para a maioria, porém, e nesse grupo eu me encontrava, na verdade a Comissão de Solidariedade decidira trabalhar e levar o homem para algum abrigo. Durante vários dias eu fiquei realmente com essa hipótese na cabeça, torcendo de verdade para que o velho mendigo estivesse em algum lugar quente e protegido, tomando uma sopa não tão deliciosa, mas confortavelmente quente e usando roupas limpas, agradecendo a Deus pela bondade do homem enquanto

ventos afiados assoviavam pela madrugada.

Essa ideia perdurou até o dia em que encontrei o diretor da Comissão da Solidariedade, enquanto tomava café no “restaurante” do ranzinza Diego (finalmente lembrei-me do nome dele! Diego!). O diretor é um homem gordo, pequeno e de braços curtos. Me cumprimentou, e imediatamente começamos nós três a conversar sobre o frio:

— Tá insuportável! — disse, enquanto sugava o café fervendo. — Está tão ruim que tenho que passar o ferro de passar roupa quente na cama antes de me deitar!

— Realmente... — comentei. — Deve ser difícil pra quem dorme nas ruas...

— Verdade. — disse Diego. Parecia que havíamos combinado o rumo da conversa. Queríamos saber *onde* estava o mendigo.

— É... que bom que não há moradores de rua por aqui. — disse o diretor, e meu olhar se encontrou com o do velho Diego, também intrigado. — É uma cidade... como posso dizer... limpa, né? E rica, uma vez que não há moradores de rua. Mas cães, por Deus! Cães estão sobrando! Tá que nem mato! Inclusive vou fazer uma ação junto à Zoonoses, porque está sem condição deixar esses bichos ao relento...

— Peraí! — interrompeu Diego, com sua veemência. — Tá me dizendo que não tem morador de rua? Como assim? Esses dias um velho passou mais de *um mês* morando na frente do boliche, todo sujo e zoadado, e vocês só foram fazer alguma coisa semana passada! De onde cê tirou que não tem morador de rua aqui?

— Um velho? — disse o diretor, confuso. — E nós fizemos “alguma coisa” só semana passada? Não tô entendendo...

— Tinha um velho... um mendigo mesmo, com uma barba enorme, morando aqui no centro desde junho — falei, educadamente. — Só que esses dias ele simplesmente sumiu. A gente achou que finalmente vocês tomaram uma atitude e...

— Ah, vocês devem estar enganados — disse o outro funcionário público, e eu vi Diego bufar, contrariado, e pela primeira vez parecendo se importar com o paradeiro do mendigo.

— Como assim, enganados? — perguntei. — Nós ficamos o mês de junho inteiro ajudando esse velho, dando comida, o pessoal vinha e trazia agasalhos e tal...

— Não, tudo bem — respondeu. — Eu não posso afirmar que *não havia* um mendigo aqui. A Comissão é pequena e pode ser sim que ele tenha passado despercebido...

— Como “despercebido”? — gritou Diego, atraindo a atenção dos que estavam sentados mais próximos. — Esse cara foi o primeiro mendigo da cidade em o que, *cinquenta anos*? Não, nós *nunca* tivemos um mendigo aqui, e agora aparece um e você vem me dizer que ele pode ter passado *despercebido*?

— Sim, seu Diego, é isso mesmo! Nossa equipe é pequena, e dependemos não só de doações, mas também de mobilização do povo. Ninguém nos avisou sobre esse senhor...

— Não é possível...

— Além disso... — disse ele, e dessa vez parecia visivelmente consternado —, nós não levamos nenhum mendigo daqui do centro semana passada. Nem mês passado. Não há nenhum velho como esse que você descreveu em nenhum dos abrigos que ajudamos.

Depois daquela frase, eu passei a acreditar que aquele mendigo estava morto. Não havia nada que me levasse logicamente a essa dedução, mas foi um sentimento que passou a rondar a minha cabeça. De repente, o grupo de jovens bêbados e vândalos barbarizando aquele homem fazia mais sentido do que a família dele o tirando da rua.

Foi assim durante todo o mês de julho. O frio permanecia, duro, adormecendo as juntas, e pouco a pouco me sentia inclinado a reclamar dele também. Encontrava a moça todos os dias no ponto, mas jamais conversávamos sobre o mendigo depois daquele dia. Era como se houvesse um comum acordo para que não se mencionasse o homem. Eu notava quando ela olhava para o outro lado da rua, onde outrora ele dormia, e percebia seu olhar confuso, porém esperançoso. Em sua cabeça provavelmente acreditava que ele estava em casa ou em algum abrigo.

Eu também desejava isso, mas não conseguia conceber essa ideia com fé. Os cães continuaram ao relento, e de fato isso não mudou.

Não posso nesse momento conectar os acontecimentos dos dias que se sucederam até o retorno do mendigo. Parecem imagens embaralhadas, dias sem sentido e sem conexão que passaram por passar, culminando no dia em que um estranho formato se avolumava debaixo de um banco de praça naquele mesmo centro. Aquela coisa escura que se movia me atraiu a atenção justamente no começo do meu turno, enquanto eu tomava o precioso desjejum na padaria. A mancha marrom escura debaixo do banco parecia tremer. Vários cães rodeavam aquela forma indistinguível, mas à certa distância, rodeando e observando, e dali

era possível ouvir seus ganidos incomodados. Alguns estavam apenas sentados, encarando, enquanto outros levantavam e caminhavam na direção daquilo, até o momento em que pareciam pensar melhor e retornavam arrepiados.

Levantei do banco de plástico duro apertando os olhos e segui devagar para a rua, enquanto sentia que Diego me acompanhava com o olhar tão arrochado quanto o meu. Atravessei o trânsito, estendendo o braço direito e parando os carros sem a menor noção de perigo. Aproximava-me da praça, constatando que de fato a *coisa* (Um saco de lixo? Uma caixa de papelão? Não dava para saber), sim, realmente tremia. Os cães reagiram à minha aproximação, ganindo ainda mais, levantando nervosos e encarando aquilo, e eu posso dizer que eles pareciam querer me alertar.

Por alguns minutos pensei que fosse outro cachorro amarrado em um saco, ou pior, um bebê abandonado para morrer no chão frio. Acontecia nas grandes cidades, e como qualquer cidade do interior, apesar do atraso, as coisas boas e principalmente as *ruins* um dia chegavam.

Ainda mais perto, diminuí a velocidade da caminhada e então pude reconhecer aquela mancha, aquela forma sob o banco, pois aquela cor marrom vinha de um familiar sobretudo que eu vira tempos atrás, que por ora apresentava-se muito puído e sujo. Estava molhado, por completo, e seu cheiro era eminente: um odor torpe de urina e suor misturados. Imediatamente eu soube *quem* estava sob aquele banco, enrolado no sobretudo e tremendo. Mais próximo, pude ouvir que gemia baixo. Meu peito começou a palpitar, um sinal de alerta que ignorei e me arrependi depois.

Relutei em chamá-lo. Pensei em tocar no tecido podre do agasalho mas recuei, enojado. Gaguejei algo e então chamei, “Olá! Hey?”, e no mesmo instante ele parou de tremer. Parecia uma bola de tecido enrolada e fedida. Chamei-o novamente, e ele ganiu como um dos cães que nos cercavam. Não queria tocar naquela sujeira toda, então continuei chamando-o, e ele fingia não me ouvir. Os cães acompanhavam seus gemidos, e aquele som lamuriante já estava me enjoando. As pessoas passavam na praça e me encaravam com estranheza. Diego já estava na porta da padaria com outros três caras, acompanhando meus esforços de tirar o mendigo (droga, eu *sabia* que era ele!) debaixo daquele banco. A paciência se esgotava. Imaginei o frio que ele estaria passando debaixo daquele pano úmido. Tentei de todas as formas mentalizar onde ele estivera todos esses dias, mas aquele lamento choroso começou a me irritar profundamente. Não conseguia pensar em nada. Deixando toda a razão de lado, toquei no pano sujo e úmido, e ele estava frio e nojento. Meu corpo se arrepiou, e o que estava sob o agasalho voltou a tremer. Sacudi-o de leve. Ouvi passos atrás de mim. Algumas pessoas já se reuniam, observando aquela

situação. A moça simpática (é uma droga não conseguir lembrar o nome dela) estava lá entre eles, esticando o pescoço, curiosa. Senti um leve rubor tomar conta da minha face. Eu não precisava estar ali, tinha que cuidar do trânsito, trabalhar, e estava paparicando um mendigo, tentando levantá-lo, tentando tirá-lo debaixo de um banco de praça, e ele...

Agarrou meu braço, num ímpeto espantoso. A forma de bola se desfez e ele finalmente se revelou. Os olhos outrora apertados estavam arregalados e me encaravam cheios de algo indescritível. Ele berrou. Berrou com a mesma intensidade com que apertava meu braço, enquanto o agasalho caía revelando um corpo nu e quase inteiramente liso, sem pelos. Apenas a barba permanecia sob seu queixo, porém repleta de falhas e de pontos chamuscados. Não havia sobrancelhas encimando seus olhos. Faltava mais dentes em sua boca, era visível visto o grito contínuo que fazia arreganhar seus lábios e horrorizar ainda mais o esgar de sua face bronzeada, que agora estava estranhamente pegajosa. Sua cabeça, outrora sempre coberta por um boné, agora se mostrava lisa, careca e cheia de marcas.

As pessoas atrás de mim murmuraram assustadas, mas depois saíram daquele estado de torpor que parecia imobilizá-las e vieram me ajudar. Aquele grito perto de mim, junto daquele rosto terrível e daquele cheiro maldito... por Deus, eu sentia que desmaiaria em pouco tempo se não me tirassem dali.

Alguém tocou seu braço, e ele recuou com fúria, parando de gritar e fechando o punho na direção dela. A mão no meu braço, todavia, não afrouxou. Mais pessoas surgiam, vindas não sei de onde, e tentavam segurá-lo, puxá-lo debaixo do banco, mas ele se encolhia ainda mais e parecia querer *me puxar para junto dele*. Rosnava como um animal. Suava, mesmo com aquela temperatura gélida.

Não preciso dizer que o homem só se acalmou quando viu a moça entre a multidão. Ela não se aproximou em nenhum momento, mas somente a presença dela fez com que se aquietasse, como se estivesse envergonhado. Ele me largou e eu soltei um suspiro longo, sentando no chão ali mesmo. *Desabando*. A polícia foi chamada, é claro, pois gritos como aqueles não passariam despercebidos pela vizinhança. Quando eles chegaram, porém, o velho já estava mais calmo e enrolado em um cobertor que fora trazido por alguém. A Comissão de Solidariedade foi chamada em seguida, mas só veio depois de algumas horas, quando a maioria do povo já havia dispersado. Eu mesmo tive que sair dali, não só para começar o meu trabalho como também para me livrar da sensação esmagadora que aquele berro de pavor provocara em mim. De instantes em instantes eu me desviava do trabalho e olhava para o banco da praça, onde o mendigo esperava sentado, enrolado no cobertor e olhando para o vazio, perdido,

desligado. Um policial permanecia vigilante a seu lado, a mão sobre a coronha do revólver enfiado no coldre, desconfiado. No fim, o velho não se moveu até a chegada da van da Comissão. Calmo e aéreo, ele foi conduzido por duas moças muito bem agasalhadas para o interior do carro e levado dali para só Deus sabe onde.

Interrompo um momento meu relato porque novamente me sinto confuso sobre a sequência dos fatos. Além disso, a escuridão do quarto do hospital me deixa meio sonolento. Há uma vibração esquisita onde estou deitado, e ela parece me embalar para dormir. Pois bem, o velho mendigo foi levado pela comissão, mas não é que três dias depois ele estava de novo na rua?

Não me conformei quando vi aquele senhor nauseabundo largado de novo na praça, carregando seu pequeno carrinho de feira. Sua barba parecia mais curta. Era o único sinal de que havia passado por algum abrigo ou casa de apoio. De resto, usava as mesmas roupas e carregava o mesmo sobretudo enrolado sob o sovaco. Na cabeça usava uma touca cinza. Observei-o um pouco antes de pensar em me aproximar. Ele andava pela praça, e os cães o seguiam a uma distância que parecia ser relativamente segura. Quando ele parava, os cães também paravam e se sentavam, e isso aconteceu pelo menos umas seis vezes antes que ele decidisse se acomodar em um dos bancos. Seu olhar já não estava distante e muito menos apertado. Ele olhava vigilante e atento para todos os lados. Quando estacionou o carrinho ao seu lado e jogou o sobretudo velho sobre ele, notei que usava apenas com uma camisa branca e calças jeans, mesmo com o *freezer* divino ligado. Estava descalço. Mais algumas horas daquele jeito e os dedos estariam roxos e duros, mortos. Ele remexeu no carrinho e tirou um saco de papel de lá. Os cães imediatamente se aproximaram um pouco mais, mas não tanto. Ele rosnou algo para os animais e eles sentaram sobre os rabos, encarando-o. Quando vi o conteúdo do saco de papel, finalmente decidi correr até ele.

Cheguei próximo dele a tempo de impedi-lo de dar a primeira mordida em um pedaço de tijolo.

— Hey, não faça isso! — disse, e imediatamente ele se empertigou. Trouxe o pedaço de tijolo para mais perto do corpo e fez menção de levantar. Ergui as mãos diante dele.

— Calma, calma, não precisa levantar. Só... só não coma isso, eu... eu posso comprar um lanche pra você se quiser. Que tal?

Ele olhou para o tijolo e de novo para mim, e pela primeira vez notei duas coisas: a primeira era que ele suava como se fosse verão. Tinha duas manchas arredondadas de suor perto das axilas, e seu rosto estava liso, brilhante, pingando. A segunda era que, de alguma forma, aquele homem estava modificado. Posso dizer isso com toda a certeza, porque ele não me olhava com aquela força da vez em que o vi na frente do boliche, quando ganhou o agasalho da moça (inferno, qual o nome dela? Juliana? Amanda? Ana?). Aquele olhar de “não sou fracassado, só estou fodido”. Na praça, entretanto, desde o momento em que não queria soltar meu braço até aquele em que parecia prestes a dar uma voraz mordida em um pedaço de barro seco, ele parecia extremamente *lesado*. Profundamente. Sem fibra, sem dignidade. Menos dignidade do que o possível, eu diria; parecia um homem que foi esmagado e remontado às pressas.

Era um olhar de “estou realmente fodido, mas não sei *por quê*”.

Comicamente, ele deslizou para a beirada do banco, como se dissesse “pode sentar aí, mas não me incomode”, e foi o que fiz. Encarou-me durante alguns segundos, pareceu lembrar-se do tijolo e voltou para ele. *Lambeu os lábios*, juro por Deus, como se segurasse nas mãos um succulento pedaço de lombo ou uma gordurosa coxinha. Arrepiei-me ante a possibilidade de vê-lo lascar os dentes naquela coisa dura e sem gosto, apertei minhas coxas com os dedos, aflito, e novamente o interrompi:

— Senhor! Senhor... como o senhor se chama?

Ele me encarou, visivelmente chateado pela interrupção. Olhou-me com desprezo.

— Sabe, aquela coisa de comprar um lanche pra você? Era sério. Se você quiser, é claro.

Minha simpatia foi inútil. Ele me respondeu que não queria o lanche da pior forma possível. Fechou os olhos, arreganhou a boca e mordeu com força o pedaço de tijolo.

Não consigo descrever aquele som, pois quando penso nele meu corpo se arrepia por completo. Seus dentes se enterraram na pedra alaranjada. O som pedregoso percorreu todos os meus ossos, reverberou em minha cabeça e remexeu meu cérebro. Tentei pedir, tentei *implorar* que parasse, mas nenhuma palavra saiu de minha boca. Virei o rosto, encarando qualquer ponto diante de mim, enquanto ele mastigava o barro com os poucos dentes que tinha.

— Meu Deus... — sussurrei, mas ele me ignorou. — Senhor? Senhor?

Ele se virou para mim novamente, contrariado, e eu não posso descrever o estado em que se encontrava sua boca, especialmente suas gengivas. Além de tudo, havia *aquele olhar*, o olhar insano, o olhar “estou completamente fodido, minha cabeça está completamente fodida!”. Não conseguia encarar aquela face e

não pensar, não *ter certeza* de que aquele homem estava totalmente insano e destruído por dentro.

Perto de nós os cães ganiam, irritados.

— O senhor... — tentei, mas não conseguia me sentir confortável com aquela mastigação dolorosa e à qual ele não parecia dar importância. — ... tem alguém da sua família com quem podemos... falar? Alguém para entrarmos em contato?

Mal terminei a frase e o homem entrou num estranho frenesi que me deixou amedrontado. Primeiro ele parou de mastigar, abrindo a boca debilmente. Depois deixou cair o pedaço de tijolo mordido e babado, que bateu pesadamente no chão, assustando os cachorros. Seus olhos se abriram com força, como se fossem cair para fora de sua fronte, avermelhados, inchados e opacos, quase mortos. Os braços se retesaram, as mãos se arreganharam sobre o banco da praça e ele cravou as unhas contra o concreto do assento, causando em mim um arrepio irritante. Ficou assim, travado, sem respirar; num ímpeto, engasgou-se e começou a resfolegar pedaços de tijolo e saliva ensanguentada do meu lado. Sentime inútil, fiquei imóvel, apavorado, e mesmo sabendo o que fazer, nada fiz, incapaz de compreender aquela situação. Quando ele terminou de cuspir aquela coisa alaranjada, começou a tremer.

Foi aí que uma breve ideia do que podia ter acontecido com aquele homem veio a mim, porque ele se levantou e começou a tremer e se sacudir, agarrando o próprio corpo com os braços, enlaçando a si mesmo como se repentinamente o frio do ambiente voltasse a fazer sentido... mas ele não parava de suar. As gotas pingavam da sua cabeça.

Levantei-me, ainda pensando se eu deveria mesmo intervir. As pessoas que passavam na praça começaram a notar aquilo, e ele percebeu que chamava atenção. Em resposta, encolheu-se no chão, os joelhos quase tocando o rosto, e começou a gemer de novo, como no dia em que reapareceu, e a passos curtos se aproximava do banco, na ânsia de se esconder novamente.

Os cachorros todos tinham dado o fora.

Acompanhei abismado seu arrastar até o banco. Sua face expressava o mais puro terror que eu cheguei a presenciar. Senti ainda mais pena daquele homem alquebrado, e finalmente fiz sua imagem definitiva na minha mente: um homem perturbado, fugitivo de uma clínica psiquiátrica. Só podia ser isso. Estava enlouquecido, surtado. Sentindo falta dos medicamentos. E aquele breve sumiço provavelmente fora uma das várias vezes em que era recolhido pela equipe da clínica (não conseguia imaginar qual clínica, mas ainda fazia sentido) para depois fugir novamente.

Decidi ajudá-lo. Já tinha cansado de esperar por qualquer atitude da

Comissão de Solidariedade. Liberar um homem como aquele depois de apenas três dias sob cuidados era prova cabal da incompetência daquelas pessoas. Além disso, como funcionário público minha obrigação acima de tudo era servir à população, por mais piegas ou ridículo que isso soasse na hora. Andei até ele, ainda temeroso, mas determinado, e pousei a mão sobre seu ombro. Foi como tocar uma brasa.

Imediatamente seu corpo se retesou, ainda mais. Ergueu a cabeça e olhou no fundo dos meus olhos. Em seguida falou algo mais ou menos assim:

— Não deixa... não deixa eles me levar de novo, não deixa... não por favor, não deixa...

As palavras saíam aceleradas, débeis e trêmulas.

— Não deixa... não deixa mexer comigo de novo não... não deixa...

Agarrava os joelhos com força. Babava.

— Não se preocupe — falei, ao mesmo tempo em que minha cabeça matutava *quem* seriam esses que o levaram (A Comissão? A clínica?). — Fica calmo que ninguém vai fazer mal a você...

— Aahh... dedos frios... dedos frios... mexendo em mim... *mexendo em mim!* — Dessa vez ele berrou, me sobressaltando. Seus olhos não saíam dos meus. — Mexendo... me machucando... fazendo... coisas...

Tentei não pensar no tipo de violência que aquele homem sofrera.

— Não dá pra fugir... *não dá!* — berrou de novo, colocando o rosto mais perto do meu. — Eles vai vim de novo... de novo... vão me jogar naquele quarto escuro! Tem cheiro de carne! Tem cheiro de carne... treme... treme igual carne... quente... viva... carne viva...

O que ele dizia não fazia o menor sentido. Não percebi que o dia já chegava ao fim. O sol se escondia detrás dos prédios e os postes começaram a acender. De alguma forma aquilo tirou-o do estado frenético. Ele encarou as luzes dos postes se acendendo como uma criança observa um avião decolando, com admiração e medo. Agarrou meu braço e flexionou as pernas. Em segundos levantou-se.

— Ahhhh eles vão vim! *Eles vão vim!*

Largou meu braço e começou a correr.

Não reagi. Imóvel, observei aquele homem correr para fora da praça, deixando para trás seu carrinho de feira e suas coisas. Correu pelas ruas, passando pelo boliche, pelo banco e virando a esquina. Correu sem se virar um único instante, e então sumiu.

Não me mexi até sentir uma mão pousando sobre meu ombro, e soltei um grito alarmado. Quando me virei, vi Diego me encarando com certo espanto e um pouco de deboche.

— Calma cara! Quê que houve?

Não respondi, primeiro por não saber realmente *o que* tinha acontecido ali, e segundo porque eu não estava preocupado com a pergunta de Diego. Queria saber de uma vez por todas qual o real problema daquele homem. Repentinamente aquilo se transformou em um objetivo incômodo.

Olhava na direção da esquina tentando vê-lo, e pensei diversas vezes em correr atrás dele e ver onde iria parar, mas decidi esperar pelo outro dia... se aquele homem retornasse à praça eu descobriria o porquê de tamanha loucura.

Está cada vez mais difícil me lembrar dos fatos. Há uma vibração constante aqui perto do quarto em que estou... como uma máquina ligada, um compressor ou um refrigerador. Mas o quarto está relativamente quente e úmido, e um cheiro estranho está incomodando minhas narinas... quase não consigo me manter acordado. Esses malditos sedativos são realmente fortes. Com um pouco de atenção posso ver que há algumas mangueiras finas enterradas em meu braço. Está *muito* incômodo. Preciso ver o médico logo e pedir que tire isso.

Enfim, mantive meu plano e no dia seguinte esperei pelo retorno do mendigo, porém ele não apareceu. Precavidamente no dia anterior eu levava seu carrinho de feira para casa, não só para guardá-lo para ele como para evitar que alguém com más intenções o roubasse. Prometi a mim mesmo que não mexeria nele.

Percebi dias depois que a curiosidade era incrivelmente poderosa.

Como ele não reapareceu depois de cinco dias, eu decidi examinar aquele carrinho. Sozinho na garagem, eu o encostei na parede e tirei de cima dele o agasalho que um dia fora daquela moça, e que agora não tinha nem o mesmo cheiro, e o coloquei no chão. Retirei um a um os itens do carrinho: um pedaço grande de papelão enrolado, uma calça jeans terrivelmente suja, que caiu pesadamente no chão, uma camisa igualmente podre, um saco preto de lixo vazio, e para meu terror, dois pequenos pedaços de tijolos, que estavam mordidos. Encontrei também várias páginas de jornal, todas enroladas e empurradas no fundo do carrinho.

Não encontrei mais nada que fosse suspeito, como drogas ou remédios controlados, nem documentos que me ajudassem a identificar o homem. Havia apenas roupas sujas e jornais, o “kit de sobrevivência” com o qual já estava acostumado, e do qual provavelmente sentia falta naquele momento. Me senti envergonhado de tê-lo levado para casa. Imaginei aquele homem sozinho,

passando frio enquanto eu estava com suas coisas, seu cobertor e... por Deus, sua comida.

Quando colocava as coisas de volta no carrinho, porém, eis que ergo a calça fétida e de dentro de seu bolso cai um pequeno pedaço de papel dobrado. Estava amarelado e rasgado, e só Deus sabe há quanto tempo ali guardado. Minhas esperanças imediatamente retornaram. Pensei: “é um número de telefone!”, e peguei-o, desdobrando-o com cuidado para que não se rasgasse ainda mais.

E realmente *havia* um número, mas não um que fosse de algum telefone, porque a sequência numérica não fazia o menor sentido. Tinha quinze dígitos no total, e apesar de não recordar de nenhum agora, lembro que mesmo assim peguei meu celular e disquei-os.

Não sei por que fiz aquilo. Era visível que *não era* um número de telefone, não existiam números de telefone com quinze dígitos, muito menos que não comessem com sete, oito ou nove. O problema foi que depois de alguns segundos aquele número começou a *chamar*.

Meu coração disparou de imediato. Parte minha queria desligar no mesmo instante. Sentia-me alarmado, realmente, como se aquela chamada fosse perigosa, independente de quem a atendesse do outro lado. Em segundos minha mão já suave.

O número chamou durante um bom tempo até finalmente cair. Ninguém atendeu, nem mesmo a telefonista para dizer que aquele número não existia (mas *existia*, porque chamava!). Dobrei novamente o papel e o enfiei de volta no bolso da calça do mendigo, e decidi que levaria aquele carrinho de volta para o centro no dia seguinte. Mesmo se o homem não estivesse na praça eu o deixaria lá, onde estava antes, perto do banquinho. Se ele reaparecesse e o levasse, menos mal. Se fosse roubado antes que o mendigo voltasse, eu não poderia fazer mais nada. Aquele homem já parecia longe do meu alcance, longe de qualquer tipo de ajuda. Não havia um único documento, um único sinal de existência anterior aos dias na frente do boliche. Aquele homem era um nada. Um ninguém. Um não-existente.

Eu já entrava em casa quando me dei conta de que esquecera o celular na garagem, e só percebi isso de fato porque ele estava tocando.

Não precisei de muito tempo para aceitar que *aquele* número estava ligando para mim. Na verdade, antes mesmo que eu chegasse perto do celular eu já visualizava aqueles quinze dígitos escritos em branco na tela do telefone, a foto com um avatar genérico e sem característica alguma. Enquanto eu seguia até o celular, implorava mentalmente que a chamada fosse interrompida, que a quantidade máxima de toques fosse ultrapassada, mas pelo que pareceu um

tempo enorme aquele aparelho continuou tocando, tocando e tocando... e mais próximo eu confirmei definitivamente o número que me ligava, e aquilo me encheu de um terror de difícil descrição; era como se me amarrasse. Como se me pegasse fazendo algo proibido.

Peguei o celular com uma espécie estranha de tensão. Eu quase não sentia meus próprios dedos. Segurando-o na palma da mão parecia que ele pesava uns dez quilos. Continuava tocando e vibrando, ritmicamente. O número na tela oscilava diante de meus olhos. Engoli em seco, quase sentindo como se descesse uma pedra afiada pelo meu esôfago.

Só quando tive certeza de que o celular não pararia que eu atendi.

É difícil dizer o que de fato senti quando atendi ao telefone, porque partes do meu medo e do nervosismo transformaram-se numa estranha curiosidade. Eu queria saber *quem* me ligava, queria mesmo! Aquele número estranho e desconexo existia de fato. *Retornava uma ligação*. Quem estaria do outro lado?

Foi estranho, porque no final quem quer que estivesse naquela linha não disse absolutamente nada. Eu só pude ouvir uma ruidosa respiração, bem sibilante. E tê-la perto do ouvido foi quase como senti-la soprar diante do meu rosto.

Perguntei quem era, quem me ligava. A resposta não veio, e aquilo me deixou temeroso, por isso desliguei.

Notei que o celular parecia incrivelmente quente na minha mão. O alerta de bateria baixa sinalizou no mesmo instante.

Tranquei o portão da garagem e espiei pelas brechas nas laterais. Sentia-me desconfortável, aquela sensação de estar sendo observado. Vasculhei cada canto daquela garagem em busca de algo que eu não fazia ideia do que era, e por fim decidi subir para me deitar, não sem antes, cautelosamente, me esgueirar pelo portão para ver nada mais do que minha rua entregue ao mais resolutos silêncio.

Não me lembro do que fiz quando acordei. Acho que fui trabalhar, porque tudo se desenrolou mesmo depois do meu expediente. Ainda não entendo muito bem esses lapsos de memória. Talvez o médico me explique direito o que aconteceu quando amanhecer... tudo está muito silencioso por aqui e isso me deixa sonolento... mas vou tentar me lembrar dos fatos principais.

Bom, como eu disse, não sei o que aconteceu entre o momento em que

acordei e o instante em que vi o mendigo se esgueirando entre os gigantescos carvalhos daquela mata que ladeava a pista. Na verdade, eu mesmo me pergunto o que *eu* fazia naqueles lados... não me lembro se prometi à minha esposa que buscaria sua mãe na cidade vizinha. Acho que foi isso. Não, tenho quase certeza. Eu prometi que buscaria a mãe dela. Ainda estranho o motivo de ir buscá-la naquele horário, mas era esse o fato. Isso esclarece algumas coisas, porque me lembro de que, quando finalizei meu expediente, alguém me ligou e instintivamente eu atendi ao telefone, esperando com certeza que fosse minha mulher me questionando se já teria partido para buscar minha sogra, mas a linha estava totalmente silenciosa. Foi quando olhei o número que me ligava e tive um sobressalto. Era *aquela* número.

Desliguei-o de imediato. Desliguei assustado, olhando para os lados com a mesma sensação do dia anterior. Não parecia que alguém me observava, mas era a imagem do mendigo que vinha na minha mente, aquela face débil e desestabilizada. Fui até o meu carro, ainda me sentindo incomodado, e me surpreendi com os pertences do homem no banco de trás, e foi aí que me lembrei de que fiquei na obrigação de deixá-los onde os encontrei. No fim, após observar silenciosamente a tarde se transformar em noite, decidi que não deixaria o carrinho de feira do homem a mercê de qualquer um. No dia seguinte decidiria o que fazer. Liguei o carro e saí, na direção da cidade vizinha, ainda levemente confuso... com um estranho sentimento de irrealidade me rodeando. Por que eu tinha que buscar minha sogra mesmo? O que aquela sexta-feira tinha de incomum para que minha sogra tivesse que ir para minha casa? Por que *eu* tinha que buscá-la? O que aquela mulher significava para mim? *Quem* era aquela mulher? Era realmente uma sexta-feira?

Quem era aquele mendigo?

Quando o vi entre os galhos, algo por volta das 21h37min (e eu não conseguiria jamais lhe dizer como me lembro do horário), foi uma surpresa tamanha que perdi completamente a noção do perigo que era dirigir naquela pista estreita e fixei meus olhos naquele homem. Ele me encarava do meio das árvores, impávido, quieto, concentrado. Parecia teso, estático, como um felino encolhido antes de acometer sobre uma presa ou uma cobra com o bote armado. As mãos arreganhadas como aranhas apoiavam-se nos troncos, as unhas ligeiramente fincadas na casca dura. Como um bicho, sobressaltou-se quando viu que eu o via. Virou-se agilmente e embrenhou-se na mata, desaparecendo na escuridão.

Foi quando me lembrei que dirigia, aquele ímpeto desesperado e absurdo da certeza de que sua vida está naquele momento pendendo na corda do destino, e me virei e vi o que penso que vi.

Era veloz e luminoso e repleto de uma luz ofuscante, cegante, divinal, como o clarão de um milhão de lâmpadas no mais profundo poço de trevas infinitas e passou como um turbilhão sobre as árvores, ruidoso como um tanque e tão rápido como o instante de uma descida de pálpebras e jogou luz sobre toda a estrada e a floresta ao redor, para logo em seguida desaparecer sobre a mata caliginosa, arrancando galhos e topos de árvores gigantescas e seculares que se agitavam ante a passagem daquele estranho e indescritível colosso. Meus olhos permaneceram travados e fixados no céu estrelado que repentinamente tornara-se dia e voltara a ser noite.

No segundo seguinte à estranha aparição, quando pousei as mãos sobre o volante (o que eu acredito que tenha durado uns dois ou três segundos), meu carro inteiro *apagou*.

Não posso explicar o que aconteceu. Todas as luzes desligaram. O painel, com seus *leds* vermelhos e brilhantes, seus números coloridos e intensos, simplesmente desligou, como se a bateria tivesse arriado em questão de segundos. O motor estacou, resfolegando como um cavalo cansado, até finalmente desligar e tiquetaquear como um relógio descontrolado. O veículo parou no meio da pista como se freado por uma força externa. Puxei meu celular do bolso, desesperado, enquanto olhava para trás e tentava dar a partida no carro, e quando olhei para o aparelho, constatei abismado que ele também estava desligado.

Meu coração pulava de desespero. Eu olhava constantemente para o retrovisor, fixando a curva logo atrás de mim, o medo visguento aglutinando-se em minha nuca, e enquanto os segundos passavam eu visualizava consternado uma gigantesca carreta se materializando na curva traiçoeira a poucos metros logo atrás, precipitando-se ladeira abaixo na direção do meu carro travado no meio da rodovia... travado em *uma descida*!

Por Deus a carreta não apareceu antes que o carro retornasse à vida. Como um ser ressuscitado ele arfou e acendeu as luzes, cegando-me momentaneamente e iluminando toda a estrada vazia diante de mim. O rádio retornou à máxima altura, assustando-me como a uma criança, e eu me perguntei, numa fração de segundos, se o rádio estava ligado *antes* de tudo acontecer. Ainda preocupado com um provável caminhão, guiei o carro recém-ressuscitado até o acostamento, próximo à mata, e deixando-o em ponto morto, relaxei meu corpo e dei um longo e sonoro suspiro, ainda sentindo o toque frio na minha nuca. Olhei o relógio e eram 21h35min.

Segundos depois e o vento cortante atingiu meu lado esquerdo. Um caminhão desceu pela pista rosnando como uma fera raivosa. No fundo desse ruído eu pude ouvir, distante e rouco, uma espécie de grito de agonia, e não foi

preciso muito tempo para eu descer do carro e me embrenhar na floresta escura e intimidante, porque por um momento saber que aquele grito vinha do mendigo que eu vira poucos segundos antes retirou qualquer gota restante de bom senso da minha mente.

Desci correndo entre as árvores, o som espavorido de sua voz gutural chegando fraco nas minhas orelhas, enquanto meus braços se rasgavam em troncos secos e meus pés tropeçavam em galhos caídos, como se as árvores propositalmente colocassem as pernas na minha frente para que eu caísse. A voz, o grito, não se aproximava; pelo contrário, parecia fugir de mim. Eu pulava entre galhos e poças d'água e passava por cotias de olhos brilhantes na noite e gambás do tamanho de gatos e seres alados se agitavam sobre as árvores e ainda assim eu não me sentia próximo do homem que gritava desesperado.

Alguém o carregava. Ou vários. Ele era arrastado por algo.

Pude notar isso quando vi o rastro de seu corpo no chão, uma trilha marcada sobre folhas secas reviradas e galhos e caules finos partidos e pequenos respingos de sangue e trapos de uma camisa puída e familiar enroscados nos galhos de árvores tão antigas quanto a cidade que eu deixava cada vez mais para trás e da qual sentia cada vez mais saudade, e a cada segundo minha mente me alertava para voltar, para deixar aquele homem enfrentar seu destino, sua sina ou sua pena, que simplesmente ignorasse o grito de pavor e agonia daquela alma exaurida e *voltasse!*

Em vão. Adentrei ainda mais a mata até mesmo quando não ouvia mais seus gritos, até mesmo quando ouvia apenas seu lamurio desesperado, e quando somente sua respiração pesada era audível, e eu me sentia cada vez mais próximo, foi que senti uma estranha presença, me perseguindo, me sondando, mas não me virei porque diante de mim eu podia ver prostrado no solo seco de folhas caídas o corpo inerte do velho mendigo, largado à mercê do que quer que existisse naquela mata, e quando cheguei até ele e toquei-o com a palma da mão seu corpo era quente como uma fornalha e úmido como o rosto lacrimado e ensanguentado de um mártir e eu o virei, e ele me olhava, e olhava o que estava *atrás de mim*, então eu senti o toque frio em minha nuca, em meus ombros, nas costas, e tudo o que eu sentia simplesmente desapareceu num brilho deslumbrante e fugaz.

E agora estou aqui, deitado no quarto do hospital, com o corpo repleto de dores extenuantes e músculos retesados e frios. O quarto *está* frio. E vazio. É tão escuro que mal posso enxergar meus pés no fim da cama ou a parede logo depois, muito menos as janelas ou a luz tímida que entra pela fresta da porta. Não sei o que aconteceu ao homem. Não sei o que aconteceu a mim, sejamos sinceros. Não me lembro de mais nada até o momento em que reconto para

minha própria pessoa os pormenores desta história, enquanto tento forçar minha mente a conceber *o que* era aquela luz, *o que* era aquele toque frio e *quem* de fato, por Deus, é aquele homem que ainda balbuciava palavras ininteligíveis enquanto eu o segurava nos meus braços como a uma criança que chora desesperada.

Talvez tenhamos sofrido um acidente, é o que penso agora. Com certeza eu o levei até o carro. Carreguei-o nos meus braços e o joguei no banco de trás... então dirigi perturbado e de alguma forma bati, contra uma árvore ou contra o *guardrail*, tenho quase certeza... se não, o que eu estaria fazendo neste hospital?

Acho que preciso descansar... mas estou na verdade é cansado de ficar deitado. Preciso encontrar o médico, conversar com ele, saber se alguém da minha família sabe que estou aqui internado... mesmo depois de tanto tempo aqui pensando sozinho no que aconteceu, ninguém apareceu, nem mesmo uma enfermeira para ver como estou.

Pensava em me levantar agora há pouco, mas retraí minhas pernas de volta para o leito estranhamente úmido e frio quando pisei no solo, por que o calor do chão e a insistente vibração que o acompanha me deixaram incomodados.

O chão é quente... como carne viva.

O estranho caso de Casper Ville

A senhora Margot acordou de madrugada, após rodopiar e cair nas trevas sem fim de um sonho terrível. Piscou os olhos, desorientada, e fitou o relógio digital na mesinha de cabeceira. A vista embaçada pelo sono e pela miopia não a atrapalhou no momento de ver as horas. Por um instante sua respiração travou. Então ela suspirou profundamente e fez o sinal da cruz, receosa. Eram 3h00min em ponto, e ela sabia que aquela *não era* uma boa hora para estar acordada.

Sentou-se na beirada da cama e tateou o criado mudo à procura dos óculos. Apesar dos setenta e nove anos de idade e da artrite que entortara quase todas as suas articulações, ela tinha ciência total de que jamais tivera insônia. Colocou os óculos sobre o nariz e olhou ao redor, ainda meio atordoada. Com os olhos entreabertos ela confundia sombras que não existiam em seu quarto pequeno e sem luxo. O pescoço estalava enquanto ela vistoriava cada canto escuro do quarto, e a solidão e o silêncio da noite lhe trouxeram de volta fragmentos do pesadelo que a despertara. Sonhou com vozes estranhas, gritos abafados, um choro, e depois risos, risos maldosos que pouco a pouco se afastaram até ela acordar de forma súbita naquela madrugada de 15 de agosto de 1997.

3h00min.

Até o momento de acordar, Margot sentia-se como se flutuando no pesadelo de outra pessoa, alheia ao que se passava, mas *presente* e incapaz.

Levantou-se devagar e foi até a janela. A cortina aberta mostrava a calma sombria da Rua Castle Vain, uma pequena passarela de casas antigas e parecidas. Fechou a cortina. Logo se arrependeu: abriu a cortina e também a janela. Seu quarto estava quente e abafado. Sem acender a luz, a sra. Margot foi até a porta do quarto para abri-la. Não se lembrava de tê-la fechado quando dormiu. Aliás, ultimamente, lembrava-se pouco das coisas que fazia. De tudo o que aconteceu até a hora em que fora dormir, só se lembrava de ter dado boa noite para seu filho Charlie, que morava com ela, e de ter deitado ainda cedo, por volta das nove da noite. Depois disso, somente sonhos confusos e vagos, dos quais não conseguia recordar muito também. Isso não importava. Ela sabia que acordar de madrugada não é bom para quem já é idoso, mas também sabia que era normal. Aliás, se dona Margot pudesse escolher algum horário para acordar de

madrugada, com toda a certeza não seria às três da madrugada.

Seu corpo se arrepiou ante aquele pensamento aleatório, e por um breve momento todo aquele calor no quarto pareceu fútil e ilusório. Sua pele se retesou inteira.

“Por que abrir a porta, afinal?”, pensou contrariada, enquanto a mão envolvia a maçaneta.

Então, quando puxou a porta, Margot foi tocada por um cheiro inconfundível. Um cheiro cortante, duro como garras a rasgarem suas narinas; o cheiro que menos queria sentir, principalmente às 3h00min da madrugada.

Margot sentiu cheiro de fumaça.

Era um odor forte e seco, apesar da pouca fumaça que se erguia e vinha do lado esquerdo do corredor.

Parecia vir do quarto do seu filho Charlie.

Pessoas de idade avançada tendem a raciocinar mais rápido, ao contrário do que pensam muitos jovens que os consideram lentos e ultrapassados. Experiência. Coisa que não se adquire da noite para o dia. Porém, o corpo da sra. Margot lhe impedia de agir na mesma velocidade, ou numa velocidade compatível. Durante alguns segundos foi como se seu corpo estivesse sedado, paralisado da cintura para baixo, apenas o coração trotando com velocidade e as orelhas esquentando. Algo dentro dela insistiu. “*Mexa-se! Agora!*” Voltou à cama e vestiu seu robe cor violeta sobre a camisola fina e desbotada que usava. Calçou com dificuldade um par de chinelos de borracha que teimavam em não se encaixarem com seus dedos tortos. Sua coluna inteira rangeu enquanto ela se levantava da cama novamente, cada vértebra se deslocando lenta e dolorosamente para a posição normal. Doses necessárias de adrenalina fluíam pelas suas artérias, mais do que ela era capaz de aproveitar, e isso fez suas mãos e pernas tremerem de forma descontrolada. Saiu do quarto quente, uma tontura leve lhe afetando o equilíbrio. Apoiou-se na parede do corredor, e caminhou na direção de onde vinha a fumaça.

O minuto que ela usou para se vestir foi o bastante para que a fumaça se elevasse por todo o corredor. Camadas maciças dançavam diante de seus olhos, e era tão branca que parecia tangível. Pensou que se tentasse pegar um pouco, bastaria apenas abrir a mão e fechá-la em volta daquele branco todo e ela teria algo como algodão entre os dedos. Mas era tudo mais volúvel do que ela podia imaginar: o gás invadiu suas narinas como finas agulhas, e num instante sua garganta já ardia.

Caminhou o mais rápido que a artrite nos joelhos lhe permitia. O escuro só não era maior porque a luz de um poste penetrava pelas janelas, luz essa que se misturava à fumaça, fazendo-a se mover como um espectro vivo e consciente.

Avançando a passos trôpegos, Margot não esbarrou em nenhum móvel no corredor. Conhecia a casa como a palma de sua mão. O aparador abaixo da janela, repleto de fotografias antigas, permaneceu intocado.

O simples nervosismo já havia desaparecido por completo, e agora o que a dominava era uma apreensão crescente e torturante. Sabia que Charlie não estava bem ultimamente. Além de ter uma idade avançada, ele estava se deitando muito tarde e acordando várias vezes durante a noite. Ela ouvia o ranger da porta quando ele a abria e descia as escadas para ir à cozinha tomar água, como ele próprio explicara para ela alguns dias antes. Estava acordando com muita sede, foi o que ele disse.

Virou à esquerda. Ali o cheiro era mais forte e havia mais fumaça. *Muito* mais. Tanto que ela já não enxergava sequer um metro diante de si. Seus olhos lacrimejavam. Queimavam. Levou a manga do robe até o nariz e o cobriu, tossindo com força. Atravessou aos poucos a fumaça, embrenhou-se nela como se avançasse por um mundo completamente alheio e irreal. Novamente os sons do sonho que a despertou ecoaram em sua mente. Risos enlouquecidos atravessavam seus tímpanos sem provocar ruído naquela casa, que sob a perspectiva da noite permanecia quieta, calma e silenciosa. Ao mesmo tempo, um choro ridículo insistia em entrecortar as risadas, como uma fita onde foram gravadas duas partes misturadas de um filme. Margot se arrepiava enquanto seguia pelo corredor. A distância até o quarto do filho pareceu duplicar. Cada passo dava a ela a estranha sensação de que andava para trás. E aqueles sons em sua mente... aquilo era horrível...

A altura da fumaça diminuiu, e ela olhou para baixo quando tropeçou de leve numa garrafa vazia. Uma garrafa de uísque que ela conhecia como sendo pertencente ao bar que havia na sala. “Olha a sede dele aqui”, pensou. Olhou mais adiante. A porta do quarto do filho estava fechada. Seu peito estremeceu.

Do vão embaixo da porta saía uma fumaça fina e uma leve luz alaranjada, que ora diminuía, ora aumentava de intensidade. O martelar da pulsação passando detrás das orelhas não foi capaz de abafar o ruído que vinha de dentro do quarto: pequenos estalos.

Ela avançou na direção da porta. Seu coração estava aos pulos em seu peito, tão rápido que doía, e apesar disso, o risco de um infarto sequer passou pela sua cabeça. Seu filho estava lá dentro, e havia *fogo* lá também; ela não podia deixá-lo ali. Ele poderia estar inconsciente, ou até mesmo...

Tocou a maçaneta de metal, e sua mão instintivamente recuou à quentura insuportável do objeto. O susto foi tanto que ela arfou uma quantidade de ar absurda, num suspiro doloroso, e com isso engoliu mais fumaça do que queria. Tossiu como um tísico. A fumaça fustigava sua laringe com garras brancas e

mortais. Mais alguns minutos naquele lugar e Margot desmaiaria. Uma vez no chão, desacordada, sua morte seria inevitável. Bastaria dois minutos respirando aquela fumaça tóxica e seus alvéolos pulmonares entupiriam. Ela sequer pensou nisso também. Era seu filho que estava naquele quarto. *Seu filho*. Ele era apenas dezessete anos mais jovem que ela, e depois de tantos anos de trabalho pesado seu corpo parecia mais velho que o da própria mãe, mas ainda assim era seu filho. Bebia muito, sempre bebeu, durante toda a vida, e há dias se portava de forma estranha, perturbada e letárgica.

Era seu filho e não queria perdê-lo.

Quando a crise de tosse diminuiu, empurrou a porta com as mãos, o suor lhe descendo do rosto e escorrendo pelo pescoço. Os olhos ardiam. A porta cedeu e se afastou e a luz foi tanta que quase a cegou. Lançou as mãos sobre os olhos, assustada e incrédula. Quando conseguiu enxergar algo, os dedos se afastando lentamente e abrindo uma receosa fresta por onde ela podia ver, não suportou a cena e caiu de joelhos, levando a mão até a boca.

Seu filho Charlie estava sentado na cadeira de balanço, e as chamas o envolviam num abraço infernal. Seu rosto estava vidrado e sério, a cara barbada numa demonstração estúpida de conformismo. Os pelos do rosto queimavam em pequenos pontos vermelhos, e seus braços estavam em brasa. A pele da testa caía derretida como cera de vela, e os pés descalços eram dois tocos pretos que se desfaziam lentamente. Suas orelhas já tinham desaparecido. As roupas chamuscavam, as labaredas subiam pelo tronco descarnando o peito, torrando o nariz e derretendo os olhos, até tocarem no teto e se espalharem, extinguindo-se no ar e renascendo novamente no homem que queimava como uma fogueira.

A sra. Margot tentou se aproximar, mas o calor a abateu e a afastou, e ela ficou ali a contemplar a morte do filho, o corpo queimando e se desfazendo em cinzas. As lágrimas lhe desciam pela face, e durante seis infinitos minutos, Charlie queimou em sua cadeira de balanço até desaparecer por completo.

Clark Beckinsale dirigia sua caminhonete pela Rodovia Estadual 191 às 6h30min de uma manhã fria, perguntando-se a todo tempo por que seguia em direção ao que justamente queria evitar.

Seus olhos ainda ardiam, vermelhos de sono. Saíra na noite anterior com a esposa e os dois filhos. A promoção na empresa, resultado de uma batalha de três anos trabalhando em projetos até a madrugada, merecia uma comemoração à altura; além disso, devia um passeio à esposa e aos filhos há um tempo. Como

toda família normal, saíram para comer uma pizza. Divertiram-se. Comeram bastante. Voltaram para casa. As crianças dormiram. O cansaço não impediu o casal Beckinsale de transar rapidamente. Dormiram.

Eram 4h47min quando ele recebeu o telefonema que o tirou da cama e o colocou na estrada a caminho de Casper Ville.

“Tio” Charlie havia morrido durante a madrugada. O cérebro de Clark falhou durante alguns segundos, enquanto tentava associar o nome à pessoa. Mas as lembranças vieram rápidas. Infelizmente.

Não conseguiu muitos detalhes do ocorrido, pois quem estava do outro lado da linha era sua tia Alma, irmã mais velha de sua falecida mãe e levemente senil. Disse que Charlie morrera “de forma horrível”. Disse que Margot, tia-avó de Clark, estava muito abalada. E disse que o enterro seria naquele sábado, às duas da tarde. Depois desligou. E agora Clark dirigia em direção a Casper Ville desde as cinco da manhã, encarando no retrovisor o pingente velho que pendia de seu pescoço; caminhões passavam velozmente por ele, e o vento frio e seco da manhã cortava sua testa. Na estação de *country* o velho Johnny Cash murmurava *Ring Of Fire*, e as lembranças da adolescência de Clark em Casper Ville vinham num ritmo gradativo. Quanto mais se aproximava, mais se lembrava.

Não chegou a ouvir nenhum convite de sua tia. Nada parecido com “venha se despedir de Charlie” ou “ajude a fechar a porcaria do paletó”, como seria normal de ouvir dela. Foi apenas avisado. Mas de uma forma que não conseguia entender, seguia até lá.

“*Por quê?*”

Não sabia dizer. Encarava a si próprio no espelho enquanto dirigia até a velha cidade de sua infância. Saíra de lá jurando nunca mais retornar, e então, quinze anos depois, voltava pelo motivo mais imbecil: velar um “primo/tio” que sequer o reconheceria se o visse.

“*Por quê?*”

Prometeu à esposa que voltaria no dia seguinte. Dormiria na casa de algum parente e tentaria confortar tia Margot, de quem gostava e sentia saudade velada (além de rever o velho tio Bruce, claro). Aqueles senhores o criaram durante sua juventude, e vários anos se passaram desde a última vez em que se viram. Mas não queria se demorar: na segunda-feira Clark já seria o supervisor do setor de Engenharia, e ele não podia perder seu tempo em Casper Ville. Na pequena e medíocre Casper Ville, não. A velha caminhonete alaranjada já estava a caminho de ser trocada, a escola das crianças estava cada vez mais cara, sua esposa estava cada vez mais se acostumando a certos luxos, e ele pretendia passar as férias de verão bem longe de onde morava, talvez na Flórida ou no

Caribe; tinha motivos de sobra para chegar mais cedo na empresa.

Parou em um posto a dezenove quilômetros de Casper Ville. A estrada reta e cinzenta era ladeada por campos e mais campos de algodão abandonados que se estendiam até o horizonte e além dele. O mato verde-escuro e as ervas daninhas se apropriavam de cada centímetro daquele chão, transformando em raridade os pequenos algodoeiros que por ventura poderiam existir naquele mar verdeengo. O posto se projetava quase caindo sobre a estrada. O velho frentista o encarou enquanto ele pegava um refrigerante na máquina. Não tirou os olhos do rosto cansado de Clark mesmo enquanto abastecia a velha caminhonete. Estava a vinte minutos da cidade, e a cada quilômetro a menos, sentia um estranho aperto no peito. A nostalgia que sentia era ruim e angustiante. Clark não queria ir para lá.

Atirou a lata ainda pela metade no chão com um pouco de violência, pagou ao homem e voltou ao carro. O velho do posto agora o olhava com uma leve ferocidade. Cuspiu no chão enquanto Clark girava a chave na ignição.

“Caipiras”, pensou Clark, também encarando o velho pelo retrovisor enquanto o carro se afastava. “Caipiras velhos fedendo a poeira. Isso e muito mais me espera em Casper Ville!”, sua mente cantou, em falsa comemoração.

Quando deixou a “cidade”, em 1982, a grande maioria da “população” já era formada por idosos. “Velhos”, que era a forma como ele os enxergava quando tinha dezoito anos. Velhos, simplesmente velhos. Enrugados, curvados, lentos e fedidos velhos. Não que isso fosse uma unanimidade, claro. Tia Margot e tio Bruce eram suas exceções (apesar de serem tão velhos quanto os outros moradores, ou até mais!), e ele tinha certeza de que estava indo para Casper Ville mais para vê-los do que para se “despedir” de Charlie, que na época em que Clark partiu não era tão velho, mas ainda assim já era velho.

“Mas exatamente *o que* você vai fazer em Casper Ville?”, perguntou Susana, sua esposa, enquanto ele trocava de roupa com pressa, um minuto depois do telefonema de tia Alma. Ele próprio fazia a pergunta a si mesmo enquanto se vestia. “Achei que você... nunca mais voltaria para lá. Pelo menos foi o que sempre me disse.” Ele demorou um pouco pensando na resposta, enquanto vestia as meias e a calça. “Um tio meu... na verdade um primo... é que ele é tão mais velho que eu que na época eu o chamava de tio... bem, ele faleceu, e é um dos últimos parentes de sangue que tenho... tinha. Então... bem acho que devo ir lá... me despedir”, respondeu, escolhendo as palavras e falando meio devagar. Susana ficou na cama, observando-o se arrumar, ainda intrigada. Clark percebeu isso, mas fingiu não ver.

“*Por quê?*”

“Eu vou indo... falo com você e com as crianças quando chegar lá... não

quero acordá-los.” Beijou a esposa com ternura, foi até o quarto dos filhos, Johan e Mabie, e ficou na porta por alguns segundos, olhando-os. Podia ver o movimento do tórax embaixo dos lençóis, e isso era o bastante. Depois entrou no carro, sob o olhar indecifrável da esposa; e lá estava ele agora, dirigindo até sua cidade natal, com um gosto amargo na boca e uma saudade inexplicável da esposa e dos filhos, mesmo estando longe deles há poucas horas.

A vila já podia ser vista do alto da colina que a estrada serpenteava até descer por uma encosta cercada de pedras pontiagudas. A torre da igreja furava o céu, circundada por casebres de telhado escuro e antigo. Os campos de algodões sumiram e deram lugar a pastos ressecados onde algumas cabeças de gado ruminavam aqui e ali. Ao fundo, o bosque surgia e se avolumava, como uma onda escorrendo em direção à cidadela, que se escondia dentro do que parecia uma depressão naquele terreno levemente sinuoso.

Clark cruzou os “portões” de Casper Ville às 7h40min. O céu cinza e angustiante desabava sobre o lugar e fundia-se com ele, caindo com peso sobre a vila, como chumbo derretido, incrustando-se nas casas. Não foi difícil para Clark reconhecer a velha cidadela onde crescera, pois era praticamente a mesma; formada por apenas duas quadras, uma rua principal ligando-as e alguns sítios ao redor, na verdade Casper Ville era distrito de Ben Eagle, cidade onde seus pais trabalhavam enquanto ele vivia sua infância em meio a velhos e velhas. A rua principal continuava igual, reta, plana como uma mesa, apesar da notável diferença da cor do asfalto recente. À direita, enquanto avançava, pôde ver a velha escola onde estudara na infância e juventude, um prédio verde escuro como musgo, e que parecia de certa forma coberto de fungos, abandonado sob aquele ar fumacento. Ao lado, as velhas casas dos moradores de Casper se alinhavam, incrivelmente iguais a como eram antigamente. A ação do tempo, implacável não só nos moradores, fez a pintura descascar, a madeira apodrecer e criar cupins, que se moviam sob as lascas de tinta de forma furtiva e discreta. À esquerda, viu o antigo parquinho das crianças, agora também abandonado e esquecido, a ferrugem a corroer os balancinhos e as correntes; a hospedaria da senhora Isabelle, visivelmente falida; o velho mercado do tio Joe, com adesivos de propagandas e cartões de crédito (“isso chegou aqui?”) colados nas portas de vidro, onde muitas vezes roubava balas sem ser visto; mais casas, cada vez mais antigas, com seres igualmente antigos parados nas janelas e nas portas; seus olhos pareciam ressecados, murchos, mas ainda emitiam um brilho estranho de lágrima e nostalgia. No fim da rua, a igreja do Padre Johnson, que ficava bem perto do bar do desbocado George. “Típico”, pensou Clark, “Um bar ao lado de uma igreja. Encha a cara *aqui* e tenha seus pecados perdoados *logo ali*!”

Ele olhou toda aquela pequena vila ao seu redor e não conseguiu pensar

diferente: “Casper Ville continua pequena e medíocre”.

Enquanto avançava, notava que as pessoas (os *velhos*) abriam as portas ou as janelas para ver quem chegava. Como se fosse combinado, ele também seguia devagar pela Rua Castle Vain, se exibindo para todos naquela passarela. Durante alguns segundos quase pôde sentir o peso dos olhares de toda a cidade sobre ele, ao mesmo tempo em que suas orelhas esquentavam e a barriga parecia se encher de ferro frio. Mas logo passou. Afinal, ele não era a “atração principal” do dia. Esse era seu “tio” Charlie.

Guiou a caminhonete lentamente pela rua principal de Casper Ville. Perto da igreja havia uma concentração de pessoas (velhas), a grande maioria com roupas pretas. Xales de lã cobriam cabeças brancas de longos cabelos, enquanto chapéus pretos de feltro se acomodavam sobre cabeças carecas ou quase lá. Ele parou o carro em frente a uma casa qualquer. Olhou para a fachada, um portão alto e branco, umbrais pintados de um rosa desbotado e flores escurecidas nos vasos na varanda, e não conseguiu se lembrar de quem morava ali.

Não saiu da caminhonete; ficou parado durante um tempo, olhando para aquelas pessoas (velhas) e tentando reconhecê-las.

Rapidamente ele reconheceu a sra. Elizabeth, amiga de sua mãe e que algumas vezes cuidara dele quando tia Margot não podia. Aqueles olhos azuis e ferinos ainda eram os mesmos. Faltava o brilho, o viço, mas ainda eram ferinos; viu os velhos Josh e Nikolay, que em seus tempos áureos chegaram a lutar na Segunda Guerra, e sobre a qual não gostavam de falar nem um pouco; a igualmente velha prof.^a Amilla, que lhe dera aulas de caligrafia na escolinha da cidade, mas que tinha idade suficiente para ter dado aula a Noé. Viu ao longe o velho George do bar colocar a cabeça para fora da porta e olhar inquisidoramente para a caminhonete alaranjada que tinha parado perto de sua casa. Clark também conseguiu ver e relembrar de suas velhas tias Amanda e Carmen, seu tio Edward, que pareceu surpreso em vê-lo, mesmo com aquelas pálpebras pesadas lhe cobrindo os olhos, além de três primas, Marie, Rose e Jolene, que já eram velhas na época em que ele saiu de Casper Ville. *Velhos*. Essa era a palavra que resumia Casper Ville para Clark. Velhos.

Clark relutou em sair do carro. Não queria estar ali. Queria mesmo era ligar a caminhonete laranja e voltar para casa mais rápido do que veio, dar um longo beijo na esposa e um abraço bem forte nos filhos, tomar um café da manhã decente e descansar, talvez jogar um *videogame* com as crianças ou

simplesmente cair na piscina e passar o dia inteiro lá dentro. Sentia um desejo absurdo disso, de sair dali o quanto antes. Não precisava velar Charlie. Por Deus, o que aquele homem significava para ele?

Mas infelizmente ele já estava ali, e não viajara tanto para nada. Desceu do carro e caminhou primeiro na direção das pessoas que se acumulavam na frente da igreja. O luto era notável. Quase todos trajavam preto, fosse em vestidos cumpridos ou em ternos amassados. Alguns traziam fitas negras amarradas no braço, e ele se sentiu destoando daquilo tudo, com sua jaqueta jeans jogada sobre uma camisa azul-escuro. Novamente os olhares estavam sobre ele, cochichando, comentando. Eles o reconheciam. Isso era óbvio, e ele se sentiu um tolo. Lógico que o reconheceriam. O rosto de seu pai estava ali, estampado no dele.

Disfarçadamente, mudou seus passos em direção ao bar do velho George, que voltara para dentro. Os olhares acompanharam Clark até ele desaparecer detrás das portas escuras.

O estabelecimento cheirava a umidade e cevada. Havia algo de etéreo naquele lugar, como se fosse parado no tempo. Uma vitrola no canto estava muda. Uns três velhos que não pareciam ligar muito para o velório, pelo menos pelas suas roupas, estavam sentados em uma mesa, todos bebendo calados. Usavam chapéus normais de vaqueiro e macacões jeans. Nenhum deles encarou Clark por mais de um segundo. Um homem *menos velho* estava escorado no balcão tomando uma cerveja, e atrás do balcão, George olhava Clark de cima a baixo.

“Será que continua chato como antes?”, pensou Clark, enquanto caminhava na direção do balcão do senhor alto e magro de cabelo grisalho penteado de lado, barba por fazer e olhos incisivos.

— Uma cerveja — pediu Clark. George pegou a caneca alta, levou-a até o barril e encheu-a até a borda, sem deixar de encarar Clark um único segundo.

— Você não me é estranho, rapaz — disse, empurrando com desleixo a caneca para Clark e confirmando sua expectativa.

Clark sorriu, levou a cerveja até a boca e deu um gole. Era boa. Pelo menos aquilo era bom naquela “cidade”. Sempre foi.

— Sou Clark. Clark Beckinsale. Filho de Paul Beckinsale.

O rosto de George mudou da desconfiança para a compreensão. Ele balançou a cabeça, sorrindo de leve.

— Oh, Paul, lógico. Paul! Eu me lembro dele. Eu também me lembro de você — falou o velho, apontando e olhando Clark nos olhos. Os outros sentados à mesa olharam para Clark também. Todos ali deviam se lembrar dele. Pelo menos até onde a memória deles fosse capaz de chegar. — Você... saiu daqui

bem jovem.

— Dezoito anos.

— Isso mesmo. Bem jovem. Eu me lembro.

Aquilo amofinava Clark de uma forma absurda. Bebeu mais um gole da cerveja, se preparando para as próximas perguntas. Odiava aquilo, aqueles questionamentos. Já era um adulto, não precisava mais ficar explicando para os outros o que fazia ou deixava de fazer. Mais alguns minutos ali e o “barman” lhe perguntaria até a cor da cueca que usava.

George ficou secando alguns copos durante um tempo antes de recomençar.

— Charlie era seu tio, não é?

— Primo, na verdade. De segundo grau.

— Mas você o chamava de tio — afirmou George, ainda esfregando os copos e sorrindo aquele sorriso de canto de boca que Clark reaprendia a odiar.

— Sim, eu o chamava de tio. Era muito velho para ser meu primo — disse Clark, meio sem jeito em falar “velho” perto de tantos velhos, e sentindo ao mesmo tempo um leve prazer em dizê-lo. Nenhum deles pareceu se importar.

— Sim, chamava de tio. Eu me lembro, não disse? — falou George, sorrindo. Clark devolveu um sorriso amarelo. — Então veio para o enterro?

“Parece óbvio, não?”, pensou Clark, com tanta força que sua mandíbula rangeu; entretanto, se conteve. Apenas balançou a cabeça. Era o bastante que aquele velho metido merecia.

Então, ele notou que George deu uma leve risada azeda, e isso deixou Clark ainda mais irritado. Mas não demonstrou. O velho murmurou algo como “Deus me livre” e entrou na porta à esquerda do balcão, sumindo para dentro do cômodo. Clark suspirou aliviado. Por outro lado, sabia que aquele velho metido seria logo substituído por outro velho metido assim que ele fosse ao velório, com suas perguntas tolas de *“Quanto tempo não aparece por aqui?”*, ou *“Por que não veio nos visitar antes?”*, ou *“Nossa como você está diferente, nem parece aquele magrelo remelento que foi embora há... nossa, há quantos anos você foi embora mesmo?”*. E depois do enterro ele seria novamente bombardeado por mais perguntas tolas de velhos tolos, como *“Caramba, que carro! Quanto custou isso, filho?”*, ou *“Hey, Clark, você continua aquele garoto molenga de antes?”*. Podia prever as risadas dos parentes velhos e a tentativa inútil de demonstrar afeto das parentes velhas. Novamente teve vontade de ir embora da cidade.

Colocou a mão no bolso, puxou seu telefone celular e soltou um estalo de insatisfação com a boca quando reparou que não havia sinal. Deixou o dinheiro da cerveja no balcão, saiu do bar e olhou de novo para o celular, mas ele

continuava inútil. Fora da área de cobertura. “Maldita cidade velha”, pensou, enquanto imaginava sua esposa tentando ligar para ele, ou pior, seu *chefe* tentando ligar para ele, insistindo, sem sucesso. Nada a fazer. Um ponto a menos.

Num sobressalto, os sinos da igreja badalaram oito vezes, preenchendo o ar com sua vibração contínua e melancólica. Ele virou-se para o fim da rua e viu o cortejo arrastando-se devagar em direção à igreja. O som das orações vinha junto, e até o vento parou, como se para ouvi-las. Entre velhos e velhas, um caixão preto era lentamente conduzido pela rua. O caixão onde estava o ranzinza “tio” Charlie.

O velório de Charlie foi rápido e “seco como uma foda com uma galinha”, como o próprio gostava de dizer quando vivo. O caixão estava lacrado, e Clark achou bom, pois não estava nem um pouco disposto a ver a cara velha e feia do “tio” Charlie depois de morto. A capela foi totalmente ocupada pelos moradores da pequena cidade, mas Clark não viu nem tia Margot e nem tio Bruce, que eram justamente as duas pessoas que ele gostaria de ver. Quando o padre Johnson surgiu para conduzir a despedida, ele fitou Clark de longe e sorriu, acenando discretamente com a cabeça, parecendo reconhecê-lo. Em nenhum momento Clark se emocionou ou seguiu o ritual católico ali praticado. Ficou apenas sentado na última fileira da capela, com um gosto amargo na boca e um incômodo que o perseguia desde que saíra de casa.

O cortejo até o pequeno cemitério, no terreno aos fundos da igreja, também foi rápido. Clark acompanhou de longe, enquanto quatro idosos carregavam o caixão, entre eles o velho Michael, que parecia doente de tão magro, e Cassius, padrinho de seu pai (“Santo Deus, ainda vivo?”). Durante as últimas palavras do padre, o céu se abriu com timidez, mostrando um sol branco e fraco, e um vento forte soprou, agitando cabelos e levando flores e terra pelo campo. O caixão foi guiado devagar até o fundo do túmulo, cuja terra seca se levantava vez ou outra com o vento. E quando Charlie finalmente se encontrava sete palmos abaixo da terra, Clark sentiu uma mistura de tristeza e alívio. Eram 14h30min, e de certa forma aquilo era maravilhoso: poderia encurtar sua estadia na cidadela e voltar para casa à noite mesmo. Era o que mais desejava, independentemente da situação angustiante que presenciava. Aquilo não o tocava, na verdade. Ver aqueles velhos se arrastando pela rua, tristes e melancólicos, enterrando alguém tão velho quanto e esperando cada um a sua

vez, lhe dava vontade de sair da cidade o mais rápido possível.

Ele seguiu até o carro, balançando as chaves no bolso, enquanto passava por velhos conhecidos e parentes distantes que o observavam com atenção, pensando em passar no shopping no caminho de casa e levar algo para seus filhos, afinal, suas notas estavam boas ultimamente, então por que não? Pensou em levar algo para Susana também, algo para colocar na estante da sala ou no aparador, ela gostava muito dessas coisas. Ou uma joia. Era algo que ela começara a gostar, graças à boa renda nos últimos anos. Mas à medida que se aproximava do carro, Clark sentia um peso enorme segurando, e sabia o que era. Balançou as chaves por alguns segundos, próximo à porta da caminhonete, apertando-a, querendo muito inseri-la ali e ir embora, então respirou fundo e guardou as chaves de volta no bolso. Voltou até a beira da calçada e ficou encarando aquela rua que era a cidade de Casper Ville. Procurou com os olhos a casa de cor rosa (“salmão, querido, *salmão*”, diria sua esposa) com flores nas janelas, igual a muitas outras casas, mas a única com um jardim carregado na frente e talvez um lençol preto estendido.

O salmão estava desbotado e não havia lençol preto, mas ele a achou e caminhou em direção a ela, com o coração batendo um pouco mais acelerado. Depois de quinze anos, Clark finalmente reencontraria tia Margot.

Ele tinha motivos de sobra para querer revê-la. Quando era criança, dos quatro anos de idade em diante, era na casa dela que ele ficava durante o dia, enquanto seus pais trabalhavam. Sua mãe, Sara Beckinsale, era escritora no fórum de Ben Eagle. Seu pai, Paul, era comerciante. Ele possuía uma loja de equipamentos elétricos e de construção, e também era carpinteiro. Todos os dias, exceto sábados e domingos, sua mãe Sara, que no auge de sua beleza e saúde era magra e sorridente, com cabelos ondulados que caíam sobre os ombros, o levava até a casa da tia Margot, onde ele passava ótimas tardes comendo biscoitos caseiros, ouvindo música clássica e conversando. Às vezes ele era obrigado a estudar. Mas mesmo com isso, suas memórias de infância eram boas.

Tia Margot sempre foi aquela senhora doce e amável. Era assim que ele a via, diferente de todas as outras senhoras de meia idade, que só se juntavam para fofocar sobre a vida dos vizinhos. Naquela época seus cabelos sempre estavam tingidos de preto, e ela usava um par de óculos assustadores de tão grandes. Naquela época, ela vivia cozinhando e batendo papo com ele, dando altas gargalhadas quando ele falava algo engraçado. Naquela época, a artrite ainda não havia colocado suas garras sobre ela, e ela conseguia se mover bem rápido quando queria. Naquela época, Clark pouco via seu “primo/tio” Charlie; ele era mecânico e passava a maior parte do tempo em Ben Eagle. Era o único dos seus quatro filhos que ainda morava com ela, depois de seu marido morrer aos trinta e

seis de infarto e todos os outros três filhos se casarem e irem embora de Casper para nunca mais voltarem. Charlie foi o último a permanecer com a mãe, mais tempo até do que Clark, que também partiu sem ao menos se despedir. Charlie foi o último.

Até aquele dia.

Tocou a campainha da casa simples. A porta fora pintada de marrom recentemente, pois ainda brilhava, mas o restante da casa não via tinta há um bom tempo. O jardim parecia maior, porém havia poucas flores. As folhas verdes tomavam conta da maior parte de tudo. Não demorou muito e ele ouviu vozes dentro da casa. A porta se abriu, e ele se surpreendeu ao ver uma de suas primas, Elizabeth, uns vinte anos mais velha que ele, e sua tia Alma, talvez uns cem anos mais velha que a outra.

— Quem é você? — perguntou tia Alma, apertando os olhos atrás das duas grossas lentes de seus óculos e esticando seu pescoço como uma lhama.

— Eu sou...

— É o Clark, tia. O Clark — interrompeu Elizabeth, afável. Alma fez uma careta.

— Aquele para quem eu liguei hoje cedo? — perguntou ela, e Clark teve que segurar o riso.

— Isso mesmo tia, sou eu — disse Clark. — Lembra-se de mim, tia?

— Lógico que me lembro de você. Era molenga e magro como um palito. Mas veja como você melhorou um pouco, não? — Ela deu um leve tapinha no ombro de Clark com a mão magra e cheia de veias, passando lentamente por ele. — Sua tia Margot está querendo vê-lo, e a ela está com mais saudade de você do que eu. Vá lá falar com ela.

Elizabeth a seguiu, passando por Clark e sorrindo de leve, o máximo que seu rosto inchado de lágrimas permitia. Elas atravessaram o jardim e foram embora. Clark ainda acompanhou com os olhos, enquanto as duas se afastavam, devagar, no ritmo que a velha Alma podia andar, com suas costas curvadas como um anzol.

Clark voltou-se para dentro da casa, e percebeu que ela estava mais escura do que o normal, do que antes, na época em que ele a frequentava. Talvez fosse o clima cinzento do lado de fora. Chamou pela tia. Nada. Ele entrou, enquanto aromas invadiam seu nariz e lhe metiam goela abaixo toda a nostalgia que ele tentava evitar ali. Era algo entre café e fumaça, mas ele não tinha certeza. Chamou por ela, mas não ouviu nenhum som de volta.

A sala tinha mudado um pouco. Afinal, foram quinze anos. O sofá era mais novo e a estante foi trocada por um *rack* bem menor, mas o restante da mobília, como a antiga cadeira de balanço e o bar modesto na quina da sala,

ainda eram os mesmos. A televisão cinza de tubo estava ao lado da vitrola e da pequena coleção de discos de Margot. Nas paredes, quadros com flores e paisagens. Somente uma pequena foto na mesa do telefone no canto mostrava Margot e seus quatro filhos pouco antes de todos descobrirem que havia um mundo além de Casper Ville (exceto Charlie, que por algum motivo decidira ficar até morrer).

A solidão daquela sala era angustiante.

— Tia Margot? — chamou pela terceira vez, mas não ouviu um ruído sequer. A casa fora engolida por uma bolha de silêncio.

Então ele a viu, descendo a escada aos poucos. As mãos tortas seguravam com pouca firmeza o corrimão. Seus passos eram leves e silenciosos. A impressão de Clark ao vê-la, quando ela por fim desceu e ficou frente a frente com ele, era de que sua tia encolhera. Seu rosto estava trincado de rugas e a pele caía murcha abaixo dos olhos. O nariz parecia maior e segurava um par de óculos muito mais fino e menor que o de antigamente. Ela estendeu os braços para ele e deu um sorriso emocionado.

— Clark, querido... — Ela passou a mão no rosto dele e ele a abraçou com aquele cuidado que usamos só com bebês e pessoas muito velhas. — Que bom revê-lo...

— Sinto muito tia... por Charlie... — gaguejou Clark. A frase simplesmente escapou. Se ele sentia algo, era somente pena da tia, que agora sim estava sozinha naquela casa. Mas ela nada disse referente àquilo. Solto-o e o olhou bem no rosto.

— Por que demorou tanto para voltar, filho?

Clark não respondeu. Apenas olhou sua tia nos olhos e tentou não demonstrar que na verdade nunca teve vontade de voltar.

— É uma pena que você tenha voltado em um dia tão triste como esse... — disse ela, enquanto virava em direção à cozinha. — É uma pena...

— Não se preocupe, tia — disse Clark, sem pensar — Hoje eu vou ficar aqui com a senhora.

Ela olhou para ele e sorriu. Clark fitou aquele rosto enrugado e abatido e sentiu o peito apertar.

— Venha até a cozinha, querido. Estou fazendo aqueles biscoitos que você tanto adora — disse ela, como dizia anos ante, quando Clark ainda era uma criança, enquanto caminhava em direção à cozinha. Naquela época ela era mais rápida.

Ele a seguiu. Um bule de café fumegava sobre o fogão. Aquele cheiro era o mais próximo da infância que Clark poderia sentir naquele dia, uma mistura estranha de saudade e certo conformismo. Ele observou a tia ir até o forno e

retirar os biscoitos de lá com o máximo de velocidade que seu corpo permitia. E aquele cheiro... ah, aquele cheiro que lembrava brinquedos no chão, chuva fina caindo na rua e conversas infantis... aquilo ao menos fazia valer a pena voltar para Casper Ville, mesmo que por pouco tempo. Ele sentou-se e comeu os biscoitos, com um sentimento que não era bem alegria pulsando dentro de si, enquanto Margot o olhava sorrindo. O gosto de chocolate com canela o fazia sentir falta de sua mãe, de seu pai, de... de quem mais? Quem mais importava ali naquela cidade? Quem mais além de seus pais, Margot e Bruce? Quem?

Eles não conversaram muito. Quebrar aquele silêncio, aquele encanto, era um sacrilégio. O máximo que perguntou foi sobre alguns parentes próximos, amigos de infância e adolescência, vizinhos antigos; as respostas eram muito parecidas: casaram, foram embora, morreram. Aquele velho êxodo de quem percebe que Casper Ville nunca vai te trazer nada, e que ficar ali vai fazer de você um acomodado que espera a morte. Por outro lado, aquilo deixou Clark com uma pena enorme de sua tia-avó de seu tio Bruce, de todos aqueles velhos que permaneceram naquela “cidade”, que insistiram em ficar, que negaram a passagem do tempo, que ignoraram o avanço do mundo e, cegos, fingiam que ali era o lugar perfeito para eles. Margot não parecia triste, ou pelo menos não transpareceu nada, e Clark também não fez qualquer pergunta sobre Charlie. Quando pensou em perguntar como ele morrera, encarou sua tia e viu uma senhora frágil e ao mesmo tempo altiva, com um sorriso que o fazia se sentir como quando era criança, aquele cheiro de chocolate, café e lenha, o som da música suave, mas pungente, as tardes de sol forte e céu azul, um passado tão distante que se desfazia na frente dos olhos. Mas aquele dia estava cinza, não havia música, não existia mais infância, sua tia estava velha; naquele dia não havia motivo para sorrir.

E ainda assim Margot sorria, e isso deixou Clark um pouco intrigado.

O sorriso de tia Margot impediu Clark de fazer qualquer referência a Charlie. “E é melhor assim”, pensou. Seu tio já estava debaixo da terra, e não adiantaria de nada falar dos mortos. Já se foram, não importam mais afinal...

Quando se deu conta, Clark olhava através da janela da cozinha para uma casa cinzenta e pequena perto do bosque, a cerca de quinhentos metros da casa de tia Margot; seus olhos fixaram-se naquele barraco simples, buscando qualquer movimento que fosse. Virou-se para Margot e ela estava sorrindo de novo.

— Você já foi lá ver seu tio?

— Não... — Clark respondeu, ainda procurando vê-lo de longe.

— Por que não vai lá ver ele? — indagou ela, ainda sorrindo, a mão enrugada sob o queixo, os óculos na ponta do nariz. — Aposto que ele vai gostar muito de ver você... depois de tantos anos...

Clark sorriu.

— Será que aquele velho rabugento está em casa? — falou, e Margot fez uma careta. Depois caiu numa gargalhada.

— Você não falava assim quando vivia aqui.

— Eu era uma criança, tia... e um adolescente bobo. Acho que vou ver... se ele está em casa.

— Pode ir, filho. Ele com certeza está lá. Passou a manhã inteira comigo enquanto... enquanto Charlie era sepultado — disse Margot, e somente no fim da frase sua voz pareceu mudar. Desandar. — Não se preocupe comigo, vou ficar bem. Só prometa que volta aqui antes de ir embora.

Clark levantou-se, foi até sua tia e beijou-a na testa.

— Eu prometo — disse ele, antes de sair pela porta dos fundos em direção à casa do velho tio Bruce.

Os passos de Clark estalavam, já que entre as casas de Margot e Bruce havia um largo campo cheio de capim seco e morto que batia na altura do joelho. Alguns metros à esquerda se encontrava um grande galpão, que antigamente pertencera ao falecido tio Marco, e que depois de sua morte ficou aos cuidados de Billy Thompson, primo de segundo grau de Clark por parte de pai. À direita, algumas casas e a igreja com o cemitério ao fundo. Diante de Clark, a casa escura de tio Bruce se aproximava mais e mais; atrás dela uma mata alta e fechada, o bosque onde nunca ousou entrar durante a infância, mas que foi seu esconderijo durante a adolescência. Seu e de Clarisse, sua primeira namorada. À medida que se aproximava da casa do tio, as lembranças da juventude vinham à tona. Passara a infância quase inteira dentro da casa de tia Margot, mas na adolescência ele ficou a maior parte do tempo enfurnado naquela “casa estranha”, como gostava de dizer seu pai e alguns dos colegas de classe da escola. *Colegas*.

Depois que o pai de Clark morreu, Bruce, que era o irmão mais velho de Paul, ocupou o lugar figurativo dele. Clark tinha doze anos quando seu pai foi atropelado por um homem bêbado em Ben Eagle. Não se lembrava do nome do homem, nem se foi preso, mas sabia que morreu alguns anos depois. Não soube do quê. Pouco importava, afinal. Sua mãe partira seis anos após a morte do pai, graças a algum tipo de câncer raro no cérebro contra o qual não valia a pena lutar. Foi uma das coisas que fez Clark ir embora dali.

Bruce se tornara sua família então, mesmo com tantos parentes de sangue

morando na mesma rua. Era o único homem daquela cidadela com quem conversava, para quem contava os segredos e com quem tirava suas dúvidas de homem. Era a figura masculina de sua vida. Os outros eram meros velhos babões e ranzinzas. Caipiras resmungões que dentre tantas coisas para fazer, preferiam se sentar em frente às suas casas e ver o tempo passar jogando poeira sobre a rua. Levando seus anos. Levando suas vidas. Esperando pacientemente por nada. Com Bruce era diferente. Ele era sério, mas havia uma chama de humor em seu peito. Ele acordava tarde e dormia tarde. Comia bastante e ainda assim não era gordo. Apreciava o silêncio, mas adorava quebrá-lo com o som dos tiros enquanto caçava faisões. Clark amava-o com sinceridade. Olhá-lo, estar ao lado dele, ajudava-o a esquecer de tudo. Do atropelamento do pai. Do câncer da mãe.

Mas apesar de toda a consideração e respeito, ele sequer se despediu de Bruce quando partiu de Casper Ville, quinze anos antes; e agora, enquanto subia aquele campo coberto de capim amarelado, ele se perguntava em silêncio se Bruce o receberia de braços abertos e um sorriso na face, ou se seu tio o esperaria se aproximar mais e lhe meteria um tiro de sal no peito com sua calibre doze de estimação.

Estava a trinta metros da casa. Parou. Era pequena, de madeira cinzenta e janelas que permaneciam fechadas a maior parte do tempo. Como antes. Clark olhava para ela e imaginava se *dentro* ainda seria como antigamente, e tinha quase certeza que sim. Bruce não ligava para modismos ou qualquer luxo. Era um homem simples.

Voltou a andar.

A dez metros da casa, Clark parou de novo e pensou em chamar seu tio. Desistiu. A voz não queria sair. Algo o sufocava. Uma mágoa de si mesmo. Um arrependimento tardio. Seguiu em frente, parou diante da porta rústica, sentindo o cheiro do bosque, do campo, da casa, e a empurrou lentamente.

A luz invadiu a casa devagar. Entre as sombras que desapareciam, ele pôde distinguir um homem sentado numa cadeira de balanço. Era branco e forte. A cabeça estava repleta de cabelos alvos, assim como o rosto, cheio de uma barba baixa, bem cuidada. Vestia uma camisa regata branca, os pelos do peito despontando como molas, e uma calça *jeans* escura, puída. Estava descalço. No seu rosto havia dois olhos penetrantes e sérios, brilhosos, vigilantes, e em seu colo repousava uma enorme espingarda de dois canos. A cadeira de balanço rangia.

— É meio perigoso entrar sorrateiro assim na minha casa — falou o velho, a voz grossa como sempre.

— O senhor não atiraria em mim. Não antes de me dar um abraço — respondeu Clark, e ele viu o homem sorrir. Levantou-se devagar, pousou a

espingarda na cadeira e virou-se para Clark. Seus olhos azuis brilhavam como neve sob o sol.

— Ora se não é meu sobrinho Clark! Venha aqui dar um abraço no velho!

Clark foi até ele e o abraçou. Por um breve momento sentiu uma segurança muito forte ali, com seu tio, que era também seu pai, seu exemplo, e quase chorou. Até o cheiro dele era o mesmo, algo parecido com madeira recém-cortada. Percebeu que Bruce, ao contrário dos outros idosos da cidade, continuava forte, não parecia “encolhido” como os outros. Logicamente, o tempo não havia parado para ele: muitas rugas se desenhavam ao redor de seus olhos azuis e em sua testa, fendas profundas de experiência, e as mãos estavam cheias de manchas. Mas ainda parecia um homem com muita vida pela frente.

Quando se afastaram, Bruce foi sorrindo até uma janela e a abriu. A sala se iluminou com a luz clara e inibida daquele dia cinzento, e Clark pôde vê-la da forma que imaginou.

Cada centímetro das paredes estava coberto por fotos e imagens de santos. Páginas da bíblia fixadas com pregos se distribuíam por toda a sala; estatuetas de vários beatos se espalhavam e decoravam a estante com a TV velha e os cantos da sala, e Clark sabia que na cozinha haveria mais delas, imagens lúgubres de homens e mulheres em oração e êxtase. Crucifixos de diversos tamanhos se misturavam a rostos tristes de pele clara. Uma mesa no canto sustentava uma foto grande de Madre Tereza de Calcutá, desenhos de São Francisco de Assis rodeados de animais em um campo florido, São Sebastião perfurado por diversas flechas e um presépio rústico, que visivelmente jamais fora desmontado; perto da janela, carrascos açoitavam o corpo seminudo de Santa Bárbara de Nicomédia, e ao lado, Pedro era crucificado de cabeça para baixo, o rosto tão cheio de pelo branco quanto o do homem que decorara toda aquela casa; embaixo, em uma mesinha, havia uma grande cruz e o rosto que muitos creem ser o de Jesus Cristo.

Em meio aos mártires da igreja, Clark achou uma foto muito antiga de seus pais, abraçados, e ele apostava que ali, na época daquela foto, ele sequer havia nascido.

Surpreendeu-se com a mão do tio caindo com peso em seu ombro.

— Sente-se! Acho que temos muito o que conversar, não é? — disse o velho. Trazia uma garrafa com café quente e duas xícaras de metal fosco.

— Foi o senhor quem fez... o café? — perguntou Clark, sorrindo, enquanto se acomodava em uma poltrona marrom de couro rachado em todas as direções.

— Sim, eu sabia que você viria até aqui. Vi quando chegou de caminhonete e foi até o bar, e quando saiu do velório e foi para a casa de

Margot... — disse, com um largo sorriso. — Se você tivesse saído da casa de Margot e tivesse ido na direção do seu carro, eu juro que atirava daqui de cima mesmo!

Gargalhou, mostrando lustrosos dentes falsos. Clark sorriu, um pouco tenso. “Vai começar... em breve vai começar o interrogatório.”

— Além do mais, o que mais um homem velho como eu pode fazer além de um pouco de café para si mesmo e caçar umas raposas de vez em quando?

Clark tomou do café, doce como mel, e absorveu a cutucada. Mesmo assim, saboreou a bebida como antigamente.

— E os faisões?

— Não voam mais por estas bandas. Acho que perceberam que era meio perigoso por aqui.

— Entendo...

Olhou nos olhos do tio, por detrás da xícara, e não gostou da forma como estavam apertados, analíticos.

— E você, Clark, como está depois de tanto tempo? — perguntou Bruce, as mãos unidas sobre o colo.

“Não demorou muito para que começasse”, pensou Clark, respirando fundo.

— Bem, sou Engenheiro Civil agora — disse, sorrindo, e Bruce fez cara de satisfação. — Morando em Nova Iorque agora. Estou casado e tenho dois filhos...

— Meu Deus, Clark... dois filhos? — A boca do velho abriu-se, impressionada.

— Fui promovido ontem, aliás. Supervisor. Tenho uma casa boa e um carro grande lá fora, como o senhor viu. Estou bem.

— Percebo — disse Bruce. — Percebo que está bem. Muito bem, aliás, e isso me impressiona! Mas também percebo que isso tudo de alguma forma te fez esquecer das pessoas que gostam tanto de você aqui.

— Tio... — começou Clark, mas foi interrompido.

— Clark, foram quinze anos! *Quinze anos!* Você foi embora sem ao menos se despedir de nós! Tudo o que recebemos desde então foram telefonemas que posso contar nos dedos! E agora você vem e me diz que é casado e tem *dois filhos!* Clark, o que houve com você?

— Tio... o senhor devia...

— Nós somos sua família! Nós *criamos* você! Consegue imaginar o tamanho da mágoa? Consegue imaginar a vontade que tenho de te dar um soco agora mesmo? Consegue imaginar a vontade que tenho de ver seus filhos agora?

— É um casal — disse Clark, apático.

— E isso é maravilhoso! — disse Bruce, levantando-se da cadeira de balanço. — Maravilhoso, por Deus! Eu já os amo mesmo sem conhecê-los! Eu estou muito feliz que tudo tenha dado certo para você Clark, feliz de verdade, porque você mereceu depois de tudo o que aconteceu quando era pivete, mas tenho que dizer uma coisa: você é um belo de um ingrato!

Ficaram em silêncio. Clark já esperava essa reação do velho Bruce. Ao contrário de Margot, ele obviamente guardava muita mágoa daquele dia. O dia em que Clark entrou no carro de um desconhecido e foi embora de Casper Ville sem olhar para trás, com Margot e Bruce no meio da rua, sacudindo os braços e pedindo para que ele parasse, para que não fosse. Gritando, os dois. Já idosos e gritando e mexendo os braços para o alto. Abandonados.

Sabia que Bruce logo esqueceria aquilo. Ele só precisava extravasar a mágoa acumulada por anos, e só. E foi rápido. O velho se recompôs na cadeira de novo e olhou para ele.

— Veio por causa de Charlie, no fim das contas?

— Sim... — respondeu Clark. — E não.

— Veio por quem então? Por Margot? Por *mim*?

— É. É isso.

— Sei.

Depois de mais um silêncio incômodo, Bruce levantou-se, pegou a arma e levou-a para o quarto.

— Pobre Margot... — disse de lá.

Ele voltou com uma camisa azul de flanela sobre a regata. Clark desenrolou as mangas da jaqueta sobre os braços. Estava esfriando de novo.

— Por que ela não foi ao enterro? — perguntou Clark, se livrando de uma dúvida que o perseguia desde cedo.

— Não sei...

— O senhor também não foi. Vocês dois.

— É lógico que não, eu estava com ela.

— Estava com ela durante o enterro do filho dela? Por quê?

Bruce olhava a fumaça que subia lentamente da caneca.

— Ela não queria ir, mas também não queria ficar sozinha. E eu não me importava com Charlie nem quando estava vivo, que dirá morto. Mas me importo com Margot, então fiquei com ela enquanto ele era sepultado. Pobre Margot... ela viu coisas horríveis, Clark.

Clark sentiu uma leve pontada no coração.

— Como assim... *coisas horríveis*?

A frase de tia Alma ecoou em sua mente: “*Ele morreu de forma horrível!*”.

Bruce o olhou intrigado. Deu um gole no café.

— Como assim? Clark, ela *viu* Charlie morrer!

Clark levou a mão até a boca.

— Meu Deus, eu... eu não sabia! Meu Deus! Eu estava com ela até agora e... mas...

— Você me parece um pouco desinformado, Clark — falou Tio Bruce, sentando-se e juntando de novo as mãos sobre o colo. Analisava o sobrinho.

— Na verdade, fui pego meio de surpresa...

— Todos nós fomos — retrucou, amargo. — Como soube? Quem te avisou que Charlie havia morrido?

— Foi tia Alma. Ela me ligou e disse que ele tinha morrido e... e disse as horas do enterro. Só.

— Então tá explicado. Avisado por Alma... não tinha outra pessoa pra te ligar? — disse Bruce, balançando a cabeça.

Clark olhou para o tio, e ia falar quando ele o interrompeu, erguendo a mão:

— O caixão estava lacrado?

— Como?

— O caixão do Charlie. Estava lacrado?

— Sim, estava, mas...

— Você ajudou a carregar o caixão?

— O quê?

O tio revirou os olhos.

— Perguntei se ajudou a carregar o caixão.

— Não... eu nem cheguei perto dele.

— Quantas pessoas o carregaram?

Clark não entendia onde seu tio queria chegar, mas respondeu:

— Acho que quatro.

— Quem eram os quatro?

— Espera mesmo que eu lembre, tio? — falou Clark. — Droga, foram quatro ve... quatro...

— Quatro velhos, sei, sei... — falou Bruce, irritado.

— Sim, quatro velhos — falou Clark, desviando o olhar, envergonhado.

— Não achou isso estranho? — perguntou Bruce.

— Como assim estranho?

— Sabe Clark, apenas *uma* pessoa bastaria para carregar aquele caixão. Acredite.

— Como assim?

— E estava lacrado porque não havia *o quê* ver.

— O quê? — Clark franziu a testa.

— Ninguém te contou como Charlie morreu? — perguntou Bruce, gravemente.

— Bom, não, não me contaram... acho até que estranharam minha presença. Eu também não perguntei, por que eu deveria me interessar por isso? Depois de tantos anos fora, quer que eu chegue na cidade já perguntando como o morto morreu? Mas... aonde o senhor quer chegar? — Clark encarou seu tio nos olhos. — Como ele morreu, afinal?

Bruce deu um longo gole e esvaziou a xícara. Pousou-a sobre a estante e virou-se para Clark. Olhou-o direto nos olhos.

— Clark, seu primo Charlie *pegou fogo*. Do nada. Queimou até o fim. Quando Margot o encontrou, ele era uma fogueira humana. — A voz de Bruce deu lugar ao silêncio. Clark não moveu um músculo sequer da face. — Enterraram um caixão vazio hoje.

O sol já havia sumido por detrás das árvores verdes, coisa que Clark não presenciava há tempos, e a escuridão de uma noite sem estrelas se estendia sobre Casper Ville quando ele se pôs a pensar na atitude que tivera com seu tio Bruce, mais cedo. Estava agora na casa de tia Michelle, uma senhora curvada e minúscula, no quarto de hóspedes que ela ofereceu a ele quando tentou dar partida no carro e viu que seu motor estava falhando.

“Está escurecendo, querido, e a oficina de Dave está fechada, pois estão de luto por Charlie.” Ele tentou fazer o carro funcionar, em vão. O motor urrava sem força, como um bebê se engasgando. “Se for ficar, é só bater na porta de casa, você sempre será bem-vindo.” Ele deu um sorriso amarelo e ela o deixou tentando dar partida no carro. Não deu certo. Furioso, mas tentando não demonstrar, ele foi até a casa de tia Michelle e aceitou a proposta. Poderia ter ficado na casa de Margot, mas sentiu-se mal de pensar em dormir na casa onde alguém morrera na noite anterior. Sentiu-se mal por pensar de forma tão infantil também.

Na casa de Michelle, pediu para usar o telefone. Após dezenas de tentativas que resultavam somente em estática, ele finalmente conseguiu ligar para a esposa. Contou rapidamente para ela sobre o enterro e sobre como estavam Margot e Bruce. Ela não os conhecia pessoalmente, então não pareceu se importar muito. Estava preocupada com Clark. Onde dormiria. Onde jantaria. Quando voltaria. Clark resumiu tudo como pôde, adiantando a ela que voltaria

para casa somente no outro dia, sem dizer que seu carro resolvera dar problema justo ali, em Casper Ville. A ligação foi rápida, ele evitou falar muito. Não queria ficar devendo dinheiro para nenhum parente, muito menos alguém que tinha certeza que não veria mais quando fosse embora. Além disso, a ligação estava uma porcaria.

Ele jantou rapidamente com sua tia Michelle e suas duas filhas, Claire e Margareth. Todas as três tinham idade para ser avó dele. Não trocaram muitas palavras à mesa. As perguntas vinham e Clark as rodeava, pedindo a panela de arroz ou mais um pedaço de carne. Vez ou outra não respondia porque lembrava-se da conversa com Bruce e sua mente viajava. Mesmo tentando não falar muito, as três descobriram que ele casara e tinha filhos. Descobriram seus nomes e as idades. Onde moravam. Subiu para o quarto antes que o questionassem sobre seu salário.

O quarto em que ficou era pequeno, mas aconchegante, com uma pequena varanda virada para a casa vizinha, e ele estava nela, fumando e observando a rua principal à direita, segurando o pingente de sua corrente entre os dedos e pensando na conversa que tivera mais cedo com seu tio Bruce.

Reencontrar Bruce foi uma grande alegria para Clark, de verdade. Mas uma coisa o preocupava: esperava rever seu tio mais “lúcido”. “Ele está senil”, pensava, categórico, enquanto respirava o ar puro daquele lugar que não gostava, e para o qual não pretendia voltar tão logo partisse.

— Combustão... *espontânea*? Combustão *humana* espontânea? O senhor tá falando sério? Sério mesmo? — perguntou, quando seu tio disse que Charlie havia “pegado fogo”.

O senhor o olhou apertando os olhos.

— Clark, acha mesmo que eu brincaria com uma coisa dessas?

Ele ficou encarando o tio, sentindo o coração acelerar e desacelerar, acelerar e desacelerar, enquanto Bruce o encarava com uma convicção que o incomodava.

— O senhor quer mesmo que eu acredite nisso?

Bruce arregalou os olhos e esticou o pescoço para a frente.

— Espera um pouco, você tá me chamando de mentiroso na *minha cara*? Olha pra mim Clark, vê se eu tenho cara de quem fica inventando historinha pra assustar crianças? Merda, olha só o que você tá falando!

— Merda digo eu tio! Olha o que o *senhor* tá falando! Charlie pegando fogo sozinho? Do nada? Acha mesmo que foi isso que aconteceu?

— Eu não acho Clark, eu tenho *certeza*! Mas que droga de moleque teimoso!

Aquilo foi fundo em Clark. Odiava que o chamassem de moleque, até

mesmo na época em que *era* um moleque.

— O senhor viu? Viu acontecer?

— É lógico que não! Você não me ouviu? Foi Margot quem viu...

— Bruce, por Deus, ela tá velha! Velha! Não consegue nem andar direito! Ela pode ter imaginado isso tudo...

Bruce estacou sério na cadeira

— Imaginado? Sério? Então aquele enterro hoje não foi do Charlie, com a cidade inteira reunida? Aquele enterro era uma encenação? O quê, Charlie só *sumiu*? Foi *abduzido*?

Clark o ignorou e continuou:

— Charlie era um merda de um bebedor, e fumava o tempo inteiro! Acha mesmo que um dia ele não causaria uma merda de um acidente? Tenho certeza que dormiu com a garrafa na mão e o cigarro na boca, e pronto! Porra, ele poderia até mesmo ter matado tia Margot! Poderia ter colocado fogo na casa inteira! Pelo menos foi sozinho. Nenhuma grande perda, diga-se de passagem.

Bruce continuava encarando Clark, e seu rosto mudara da raiva para a decepção. Os dois ficaram em silêncio durante uns cinco minutos, imóveis nas cadeiras onde estavam. Clark estava tão incomodado que suas pernas tremiam. No fim, quando o café já havia esfriado na caneca, ele levantou-se, passou por Bruce sem falar com ele, foi até a porta, abriu-a e saiu. E agora estava arrependido da sua atitude. Seu tio estava velho também, e isso era preocupante; poderia estar doente, ou em choque, e precisava de médicos, de cuidados, e ele o abandonou sem nem ao menos se desculpar ou no mínimo fingir que acreditava na história, por mais mirabolante e assustadora que ela fosse.

Olhou no relógio. Eram 20h14min, mas a cidade estava silenciosa como uma madrugada. Algumas poucas luzes estavam acesas, entre elas a do bar do George e da casa de sua prima Elizabeth. As outras casas mostravam, estendidas sobre suas janelas, lençóis e tecidos pretos. A casa de tia Margot estava às escuras, e ele teve muita pena dela. Estava sozinha a partir de agora.

Ao longe, à esquerda, uma única lâmpada sobre a porta iluminava a casa de Bruce. Clark ficou encarando-a durante alguns minutos, pensando no tio e no quanto ele estaria magoado, até que, por fim, a luz se apagou. A escuridão da rua o deixou cada vez mais sonolento. Queria falar com a esposa de novo, e com os filhos dessa vez. Queria estar com eles, e não naquele quarto minúsculo, naquela cama que sabe-se lá quem dormira antes, naquela casa cheia de velhos (des)conhecidos, naquela cidade cheia de gente velha que ele tinha certeza que estaria falando mal dele durante uma semana a partir do dia em que fosse embora (e que muito provavelmente já o faziam *naquele momento*).

Mas sabia que não adiantava de nada se lamentar. Precisava dormir,

descansar para acordar bem cedo no outro dia, de preferência junto com as galinhas, para que levasse seu carro até o velho Dave, e assim que o mecânico visse o problema do carro e o consertasse, ele partiria da mesma forma que quinze anos atrás, naquele verão, sem dizer adeus e sem olhar ninguém nos olhos. Aquelas pessoas não importavam mais para ele. Não eram mais sua família. Não eram mais sua preocupação. Ele tinha uma *vida* agora, diferente de muitos ali que só esperavam a morte em suas cadeiras de balanço e em suas mesas de bar, com cartas de baralho nas mãos e um olhar vago e sem sentido no rosto.

Esquecendo suas promessas e tentando esquecer suas preocupações, Clark deitou-se na cama de colchão velho e fofo, enrolou-se nas cobertas cheias de pelos e bolinhas de linha, encostou a cabeça no travesseiro amarelado e fechou os olhos, esperando que o sono o derrubasse logo. Em poucos minutos ele dormiu.

Michael e Rita dividiam a mesma cama há trinta e sete anos. Em um quarto pequeno e escuro de uma casa modesta perto da igreja, eles viveram quase todo tipo de situação, conversaram sobre coisas que deixariam seus netos de cabelo em pé e fizeram coisas juntos que não convém que seus netos saibam tão cedo. Na cama eles se conheceram de verdade pela primeira vez, em 8 de agosto de 1960, e desde então ali é o lugar preferido de ambos. Quando eram jovens, Michael passava o dia inteiro trabalhando e Rita cuidava dos filhos, mas vivia na espera da chegada de seu marido, pois quando ele chegava, seus filhos iam dormir e os dois subiam para o quarto, e ali com ele ela era feliz, não importa o que estivessem fazendo. Depois que seus filhos cresceram e se tornaram independentes o suficiente para quererem viver longe dali, o quarto se tornou um refúgio. Lógico, gostava de sair para ir à igreja ou para encontrar suas primas e fofocar um pouco, mas era quando estava com Michael que ela era *verdadeiramente* Rita. Ela o amava, mesmo com seu jeito turrão e indelicado. Ela o *louvava*, mesmo não o tendo escolhido para se casar, mesmo não sabendo (imaginando, mas não sabendo) o que seu marido fazia todas as sextas-feiras em que demorava tanto para chegar. Ela o adorava não por tê-la feito mulher aos quinze anos de idade ou por tê-la dado uma casa para morar. Ela o adorava não por ele ter lhe dado seis filhos que ela amava tanto. Ela o adorava porque ao seu lado ela era feliz.

Apesar de tudo, ela nunca poderia afirmar com certeza se ele sentia o

mesmo por ela. Se casaram bem jovens, ela com quinze e ele com trinta e cinco anos, e ela podia contar nos dedos as vezes em que ouviu um “eu te amo” dele. Ela sabia, entretanto, que isso não significava nada, não para um homem como ele, que brigava com as palavras. Não significava que ele não sentia.

Dias atrás ela tomou um baita susto quando acordou de madrugada com os berros do marido ao seu lado. Ele suava frio e tremia com a boca banguela aberta, os braços duros e travados, os olhos arregalados olhando para o canto do quarto. Ela o puxou para si e ele encostou a cabeça no peito dela, relutante. Seus corpos não eram os mesmo de antes. Ela alisava o cabelo branco e seco do marido e massageava sua testa quente e cheia de marcas, enquanto ele apertava seu braço flácido e forçava seu rosto contra seu seio ressequido, soluçando como um bebê.

Michael era a razão de sua vida. Foi no começo, e depois que seus filhos foram viver suas vidas, ele voltou a ser. Sem ele, Rita era só mais uma velha em Casper Ville. Mais uma entre tantas e tantos. Mas com Michael, Rita tinha um motivo para viver, fosse para cuidar dele, para servi-lo, para passar suas roupas ou cortar seu cabelo, ou fazer sua barba, ou cozinhar para ele, ou ouvi-lo tagarelar sobre o futebol enquanto fingia que aquilo também era divertido para ela, ou aguentá-lo ouvindo suas músicas velhas e ultrapassadas; ou até mesmo para suportá-lo criticando-a quando a roupa estava amassada aqui ou ali, ou quando ela machucava seu rosto de leve sem querer quando lhe fazia a barba, ou quando a comida estava sem sal ou queimava porque ela a esquecia no fogão, ou quando ela cochilava enquanto ele falava do jogo, ou quando ela criticava suas músicas favoritas.

Ninguém é perfeito.

Rita já tinha perdido seus pais, e seus filhos já a deixaram para trás há um bom tempo. A cidade se importava com ela tanto quanto com os outros velhos, ou seja, era como se não existisse. Só lhe restava Michael. Mesmo que aquilo parecesse uma prisão para ele (ou até mais para ela), a única pessoa que lhe restava era no fim a pessoa que mais importava. E para ela isso era o bastante.

Depois de muitos anos juntos, a pessoa aprende certas coisas sobre o outro que são ensinadas sem que nenhuma palavra seja dita. Uma dessas coisas era sobre Michael, e o que ela sabia era que o marido odiava dormir encostado com ela. Na verdade, o problema não era *ela*. Rita era inteligente o bastante para entender que mesmo que seu marido dividisse a cama com Marilyn Monroe, ele não dormiria encostado nela, porque dessa forma ele não dormiria. Simplesmente. Isso o incomodava, e com os anos ela aprendeu esse detalhe, e o cumpriu sempre, pelo menos o máximo que podia.

Rita o amava tanto, porém, que se negava a *não o sentir* ao seu lado à

noite. Então, calmamente, ela o esperava dormir e pousava sua mão com delicadeza sobre a dele. Era o bastante para ela. Se ele acordasse e se movesse, ela perceberia e tiraria a mão o mais rápido possível.

Funcionou por mais de trinta anos.

Mas naquele dia Rita nunca poderia descrever a necessidade que sentiu de segurar a mão do marido. Também não poderia explicar o sono que a derrubou tão cedo e, meu Deus, antes mesmo que seu marido dormisse, o que significava que ela estaria sem sua mão sobre a dele durante toda a noite! Ela não poderia explicar o calor que sentia dentro daquele quarto abafado, mesmo depois de o dia inteiro ter sido cinza e frio, algo como um cenário ideal para o enterro de Charlie, que eles conheciam desde que se entendiam como gente. Ela não saberia explicar como era ruim aquele cheiro dentro do quarto, um cheiro cortante e pesado, um cheiro que parecia rasgar seu nariz e sua garganta. Que horas eram? Há quanto tempo estaria sem sentir as mãos de seu marido? A madrugada inteira? Há quanto tempo estaria debaixo dessas cobertas a ponto de suas costas estarem suadas e seu colchão úmido? Por quanto tempo ela tatearia às cegas em busca das mãos de Michael? Por quanto tempo seu marido queimaria lentamente ao seu lado até ela perceber que segurava dedos em brasa? Quanto tempo ela levaria para perceber aquela luz forte bruxuleando ao seu lado, aquele som crepitante bem perto dos seus ouvidos? Quanto tempo ela levaria para sentir sua mão se ferindo no fogo infinito, até que ela a puxasse no ímpeto, levantasse da cama e visse Michael envolto por chamas, com os olhos esbugalhados, encarando o canto do quarto e balançando a cabeça lentamente como se dissesse “sim, sim, sim, sim...”?

Foi pouco tempo, mas foi o bastante para que Michael desaparecesse sob o fogo sem ao menos chamuscar o lençol.

Quando Clark acordou ainda era madrugada, e o céu estava escuro, num tom roxo desanimador. Ventava lá fora, e pela janela ele viu que era o único acordado na cidade. Aparentemente.

Eram 5h32min quando decidiu levantar da cama fofa e levar seu carro ao mecânico. Trocou de roupa, desceu as escadas até a sala e saiu sem acordar ninguém. Fazia um frio cortante, e ele lançou as mãos para dentro do bolso enquanto caminhava até sua caminhonete, que ainda esperava em frente ao bar do George. Ele notou que o bar já estava aberto mesmo tão cedo, e torceu para que o velho irritante e abelhudo não aparecesse quando ele tentasse ligar o carro,

mas não teve jeito; quando ele girou a chave e o motor rosnou como um cachorro sufocado, George meteu a cara para fora da porta e abriu um sorriso forçado para Clark, que acenou de volta.

Depois de tentar algumas vezes, Clark finalmente desistiu de ligar o carro para guiá-lo até o mecânico. A esperança que tinha mesmo era de que o motor voltasse à vida e ele não precisasse ficar mais nem um minuto naquele lugar. Tirou o papel onde anotara na noite anterior o número do telefone de Dave e discou-o no seu celular. Sem área. Saiu do carro soltando muxoxos como uma criança chorona.

Abriu o capô do carro. Estava gelado, mas não aparentava nenhum problema. Não identificou nada de errado visualmente. Não que entendesse de motores de carro. Sua especialidade era Engenharia Civil, e sobre carros ele sabia apenas como dirigi-los. Soltou mais um muxoxo, enquanto a tampa do capô despencava de volta à posição normal, e foi até o bar.

Surpreendeu-se quando cruzou a porta e deu de frente com pelo menos uns quinze senhores de pé, falando alto e ao mesmo tempo. Viu seu tio Marky, um dos filhos de seu avô com outra mulher, Josh, o veterano da Segunda Guerra, seu tio Edward, o velho Joe, que tinha um mercado no começo da rua, de pé com a ajuda de uma bengala, e vários outros velhos que ele conhecia, mas não sabia os nomes. Nem todos pararam de falar quando ele entrou, mas todos se viraram e olharam para ele por alguns instantes. Clark foi até o balcão sem conseguir entender o motivo de tanto papo tão cedo do dia. Mas também não queria saber. Perguntou a George se ele tinha algum telefone ou se havia um orelhão por perto.

— Você que falar com o Dave, não é? O mecânico?

Não se lembrava de ter tocado no assunto com George, e momentaneamente ficou irritado com a intromissão do homem. Depois percebeu que ele o viu tentando ligar o carro, e se sentiu um idiota.

— Sério mesmo que vai usar um telefone para ligar pra alguém *daqui*?

Clark respirou fundo, a orelha ficando vermelha.

— O senhor tem razão — disse Clark, se afastando do balcão e segurando para não pular por sobre ele e agarrar aquele velho pelo pescoço. — É mais fácil eu ir lá, não é?

O velho retribuiu o sorriso amarelo.

— A oficina ainda é perto do velho mercado. Mas acho que ele não deve estar lá à essa hora...

Mas Clark já saía enquanto George falava. “É lógico que eu sei onde é a oficina, seu velho filho da puta!”, pensou Clark, enquanto caminhava no sentido contrário, as mãos no bolso, o vento forte batendo no rosto e mexendo nas

nuvens que já estavam ficando mais azuladas. O dia finalmente estava amanhecendo.

No caminho até a oficina, que passava por detrás do bar e continuava por uma rua larga e esburacada sem casa alguma dos lados, ele avistou um telefone público e parou. Pensou em ligar para a esposa, sentia a saudade aumentando a cada segundo em Casper Ville, mas ainda era muito cedo, então deixou para quando estivesse saindo da cidade. Avisar que chegaria ainda a tempo de almoçar com eles e quem sabe até saírem de noite para uma pizza de novo; aquele passeio parecia que tinha sido há tanto tempo! Sentia muito a falta deles, de sua mulher, de suas crianças. Não via a hora de estar de volta.

Chegou até a oficina do velho Dave, escondida atrás do antigo mercado do Joe, aparentemente abandonado, local ideal para jovens treparem escondidos, o que não era o caso, já que ali não havia jovens. Era um barracão alto de madeira envernizada e com um largo portão de correr feito de alumínio. Não havia qualquer sinal de vida naquela oficina, exceto por uma lâmpada incandescente brilhando tímida no alto da fachada. O portão estava fechado e não havia qualquer ruído lá dentro. Ele bateu no portão com os nós dos dedos e o som ecoou como a marcha de um exército pela manhã silenciosa.

Ouviu um resmungo vindo de dentro do galpão. Depois alguns passos e o som das correntes. Clark se afastou do portão quando ele se abriu, e quem apareceu foi o próprio Dave, mais velho do que Clark achava que estaria. Os cabelos falhavam no meio e nos lados da cabeça. Um bigode cheio de fios cinza e desproporcionais saltava sobre sua boca. Usava uma calça *jeans* surrada e um agasalho grosso, que não escondiam sua magreza excessiva. Suas mãos já estavam sujas de graxa àquela hora da manhã, e Clark se perguntou de onde vinha tanto serviço numa cidade como aquela.

— Ora, é o filho do Paul! Como vai, rapaz? — disse Dave, os dentes amarelos surgindo detrás dos pelos do bigode.

— Estou bem.

— Eu o vi no enterro de Charlie ontem. Uma pena. Foi uma pena.

Ficaram em silêncio até que Clark lhe falou do carro. Explicou que não conseguia dar partida. Também explicou que não entendia nada sobre motores ou o cacete e que por isso estava ali, e que ele deveria dar uma olhada o mais rápido possível, pois queria ir embora da cidade ainda no domingo. *Precisava* ir. O velho não reclamou e nem fez perguntas. Somente pediu para Clark que esperasse. Entrou, depois saiu de novo e abriu o portão inteiro. Dentro do galpão havia uma caminhonete-guincho. Ele e Clark subiram na cabine, e o velho a manobrou para fora. Acelerou, deu a volta e entrou na rua principal, seguindo em direção ao carro.

— Vou dar uma olhada, e se for feia a coisa, trago ele pra oficina.

— Mas eu preciso dele ainda hoje. Pago o que for preciso, Dave. Já estou cansado dessa cidade... — pegou-se confessando.

— Mas você mal chegou! Precisa ficar um pouco aqui, rapaz, foi aqui que você nasceu e cresceu...

Clark riu.

— Na verdade, se eu pudesse escolher...

— Mas o que é isso?

Uma sirene ecoou atrás do carro e ambos olharam pelo retrovisor. Uma ambulância se aproximava deles. O velho Dave deu uma guinada para a direita e abriu caminho para o veículo, que passou por eles, seguindo rua acima, na direção da igreja. A placa era de Ben Eagle, lógico. A viatura freou e parou próxima ao bar. As pessoas começaram a sair de suas casas, os velhos saíram do bar, e à medida que a caminhonete guincho chegava mais perto, mais pessoas saíam para ver do que se tratava. A ambulância parou na frente da casa do velho Michael. Clark sabia que ele era algum parente distante, mas não lembrava qual o grau. Se perguntou rapidamente como conseguira se lembrar do nome do morador daquela casa depois de tanto tempo, mas ignorou a pergunta logo em seguida.

Três paramédicos saltaram da ambulância e entraram sem cerimônias na casa de Michael e Rita.

Quando o carro-guincho chegou perto, praticamente toda a “população” de Casper Ville estava na rua, na frente da casa de Michael. Desceram da caminhonete, Dave secando o suor que escorria da testa e Clark sentindo um estranho aperto no peito. Depois de alguns minutos, os três paramédicos que entraram na casa saíram trazendo a esposa de Michael, Rita. Sentada na maca, ela estava em prantos, e no meio do silêncio Clark ouviu palavras desconexas, só entendendo quando ela falava de Michael. Michael.

Michael estava morto.

De repente, Clark sentiu mais urgência do que nunca de que seu carro fosse consertado e ele pudesse sair dali. “Morto? Mais um morto? Como assim? O que acontece nessa porra de cidade?”

Olhou ao redor, procurando por Dave, e quando o viu, este já estava no meio do povo, que balbuciava quase em uníssono. Clark tentou achar seu tio Bruce ali na confusão, mas só via rostos velhos de quem não sabia o nome. Então ficou lá, encostado na caminhonete laranja, mexendo nervosamente no pingente que carregava no pescoço enquanto os paramédicos conversavam. Nos rostos deles era possível notar certa confusão, como se não soubessem o que fazer. O barulho das vozes foi ficando mais alto, e aquilo começou a torturar

Clark, fazendo com que odiasse ainda mais aquela cidade. Não precisava estar ali, não *queria* estar ali. E era onde estava, preso por causa daquele carro.

E agora provavelmente preso por outro velório.

Virou-se quando ouviu o som de outro carro se aproximando. Polícia. Placa de Ben Eagle novamente. “Pelo jeito, esse foi sério...”

“Mais sério do que Charlie?”, respondeu para si mesmo, “Aquele que pegou fogo sozinho?”. Quase riu. Quase.

Olhou de novo em direção à casa onde acontecia toda a confusão, e viu seu tio Bruce saindo de dentro dela junto de mais uns três senhores que ele não conhecia. Bruce o viu também, os olhos ainda inchados de sono, mas não deu qualquer sinal, apenas olhou para ele rápido, com a cara fechada.

A confusão durou cerca de meia hora. Depois disso, as pessoas foram se dispersando, e a ambulância partiu levando Rita em estado de choque aparente. Vários dos velhos voltaram até o bar, e Clark entendeu o motivo da conversa exaltada deles lá dentro. De alguma forma sabiam o que havia acontecido. Mas ele não queria se envolver, só queria achar Dave no meio daquela confusão e fazê-lo consertar o carro, se precisasse. Esticou o pescoço e tapou a luz do sol que saía forte entre as nuvens com uma das mãos. Viu Dave quase uns cem metros ao longe, perto da casa de Margot, e foi em direção a ele.

Foi parado por uma mão pesada aberta sobre seu peito. Baixou a mão que protegia os olhos e se viu diante de seu tio Bruce.

— E então? — perguntou Clark, depois de um silêncio chato. — O que aconteceu? Por que essa bagunça toda afinal.

— Michael morreu. Igual Charlie.

Foram para o bar. Clark e Bruce dividiram uma mesa e uma garrafa de cerveja. A confusão cessara lá fora, e boa parte dela se transferiu para dentro do estabelecimento.

Ninguém se aproximava da mesa onde os dois estavam.

— Então... como estava lá quando o senhor entrou?

Bruce deu um gole na cerveja.

— A casa estava cheia de fumaça. Sabe, eu tenho tido insônia ultimamente, então eu estava acordado. Saí para ver como estava a noite. Vi a fumaça saindo pela janela. Corri para lá e quando cheguei só havia cinzas... sobre a cama. A cama estava intacta, mas cheia de cinzas escuras. Rita estava no chão, apavorada. Foi o que aconteceu.

Clark encarou o chão de madeira velha do bar.

— Você acha então que ele pegou fogo sozinho também?

— Como assim “você acha então”? Clark, qual é a sua? *Eu vi* dessa vez, você não pode acreditar pelo menos nisso? — Os outros que estavam no bar olharam inquietos na direção deles, e Clark quase se encolheu na cadeira.

— Não precisa gritar, tio.

— Tá OK, eu não grito, mas você precisa acreditar em mim também. Merda, todas essas pessoas aqui não têm dúvida disso, por que você ainda pensa que eu estou louco? Se for assim, todos estão loucos nessa porra!

Clark chegou mais perto do tio.

— O senhor não percebe que isso não entra na minha cabeça? Como posso aceitar isso? Uma pessoa “pegar fogo” do nada... é ridículo.

Bruce o olhou nos olhos de novo. Encarava Clark como se encara uma criança que não entende que dois mais dois dá quatro.

— OK, então. Vamos lá.

— Lá aonde?

— Na casa de Rita. Vamos lá ver. Venha ver a cama.

Bruce foi se levantando, mas Clark o segurou pelo braço.

— Hey, calma aí. Tudo bem, eu acredito no senhor. Não quero... não quero ir ver porra nenhuma.

— Merda que acredita. Me solte e venha ver.

Clark soltou o tio, deixou a grana da cerveja na mesa e seguiu Bruce, assim como os olhares dos velhos do bar. Quando saiu, Clark avistou Dave, que ainda encarava a casa de Rita com certo medo. Foi até ele.

— E então Dave, acha que pode dar um jeito no carro, pelo menos agora?

Ele demorou para notar Clark, e quando o fez, foi cômico.

— Ah? Quê? Ah sim, sim, eu vejo ele sim... vou levá-lo até a... até a oficina, pode ser?

Clark fez que sim com a cabeça, entregando-lhe a chave, e deixou o velho e transtornado Dave amarrando seu carro ao guincho enquanto seguia de novo seu tio até a casa de Rita.

Não havia faixa proibindo a entrada na casa e muito menos um policial vigiando. Bruce entrou e Clark foi logo atrás. A primeira coisa que notou foi o cheiro leve de fumaça, e isso já fez seu coração saltar. Tinha também um odor adocicado, e ele se arrepiou. Elizabeth, sua prima, estava na sala, chorando, e ao seu redor estavam algumas senhoras que Clark não sabia o nome. Elas olharam Bruce entrar e subir as escadas sem nenhuma cerimônia. Clark ainda parou antes de subi-las, incomodado com a situação, mas continuou no encalço de seu tio. Os passos do velho caíam pesados sobre os degraus. Clark o seguiu o mais

rápido que pôde, e o viu passar rapidamente por uma porta branca. Fez o mesmo.

Não havia mais vestígios visíveis de fumaça ou qualquer outra coisa que comprovasse que houve fogo ali, a não ser a cinzas sobre o lençol da cama. Bruce encostou-se à parede e pôs as mãos no bolso do agasalho.

— Veja. Chegue perto. Vai notar que ainda está um pouco quente, mesmo a combustão tendo ocorrido há quase cinco horas. — Clark se aproximou da cama e sentiu o calor que aquelas cinzas irradiavam. — Se quiser pode... retirar um pouco das cinzas para ver que o lençol sequeu foi atingido.

Clark passou de leve a mão sobre um punhado de cinzas, mas recuou com o calor. Havia algo errado ali, não naquela situação, parecia bem plausível para ele agora, mas havia algo de *assombroso* naquilo, algo que queria comê-lo por dentro. Não sabia o que era. Talvez fosse a possibilidade de seu tio estar *certo*. Cambaleou e foi até a janela com uma das mãos na testa. O vento bateu no seu rosto e pareceu trazê-lo um pouco para a realidade. Ele arfava e suave. O quarto ainda estava muito quente.

— Então isso foi... foi o que sobrou de Michael?

Bruce olhou para ele com olhos ferinos.

— Sim. Só restou isso dele. E isso está me deixando de cabelo em pé, Clark. Acredite.

Olhou para o tio, a testa franzida.

— Isso de forma alguma é *normal*, Clark. Não é natural... é...

— Como assim? O que você quer dizer? Essa coisa...

Elizabeth surgiu na porta, os olhos vermelhos rodeados de rugas. Olhou para Bruce e disse baixo:

— Saiam, por favor. Michael não é nenhum monstro, OK? Vão embora.

— Liz... — começou Bruce, mas a afilhada de Michael o interrompeu.

— Por favor. Saiam. Vocês dois.

— Elizabeth, nos dê...

— *Agora!*

Em dois minutos os dois estavam na casa de Bruce, suados e intrigados.

— Isso é conhecido “cientificamente” por C.H.E., sigla de Combustão Humana Espontânea — disse Bruce, fazendo as aspas com os dedos enquanto Clark o olhava, apoiando a cabeça sobre os punhos fechados.

— Como assim, “cientificamente”, com aspas? Isso para mim é “assustador”, na verdade.

— Com aspas porque, apesar de ser reconhecido como um fenômeno real, a ciência não sabe ao certo *como* ele ocorre. Ninguém nunca testemunhou um caso, entende? Nunca na história. A única coisa que existe são relatos... relatos de pessoas que encontraram pessoas queimadas inteiramente sem nenhuma influência de uma fonte externa de calor. Casos de Combustão Humana Espontânea são registrados desde o século 17. Lógico, naquela época isso era algo... sobrenatural, entende? Não havia conhecimento para que eles chegassem a uma conclusão lógica.

Clark olhou para o tio.

— Espera um pouco, quem tá me assustando é *você* agora! Primeiro, de onde tirou tanta informação sobre isso assim? E segundo, logo o senhor, com todos esses santos e essas... essas coisas religiosas aqui, falando em conclusão lógica?

Bruce abriu os braços:

— O que isso tem a ver? Ser religioso não faz de mim um tolo medroso que pensa que tudo é coisa do além! E pro seu conhecimento, eu visito regularmente a biblioteca de Ben Eagle e me mantenho informado sobre tudo que posso.

Clark ergueu a sobrancelha, cético.

— Existe um livro de mil setecentos e alguma coisa que fala sobre combustão espontânea! Naquela época era coisa do diabo! Mas desde aquela época, há relatos sobre isso e todos os relatos *sempre* têm algo em comum. Quando alguém era encontrado morto com suspeitas de CHE, notavam que as extremidades de seu corpo, como mãos e pés, ou até mesmo a cabeça, continuavam intactos. Além disso, as chamas que supostamente haviam “nascido” do corpo da vítima não atingiam nada ao redor, deixando somente alguns resquícios de fuligem no teto ou nas paredes e móveis. Ou seja, o fogo nascia da pessoa, e morria com a pessoa, consumia somente a ela. Como se ela própria, e somente ela, fosse seu combustível.

Bruce deu um gole no café. Clark permanecia calado, encarando o nada.

— Mas o que mais intriga a ciência sobre isso, Clark, é que o corpo humano é feito 70% somente de *água*, então, como podemos pegar fogo instantaneamente se somos constituídos quase que totalmente por um líquido não inflamável?

— E a gordura? Não conta? — perguntou seu sobrinho.

— Sim, temos gordura no corpo, mas mesmo assim, cientificamente é impossível. Um crematório, Clark, queima corpos a 1652°F [\[1\]](#)! Que corpo é capaz de subir sua temperatura tão alta e tão rapidamente sem matar a pessoa somente de febre ou estourar seus órgãos? É impossível... mesmo que você seja

um caminhão de banha como o velho Nick, que Deus o tenha. E cá entre nós, Charlie e Michael não eram nem um pouco obesos. Charlie era pançudo, ok, mas Michael era um saco de ossos. Impossível... mas sabemos que ocorre. E o ponto é... *como* isso ocorre?

— Alguma ideia?

— Estou pensando: o fato em comum com o que está ocorrendo aqui é que a pessoa pega fogo sem qualquer influência externa e tem seu corpo reduzido a cinzas, porém sem danificar nada que está por perto, seja a poltrona no caso de Charlie, ou a cama e a própria esposa no caso de Michael. Mas, tirando isso, o que está acontecendo aqui é meio... diferente. Apesar dos dois terem morrido da mesma forma, não sobrou nada de seus corpos. Nada. Somente cinzas. Mãos, pés... nada. Tudo queimado. Além disso, esses podem ter sido os dois primeiros casos na *história* de Combustão Espontânea Humana assistida. Há testemunhas, Clark. Margot e Rita. *Elas viram tudo*.

Clark pensou em falar algo, mas seu tio continuou:

— Porém, Clark, há mais um detalhe nessa história que está me assombrando... mais do que somente o fato de duas pessoas terem morrido da mesma forma em tão pouco tempo... algo que desperta meu lado religioso. E que Deus nos proteja!

— O que o senhor quer dizer?

Bruce se arrepiou, olhando para os lados. Fez um sinal da cruz lento e sério sobre o rosto. Clark o encarou, constrangido.

— Quando fui até a casa de Margot ontem, ela me disse que havia acordado às 3h00min da madrugada, e que nessa hora encontrou Charlie pegando fogo. 3h00min, Clark.

— E? — perguntou Clark, abrindo os braços.

— Como assim, “E”? Em que mundo você vive, garoto? Nem parece que cresceu conosco...

— Qual o problema com as 3h00min?

— É a hora do diabo, Clark.

— Mais essa... — resmungou Clark, enquanto massageava as têmporas, que começaram a doer.

— Você sabe do que eu falo. É o deboche do diabo com a morte de Cristo, que foi às três da tarde. Você fez catequese, sabe disso.

— Você acha que o diabo queimou Charlie, então? — perguntou Clark com um riso de deboche, mas seu tio lhe deu de volta um olhar raivoso e o sorriso desapareceu de sua face.

— O problema não seria esse, se Michael não tivesse morrido na mesma hora da madrugada. Mas quando eu acordei e vi aquela fumaça, eram

exatamente três da madrugada. Entendeu agora?

— Mortos da mesma forma, no mesmo horário... — sibilou Clark, sentindo a pele se arrepiar.

— Sim, e é isso o mais estranho. *Por quê?* Entende? Por que igual? O que isso quer dizer?

— Olha tio, eu vou ser sincero com o senhor — Clark tirou as mãos da cabeça e levantou-se. Coçou a nuca, ainda incomodado com toda aquela conversa e aquele assunto macabro, e olhou para o tio com seriedade — Eu não sei o que isso quer dizer e não sei o que o senhor vai fazer agora. Mas *eu* sei o que *eu* vou fazer. Vou até aquela oficina do Dave, pegar qualquer carro que ele tenha, e *foda-se meu carro, foda-se Charlie e foda-se Michael*, mas eu vou embora de Casper Ville. Vou para casa, por que hoje já é domingo, e eu prometi à minha esposa, aos meus filhos e ao meu chefe que estaria de volta ainda hoje. Sinto muito.

— Não, você não sente muito — disse Bruce quando Clark ia saindo da casa. — Você não sente muito porque foi *isso* o que você se tornou, um egocêntrico idiota que pensa que a única coisa que existe é você, sua família e seu emprego. Mas não consegue ver que tem pessoas que sofrem aqui, e que *temos que fazer alguma coisa...*

— *Fazer o quê, tio, me diga?! Pelo amor de Deus, me dê uma ideia!* Porque a única coisa que posso imaginar somos nós parados ao lado de cada velho caduco dessa cidade com um balde de água esperando que ele comece a queimar para jogar água nele e apagar seu *maldito* fogo! Porque é isso que você tá querendo me dizer, que cada velho da cidade vai queimar as três da madrugada porque o diabo, ou satanás ou a porra que seja está fazendo isso! E eu simplesmente *não quero saber disso*, OK? Será que o senhor consegue entender que eu tenho *minha vida*, e que essa cidade faz parte do passado para mim? Porra tio, será que o senhor não consegue perceber isso?

Bruce calou-se. Na verdade, já havia calado quando notou que ele próprio colocara aquilo tudo sobre a família de Clark, e que ele próprio ficaria revoltado se fizessem isso com ele. No fundo, Clark tinha razão; o que eles poderiam fazer? O que era aquilo que estava acontecendo, afinal? Que controle ele teria sobre aquilo? Dois haviam queimado sozinho em sua cidade querida, mas e daí? O que isso significava? O fato de terem morrido no mesmo horário teria realmente esse significado todo? E se acabasse agora? E se parasse nos dois?

— Você tem razão, filho. Me perdoe — falou o velho, depois de um silêncio que deixou os dois com um nó na garganta. Foi até Clark e pôs a mão no ombro dele — Sua família... sua família é a única coisa com a qual deve se

preocupar. Sei que voltar para cá não foi a melhor coisa do mundo para você... nem sempre voltar para sua cidade natal vai trazer boas lembranças... mas espero que tenha pelo menos matado o pouco de saudade que tinha de nós. Eu não matei toda a minha, mas...

Clark ficou calado, primeiro achando que era somente uma chantagem emocional do velho, mas depois lembrando que Bruce não era dessas coisas. Pôs a mão sobre o ombro do tio também.

— Tio, eu gostaria *muito* — “*não minta Clark, não minta...*”, em sua cabeça —, muito mesmo, de ficar aqui com o senhor conversando sobre isso e tentando descobrir qualquer tipo de relação que exista, mas não posso. É uma questão de prioridade, somente. Eu prometo, por Deus, que assim que houver uma chance eu volto aqui pra Casper, trago meus filhos e minha esposa para te conhecer, OK? Mas agora... agora eu não posso ficar... não mesmo.

— Eu entendo. Me desculpe. E tome cuidado quando estiver indo. Esqueça... esqueça qualquer coisa que tenha visto ou que tenhamos conversado. OK?

— OK.

Apertou o ombro do velho, soltou-o e virou-se, partindo. Na sua cabeça, somente um pensamento: “*preciso ir embora*”. Suas pernas tremiam. Quando estava longe o bastante para não poder ver os olhos de Bruce, Clark virou e notou que seu tio entrara. “De novo essas malditas despedidas”, pensou, quando caminhava na direção do galpão de Dave.

De fato, para Clark pouca coisa mudaria do domingo para a segunda em relação ao que houve de sábado para domingo. A mais relevante é que ele não conseguiria ir embora, nem tão cedo, e se ele soubesse disso começaria a ir *a pé* para casa naquela hora mesmo. Mas as coisas não dariam tão certo para ele, e descobriria isso bem rápido. Já Bruce, mesmo não sabendo disso, sentia que aquela história não terminara. Sentia que de alguma forma, Charlie e Michael eram só a ponta do iceberg.

E ele estava certo.

A primeira decepção de Clark naquele dia foi em relação ao seu carro. Quando chegou à oficina de Dave, encontrou o mecânico confuso.

— Eu... eu não sei como isso aconteceu Clark, mas seu motor... seu motor fundiu!

Clark arregalou os olhos, incrédulo.

— Como assim, *fundiu*? Droga, esse carro não tem nem cem mil rodados, Dave!

— Eu não sei o que aconteceu, Clark. Eu simplesmente levantei... abri o capô e tirei a tampa do motor... e foi isso que eu encontrei.

Clark foi até o capô do carro, e por mais que não entendesse nada de mecânica automotiva, motores ou qualquer coisa, ele pôde ver que o carro estava ferrado: um resto de fumaça branca e fedida ainda saía de dentro do motor, que nada mais era agora do que uma carcaça de metal retorcido. Era como se tivesse sido remoldado. Jogado dentro de um forno, derretido e jogado de volta para dentro da carroceria.

— Olha, eu vou ver o que posso fazer, posso ir em Ben Eagle procurar por um motor novo...

— *Motor novo*?! — berrou Clark, enquanto coçava a cabeça.

— Clark, seu motor já era! — disse Dave, sem jeito. — Vou até Ben Eagle...

— Você não teria outro carro, para me emprestar? Pelo menos até semana que vem?

Dave abriu os braços, sorrindo sem graça.

— O que eu tenho é isso aqui, que tá aqui dentro dessa oficina — Ao redor só se via carcaças de carros antigos, peças largadas para todos os lados e a caminhonete-guincho, e Clark se imaginou chegando em sua casa de noite com aquela coisa, “Olha querida, nosso novo carro! Não é *lindo*?”. — E se eu te emprestar o guincho...

— Sei, sei — disse Clark, tentando evitar que se estressasse mais. Se levasse o guincho, como que o velho iria até Ben Eagle?

— O que você pode fazer é ir comigo até Ben Eagle e ver se consegue alugar um carro lá.

A sugestão de Dave era ótima, pensou Clark.

— Sim, é uma boa ideia. É uma ótima ideia, Dave, de verdade. Você não sabe o quanto *preciso* ir embora — disse Clark, limpando as mãos sujas de fuligem no *jeans* que já começava a ficar encardido. — Bom, podemos ir agora...

— Sinto muito Clark, mas... — O velho Dave olhou o chão, encabulado, coçando a nuca com uma mão e segurando, *apertando* o boné com a outra — mas eu vou só depois do enterro de Michael e...

Clark o encarou de novo, esticando o pescoço.

— Enterro? Como assim, Dave? *Enterro*? Mas... você sabe muito bem como ele morreu. Não tem corpo. Não tem “enterro”. Não tem o *que* enterrar, entende?

Dave olhava Clark enquanto este gesticulava com as mãos, como que ensinando a uma criança, e vagamente pensou que se ele falasse assim com os filhos, com aquelas mãos se movendo, com certeza eles o odiariam.

Por fim, o velho respirou fundo e disse:

— Clark, sinto muito... você pode não ter consideração nenhuma por Michael, mas eu e ele nos conhecíamos desde os quinze anos e nós aqui da cidade gostamos muito dele... então faremos sim um enterro, e por respeito *eu vou* a esse enterro, com corpo ou sem corpo... me desculpe.

Clark fitava o velho, irritado. Sua cabeça fervia e, por Deus, como ele queria pegar aquele velho bigodudo pela gola da camisa e sacudi-lo como um boneco, mas se conteve, não era de seu feitio. Balançou a cabeça, soltando muxoxos.

— Eu prometo... prometo que assim que terminar lá eu corro pra Ben Eagle.

— Tá OK... tá OK... — disse Clark, balançando a mão para o homem e saindo da oficina logo em seguida.

O vento frio diminuía, e o céu azul estava marcado por faixas esparsas de nuvens cinzentas. Clark parou no meio da rua esburacada, apoiou as mãos na cintura e pensou no que poderia fazer para sair daquela cidade. Alguns velhos dali tinham carros ou caminhonetes velhas (“velhos, velhas!”), e ele imaginou quem poderia emprestar um para ele, mas não conseguiu ir muito longe. O velho George do bar deveria ter um, mas Clark não suportou a ideia de ter de pedir para aquele velho metido que ele lhe emprestasse seu carro. Seu tio Marky ainda devia ter a velha minivan que usava para buscar coisas em Ben Eagle ou para pescar no lago Eglund, a uns cinco quilômetros de Casper, mas nunca teve intimidade com Marky, então não sabia como convenceria o tio a emprestá-la. Vira-o duas vezes na cidade e em nenhuma dessas vezes ele se dirigiu a Clark (nem Clark fez menção de fazê-lo, diga-se de passagem...). Pensou em pedir que Bruce o ajudasse a conseguir um carro, então lembrou-se que seu tio estava “ocupado” com suas ideias estranhas de combustão humana... o que até fazia sentido, mas que Clark não estava nem um pouco a fim de se envolver. Logo, resolveu que a ideia de Dave era a melhor, e que em Ben Eagle ele provavelmente encontraria uma locadora de carros. Se a coisa ficasse séria, teria que ligar para alguém em Nova York para buscá-lo. Seria o único jeito.

Porém, Clark não pensou em *como* falaria com alguém em Nova York. Só quando parou na frente da casa de tia Margot com o celular diante do rosto que se lembrou que não havia área de operação ali. E a bateria de seu celular estava quase se esgotando. Pensou em voltar até a casa de tia Michelle, mas sentiu vergonha de pedir para usar o telefone novamente. Sabia que na casa de

tia Margot não havia telefone. Pensou em tia Alma, o orgulho cutucando-o, “não, tia Alma não, *por favor...*”, e então lembrou-se de que havia um telefone público perto da Igreja.

Andou até lá com o coração disparado. As pessoas já se reuniam perto da igreja, todas trajando luto e demonstrando uma estranha tristeza. Para Clark, aquilo parecia uma obrigação tola. O que eles enterrariam afinal? Um caixão vazio de novo? O que esses velhos tinham na cabeça?

A cabine do telefone estava abandonada. O telefone em si, todo surrado, com pichações e marcas aqui ou ali, o fez se perguntar quem teria feito aquilo, uma vez que ali só havia velhos, mas depois lembrou-se que quando morava lá ainda havia *jovens*, moleques que gostavam de aprontar. Como Johnny, um de seus “amigos” até uns treze anos, quando finalmente decidiu que deveria ir embora; descobriram que ele roubava o mercado do velho Joe. Lógico, os velhos da cidade sempre foram tolerantes, e ele só foi embora porque deram a chance. Se tivesse ficado, talvez tomasse uma surra ou fosse preso. Mas não precisou passar por isso. Clark nunca mais o viu. Não fazia questão também. Qualquer pessoa que o fizesse manter ligação com seu tempo de juventude em Casper Ville o estorvaria. Por isso queria ir embora. Porque não gostava de lembranças.

Puxou o fone do gancho e o colocou na orelha, e o barulho o deixou aliviado. Procurou pela abertura para inserir o cartão de crédito e ela não existia. Quis bater no próprio rosto. Quantos anos deveria ter aquele telefone? Vinte? Trinta? Estava ali desde que ele era um moleque, e pelo visto nunca foi trocado, pois ainda utilizava fichas.

Saiu da cabine e foi até o bar do George. Entrar ali o deixava irritado, porque o expunha às perguntas idiotas daquele velho. Ele ergueu a cabeça como uma lhama quando Clark entrou, esfregando aqueles copos com uma toalha amarelada. Clark tentou imaginar o cheiro daquele pano, os fiapos grudando nos copos a cada esfregada, até que não houvesse mais pano algum. Seu estômago se remexeu.

George não fez nenhuma pergunta idiota quando Clark questionou se ele tinha fichas para o telefone. Comprou-as a cinquenta centavos cada. “Merda, até isso é velho nessa cidade?”, pensou quando entregou dois dólares a George.

Levou as fichas até o telefone, acreditando que ele não serviria mais para seu propósito, mas a ligação foi completada e ele conseguiu contatar com a esposa.

Assim como aquele dia, a ligação estava péssima. Entre cortes e estática, ele ouviu a voz preocupada de Susana:

— Querido, onde você está? Estou preocupada...

— Não se preocupe, Susana. Eu ainda estou em Casper... é que houve

uns imprevistos e...

— O que aconteceu, Clark?

— Morreu um... outro parente. Na verdade, é um parente distante... Michael. Acho que ele era irmão do marido de uma das minhas tias... irmã de meu pai, agora eu não lembro, mas... creio que eu vou ficar mais algumas horas aqui.

— Mas você (*estalo*) ficar aí?

— Como? Susana, não estou te ouvindo!

— Você *precisa* ficar aí?

Clark refletiu com aquela questão. Fizera a mesma pergunta a si próprio o dia inteiro.

— Querida... são meus parentes... estão velhos e... — Olhou ao redor. As pessoas pareciam vigiá-lo, enquanto a linha estalava do outro lado. Além disso, não queria mencionar o carro quebrado à esposa. Não queria preocupá-la ainda mais. — Eu sou a pessoa que mais que ir embora daqui, juro por Deus. Mas as coisas estão acontecendo e...

— Clark... não estou te ouvindo direito... o que houve com seu celu...

— Meu celular está sem bateria, querida, está tudo...

Estalos.

“Dando errado”, era como completaria, mas desistiu.

— Mas não se preocupe, eu vou tentar sair de Casper ainda hoje. OK?

Mais estalos na linha. Estática.

— Susana?

— Alô, Clark, a ligação está péssima... direito... você tá aí?

— Susana? Querida eu ligo para você mais tarde, OK? Não se preocupe.

Tchau, beijo.

Não soube se a mulher o ouviu.

Saiu da cabine e ficou olhando para a igreja. A escadaria já estava repleta de pessoas em luto, velhos que choramingavam baixo. Não havia uma única criança. Talvez o mais jovem ali depois dele fosse Robert, um de seus primos. Ele tinha quase cinquenta anos.

Enquanto Clark aguardava impaciente que um caixão fosse levado para a igreja, velado e enterrado, Bruce estava na casa de Rita, assim como vários moradores da cidade que os conheciam mais intimamente. Havia um caixão na sala, sobre uma mesa, vazio exceto pelas cinzas de Michael, que foram depositadas dentro dele alguns minutos antes. Juntas, não somavam sequer cem gramas do homem de quem fizeram parte outrora. O caixão estava lacrado. Ao redor, Rita, que foi trazida do hospital depois de tomar alguns calmantes, e alguns parentes próximos, sentados, chorando em silêncio enquanto outros

conversavam baixo. Alguém se servia de pão com queijo, e só. Na casa dominava o silêncio.

Bruce estava sentado nas escadas, encarando o caixão e aquelas pessoas. Encarando-as como somente ele era capaz. Ele podia sentir um peso ali, naquela casa, naquelas pessoas e naquele caixão. Um peso estranho. Uma sensação que sempre o acompanhava em situações como aquela, e que começou quando era criança, com seus oito ou nove anos de idade, no dia em que sua irmã Claire morreu.

Ela era sua irmã mais velha, linda como um amanhecer de primavera, como um campo de flores silvestres se abrindo para a chuva. Os cabelos negros e a pele branca e suave, os olhos azuis como o céu de Cristo. Ela cuidou de Bruce desde que ele nascera, enquanto seus pais trabalhavam na colheita de algodão perto de Ben Eagle. Era a época da Grande Depressão, e ter um emprego era uma dádiva. Eles saíam cedo e voltavam à noite. Claire quem ficava com ele durante todo o dia. Era nos braços de Claire, sentindo o cheiro de seu cabelo moreno e de sua pele alva como a neve, que ele podia superar a *sensação* de ser um órfão, de crescer sem que seu pai ou sua mãe estivessem por perto. Mas um dia Claire morreu, sem explicação e sem despedidas. Simplesmente adoeceu na quarta-feira e foi enterrada no sábado, a pele amarelada e ressecada, os olhos vidrados e lacrimejantes, enquanto atrofiava-se na cama. Em três dias sua beleza foi consumida pela morte.

No velório, que durou poucas horas porque ninguém suportava encarar aquela face descarnada que outrora fora tão bela, Bruce sentiu o peso, aquela sensação que tinha agora, quando olhou o caixão da irmã. Via uma névoa branca sobre o corpo de Claire, como uma luz suave e estonteante, ferindo seus olhos, e ao mesmo tempo encantando-o. Então ela tomou a forma de sua irmã. Sorria para ele, enquanto caminhava em sua direção. Ele apertou a mão do pai com força enquanto ela se aproximava, mas seu pai estava deveras entorpecido pelo luto para notar. Ela chegou bem perto de seu rosto e o beijou, e ele *sentiu mas não sentiu* quando as mãos dela roçaram sua face e seu cabelo. Logo depois ela sumiu. Daquele dia em diante, alguma coisa ficou para sempre ao lado de Bruce. Era a sensação. O *peso*.

Foi assim durante anos, sempre que alguém morria. Bruce os sentia. Sentia seu peso, o peso da alma, às vezes seus olhares, ou às vezes somente a proximidade, quando passavam por ele. Foi assim quando seus pais morreram, quando sua esposa Beatriz partiu, quando Paul partiu, quando Sara partiu. Foi assim no dia anterior, quando ele chegou até a casa de Margot e viu o caixão de Charlie. Quase podia ver sua forma parruda ao redor do esquife, dando voltas entre as pessoas antes de sumir. E era agora com Michael. Igual. Podia sentir seu

cheiro velho e rançoso ali, perto deles, perto *dele*, nas escadas, onde Michael gostava de enrolar fumo enquanto Rita gritava para que ele tirasse a bunda dos degraus e sentasse em alguma cadeira. Podia ver sua silhueta magra dando voltas ao redor das pessoas, como que perdido.

Minutos depois aquele peso, aquela *forma*, se foi.

Bruce nunca aceitou de fato aquela *sensação*, a qual não sabia nomear, mas que já recebera diversos nomes, diversas descrições. Quando ingressou em um seminário na Nova Inglaterra, aos dezoito anos, os sacerdotes diziam que aquilo era o demônio disfarçado, tentando iludi-lo de que podia ver os mortos, e dessa forma desviá-lo do Caminho do Senhor. Saiu do seminário aos vinte e cinco anos, quando percebeu que era hipocrisia permanecer ali quando na verdade queria perder grande parte de seu tempo entre as pernas de uma mulher. A mulher em questão era uma pessoa de conhecimento estupendo, criada em meio à floresta e em contato com as forças ocultas. Uma “bruxa”, diriam os padres. Ela o explicou que aquilo era uma sensibilidade digna de poucos, de muita responsabilidade, e a qual não cabia busca ou explicação, e somente aceitação e missão. Bruce demorou para entender a segunda parte do que ela dizia. Procurou diversas religiões e credos, e foi tocado por cada uma delas. Sabia que havia um pouco da verdade divina em cada uma, um pouco de revelação em cada crença, e que ignorar aquilo era idiotice; foi dessas buscas que cultivou fé em santos do mundo todo, que passou a orar virado para o leste e a respeitar o vento que soprava, a nuvem que cobria a cidade ou o trovão que estremecia tudo abaixo dele; foi quando começou a *aceitar* sua sensação. Casou-se com Beatriz, uma garota que conheceu antes do fim da Segunda Guerra, teve três filhos com ela e foi feliz durante trinta anos, quando então o Altíssimo decidiu levá-la. Seus filhos se foram para o mundo e nunca mais voltaram. Conviveu durante toda a vida com a *sensação*. Acostumou-se com ela. Mas as palavras daquela mulher, daquela “bruxa”... “*aceitação e missão*”... havia algo a mais ali. E ele não tinha entendido ainda.

Entretanto, pouco a pouco ele compreendia. Havia algo ali, *agora*. Algo em Casper Ville. Algo que desafiava sua concepção, algo que o fazia duvidar de muita coisa que aprendera durante toda a vida. Algo que o fazia estremecer como uma criança que teme o escuro por não saber o que pode surgir dele. Havia algo rondando Casper, rondando seus moradores, rondando aquela casa; ele podia ouvir seus passos. Bruce ouvia os passos da morte.

Era sua missão.

Quando o caixão levando as cinzas de Michael chegou à igreja, Clark suspirou, como se estivesse perto o fim de sua “prisão”, seu “sofrimento”. Uma pequena multidão seguia o esquife, e Clark viu Bruce entre eles, vestindo um casaco, com as mãos dentro dos bolsos, pensativo. Também viu Dave, com o que parecia ser sua melhor camisa, uma coisa entre o xadrez e o listrado que Clark não pôde diferenciar, pois era tão velha quanto ele. O cabelo parecia ter sido ajeitado com saliva e o bigode fora levemente aparado, e Clark se perguntou outra vez qual a importância daquilo tudo, daquele cortejo para um caixão vazio. Lógico, ele não sabia que as cinzas de Michael, seus últimos restos, ocupavam aquele caixão, e qualquer menção a isso para qualquer daquelas pessoas era falta de respeito.

Mesmo assim, Clark não se conformava. Para ele, aquele “respeito” todo era pura hipocrisia.

Ele assistiu ao cortejo e ao velório do lado de fora da igreja. Ouviu todo o discurso do Padre Johnson, sobre ser fiel a Deus, seguir o Caminho de Deus e jamais questionar a Deus, aquela baboseira que Clark já não suportava. Lembrou-lhe os tempos do catecismo, quando era obrigado por seus pais a ser coroinha uma vez por mês e a estudar a Bíblia com o catequista Marius, que aparentemente devia ter movido seu rabo cristão para fora de Casper, como muitos outros. Foi com ele que aprendeu que devia se curvar ao entrar na igreja e fazer o Sinal da Santa Cruz, que a Quaresma era um período de meditação, que deveria jejuar na Sexta-Feira Santa e que o Diabo era o pai da mentira. E também aquela história das 3h00min da qual Bruce falara no dia anterior. Por mais que achasse aquilo ridículo, aqueles ensinamentos ainda refletiam em seus atos, como comer somente peixe na Semana Santa ou fazer o Sinal da Santa Cruz quando rezasse. Mas na verdade não havia mais fé naquilo, somente um costume tolo, uma mania que ele não conseguia abandonar porque, de alguma forma, era como se algo lhe dissesse que coisas ruins aconteceriam se ele não respeitasse essas “normas”.

Depois de quase duas horas de velório, ele não aguentou a ansiedade e entrou na igreja. Curvou ligeiramente o corpo, dobrando um dos joelhos, enquanto fazia o gesto com a mão direita, disfarçadamente, sem querer chamar atenção. Olhou ao redor. As pessoas se preparavam para conduzir o caixão até o cemitério. Bruce estava na segunda fileira, ajoelhado, rezando. Rita e outras senhoras faziam suas últimas preces e sinais. Atrás do altar, o padre Johnson conversava sério com tio Edward e outro que Clark não viu o rosto. Eles olharam para Clark e depois se separaram. Aos poucos, os velhos se reuniram ao redor do caixão, o levantaram e o carregaram até a porta da igreja, passando por Clark, que evitou olhar, mas não conseguiu. Seus olhos se cruzaram com os de

vários anciões daquela cidade, olhos vermelhos de lágrimas e caídos de dor, pesar e velhice. Por fim, depois que o cortejo inteiro saiu da capela, o padre Johnson passou por ele, apressado, acenando com a cabeça, e também saiu. Clark olhou na direção do altar. Bruce ainda estava no mesmo lugar, ajoelhado.

Caminhou devagar até o tio, enquanto encarava uma figura triste e ferida pregada em uma cruz no fundo do altar. Era grande e dava arrepios em Clark.

— Por que... — começou Clark, sabendo que Bruce já o havia percebido, e sem pensar se aquilo o irritaria ou não — ... por que sempre o retratam assim, todo ferido, ensanguentado, como se tivesse saído de, sei lá, uma tortura?

— Porque foi o que aconteceu, Clark. Uma tortura — falou Bruce, baixo, ainda ajoelhado, de olhos fechados e com as mãos juntas próximas ao rosto. Clark continuou encarando aquela imagem triste e desoladora. Não se conteve:

— Mas se ele ressuscitou no terceiro dia como ensinam, cheio de glória e poder, por que é a imagem dele *derrotado* que fica à mostra nas igrejas, ao invés daquela em que ele aparece cheio de luz e subindo aos céus?

Bruce abriu os olhos e encarou Clark.

— Você está tentando ser irônico, Clark?

— Não tio, eu só...

— Porque se é isso, deveria se envergonhar. Principalmente aqui dentro — O velho levantou-se com facilidade, andou até Clark e ficou de frente com ele — Ele é mostrado assim, ferido e desamparado, para vermos que sofreu em nosso nome. Ele é mostrado em “derrota” para vermos que, por sermos menos que ele, que é O Filho de Deus, nós podemos também sofrer derrotas. Ele é mostrado em morte para que você se lembre toda vez que olhar para essa imagem ou qualquer imagem que seja, que ele morreu por nós. Derramou seu sangue por nós. Ele foi mais homem que nós, Clark. Ele deu a *vida* dele por nós, aqueles que, em sua visão no Monte das Oliveiras, o fizeram suar sangue, tamanha a quantidade de pecados. Você daria sua vida por alguém, Clark? Se arriscaria por alguém? Derramaria *seu* sangue?

A igreja se preencheu de silêncio. Clark baixou a cabeça e respirou fundo. Bruce virou-se para a imagem e fez o sinal da cruz. Saiu em seguida. Clark permaneceu ali um tempo, balançando o pingente rústico entre os dedos, não pensando no que o tio disse, mas sim em quanto tempo levaria para voltar para casa. Olhou aquele Cristo flagelado, e implorou mentalmente que, se ele existisse, o ajudasse lá em cima, pois parecia que as coisas não estavam a seu favor.

O dia passou mais rápido do que Clark gostaria, e quando ele menos percebeu já eram dez horas da noite. Estava furioso.

Ele e Dave foram até Ben Eagle logo após o fim do funeral. Clark encontrou Dave quando ele tirava a caminhonete-guincho de dentro do galpão. Dave quase deixou escapar uma careta de chateação quando viu Clark chegando, mas conseguiu disfarçar bem. Porém, deu a Clark uma notícia que ele não gostou.

— Então Clark, na verdade... acho que com tantas coisas acontecendo aqui, eu acabei esquecendo que hoje é domingo e, bem... a locadora de veículos em Ben Eagle deve estar fechada...

Clark deu um soco no capô da caminhonete, um soco que ecoou pelo barracão e, mais tarde, pelos ossos de sua mão.

— *Mas que merda!* — bradou para a rua, enquanto Dave o olhava ansioso, temendo que o próximo soco fosse em direção ao seu rosto. — Você tem *certeza* disso, Dave?

Dave engoliu seco, receoso de que no fundo ele não tivesse certeza, e temendo mais ainda que a locadora estivesse aberta e ele não soubesse.

— Clark, eu acho que sim... mas já que você está tão ansioso, acho que é melhor ir comigo, que tal? Daí você pode me ajudar a... escolher o motor. OK?

Clark não olhou o rosto de Dave, apenas resmungou:

— É melhor eu ir mesmo. Se estiver fechado mesmo, não há o que fazer...

Subiram na caminhonete às 16h00min e voltaram três horas depois. Clark não prestou atenção em Ben Eagle. Nunca gostou muito da cidade, na verdade. Estava mais interessado na locadora de veículos. A viagem demorou meia hora, e eles passaram na frente da locadora, que para decepção de Clark estava mesmo fechada. Dave não sabia se suspirava aliviado ou se chorava de medo. Em seguida, foram até um depósito velho e malcheiroso no outro extremo da cidade, ver se conseguiam um motor para salvar o carro de Clark.

O dono do lugar, um gordo gigantesco todo sujo de graxa, os atendeu com uma lata de cerveja na mão e um espeto de churrasco na outra. Sua fome amansou enquanto Dave lhe contava sobre Michael, que ele não conhecia, e sobre Charlie, que fora amigo de seu pai. A procura pelo motor foi lenta e Clark, apesar da impaciência, não interferiu, uma vez que não saberia dizer nada de construtivo. Por fim, acharam um motor similar, e o levaram até Casper Ville. Na volta ele cochilou e só despertou quando a caminhonete desligou na frente do barracão. Depois, Dave ainda explicou que levaria um dia inteiro para arrumar aquele motor. Talvez dois.

— *Dois dias?* Mas por que tudo isso?

— Clark... eu trabalho sozinho, e já estou bem velho, se é que você

notou... — Clark odiava ironias, e fez uma careta para se conter. — O melhor que posso fazer por você é te entregar esse carro amanhã de noite. Não é coisa fácil...

— Mas Dave, você não entende... eu *preciso* ir embora! Tenho um emprego ao qual não posso faltar e uma família para sustentar! Não posso ficar mais um dia em Casper Ville!

Dave tirou a camisa de flanela, a mesma que fora para o enterro de Michael. Estava exausto, não só por perder dois amigos de longa data em dois dias, mas também por ter que tolerar as exigências tolas e as explosões idiotas de Clark, que no fim se tornara um adulto metido a especial. Jogou a camisa sobre o ombro, suspirou e disse sem pausas:

— Clark, eu sinto muito, muito mesmo, mas assim como você, eu também tenho meus problemas: tenho artrite que castiga minhas mãos, e minhas costas não valem nada. Tenho mais de sessenta anos e uma esposa da mesma idade me espera em casa. Ela esquece onde põe a própria dentadura, e eu rezo para que nem você nem sua esposa passem por isso. Além do mais, perdi dois grandes amigos num piscar de olhos... estou exausto e triste. Amanhã mexo no seu carro, e sinceramente, eu faria isso de graça se você me deixasse descansar. Então, me desculpe... tenha uma boa noite.

Ele entrou no galpão, puxou as duas enormes portas e o fechou. Clark correu mentalmente até o portão e o chutou várias vezes até acordar todos os velhos daquela cidade. Mentalmente.

A última saída para Clark era ligar para Nova Iorque. Falar com a esposa, explicar que só chegaria na segunda-feira mesmo pois seu carro estava quebrado, e depois ligar para o escritório, e ele seria capaz de implorar se fosse necessário, para que alguém o buscasse ainda naquele domingo. Talvez Peter, o subgerente, que lhe devia diversos favores. Não importa se chegassem de madrugada em Nova Iorque e fossem trabalhar de olhos vermelhos e cara inchada. Seria infinitamente melhor do que faltar no primeiro dia no novo cargo.

O telefone público estava pior que mais cedo, quando ele falara com Susana. Levou cerca de dez minutos para que a ligação de fato se concretizasse. E levou mais uns vinte até que ele conseguisse ouvir uma frase completa da esposa.

Não conseguiu manter sequer um diálogo de trinta segundos. A voz entrecortada da esposa deixava peças soltas de um quebra-cabeça: “Não acredito...”; “mas que inferno...”; “querido, por favor...”; “Clark? Está me ouvindo...”; “Johan está com...”; “...por Deus Mabie!”.

A única frase completa foi “Volte logo, querido”.

Ele puxou o telefone com muita força, e o cabo esticou o máximo que

podia. Pensou em quebrar aquela porcaria, bater com o fone no aparelho até que os botões comesçassem a voar, ora bolas, ninguém ali usava aquela porcaria, e já não servia para *nada* mesmo! Mas conseguiu controlar a fúria. Deixou a cabine abafada, respirou durante um minuto e depois voltou. Tentou de novo, porém dessa vez o telefone parecia realmente ter quebrado. “Ou talvez *eu* o tenha quebrado de vez”, pensou, arrependido pelo puxão, enquanto caminhava até a casa de tia Michelle. Teria que deixar o orgulho de lado e pedir para usar o telefone dela. De novo.

A tia permitiu de bom grado, apesar do ar soturno que a casa apresentava. O telefone dela estava mudo também. Perguntou a ela se acontecera algo ao telefone, mas ela não soube dizer. Ele também não insistiu. Ela parecia exausta. Saiu de lá e foi até o bar do George, ignorando o fato de odiá-lo, e pediu para usar o telefone dele. A contragosto, o velho o levou para dentro da cozinha pequena e rústica do bar, onde estava o aparelho. Clark sequer olhou ao redor, sequer processou os cheiros e cores dentro daquele cubículo. O telefone também estava mudo ali. Não fazia o menor ruído. George não soube explicar. Parecia mais surpreso do que Clark.

Durante duas horas, Clark percorreu cada casa conhecida e desconhecida de Casper Ville. Visitou parentes dos quais nem lembrava o nome, e reviu pessoas que fizeram parte de sua infância, de sua juventude. Professoras, comerciantes, beatas, padeiros, praticamente toda a população da cidadela. Algumas portas não se abriram para ele, talvez por que já fosse muito tarde para um velho estar acordado, ou talvez porque, bem, depois que duas pessoas pegam fogo sozinhas e morrem sem explicação em menos de 24 horas, quem não fica com *medo*, não é? Mas, invariavelmente, todas as linhas estavam mudas. Alguns não faziam ideia do porquê, e pareciam não se importarem. Outros comentaram que era comum ficarem sem telefone por algumas horas.

Mas os telefones não voltaram. Eram 23h35min quando ele finalmente bateu na porta da casa de tia Margot. Ela demorou para abrir, mas o recebeu com um sorriso. Ele jantou, tomou banho, e ela fez uma cama para ele na sala, visto que o único quarto que havia ali além do dela era o de Charlie, e nenhum dos dois quis dar a ideia.

Por fim, Clark desistiu. Deitou com a raiva entalada na garganta, uma vontade enorme de esmurrar o que aparecesse na sua frente. Depois, o corpo reclamou o dia, a mão que socou o carro de Dave começou a doer, e ele se rendeu ao sono.

Edward sabia que seria o próximo. Não era idiota. Só precisava juntar A mais B. Seria o próximo e seria naquela noite. Por isso, tinha que se preparar. E pelo menos tentar se livrar daquilo.

Passou o dia inteiro se preparando espiritualmente para o que aconteceria. Depois do enterro de Michael, conversou com o padre Johnson, tentando não demonstrar sua preocupação, seu *medo*, e depois foi para casa com a esposa, Livy. Ela estava exausta e abatida, pois ajudara tanto no velório de Michael quanto no de Charlie, no sábado. Preparou o jantar devagar, enquanto ele abria a garrafa de uísque e tomava algumas doses sem que ela visse, na sala.

Ele precisaria de coragem à noite, e aquela garrafa parecia cheia dela.

Livy dormiu às 21h00min, depois que jantou calada. Ele também permaneceu a maior parte do tempo quieto. Seu coração estava disparado, e ele vertia suor. Agradeceu a Deus que a mulher não notou. Tinha certeza de que se fosse questionado e tivesse que falar, começaria a gaguejar e depois choraria no colo dela como uma criança. Medo. Estava aterrorizado. Mas depois que ela se deitou, perguntando apenas se ele se deitaria junto com ela, a qual respondeu com a cabeça que não, ele finalmente pôde parar para raciocinar. Estava tudo bem claro diante dele. Ele seria queimado vivo às 3h00min sem direito de defesa, até a morte, por uma força vingativa que não conhecia piedade nem clemência. Vira o que restara de Charlie e Michael. Não muita coisa. Não encheria uma caixa de fósforos.

Quando soube o que acontecera com Charlie, na madrugada de sábado, ficou terrivelmente chocado e confuso. Não poderia imaginar como aquilo poderia ter acontecido. Já tinha ouvido falar da tal Combustão Humana quando era jovem e passava a maior parte do tempo trabalhando. Acordava, ia trabalhar e voltava para casa, não sem antes tomar umas e outras no bar do George. Foi assim sua vida inteira. Nunca tivera contato algum com o “sobrenatural”, ou com algo que o fizesse duvidar do que aprendera na igreja. Era católico, batizado, crismado, e Deus o abençoasse, todos os domingos recebia o Corpo e o Sangue de Cristo na Sagrada Comunhão. Lógico, não era perfeito. Já tinha dado suas “cagadas” no passado. Era um pecador, e quem não era? Mas nunca imaginaria... nunca...

Então, no dia seguinte, Michael morreu da mesma forma... e ele entendeu. Soube que era o próximo. Não era tolo a ponto de achar que qualquer um na cidade estivesse na mira daquilo. Primeiro Charlie, depois Michael... droga, não era burro. *Seria ele*. Ele e mais uns dois ou três na cidade, não se lembrava, e pronto. Depois, tudo na calma, na paz de Deus, como era antes de Charlie virar cinzas.

Em meio a esses pensamentos ele cochilou diante da TV, com o gato de

estimação ao lado, e despertou apavorado meia hora depois. O copo de uísque ainda estava em seu colo, e ele tomou o resto. Mas não queria ficar bêbado. Não podia. Precisava estar atento para fazer algo, para tentar se defender do que estava para acontecer. Levantou-se e desligou a TV. O gato no sofá resmungou e se enrolou ainda mais no próprio corpo. Edward levou o copo até a pia da cozinha. Olhou ao redor, tentando imaginar o que seria útil ali. Confuso e sem ideias, acendeu um cigarro e foi fumar nos fundos da casa.

— O que poderia usar para me defender? — indagou a si mesmo, como se reforçasse seu desejo, enquanto passava os olhos sobre o quintal nos fundos, cheio de mato que deveria ter sido cortado há semanas. No canto da parede havia pás e uma picareta, mas sequer considerou usar as ferramentas para se proteger. Não funcionaria, ele sabia. O que estava para matá-lo não podia ser ferido tão facilmente.

Alguém tocou sua campainha, e seu coração quase saiu pela boca. Suas pernas começaram a tremer e a cabeça a doer, e ele fez força para se controlar, sentindo uma espécie de medo tão voraz que o surpreendeu. Não esperava que fosse assim, tão fácil amedrontá-lo. E lá estava ele, nos fundos da casa, agachado do lado do tanque, como se tentasse se esconder do bicho-papão.

“Vai ser às três da madrugada, seu idiota! *Relaxe!*”, pensou, enquanto apertava as têmporas com as mãos. A campainha tocou de novo, e com ela veio uma voz:

— Olá! Sou eu, o Clark! — Edward ouviu, e seu corpo travou como uma estátua. Seus olhos fixaram no nada à frente. — Tem alguém em casa? Eu gostaria, por gentileza, de usar o telefone, se assim permitirem... Olá? Tem alguém aí?

De novo a campainha, e de novo a dor de cabeça e o coração aos galopes. Juntou as duas mãos diante do rosto e implorou para Deus que Clark desistisse, que fosse embora antes que aquela maldita campainha acordasse Livy. Clark... era a última pessoa que ele queria ver.

Será, Edward?

Após alguns segundos de silêncio, ele ouviu os passos de Clark se afastando da casa. Depois ouviu ao longe o som da campainha de outra casa, e então pôde relaxar seu corpo. Clark fazia uma maldita turnê noturna na vizinhança, atrás de um telefone. O cigarro queimara quase que inteiro sozinho. Edward ficou olhando aquela última ponta em brasa, ardendo, lançando fumaças dançantes pelo ar, e imaginou seu próprio corpo daquela forma, uma tocha laranja brilhante, queimando, fumaça rodeando seu corpo. Imaginou sua pele ardendo e derretendo, caindo pelo chão e desaparecendo em cinzas, seus músculos assando ao calor das chamas que brotariam de seu interior; sentiu o

cheiro do cabelo torrando, imaginou suas unhas caindo, sua barriga se abrindo e suas coisas brotando para fora, para serem queimadas também. Sentiu a dor do fogo abraçando-o como uma amante fatal, a última e terrível coisa que tocaria seu corpo, enrolando seus braços e pernas luxuriosamente nele e o apertando num enlace mortal. A cinza do cigarro caiu e tocou-lhe os dedos, e num impulso largou-o no chão. Gemeu como se tivesse sido golpeado, e levou o dedo queimado à boca, instintivamente. Imaginou que aquela sensação, aquela dor excruciante, se abateria sobre todo o seu corpo, não só no dedo, e quase chorou.

Procurou o cigarro na escuridão e pisou nele. “*Não vou deixar*”, pensou. “*Não vou permitir que faça isso comigo.*” Mas como? *Como* faria? Como se livraria do seu próprio destino, de sua pena? Foi até a pia da cozinha e ligou a torneira. A água fria correu sobre a queimadura em seu dedo, e no segundo seguinte de alívio, ele suspirou. E a resposta brilhou diante de seus olhos.

Fechou a torneira com pressa e saiu da cozinha. Subiu as escadas para o andar superior de sua casa. Sua sombra se lançava sobre o corredor iluminado por uma única lâmpada amarelada. Apagou-a quando terminou de atravessá-lo. Passou pelo seu quarto, abriu de leve a porta e olhou para dentro. Sua esposa dormia, o corpo enrolado em dois cobertores azuis. A mão esquerda estava aberta e repousava com a palma para baixo sobre o lado da cama onde *ele* deveria estar àquela hora. Puxou a porta e a fechou. Seguiu pelo corredor na direção do banheiro.

O cômodo era grande, e o único banheiro da casa. Acendeu a lâmpada e se encarou no espelho. Atrás, uma escuridão assustadora contrastava com aquela claridade branca. Tudo era branco e estava muito limpo. Alguns azulejos soltos da parede revelavam a argamassa cinza, e havia manchas velhas no chão, dessas que ficam para sempre. Ao lado, a privada branca e limpa, e no fundo, o *box*. E dentro dele, a primeira peça de seu plano de defesa: a banheira.

Era branca também, de tamanho médio e com curvas. Olhou para a banheira com um misto de esperança e saudade, saudade dos tempos em que tinha vigor e mocidade, das horas perdidas ali dentro com sua esposa, os corpos úmidos colados, as mãos entrelaçadas e atrevidas, os lábios colados ou suspirando, sibilando. Fechou a porta do banheiro, encerrando aquela escuridão do lado de fora, e foi até a banheira. Passou a mão pela borda da cuba. Era antiga, de ferro esmaltado, e em baixo era possível ver algumas falhas na pintura, uma casca fina que se soltava, revelando o metal escuro. Na lateral, uma torneira prateada e opaca. Passou a mão por ela, sentindo o calor da mão sendo sugado, e depois de alguns segundos a abriu. A água começou a sair com força, e ele regulou a torneira até atingir um fluxo mediano, que fazia pouco barulho.

Deixou a banheira enchendo e foi até o espelho. Olhou seu rosto ali

refletido, uma face velha e abatida, com rugas fortes ao redor dos olhos e na testa, manchas escuras nas orelhas e pontos brancos de uma barba dura como espinhos. Abriu a torneira da pia e encheu as mãos de água, jogando-a contra a cara em seguida. Lavou o rosto duas, três, quatro vezes, como se tentasse tirar dali algo difícil de sair, o pavor, a angústia, o arrependimento, a vergonha, a culpa. Passou água no rosto, depois no pescoço, depois no peito. Tinha a sensação de que fazia algo *errado*, algo proibido. Era como tentar fugir da cadeia. Como se a coisa que vinha julgá-lo estivesse observando-o ali mesmo, no banheiro, e Edward pensou que ela poderia atear fogo nele naquela hora, *naquele exato momento*, só pelo fato de estar tentando se safar. Começou a jogar a água fria no próprio corpo, pois caso comesse a queimar ali, perceberia. Mas nada aconteceu. Ainda eram onze da noite. Estava apavorado. Tirou o cinto, a calça, a cueca e por fim as meias. Ficou nu diante do espelho, olhando seu corpo velho, com músculos frouxos e repuxados, a pele branca com manchas no peito e no abdome, a barriga arredondada, o pênis caído e encolhido de frio, os pelos claros na virilha, os pés calejados e descascados. Começou a tremer, o corpo na busca de retornar à sua temperatura de segurança, mesmo sabendo que iria enfrentar uma temperatura *um pouco* maior dali a algumas horas. Abraçou o próprio corpo e começou a soluçar. Por fim, agachou-se, arrastou o corpo até a porta e se entregou ao choro. Pôs a mão sobre a boca, com medo que aquele ruído acordasse sua esposa e ela levantasse e o visse naquele estado, naquela situação vergonhosa, derrotado.

Chorou durante meia hora. A banheira encheu, e a água começou a transbordar, mas Edward não se moveu. O barulho dentro do banheiro preenchia seus ouvidos, o som do jato batendo na água da banheira e da água batendo no azulejo e escorrendo pelo ralo era como um mantra, um ruído branco hipnotizante, e ele permaneceu naquela posição mesmo depois das lágrimas secarem e ele parar de pensar. Era como se estivesse dormindo de olhos abertos, em transe, e só despertou quando ouviu o ruído da porta se trancando sozinha.

Aquilo o despertou de vez e o fez agir. Levantou-se rápido e procurou seu relógio entre as roupas molhadas. Uma e trinta e cinco da madrugada. Quanto tempo ficou naquele transe? Quanto tempo sem roupa? Seu corpo tremia. Ele foi até a banheira e fechou a torneira. Aos poucos o som de água escorrendo foi diminuindo, até que tudo o que podia descer pelo ralo se foi e de novo o banheiro se encheu de silêncio total. A única coisa que fazia barulho ali era o coração de Edward. Ele podia ouvi-lo por detrás das orelhas, sentir a pulsação, a vibração, enquanto seu corpo se aquecia sozinho. Então, ergueu a perna direita e a enfiou dentro da banheira. Depois a perna esquerda. Frio. A água transbordou de novo. Se agachou devagar, expulsando água de dentro da

banheira, aquela água fria que o fazia tremer, mas que em breve, se Deus permitisse, seria sua salvadora.

“Me esfrie! Isso! Congele, se for preciso! Deixe cada célula de meu corpo tão fria que nem o fogo do inferno me fará queimar.”

Enfiou-se até o queixo dentro da banheira. “Quando a coisa começar, prendo o ar e mergulho”, pensou, enquanto olhava o relógio. Uma e quarenta e cinco. Pouco mais de uma hora.

Perguntou-se como saberia a hora em que queimaria. Será que sentiria seu corpo se aquecendo, ou as chamas simplesmente surgiriam do nada, como uma explosão? Não importava, acreditava piamente que ali, dentro daquela banheira, teria chances. “Claro! É tão óbvio que chego a ter pena de Michael e Charlie! Fogo e água não se misturam. Aqui dentro, estou seguro! E depois que a maldita hora passar, vou levantar daqui, vestir minhas roupas, ir até a igreja e cair de joelhos diante de Cristo.”

A luz começou a piscar. Estava lá, sabia que estava, e com certeza olhava para ele. O corpo começou a tremer dentro da banheira. Não era frio. O coração voltou a disparar no peito. Duas horas da madrugada. Ainda faltava uma hora, e isso o torturava, ao mesmo tempo em que o mantinha esperançoso. A torneira da pia abriu sozinha, fazendo jorrar uma água marrom, podre. Edward juntou as mãos em frente ao rosto e começou a rezar baixinho, choramingando, enquanto o armarinho do banheiro se abria, também sozinho, virando o espelho na direção dele. As escovas de dente caíram dentro da pia, e ele temeu que a intenção da coisa fosse acordar sua esposa. Tudo se movia devagar dentro do banheiro: a cortina do *box*, as toalhas penduradas, até a banheira vibrava como se algo estivesse investindo contra ela. Edward rezava enquanto via aquilo acontecer, apavorado. Durou mais ou menos meia hora. Foi meia hora de puro terror para ele. Em nenhum momento cogitou sair da banheira. Nunca vira nada como aquilo na vida. Começou a mexer com sua fé. Abalou-o totalmente. E se não desse certo? E se eu não tiver jeito? É minha pena, devo aceitá-la? Devo encarar pelo mal que fiz?

Então parou. Os únicos ruídos eram os que Edward fazia. Os dentes batendo. A mão passando pela água. Os pés. A respiração pesada pela pressão do líquido sobre seu peito, como se houvesse um elefante em cima dele, segurando-o, esmagando-o. Mergulhou a cabeça na água, testou o fôlego. Estava perto. Duas e trinta e sete. Ficou menos que trinta segundos submerso. Tentou de novo. Mais tempo dessa vez. A pressão da água nos ouvidos. Os olhos ardendo. A respiração rápida. A tontura da falta de oxigênio, atordoando-o. O barulho do sangue passando por trás das orelhas. Estava perto. Duas e quarenta e três. Olhava ao redor. Tudo imóvel. Tudo branco, parado, inerte. A água vibrava

dentro da banheira. Tremia. Suava. Duas e quarenta e nove. Estava perto. O som do ar entrando e saindo de seus pulmões crescendo; cada arfada trêmula, cada suspiro de medo, o peito cada vez se enchendo menos de ar, como se pressionado por um...

Tentou se mover. Não conseguiu. Não era sensação. Havia *mesmo* um peso sobre ele, algo que não via, mas que podia sentir, algo de pé sobre seu corpo. Cada esforço em se reposicionar deixava isso mais claro. Estava preso.

Olhou o relógio, forçando o pescoço para baixo. Duas e cinquenta e cinco. Tentou pôr as mãos na borda da banheira, mas estava tão... pesado... por Deus, como pesava! O que era aquilo?

As coisas começaram a se mover de novo. Edward deu um gemido que esvaziou seus pulmões, e o esforço já estava cansando-o. Desgastando-o. Quis sair da banheira, quis que o corpo queimasse logo, aquela coisa estava machucando-o. Era uma dor terrível!

Sentiu o corpo afundando. Primeiro pensou que era o peso de seu próprio corpo, fazendo-o escorregar, mas depois percebeu que aquilo que o segurava passou a empurrá-lo para baixo. A água cobriu o pescoço, o queixo, a boca... e ele respirou o máximo que pôde até o nariz ficar submerso, depois os olhos, a testa, e por fim estava inteiro dentro da água, contra a vontade. Não olhou o relógio, mas tinha certeza das horas.

3h00min.

Começou a sentir o calor. Não que já não estivesse quente. O esforço para suportar aquele peso exigia gotas de suor e dores pulmonares terríveis, torturantes. Mas aquilo era *mais*, era como uma febre, vinha de dentro, fazia-o se sentir inchando. Olhou ao redor o máximo que aquele peso sobre ele permitia e não viu nenhuma chama. A calma durou pouco tempo. Primeiro foi o ar, que começou a acabar, e Edward percebeu que não conseguia subir até a superfície. Aquela coisa o *segurava* dentro da água. Ia matá-lo afogado, uma ironia terrível, pensou rapidamente. Começou a soltar bolhas de ar do pulmão dolorido, implorando que aquela força cedesse pelo menos o bastante para que ele colocasse a cabeça para fora da água, ou o nariz. Temeu que no momento em que colocasse a cabeça para fora ela pegasse fogo de repente, *só por ter saído* da água. Bastaram alguns segundos para que Edward concluísse que não morreria afogado.

A água estava evaporando.

Primeiro, ele percebeu o nível da água diminuindo rapidamente, como se tivesse aberto o ralo da banheira. Tateou até encontrá-lo fechado bem perto de

sua bunda. À medida que o calor aumentava, em um nível *insuportável*, a água ia baixando, baixando, deixando sair sua testa, seus olhos, seu nariz, e ele notou que o vapor já ocupava todo o banheiro, uma névoa branca e quente que parecia rodar como as nuvens de uma tempestade. Quando a água baixou até seu pescoço, ele puxou o ar quente com uma força tremenda. Seu nariz ardeu por dentro. Tudo o que vinha abaixo também queimou. Os pulmões pareciam cheios de areia. Tentou gritar, mas a voz não saiu. Sentiu a cabeça esquentando, como se estivesse dentro de um forno, e à medida que a água fervia e evaporava de dentro da banheira, ele sentia a temperatura do corpo aumentando. Aumentando. Começou a bater os pés e os braços na banheira, mas o peso sobre seu peito não o deixava se mover além disso. Em poucos segundos a água sumiu completamente, deixando somente uma banheira quente e um corpo que fervia, além do vapor que ocupava cada centímetro cúbico daquele cômodo. Edward arregalou os olhos e a boca segundos antes que seu corpo se transformasse imediatamente em uma tocha vermelha quando a última gota d'água grudada em seu corpo evaporou. A chama subiu e tocou o teto do banheiro, deixando uma mancha preta. Ele se debatia. Suas mãos fumegantes agarravam a borda da banheira. Tentou segurar-se, apoiar seus dedos na borda lisa, e a dor o impediu. Sentiu pela última vez cada nervo do corpo protestar ao cérebro que havia algo errado e que deveria agir. Rápido. Bateu a mão com força na torneira, abrindo-a, e a última coisa que viu antes do olho esquerdo saltar da face e o direito queimar e derreter foi que o jato de água que saía da torneira imediatamente evaporava quando tocava seu corpo. Cada centímetro de sua pele derreteu sobre sua carne, cada pedaço de sua carne assou até torrar sobre seus ossos, e cada osso de seu corpo queimou como palha seca sobre a banheira. No fim, depois que a coisa que o observava e o segurava foi embora, o que sobrou de Edward foi uma gravura em cinzas de seu esqueleto dentro da armadilha que ele construiu para si mesmo.

O banheiro branco estava inundado por um cheiro adocicado que Clark infelizmente já reconhecia. Havia coisas espalhadas pelo chão: papel higiênico, escovas de dente, remédios, roupas. Ainda estava quente lá dentro, com cada canto do banheiro úmido, as paredes, o chão, o espelho do armarinho, as toalhas penduradas, o teto. A torneira da banheira gotejava, deixando Clark irritado. Bruce, mais próximo dela, a fechou.

— Venha ver, Clark... — disse. O sobrinho andou até ele. Dentro da

banheira, desenhado com as cinzas de seu recém-falecido tio, o formato de seu esqueleto, as pernas e os braços abertos, e uma falha na região da barriga, por causa da torneira da banheira que estava aberta quando ele queimou.

— Meu Deus... — murmurou Clark, enquanto encarava o desenho macabro. Pôs a mão na boca e se afastou.

— Veja que não sobrou exatamente nada... só poucas cinzas. E mesmo assim... o resto, a banheira, tudo... está intacto. Agora veja... — Bruce foi até a pia e abriu de novo a torneira, até o máximo. Ela gotejou com esforço. — Toda a água da casa *evaporou*, Clark! Toda a água da caixa, das tubulações, da privada e da porra mais que existir. É bem óbvio para mim: Edward *esperava* aqui o que estava para acontecer... até porque, o que ele estaria fazendo às três da madrugada na banheira? Tenho certeza que estava mergulhado na água, pensando que escaparia da força das chamas do inferno... mas acho que não deu muito certo. Tudo secou, Clark! A caixa d'água *inteira*! Clark?

Clark sentou-se na privada, com a mão na boca e os olhos arregalados.

— Você está bem? — perguntou Bruce.

— Sim, estou, tio... só estou... confuso...

— Eu também. É tudo *muito* confuso. Há uma série de mortes interligadas aqui.

Clark balançou a cabeça, concordando.

— Três mortes até agora — continuou Bruce. — Todas ocorreram por volta das três, e todos queimaram até a morte, sem agente externo e sem danificar nada ao redor.

— Sim... é uma ligação óbvia agora. É inegável... — disse Clark, ainda transtornado.

Ficaram algum tempo em silêncio. Bruce andava pelo banheiro, intrigado, olhando cada canto, com as mãos no bolso. Clark continuou sentado na privada tampada, e a única coisa que atraía seus olhos era o desenho assustador do esqueleto de seu tio na banheira.

— E então? — perguntou Bruce, de costas para ele.

— O quê? — perguntou Clark de volta.

— É segunda-feira. Você deveria estar no trabalho agora, não é?

Clark encarou o chão, pensativo.

— Sim... mas parece que as coisas não estão contribuindo para que eu vá para Nova Iorque.

Bruce virou-se para ele, intrigado. Clark contou-lhe do carro quebrado e das tentativas inúteis de ligar para casa ou para o trabalho.

— Parece que você está encrocado — disse o velho, e aquilo reconfortou Clark tanto quanto um soco nos testículos. — Era hoje que você ia

assumir o seu novo cargo, não era?

— Sim. Devem estar loucos atrás de mim.

— Com certeza.

— Eu não sei tio... parece estranho, eu sei...

— Parece? — perguntou Bruce, sorrindo.

— Não... é *estranho* isso tudo sim, essas mortes... mas não é disso que eu estou falando. Eu... me sinto como que sendo *segurado* aqui. Tudo deu errado esse fim de semana. Tudo contribuiu para eu estar aqui. Para eu *ficar* aqui.

Bruce olhou para o sobrinho, as sobrancelhas franzidas.

— Sabe Clark, eu também senti isso. — Bruce se aproximou do sobrinho e se agachou, na altura do rosto dele, como fazia quando ele era moleque. — Eu sinto que temos que fazer algo. *Eu e você*. Somos os únicos que podemos.

— Por quê? — perguntou Clark. Olhava direto nos olhos do tio, e Bruce de novo via aquele moleque de dezesseis anos, esmorecido e abatido.

— Porque somos os únicos que não estão com medo.

— Só o senhor não está — falou Clark, baixinho. Bruce riu.

— Merda que não estou! Mas Clark... se você olhar no rosto de cada pessoa dessa cidade, se olhar no fundo dos olhos de cada idoso daqui... você vai ver que estão aterrorizados. E sabe por quê? Porque, assim como nós, eles sabem que isso que está acontecendo é *muito* anormal. Mas, mais do que isso, eles sabem que é anormal e assustador, mas eles não sabem *o que* fazer. Rezar para Deus não está adiantando!

— E o senhor? Sabe o que fazer? Porque eu não faço ideia do que fazer em seguida...

— Eu não sei o *que* fazer, mas sei por onde começar.

Clark o encarou.

— Pelo jeito, assim como nos outros casos, este também teve testemunha. Livy está no hospital agora, mas acho que cheguei a ouvir ela dizer que viu alguém no banheiro... com Edward.

— *Alguém*? — perguntou Clark, e seu coração gelou. — Mas então alguma pessoa pode ter colocado fogo nele!

— Não acredito nisso, Clark. Pelo jeito que Livy falou... a *forma* como ela falou... além do mais, quantas vezes tenho que te lembrar...

— Sei, sei... 1652 graus Fahrenheit, sei... mas então *quem* o senhor acha que estava aqui com ele?

Bruce andou até a porta do banheiro. Tinha muitas ideias na cabeça, muitas hipóteses, mas sabia que contar para Clark iria atrapalhar tudo. Clark estava tão apavorado quanto os outros velhos da cidade, e deixá-lo mais

apavorado não era boa ideia. Precisava dele para ajudar no que estava pensando. Precisava de alguma pessoa para isso, e Clark era a única pessoa com quem ele podia contar.

— A questão, Clark, não é *quem* estava com ele, e sim *o que* estava com ele, porque, acreditando ou não, você tem que aceitar que quem fez isso com Charlie, Michael e Edward não é nem um pouco *humano* e provavelmente não faz parte deste mundo.

Saíram da casa de Edward calados. Não olharam para as pessoas na sala, fazendo os preparativos para o mais novo enterro da cidade.

— E então? Qual o plano? — perguntou Clark. Entravam na garagem de Edward.

— Se prometer que me ajuda, eu conto o plano.

— O quê? É um jogo agora? Brincar de detetive?

— Não é brincadeira, Clark. Você sabe. Mas não posso fazer tudo sozinho, porque acho que posso dar de cara com coisas que... que não posso *dar conta* sozinho. É por isso que quero que me ajude. E então?

— OK, eu te ajudo, mas com a condição de que, assim que meu carro ficar pronto...

— Clark, não é dessa forma. Se for comigo, vai até o fim. Pessoas estão morrendo aqui, e eu tenho que saber o que está matando elas. Eu tenho... tenho certeza de que é algo fora do comum. Não que essa maldita combustão seja comum, mas é algo que pode ser impedido.

— Por que pensa isso? De onde tirou essas ideias?

Bruce suspirou, enquanto tirava a capa de cima do carro de Edward. Era um Chevrolet Impala 1975, preto, quadrado e gigante, com a cara enorme, parecendo a frente de um caminhão, e Clark arregalou os olhos.

— Edward quase não o usava. É uma pena que um carro tão bonito fique aqui abandonado. Acho que ele não vai se importar. — Olhou para Clark — É simples, você me leva até Ben Eagle. Lá, falaremos com Livy, e ela nos dirá *o que* viu. Baseado no que ela viu, vamos até a biblioteca da cidade e pesquisamos. E então, vai me ajudar?

Clark olhou aquele carro preto gigantesco e se viu chegando em casa com ele, “Olhe querida, que carro incrível não? Peguei emprestado do tio Edward! Ah, não, ele não vai se importar...”. Sentiu naquela hora uma saudade maior que o universo de sua esposa, seus filhos e seu trabalho calmo e garantido,

toda a segurança de sua casa, sua segurança financeira, física e psicológica. Sentiu uma raiva enorme de todos por descobrir só naquela hora que havia um carro como aquele na cidade e que ninguém sequer o ofereceu emprestado para que voltasse para casa. Culpou a si próprio na mesma hora por não ter recebido nenhuma proposta de empréstimo. Ignorou praticamente toda a cidade durante aqueles dias, e só pensou neles quando precisou usar o telefone.

Aqueles velhos eram todos orgulhosos e ranzinzas. E ele também.

Sentiu também uma enorme necessidade de ajudar seu tio, naquela coisa que parecia tão importante para ele e que o atormentava agora. Clark via que aquilo era terrível. Soube que era quando foi até a casa de Edward com o tio, sem saber o porquê, depois de ser acordado aos sacolejos por sua tia Margot, que estava visivelmente transtornada. A primeira morte, tudo bem, um acontecimento. Mas a segunda, e depois a *terceira*, da mesma forma, no mesmo horário, não é uma coisa que você pode simplesmente ignorar. Algo dizia a Clark que aquela pergunta do tio era um ponto importante. Se ficasse e o ajudasse, seu emprego e sua estabilidade financeira estariam comprometidos. Se fosse embora, bem... e se fosse embora e acordasse às 3h00min, na cama ao lado da esposa e ela estivesse pegando fogo?

“Ah, daí você descobriria o que é essa coisa da pior forma!”

— Eu vou com o senhor, tio. Quero saber o que está acontecendo. Quero te ajudar. Mas depois disso... depois disso eu juro que o senhor só vai conhecer meus filhos quando for em minha casa.

Bruce riu, enquanto tirava as chaves do bolso.

— Você é um homem muito cruel e mal-agradecido Clark, mas eu vou visitá-lo com todo o prazer, porque se eu puder fazer isso depois de descobrirmos a verdade, vai ser uma benção de Deus.

Saíram de Casper Ville às 10h15min, depois de tomarem café da manhã, ovos com bacon consumidos tão rápido quanto foram feitos, na casa de tia Margot. Não comentaram nada entre si nem com ela enquanto estavam lá, talvez temendo que ela se fragilizasse mais do que deveria. Nenhum deles era tolo, porém. Margot era inteligente o bastante para perceber que tanto seu filho quanto Michael, e agora Edward, tinham algo em comum, além da morte.

Clark não se lembrava de como chegar até Ben Eagle, mesmo tendo ido para lá no dia anterior. Pegaram uma estrada reta e vazia, o vento frio batendo no rosto de Clark e o ajudando a despertar. Bruce ligou o rádio e um apaixonado

Johnny Cash dizia que “o amor é uma coisa que queima”. A dois quilômetros de Ben Eagle, a estrada se encheu de curvas sinuosas, e depois caiu numa ladeira enorme. Já podia ver os pequenos prédios residenciais da cidade, rodeados por árvores de folhas ressecadas que sacudiam no vento. Mais distante, uma grande e bela igreja e outros prédios maiores. A oeste, grandes campos verdes e algumas plantações de milho. Fazendas velhas apareciam aqui e ali, espalhadas pelos grandes campos, e barracões enormes, aparentemente abandonados devido à cor cinza e aos furos espalhados pelas paredes, além dos telhados bagunçados por uma ventania ou outra. O primeiro carro em vinte minutos passou por eles. Clark tinha ido até Ben Eagle quando era jovem apenas umas quatro vezes, a primeira no dia de seu nascimento, uma vez que Casper Ville não tinha hospital, somente uma parteira velha e doida que já devia estar morta há anos. Depois, foi uma vez ao médico quando contraiu uma pneumonia forte, e duas vezes para ajudar sua mãe nas compras. Todas as vezes, não via a hora de ir embora dali. A cidade era barulhenta e o incomodava. As pessoas olhavam para ele como se fosse um extraterrestre, ou um caipira sem dentes. Mas tudo parecia diferente desde a penúltima vez que a viu, há quase dezesseis anos. Tinha ido até lá no dia anterior, mas não notara que estava cheia de prédios cada vez mais altos e já apresentava uma fumaça característica, que pairava na parte alta das construções.

— Está vendo aquele barracão ali? — perguntou Bruce, apontando com o dedo para o outro lado. Clark olhou o barracão à sua esquerda. Parecia minúsculo dali. — Uns cinco ou seis anos atrás, três moleques se envolveram numa briga ali dentro... briga feia. Dois morreram.

— Nossa... — murmurou Clark, enquanto entrava na cidade, olhando para os carros que pareciam minúsculos na rua embaixo deles.

— Briga feia mesmo... mas eu nunca acreditei muito na tal história. Ainda fede demais, se é que você me entende. — Olhou para a estrada, pensativo. — Essa molecada está perdida.

Clark riu.

Encontraram uma cidade relativamente calma. Semáforos brilhavam por toda a parte, mas o trânsito estava tranquilo. Bruce explicou que Ben Eagle crescia lentamente, e caminhava mais para uma cidade com atrativos residenciais do que industriais, apesar da fumaça da refinaria de gás ali perto, que deixava o céu com aquela névoa alta. O tio o guiou para a zona leste da cidade, onde ficava o hospital em que Livy estava. Chegaram minutos depois a um prédio moderno, azul-claro, cheio de vidros. Foram atendidos por uma bela recepcionista de cabelos encaracolados e voz calma.

— A senhora Livy Campbell não está mais internada aqui, senhor — disse a Bruce. — Ela foi transferida para a Clínica Psiquiátrica Dr. Martin

Graves.

Bruce agradeceu. Voltou ao carro com Clark.

— Pelo jeito ela ficou mais perturbada do que o esperado — disse Clark.

— Sim — respondeu Bruce —, e talvez seja mais difícil falar com ela lá.

Se não falarmos com ela, não temos por onde começar. Vamos até essa clínica.

Dirigiram por mais dez minutos. Bruce sabia o caminho.

— Como o senhor vem toda semana para Ben Eagle se não sabe dirigir?

— Dave me dá uma carona na maioria das vezes.

— E o senhor não quis aprender a dirigir?

— Na verdade, eu sei dirigir... mas não gosto.

— Não gosta por quê? Tem medo de bater?

— Não é isso...

— Acha que já tá muito velho e vai dormir no volante?

— Olha aqui...

— O Dave tá tão velho quanto você, hein. Se os dois dormirem dentro do carro, não vai fazer muita diferença quem dirige...

— Para de falar merda e presta atenção no caminho! Não é nessa rua que entra, é na outra...

— Certo, certo... — Clark finalizou, sorrindo.

Chegaram até um lugar que parecia ser um bairro nobre, com ruas cheias de árvores floridas e muros altos repletos de cercas vivas. A clínica era um grande casarão que se encontrava nos fundos de um belo e amplo terreno. Grandes eucaliptos ladeavam a estrada. Bruce conversou com alguém no interfone. Depois de uns cinco minutos os portões se abriram e eles entraram. Aguardaram mais ou menos meia hora até serem recebidos pelo responsável do setor psiquiátrico. Bruce e Clark foram com o homem até os campos nos fundos do casarão.

Era um gigantesco jardim, com árvores pequenas cheias de flores roxas, amarelas e brancas. Havia pessoas aqui e ali, de roupa cinza, espalhadas pelo jardim, andando devagar, algumas acompanhadas por homens ou mulheres de branco. Eles murmuravam. Alguns conversavam sozinhos, ou corriam de um lado para o outro, gargalhando, como se estivessem brincando com alguém de pega-pega. Só que ninguém os seguia. Clark sentiu sua cabeça doer ao ver aquelas pessoas naquela situação. Uma situação que ele não via como muito distante para ele ou para seu tio, dependendo do rumo da coisa a qual estavam seguindo.

— Veja bem, senhor Bruce — disse o Dr. Robert, com uma voz calma e baixa —, o choque pelo qual a senhora Livy passou foi muito grande. Ela viu o marido morrer de uma forma terrível, que foge completamente à minha

compreensão, se o que ela diz é verdade.

— É verdade, doutor. O marido dela entrou em combustão espontânea — disse Bruce, e Clark se sentiu esquisito ao ouvir aquilo sair da boca do tio com tanta naturalidade na frente de um estranho.

— Bom, o senhor sabe que eu, academicamente, posso não acreditar ou concordar com o que o senhor considera como as causas e efeitos da tal combustão espontânea, mas creio que se eu permitir que o senhor toque no assunto com a minha paciente... eu temo que isso possa prejudicar seu estado atual. Sua saúde mental está visivelmente prejudicada.

— Onde ela está agora? — perguntou Bruce, com pesar.

— O que o senhor é dela mesmo? — indagou o médico, olhando a ficha de Livy, fixada na prancheta que carregava consigo.

— Primo, doutor. Sou primo dela.

Clark preferiu não duvidar daquelas palavras. Em Casper Ville, era bem provável que todos fossem parentes, de uma forma ou de outra.

— Ela está bem ali, senhor, naquele banco. — O doutor apontou para um banco a uns cem metros deles. Nele, uma mulher de cabelos loiros com mechas grisalhas aqui e ali, sob uma bela árvore de flores brancas que caíam com a brisa, parecia uma estátua. Estava de costas. Havia uma enfermeira próximo dela, olhando para a árvore, mas vigilante. — Ela estava muito inquieta quando a trouxemos, mas se acalmou mais e achei melhor que ela respirasse um pouco de ar puro. Mas, a qualquer momento ela pode... voltar ao estado em que estava, e isso vai me obrigar a sedá-la.

Bruce e Clark se entreolharam e encararam Livy, que parecia sonolenta e débil, olhando dali. Seu cabelo estava repleto de pétalas brancas, e ela não parecia se importar em tê-las sobre a cabeça.

— Doutor, já que o senhor não nos permitirá falar com a Livy — disse Bruce —, poderia ao menos nos contar *como* ela estava... quando chegou? O *que* ela dizia, exatamente?

O médico deu um longo assovio.

— Olha, por ética profissional, o senhor sabe... eu não deveria contar nada de minha paciente para alguém que não seja da família... marido ou filhos, é claro. Acho que o senhor compreende.

Bruce ficou quieto, olhando sem mudar a expressão. Clark quis esganar o médico.

— Mas o que eu posso dizer é que ela estava apavorada — continuou o médico. — Ela contou em prantos que ouviu o marido gritar enquanto queimava. Ela... acordou com o barulho, correu até o banheiro, mas a porta estava trancada. Quando finalmente conseguiu abrir a porta... bem, acho que o senhor

deve saber, pois o senhor me disse que foi até o local também...

— Sim. Só havia as cinzas do marido dela na banheira. Doutor, uma coisa que me intriga, acho que o senhor não deve saber, mas eu estive lá no momento em que a ambulância levou Livy. Ela estava gritando... berrando que tinha visto *alguém*... alguém *dentro* do banheiro quando ela abriu a porta. Ela contou para o senhor?

O médico suspirou de novo.

— Senhor Bruce, o senhor precisa saber que pessoas que sofrem algum tipo de choque psicológico, dessa forma *repentina*, como aconteceu com a senhora Livy, podem, às vezes, fantasiar algum tipo de causa, para que aquela morte pareça ter sentido na mente dela. O que ela viu...

— O *que* ela viu, doutor? — insistiu Bruce.

— O que ela viu é possivelmente fruto da imaginação dela — concluiu o médico.

— Isso não importa, doutor, se é imaginação ou se é real, eu só preciso saber o que ela viu. Só isso.

O doutor deu mais um longo assovio, pôs as mãos nos bolsos e começou a chutar as pedras no chão. Clark já estava impaciente, prestes a agarrar o médico pela gola do jaleco e sacudi-lo até ele falar o que aquela velha louca tinha dito.

Não foi necessário. O médico andou até Bruce, pôs a mão no ombro dele e disse, perto da sua orelha:

— Ela disse que tinha uma *mulher* dentro do banheiro. Uma mulher toda queimada.

— Então... o que é essa mulher afinal, tio? — perguntou Clark.

— Bom, provavelmente é um espírito. Um *fantasma*, o que você achar melhor.

Clark riu, aquele tipo de risada que morre tão feia quanto começa.

— E o senhor acha que é ela... que está causando...

— Provavelmente — disse Bruce, com firmeza. Estavam dirigindo a caminho da Biblioteca Pública de Ben Eagle. — Você entende agora, Clark? Se Livy tivesse visto somente uma sombra ou uma forma indefinida, poderia ser um demônio ou até...

— *Um demônio*? — perguntou Clark, debochado.

— ... *um demônio*, sim, ou até mesmo uma alma qualquer. Seria

difícilimo descobrir quem foi essa pessoa. Mas Livy viu uma *mulher*. Uma mulher *queimada*. Isso diminui muito nosso círculo de pesquisa.

— Como assim? Aonde o senhor quer chegar? Vai pesquisar cada mulher que morreu queimada nos Estados Unidos e...

— Não, Clark, eu vou pesquisar cada mulher que morreu queimada em Ben Eagle ou Casper Ville. E pelo tempo que vivo aqui, provavelmente não foram tantas.

Clark calou-se. Havia algo sério ali, algo que o incomodava *mais*, mas ele não sabia o porquê. Só sentia aquele nervoso, o coração disparado e uma dor de cabeça bem leve, mas presente.

— Ainda não consigo entender qual a sua *dificuldade* em aceitar essas hipóteses — disse Bruce, sério, encarando as construções à sua direita. — Três homens morreram queimados, sozinhos e do nada, dois deles enquanto *você* estava na cidade, e mesmo assim você ri debochado, como se falar de espíritos e demônios fosse bobagem...

Clark não tinha palavras para responder.

Chegaram até a Biblioteca Pública, uma construção rústica e bem diferente do hospital moderno que haviam visitado. Era um prédio baixo e velho, com manchas de chuva nas paredes.

A bibliotecária abriu um largo sorriso ao ver Bruce.

— Boa tarde, Bruce, como vai?

— Eu vou bem, querida, e você?

— Eu estou bem, obrigada. Estou com as novidades que o senhor me pediu semana passada, quer dar uma olhada?

— Hoje não, meu bem, preciso pesquisar umas coisas mais antigas — disse o velho, sorrindo. Se afastaram, enquanto Clark também sorria para a moça. Deu uma cutucada com o cotovelo de leve no braço do tio, quando já não podiam mais ser vistos. Bruce resmungou, franzindo a testa.

Clark olhou ao redor. A biblioteca era grande, com estantes gigantescas que se estendiam até o teto, recheadas de livros de capas avermelhadas e verdes. Não havia computador naquele lado, e Clark imaginou se haveria um em *qualquer* outro lugar da biblioteca. Bruce foi andando e Clark o seguiu. As prateleiras preenchiam todos os corredores e paredes. À medida que avançavam, mais e mais prateleiras e armários surgiam, criando um verdadeiro labirinto de livros. Cruzaram uma porta onde estava escrito “Sala de Leitura”. Era uma sala ampla, com mesas largas de uma madeira escura e grandes vidraças de onde se podia ver um belo jardim. Era calmo e silencioso. Havia umas três pessoas na sala, extremamente separadas umas das outras, tão afundadas em suas leituras que nem olharam para os novos visitantes. Clark procurou ao redor de novo e

não viu nenhum computador.

— Bom — disse Bruce, quando chegaram ao fundo da sala, onde se encontrava diversas gavetas de arquivos —, aqui temos arquivados o “Jornal Popular” de Ben Eagle desde o lançamento. Vamos pesquisar os cadernos policiais e...

— Vamos pesquisar *assim*? Olhando de página em página? Por acaso você conhece o senhor AltaVista^[2]? Ele é um sujeito bem simpático, e ajuda pra caramba nessas coisas... — protestou Clark.

— O jornal da cidade está arquivado aqui, e não na internet, pode ter certeza. A moça lá na entrada não tem tempo de escanear folha por folha do jornal apenas para lançá-lo nesse seu amigo aí, e aposto que ninguém mais o fez — disse Bruce. Clark suspirou, contrariado.

— O senhor só pode estar brincando...

— Não, *não estou brincando*, Clark. Essa é a única forma que temos. É o único meio disponível. Essa biblioteca só possui *um* computador, e é o que está no balcão com a mocinha simpática. Vamos ter que olhar de página em página até encontrar algo relacionado. E você *vai* me ajudar.

Clark olhou as gavetas e abriu a boca, perplexo.

— Mas esse jornal tem quase *trinta anos*! — A frase ecoou pela sala. Os leitores desviaram sua atenção dos livros. Olharam de soslaio para Clark.

— Fale baixo, Clark, você está em uma biblioteca, e se você é mesmo um engenheiro, deve ter frequentado uma e deve saber que tem que falar baixo. Agora, é melhor começarmos antes que dê o horário de Rosanne fechar esse lugar. Vamos.

Clark suspirou, observou seu tio ir até a gaveta que marcava “1960 - 1970” e puxá-la, para revelar um compartimento com quase um metro e meio de extensão. Bruce enfiou a mão na gaveta e puxou um punhado de pastas acinzentadas, cheias de papéis delicadamente embalados em plástico. Estavam velhos e amarelados. Seu nariz começou a coçar. Bruce deixou a gaveta aberta, foi até uma das mesas, sentou-se, pegou os óculos que carregava no bolso e começou a procurar. Clark o seguiu. Puxou o máximo que conseguia de jornal da gaveta e começou a procurar também. Páginas policiais. “Vamos ser diretos. Páginas policiais. Mulher queimada.”

Procuraram durante toda a tarde. Bruce saiu às 15h00min para buscar um café com algumas rosquinhas, e foi a única coisa que eles comeram. Clark não largou os jornais em nenhum momento. Aquela busca interessava a ele também. Queria ir embora. Quanto mais cedo aquilo terminasse, melhor. Mas a procura deixava-o intrigado. À medida que os anos avançavam nos jornais, ele podia *se ver* naquelas páginas. Era como voltar no tempo. Lembrava-se de várias coisas

que encontrou naquelas páginas. Cada notícia lida lhe dava uma sensação de nostalgia que o deixava com dor de cabeça. Era uma nostalgia ruim, que parecia indicar algo maligno. A cada ano que passava naquelas páginas, ele se sentia mais perto da verdade, mais perto da mulher queimada, e aquilo lhe dava medo. Um medo que crescia dentro dele como uma árvore, penetrando suas raízes em seu estômago, dando pontadas profundas em sua barriga. Sentiu a cabeça rodopiar várias vezes; sentiu vontade de parar, de largar aqueles jornais velhos e ir dormir. E a cada página virada, sentia uma proximidade que o chamava, que o instigava a continuar. A cada página virada, sentia sua memória de infância e adolescência se aglutinando em seu cérebro, se retorcendo, rodopiando como uma broca que perfurava seu crânio de dentro para fora até sair e se mostrar.

Abriu uma página policial. Marcava 9 de fevereiro de 1976. Sentiu como se sua cabeça fosse esmagada quando viu a foto de seu pai na pequena nota ao pé da página, e a seguinte manchete: “Homem é atropelado por caminhão. Motorista estava bêbado”. Clark passou as mãos nos olhos. Nunca vira aquele jornal. Era muito jovem para entender. Na verdade, entendeu que seu pai morrera. Só não se interessou como teria se interessado quando adolescente. Se fosse quando tinha quinze anos, teria recortado todas as páginas que tivessem a foto de seu pai e colocado em uma pasta. Mas quando era criança, a única coisa que pensava era “*Onde está meu pai? Será que ele vai voltar depois de um tempo?*”.

Crianças...

Continuou lendo:

“O senhor Paul Beckinsale, 32 anos, foi atropelado na manhã de sexta-feira, dia 6, quando abria sua loja no centro de Ben Eagle. Natural de Casper Ville, Paul era dono de uma loja de materiais de construção. Enquanto abria sua loja na última sexta-feira, um caminhão invadiu a calçada onde ele estava e o atingiu. O carro era dirigido por Robert Charvie, 52 anos, que estava alcoolizado. Paul morreu na hora. Robert foi preso em flagrante por dirigir alcoolizado. Paul Beckinsale era casado e tinha um filho...”

Então era esse o nome do homem. Robert. Robert Charvie.

Clark largou o jornal. Sua garganta parecia cheia de papel molhado. Revirou as outras páginas. Uma data o perseguia. Martelava em sua mente. Dezesete de março de 1982. Mas não estaria nas páginas policiais. Levantou eufórico, abriu a gaveta dos anos 80, sob o olhar ligeiro do tio. Voltou com mais

um maço de páginas, e folheou-as rapidamente até encontrá-la. Estava bem conservada, envolta em um plástico hermeticamente fechado. Clark sentou-se e levou a mão até a boca, que tremia.

A foto que colocaram de sua mãe no jornal era a mais linda que ele já vira. Sara usava os cabelos ondulados até o pescoço e tinha uma flor perto da orelha. Devia ter uns vinte e cinco anos na foto. Seu rosto estava alvo e irradiava uma luz própria. Não parecia nada com a mulher seca, careca e inválida, deitada na cama, entubada e débil que era quando morreu. Ao lado da foto, a nota:

“A senhora Sara Beckinsale faleceu hoje em sua casa, no distrito de Casper Ville, aos 36 anos, em decorrência de um tumor cerebral. Ela lutava contra o câncer há três anos. Sara deixou um único filho, Clark Beckinsale, além de parentes e amigos.”

Clark achou bom que o jornal estivesse embalado em um plástico hermeticamente fechado, caso contrário, suas lágrimas teriam destruído a última foto linda de sua mãe que ele sabia que existia. Enxugou o rosto rapidamente, temendo que Bruce o visse chorando, sem saber que o velho já ouvia seus soluços. Mas seu tio não se moveu. Já tinha feito muito isso anos antes: pegava aqueles arquivos, especialmente um de 5 de dezembro de 1973, onde havia uma bela foto de Beatriz ao lado de sua nota de falecimento, e ficava lendo e relendo aquela notícia até a repetição transformá-la em uma verdade incontestável. O tempo ensinou seu coração velho a se conformar com certas coisas. Era bom que Clark chorasse, pensou. Seu coração estava duro demais.

Já eram 17h43min. O sol ia embora aos poucos, e a sala de leitura começou a ficar fria e ainda mais silenciosa. Só Clark e Bruce permaneceram lá. Às 18h00min o lugar seria fechado, e até então eles não tinham achado nada. Bruce já estava sonolento. Folheava jornais do ano de 1986, com o interesse quase indo embora, quando ouviu o sobrinho dar um suspiro um pouco mais alto do que o normal.

Clark sentiu o sangue prender sob o pescoço e a cabeça inchar. Sentia como se não pudesse respirar, como se mãos invisíveis o agarrassem pela traqueia, forçando seu corpo para cima. Suas mãos tremiam enquanto ele alisava o papel protegido pelo plástico. Se estivesse de pé, tinha certeza que teria cambaleado e caído no chão como um bêbado. A sala parecia rodar.

— Eu... acho que encontrei, tio — disse, baixinho, mas na sala vazia a voz pareceu um tenor. Bruce levantou-se rápido e foi até a mesa em que ele

estava.

— Você tem certe... — ia perguntando o velho, mas Clark tirou a mão de cima da folha do jornal, e o velho calou-se. A data era 23 de julho de 1982. A notícia dividia a página com o relato de um sequestro malsucedido em Ben Eagle. Ao lado da foto de uma linda garota de olhos profundos e sorriso provocante, havia uma manchete:

“GAROTA MORRE QUEIMADA DURANTE FESTA EM CASPER VILLE”

Bruce leu a notícia com avidez, sem saber que Clark tinha seus olhos fixos naquela foto. Naquela face. Passou a mão no próprio rosto, incrédulo. O suor pingava de sua testa. Ele ofegava. “Era ela. Então era *ela*”, pensou, enquanto a sala balançava.

— “Um acidente assustador marcou a 14ª Festa da Colheita no distrito de Casper Ville. Enquanto acendiam as fogueiras, parte importante da comemoração que celebra a colheita de milho, uma moça, Clarisse Stormington, de 22 anos, teve seu corpo atingido pelas chamas. Uma ambulância foi chamada enquanto a garota ainda estava viva, mas não chegou a tempo. O fogo causou queimaduras de segundo e terceiro grau em todo o corpo da moça, e ela não resistiu, chegando ao hospital já morta. A polícia acredita que a garota estivesse alcoolizada e teria derrubado bebida em seu próprio corpo, quando as chamas da fogueira a atingiram. A festa foi interrompida e cancelada. Um inquérito foi aberto e vai apurar as causas do acidente. Clarisse Stormington era natural de Ben Eagle, e morava em Casper havia poucos meses. A garota era órfã e...” — estava lendo Bruce, em voz alta, mas teve que parar quando a cabeça de Clark atingiu a mesa da biblioteca, fazendo um estrondo.

Clark acordou com seu tio no volante a pouco mais de 40 km/h, levando-os de volta a Casper Ville sob um céu oceânico. Sua cabeça doía. Ele se ajeitou no banco de passageiros. Os carros passavam por eles, buzinando, e ele reparou a cara de raiva do tio quando isso acontecia.

— Pode ir mais rápido se quiser — disse Clark. Bruce resmungou.

— O que deu em você? Parecia uma mocinha desmaiando! — falou o tio.

— Eu sei quem é — disse Clark. Olhava para Bruce com os olhos vazios.

— Eu sei quem é ela.

O carro diminuiu ainda mais a velocidade. Bruce olhou para o sobrinho.

— Você *sabe* quem era ela? Você se lembra? Porque eu juro que não me lembro de ter conhecido ela.

— Foi na época da festa... o senhor viajou pra Califórnia, lembra? Ganhou uma viagem... acho que uma promoção de algum produto no mercado do Joe.

Bruce virou-se para a estrada, apertando os olhos, e Clark soube que era difícil para ele raciocinar e dirigir aquela besta-fera de aço ao mesmo tempo.

— Sua mãe tinha morrido... — disse Bruce por fim, lembrando-se. — Eu estava com a cabeça à mil, aquela viagem foi muito boa para me recuperar mentalmente. Eu me lembro desses dias, mas... por que eu nunca fiquei sabendo dela? Como uma pessoa morre enquanto eu estou fora da vila e quando eu volto ninguém me fala nada?

— Eu não sei tio... — disse Clark, a voz baixa, rouca, entupida. — Nós namoramos... naquela época. Foi minha primeira namorada. Mas eu não... não imaginava que ela... que ela havia morrido dessa forma... fui embora daqui antes da colheita e... meu Deus...

Ficaram calados durante o resto da viagem, que foi longa porque Bruce se negava a passar dos 50 km/h, e não permitiu que Clark dirigisse depois do desmaio na biblioteca. Chegaram em Casper depois das 19h00min, cansados. A cidade parecia morta, as casas com as portas fechadas e quase todas as luzes apagadas. A igreja parecia ainda mais lúgubre dali da rua, somente a luz do relógio iluminando suas escadarias. Bruce deixou o carro na frente da casa de Edward, que estava vazia. Não sabia dizer se o enterro se realizara sem Livy ou não. E no fim das contas, não se importava. Depois de um dia daquele, precisava descansar.

E na mesma hora pensou: “Não posso. Não posso descansar. Não hoje”.

— Acho que vou... ficar com tia Margot. Por hoje.

— Não vai... ver se seu carro ficou pronto? — perguntou Bruce. Aquilo seria o normal de seu sobrinho. Ir para casa. Estava há três dias só falando disso, e com razão. Se o fato de saber que o tal espírito incendiário era o de sua antiga namorada o fizera esquecer o quanto queria ir para casa, significava que Clark estava *realmente* abalado. E isso o preocupava.

— Eu... eu vou tentar ligar para minha esposa amanhã. E para o meu chefe. Acho que eles vão entender se eu explicar que...

— Que você vai em outro velório? — perguntou Bruce, e Clark se virou para ele, os olhos tensos. — Por que esse olhar? Não descobrimos ainda por que ela está matando, se é que é ela... e você sabe, amanhã podemos acordar com

mais um morto. Eu não duvidaria. É por isso que não vou dormir, pelo menos não até as três. Vou ficar de olho e ver o que acontece.

— Eu não tenho a mesma disposição que o senhor para ficar tanto tempo acordado.

— Não se chama disposição, se chama insônia. E se ela também te impedir de dormir, pode ir lá em casa, vou estar acordado.

— OK.

Se separaram. Bruce seguiu para sua casa, levando consigo a cópia que tirou do jornal antes de sair arrastando Clark de dentro da biblioteca. Percebeu que tremia. Durante todo o trajeto até sua casa, olhou para trás mais de dez vezes. Só se sentiu seguro quando a calibre doze estava sobre seu colo.

Clark foi recebido por sua tia. Ele a abraçou com força, e ela não perguntou nada, apenas sorriu; depois, subiu e tomou um longo banho. Jantou com esforço, apesar da comida de sua tia ser maravilhosa, e sentou-se na porta, perto do jardim. Margot foi dormir e ele ficou lá, olhando o céu escuro de nuvens e a rua pouco iluminada, esperando ver o vulto dançante de Clarisse entre as sombras, dançando daquela forma que só ela sabia. Como fogo.

Às 22h00min, deitou-se no sofá e descobriu que estava com medo de dormir.

Clark sonhou. Era jovem de novo. Tinha dezoito anos, poucos pelos na cara e as pernas mais finas que dois gravetos. Clark *remelento*, era como os moleques o chamavam. Estava na Castle Vain, olhando as pessoas arrumarem a rua para a festa. A Festa da Colheita. Ah, todo ano a mesma coisa, comemorando a colheita de milho. A plantação estava em Ben Eagle, mas era o povo de Casper quem cuidava dela. “Cuidava”. Na verdade, era o emprego de quase metade da população dali. Não era muita gente, mas Casper nunca foi grande. E nunca seria, era o que *ela* dizia, e agora ele acreditava. Ela vinha. Estava no fim da rua, ajudando a empilhar a fogueira. Vinha ao seu encontro. Ela adorava a colheita. Dizia que sua mãe criara a ela e às irmãs em meio à natureza, ensinando o que era *realmente* importante. Mas sua mãe morreu, e elas foram separadas pelo maldito sistema de adoção americano. Ela tinha dezesseis quando a mãe morreu. Ninguém a adotaria. Ela vinha...

Clark tremeu quando a sentiu se aproximar, aquele corpo comprido e esguio, cheio de curvas e fendas maravilhosas nas quais perderia o dia, a semana, a vida. A alma. Os olhos pareciam perfurar seu peito e segurar seu

coração com mãos invisíveis; sua boca exalava um cheiro quente e doce, e era a boca mais doce que ele jamais imaginaria que tocaria ou que sentiria. Tinha o pescoço branco, macio e quente, a barriga reta, porém sinuosa, viva, e pernas lisas e brancas que o enlouqueciam. Ele estava rígido antes mesmo que estivesse perto o bastante para ouvir a voz dela. Ela chegou e o envolveu, o corpo comprimindo-se ao dele como se fossem se fundir um ao outro, encaixando-se como se cada parte dele entrasse nela de forma perfeita e planejada; ela era sua e ele era dela. A cidade os observava, os olhos cheios de inveja e julgamento. Mas para ela, ele não era Clark *remelento*, ele era seu homem, seu prazer, seu amigo, seu irmão, seu pai, seu mundo. Sua boca tocou a dela, e ela sentiu algo mais tocá-la. Riu.

— Calma, Clark... — disse sorrindo, segurando o rosto dele com as mãos e olhando-o nos olhos. — Mais tarde eu tenho uma surpresa para você...

Então explodiu numa mancha de fogo amarela, rachando sua face e mostrando ossos pretos e putrefatos.

Clark acordou quente como brasa, a sensação de que aquelas chamas o rodeavam também. Levantou-se pingando suor no sofá da tia. Eram duas e quinze da madrugada. Por um momento temeu que fosse entrar em combustão ali, no meio da sala; mas depois sua mente o trouxe de volta à lucidez, e a memória começou a castigá-lo. Levantou-se e foi até a cozinha. Bebeu um grande copo de água gelada, que desceu pela goela esfriando todo seu corpo. Lembrou-se do convite de Bruce. “Pode ir lá em casa, vou estar acordado.”

Percebeu que não voltaria a dormir. Rever Clarisse em seu sonho, depois de tantos anos, e daquela forma... não conseguiria. Vestiu suas roupas rapidamente e saiu sem fazer barulho.

A noite se mostrava fria e silenciosa, e só grilos insistentes cantavam um pouco no jardim da tia. Uma névoa branca se enrolava nas luzes dos postes espalhados e distantes demais uns dos outros. Distantes o bastante para criar trechos de escuridão absoluta e amedrontadora. Enfiou as mãos no bolso da jaqueta, encarando ambos os lados daquela rua comprida e reta.

Ainda no jardim, o sonho voltou a assombrá-lo. Não Clarisse. Clarisse era linda. Mas havia algo que o deixava assustado. Começava a se lembrar... lembrar de *quem* os observava. Quem os observava no sonho. A cabeça começou a doer de novo. Um vento frio entrou por baixo de sua camisa, e Clark abraçou a si mesmo, tremendo.

Sim, estava lembrando... lembrando dos rostos.

Ergueu a cabeça num ímpeto, abriu o portão e saiu apressado. “Qual era mesmo o nome dele? Onde ele morava mesmo? Droga, ele que era o maldito jardineiro da escola onde estudei até ir embora! Onde ele morava? E se não for

ele? Mas só havia ele...”

Começou a andar na direção da saída da cidade, a passos largos, distanciando-se da igreja e da casa de Bruce. O vento de repente pareceu aumentar, empurrando-o para trás, como se quisesse segurá-lo, impedi-lo. Agarrou o próprio corpo com mais força, os dentes batendo dentro da boca, criando um som torturante. “James? John? Jones? Como é mesmo o nome daquele *maldito*?”, perguntava-se, enquanto tentava manter o olhar à sua frente.

Os postes jogavam uma luz branca e forte contra seu rosto. Apertou os olhos ante aquela claridade obtusa, vendo sua sombra aumentar sob seus pés até desaparecer ao misturar-se com a escuridão dos espaços sem poste, sem luz, espaços entregues às trevas mais absolutas.

Viu um vulto no escuro, logo à frente, aproximando-se, e protegeu o rosto num ímpeto. Seu coração deu um salto. Trombou com alguém forte e baixo.

Era o padre Johnson.

Ele olhou para Clark de cima a baixo com os olhos arregalados, como se Clark fosse um estranho. Para Clark, o padre passava a impressão de estar louco. Tinha os cabelos bagunçados pelo vento e olheiras profundas. Também se agarrava ao próprio corpo, apesar de usar um enorme agasalho preto sobre a batina. Na verdade, Clark só o reconheceu graças à estola roxa, que serpenteava com o vento, e o grande crucifixo que trazia no peito.

— Clark? — disse, com a voz trêmula. — O que está fazendo? Digo... o que faz à essa hora acordado?

Clark olhou para o padre, pensou em retrucar com a mesma pergunta, mas não foi necessário. O padre estava vindo da mesma direção para a qual ele ia; o padre. *O padre*. A estola roxa. O maldito catecismo servira para algo.

Clark tentou segurar Johnson pelo braço, mas as mãos se perderam no tecido do agasalho. O padre puxou o braço, assustado, protegendo o rosto como se fosse tomar um soco, mas foi o vento que bateu ali, e ele fechou os olhos, a face se contorcendo numa carranca de medo. Clark o agarrou pela gola da blusa, puxando-o para perto de si.

— Qual o nome dele? *Qual o nome dele?!* — perguntou, o rosto tão perto do padre que gotículas de saliva saltaram de sua boca e o atingiram.

— Quem? Do que você está falando?

— *Qual o nome dele?! Do desgraçado para quem você foi dar a extrema unção?!*

O lábio do padre tremia. Com certeza nunca em sua vida fora pressionado daquela forma. Ou de qualquer forma. O padre engoliu seco duas, três vezes, e falou, fazendo uma careta:

— Johansson! Johansson, o jardineiro. Clark, pelo amor de Deus, aonde você...

Mas Clark já o soltara; estava correndo na direção da velha escola.

Bruce não conseguiu dormir. Já se acostumara com aquilo. Seis anos. Seis anos que não dormia uma noite inteira, sem acordar pelo menos uma vez de madrugada. Já não se importava mais. Na verdade, naquele momento, era bom mesmo que estivesse acordado. Da janela de sua casa, na parte mais alta da pequena colina que levava ao bosque, ele tinha uma boa visão de toda Casper. Não que a visão fosse boa agora, com aquele céu repleto de nuvens escuras, névoa, e aquele vento que levantava poeira. Mas era o bastante. Podia ver fogo onde quer que ele surgisse.

Olhou no relógio. 2h45min. Esperou Clark a noite inteira, acreditando que o sobrinho iria para lá, ajudá-lo na “vigilância” ou pelo menos para não o deixar sozinho; notara que Clark ficara incrivelmente perturbado com a descoberta. Ele próprio também estava. Primeiro porque não se lembrava da garota. Clarisse? Nunca conheceu nenhuma Clarisse. E não se lembrava de ver Clark namorando alguém. O apelido dele na escola era “remelento”, e ele sabia por quê. Mas como ele dissera, foi na época da festa da colheita, e Bruce realmente não estava em Casper durante aquele verão. E pelo que dizia o jornal, Clarisse morara em Casper apenas alguns meses antes de morrer. Uma pena. Bruce se lembraria dela se a tivesse visto. A impressão era de que a conhecia, mas ele tinha certeza que não.

Se lembraria. *Com certeza se lembraria.*

Abriu de novo a cópia ampliada que tirara na biblioteca. “Garota morre queimada durante festa em Casper Ville”. Como teria acontecido aquilo? Tentou fazer uma imagem mental de Clarisse, além do que a foto mostrava, os olhos marcantes e a boca carnuda. Viu uma jovem alta, de corpo belo e sinuoso. Como será que ela agia? Seria provocante ou teria vergonha da beleza que carregava? Seria uma garota considerada “estranha”, excluída pelas pessoas, ou seria daquelas que atraía as atenções? Que atraía os homens? Para Bruce, havia coisas a mais ali. Coisas que aquela cópia e aquela foto nunca mostrariam.

E por que nunca soube? *Como* nunca soube? Quando ele voltou da Califórnia, alguém teria que dizer a ele que uma garota morreria queimada enquanto estava ausente. Uma coisa dessas não se esconde e não se esquece tão fácil! Será que ele tinha tomado umas ou outras e, mesmo tendo ouvido a

história, esquecera? *Por que* nunca soube? E a pergunta mais fundamental, a que mais o perturbava: o que teria Charlie, Michael e Edward a ver com aquela garota?

Quando estava chegando tão próximo da resposta que podia ouvir a garota sussurrá-la em seu ouvido, viu ao longe um assustado padre Johnson chegando apressado na igreja. Ele parecia tonto e atordoado, olhava para trás e para os lados constantemente, e quando estava nas escadarias da igreja, tropeçou e quase caiu. Levantou-se com mais pressa ainda e correu em direção à porta da igreja. Bruce perguntou-se o que aquele homem fazia acordado naquela hora, e sua mente teria chegado à resposta mais rápido do que o homem seria capaz de abrir a porta da igreja, só que não teve chance de pensar, pois foi aí que Bruce *a viu*.

Ela estava atrás do padre. Era alta e uma aura dourada a envolvia. Era o *fogo*, Bruce sabia. Seu corpo era todo preto, torrado. Ela usava um vestido que era só retalhos, pedaços de tecidos derretidos e colados em seu corpo que era feito de ossos e carne queimada. Ela deslizava lentamente na direção do padre, que parecia alheio a presença dela, até o momento em que ele se virou. Seu rosto se contorceu e ele agarrou o crucifixo, o corpo colado na porta e deslizando para baixo. Os ponteiros do relógio tomaram a posição de 3h00min, e a garota simplesmente desapareceu, assim como o vento, que se calou.

Bruce desceu o campo correndo, a calibre doze em uma das mãos, enquanto o padre se reerguia ainda trêmulo. Então, uma luz brilhante no canto do olho direito chamou sua atenção.

O padre Johnson abriu a porta da igreja ainda gemendo de medo, e emburacou-se para dentro.

Perto da antiga escola, a casa do jardineiro Johansson era uma pira de fogo.

Clark correu como louco. Sentia-se em um pesadelo, quando se tem que correr mais rápido, mas por algum motivo não se consegue. O vento parecia ter garras, e passava em seu rosto querendo cortá-lo. Sua garganta doía. O peito era esmagado por um peso abstrato e anormal. A casa parecia cada vez mais longe.

O vento trouxe um cheiro forte de gás, e depois cessou, por completo, por ordem divina. Clark parou, quase caindo no chão, como se o vento que o segurava agora o soltasse. Não se lembrava exatamente onde era a casa de Johansson, só sabia que era perto da velha escola. Olhou ao redor, aturdido,

sentindo a escuridão envolvê-lo e enganá-lo.

Não precisou procurar mais. Ele olhou para trás, para o relógio da igreja, e viu que eram três da madrugada. Ouviu um barulho, um raspar rápido, e olhou para o alto, à sua esquerda. Viu Johansson parado na varanda, completamente nu e com o rosto retorcido e cheio de lágrimas. Ele abriu a boca, e Clark soube que elealaria algo, e só Deus sabe o que seria, pois no mesmo instante o homem e quase toda a casa explodiu em chamas. O fogo se projetou como várias línguas saindo de cada janela que estilhaçava, e a explosão jogou Clark uns seis metros para trás. Ele caiu de costas, sentindo um beliscar incômodo na nuca e uma ardência nos cotovelos.

O homem em chamas despencou de braços abertos. Seu corpo estatelou-se no chão, e sua mão esquerda soltou-se do antebraço no mesmo instante. O som que aquele corpo fez quando atingiu o solo chegou a Clark com força. Ele ignorou a dor nos cotovelos e fez uma careta quando aquele ruído duro se espalhou pela rua.

A barriga de Johansson se abriu, rasgou-se com o impacto, e órgãos em chamas começaram a cair de dentro dele. Mesmo assim ele se levantou, gemendo e berrando como um animal recém-nascido sendo desmembrado. Olhou para os braços que já eram somente ossos queimados, sem acreditar que *ainda estava vivo*. Clark pôde ver os olhos de Johansson se arregalando, admirando a dor que suportava, uma dor que jamais imaginara, sua cara se transformando em algo que parecia plástico derretido, o fogo correndo como sangue por suas veias e destruindo tudo. Ainda berrando, ele começou a correr em direção à igreja, deixando pedaços incendiados do seu corpo por onde passava, pedaços que continuavam queimando, assim como a casa, que parecia um grande farol iluminando a rua principal de Casper. Uma de suas pernas caiu e ele não pôde mais correr. Começou a se arrastar, ainda aos berros, e Clark se perguntou como ele *ainda berrava*, se era agora só um punhado de ossos em brasa.

Sons em uníssono chamaram a atenção de Clark, e ele olhou ao redor. As pessoas, os velhos, começaram a acordar. As luzes foram se acendendo e Clark ouvia o barulho das portas abrindo, as vozes e os gritos de surpresa e pavor quando viam Johansson gritando no meio da rua, um monstro sem pernas e com um único braço, que se erguia para o céu num pedido de socorro.

A Castle Vain se transformou em um palco, e praticamente toda a cidade assistiu o corpo de Johansson desaparecer, deixando cinzas que o vento levava para longe. Quando o último pedaço de osso se extinguiu, o fogo que fazia de sua casa uma fogueira de colheita simplesmente implodiu, como se a casa o engolissem, e por fim desapareceu, sem deixar sequer uma marca nas paredes,

uma brasa ou uma queimadura.

Como se não tivesse acontecido.

Bruce encontrou Clark ainda sentado no chão da rua, atordoado. Seus cotovelos sangravam e manchavam a manga da jaqueta. Seus olhos estavam arregalados.

A rua estava repleta de escuro de novo. As pessoas falavam baixo umas com as outras, inquietas e impotentes, certas de que presenciaram o demônio brincando de churrasquinho com Johansson Desmondez. As vozes vinham como uma onda, crescendo e se misturando até o ponto em que era impossível discernir o que estava sendo discutido, e logo o coro começava a diminuir até ser possível distinguir quem falava cada frase, para depois o crescendo retornar, como um ciclo ininterrupto de choque e pavor.

Estavam todos apavorados. Era visível nos rostos pálidos e nos olhos arregalados, nas mãos levadas até a boca, ou nos braços que tremiam. Nos soluços de quem chorava e no pavor de quem rezava, sussurrando.

Clark levantou com a ajuda do tio. Ficou segurando no seu ombro, ainda meio tonto com a explosão, enquanto Bruce esperava o momento ideal de perguntar o que queria. Clark notou que ele o encarava.

— O que foi? — perguntou, ofegante. — Eu estou bem...

— O que fazia aqui?

A pergunta surpreendeu Clark.

— Como assim? Eu... — Bruce encarou-o, concentrando-se devido ao som do povo ao redor. — Eu *sonhei*, tá OK? Sonhei com ela... e com os outros...

— Que outros?

— Charlie, Michael, Edward... e *Johansson*. Eles nos observavam no sonho. Eu lembrava do rosto de Johansson, mas não lembrava do seu nome, então eu vim aqui...

Bruce balançou a cabeça, processando.

— Encontrou o padre Johnson? — perguntou em seguida.

— Sim. Acho que foi visitar Johansson antes... antes que pegasse fogo. Foi lhe dar a extrema unção, tenho certeza.

— Como pode ter cert...

— A estola roxa, *pelo amor de Deus*, tio, me dá um tempo... pra respirar...

— Então Johansson sabia que seria o próximo — disse Bruce, pensativo.
— Eu vi o padre Johnson entrando na igreja, apavorado. O espírito de Clarisse o perseguia.

Clark arregalou os olhos para Bruce.

— Você viu ela?

— Sim. E o fato de vê-la perseguindo Johnson me deixa preocupado... e mais próximo da verdade. Verdade essa que eu quero descobrir *agora*.

Ele se afastou de Clark e foi em direção ao povo que se reunia em volta das últimas cinzas do jardineiro morto. Pouco a pouco as pessoas começaram a olhar das cinzas para Bruce, aflitos e visivelmente amedrontados. Visivelmente receosos. O velho Joe do mercado, com uma ceroula branca e um pijama de listras azuis aberto até o umbigo, foi em direção de Bruce, apoiado na bengala.

— Bruce... o senhor... o senhor que sempre se interessou por esses assuntos... ocultos, por favor, diga que isso acabou. Não estou conseguindo dormir à noite, Bruce! Essa coisa está matando a gente!

Os outros velhos balançaram a cabeça e concordaram com a voz ainda baixa. Acovardada.

Bruce olhou para cada um deles. A desconfiança em seu peito era enorme.

— Eu... eu não tenho certeza, Joe — disse, escolhendo as palavras. — Mas acho que nenhum de vocês deveria se preocupar... eu acho. — Olhou de novo para cada um deles, velhos capengas e trêmulos, que baixavam a cabeça ou sequer piscavam quando os olhos de Bruce pousavam sobre eles. — A não ser que estejam escondendo algo... de mim.

Houve um silêncio desconfortável.

— E então, o que dizem?

Bruce encarava praticamente toda a Casper Ville ali. Seus olhos caíam sobre homens que conhecia desde a juventude, senhoras que em suas mocidades eram beldades estonteantes e que agora não passavam de corpos curvados e ressequidos. Velhos que lutaram em guerras, que viram todo o tipo de horror e maldade, olhando para o chão onde Johansson morreria com rostos perturbados. Homens e mulheres, senhores e senhoras que saltaram de suas camas e esqueceram seus sorrisos dentro de copos com água na mesinha de cabeceira da cama. Velhos e velhas que conhecia havia décadas, mas que de alguma forma o enganaram durante muito tempo.

— *E então?!* — berrou Bruce. Muitos se sobressaltaram.

— Não estamos te escondendo nada, Bruce — disse George, que estava escondido atrás dos outros velhos. — Nunca escondemos. Jamais faríamos isso com você...

A voz falhou. Secou o suor da testa com a palma da mão.

— Estamos mais confusos e apavorados do que você imagina. O que poderíamos estar escondendo de você, afinal?

— Clarisse Stormington — disse Bruce, friamente, e o velho George arregalou os olhos.

— *Quem?*

— Clarisse Stormington, que morreu queimada na festa da colheita em 1982. O que vocês têm a dizer?

Todos se entreolharam. Clark aproximou-se da reunião. Os velhos olharam para ele, desconcertados.

— Não sei do que está falando — murmurou George, mas se escondeu de vez atrás do ombro de outro velho, demonstrando que nãoalaria mais nada.

— Você não sabe, George? Há mais alguém aqui que não saiba? Por exemplo, você, Harold? Ou você, Margareth?

Os donos dos nomes citados sequer se moveram. Bruce olhava para cada um.

— E quanto a você, Joe? Se não consegue dormir de noite, será que não é porque deve algo a ela?

— Não sabemos de nada, Bruce. Não devemos nada a ela. E não temos nada a ver com isso — disse um velho, Christopher, que estava perto das cinzas de Johansson. Bruce encarou-o. Joe suspirou aliviado. — Isso aconteceu há muito tempo. Aquela garota era uma bruxa, Bruce... e além do mais, você não a conheceu, não sabia das coisas que ela fazia...

O velho calou-se sem querer quando Clark o atingiu com força no nariz, derrubando-o no chão. O barulho de ossos velhos e frágeis se estatelando no asfalto duro fez Clark se arrepender da coisa na mesma hora, no mesmo segundo, mas era tarde. Houve um vozerio repentino, chocado, enquanto outros começaram a xingá-lo. Bruce correu até ele, segurando-lhe o braço.

— *Mas o que pensa que está fazendo?! —* berrou no ouvido do sobrinho. — *Está louco, Clark? Você... droga Clark... enlouqueceu, seu moleque?*

Clark deixou seus braços caírem ao lado do corpo. Depois começou a coçar a cabeça, nervoso. Os outros ajudaram Christopher a levantar. Seu nariz estava sangrando. Escorria sangue como uma cachoeira. Ele olhava para Clark com a mandíbula tremendo.

— *Está vendo?! Está vendo, Bruce?! Era isso que ela fazia! Deixava todos loucos! E se ela morreu, foi mais por culpa dela do que de qualquer outro!*

— *Cale-se, Christopher!*

Todos se surpreenderam com o berro esganiçado de Margot. Bruce e Clark viraram-se para ela, assustados, assim como todos os outros que estavam

na rua.

— Por Deus, ninguém... *ninguém aqui é inocente!* Todos sabem... todos sabem o *que* aconteceu naquele dia da festa da colheita. Todos têm sua culpa!

Mark se aproximou de Margot, com as mãos estendidas.

— Acalme-se Margot. Você não precisa...

— Cale a boca você também, Mark! Quem você pensa que é para dizer o que tenho que fazer? — O velho arregalou os olhos e afastou-se como se tivesse levado um tapa. — Meu Deus, todos esses anos, todos aqui sabiam. Só Bruce que nunca soube porque não viu acontecer, e para quem não foi revelado porque *todos* sabiam que ele não deixaria barato, não deixaria *impune!* Me perdoe Bruce, por favor, me perdoe... mas era Charlie, era meu filho, e por Deus, como me arrependo. Como me arrependo de não o ter entregado à polícia. Mas tenho fé em Deus que ele recebeu... recebeu o que merecia. Assim como Michael, Johansson... e aquele sujo do Edward. Todos mereceram. Isso que vocês estão vendo não é obra do demônio. É só justiça. Oh, meu Deus, me perdoe por conviver com isso tantos anos e todas as noite dormir fingindo que não havia acontecido nada, só porque meu filho estava no meio...

Margot cambaleou, e Bruce correu até ela. Todos se aproximaram quando ela ameaçou desabar. Clark olhava aquilo tudo com o corpo tremendo e com uma vontade insana de chorar.

No fim, depois que Margot quase desmaiou, ninguém proferiu mais nem uma palavra. Pouco a pouco os velhos voltavam para suas casas, alguns encarando Bruce, ou Clark ou a casa intacta de Johansson, com os olhos piscando, como se não acreditassem. Alguns ainda ficaram e ajudaram Bruce a levar Margot até sua casa. Clark ficou lá, olhando para a rua que se esvaziava. Depois, caminhou em direção à mata, ao bosque, com a cabeça baixa e os braços cheios do sangue que escorria dos cotovelos.

Estava muito escuro, e fazia quinze anos que ele não ia ali, naquela mata, então cada passo era um risco. Os galhos secos estalavam sob seus pés, e o vento cantava enquanto Clark se esgueirava por entre os troncos grossos e descascados. Não havia lua ou estrela no céu, apenas nuvens pesadas que deixavam vez ou outra que um raio as rasgasse, iluminando durante pouco mais que um segundo aquela floresta que parecia ter mais vida que o normal, que parecia se fechar ao redor de Clark, os galhos se esticando como braços cheios de mãos retorcidas e unhas pontiagudas.

Acolhendo-o. Abraçando-o.

Ele sabia que ainda deveria estar lá, no meio daquela floresta. Ninguém nunca teria ido até lá, porque era o lugar *deles*, era o refúgio, o esconderijo perfeito, só eles sabiam chegar lá. Naquela época, só os corajosos teriam peito para entrar naquela floresta à noite. Lógico, isso entre os garotos. Mesmo os velhos só iam lá acompanhados por uma boa espingarda ou um cachorro de focinho comprido. Entre os moleques, quem fosse até lá e saísse sem nenhuma *avaria* passava a ser respeitado pelos outros.

Ele era Clark “remelento”. Era magro, alto e lento, como se dormisse o tempo inteiro. Os moleques o chamavam de “remelento” por causa disso. Para ele, pouco importava. Depois que saía de lá, ia para sua casa, dava um beijo na sua mãe moribunda e corria para a casa do tio Bruce, para conversar ou dar uns tiros com a espingarda em latinhas ou garrafas nos fundos da casa, perto da mata. Ele se sentia bem ali. Se ficasse em casa, olhando para sua mãe enquanto ela definhava na cama, enlouqueceria. Os moleques o perseguiam na escola, atirando bolinhas de papel com cuspe ou puxando suas calças até ficar só de cuecas na frente de todo mundo, mas não se importava. Aquela escola não era nada para ele. Eram os últimos anos. Depois, nunca mais entraria em uma.

Um dia, sua mãe morreu. Anos antes encontrou-a desmaiada quando chegou da escola. Ela acordou logo depois, reclamando de uma forte dor de cabeça. Alguém a levou no hospital depois. Câncer. No cérebro. Foram três anos definhando na cama, e por fim, a morte, misericordiosa. Clark não imaginava o *que* fazer. Seu pai não estava ali para dizer como agir. Seu tio Bruce ficou tão chocado quanto ele, tão chocado que quando ganhou a tal promoção no mercado do Joe, uma viagem para a Califórnia, não pensou duas vezes, e nem pensou em Clark, que tinha sua tia Margot por perto, mas que também queria seu tio/pai naquela hora. Depois de uma semana que sua mãe partiu, Bruce viajou e Clark ficou lá, com a chave de sua casa. “Eu sei que você não tem namorada mesmo, então não preciso dizer que não quero saber de putarias dentro da minha casa”, tinha dito antes de ir. Ele não disse a Clark que só estava viajando porque não aguentava olhar para ele e ver aquele poço de tristeza. Não aguentava olhar para ele e saber que mesmo daquele tamanho ele era ridicularizado na escola e nem reagia. Bruce estava cansado. E acima de tudo, estava só seguindo uma recomendação de Sara, quando ela já era uma fumaça branca que dançava sobre o caixão. Ele a ouviu dizer: “Você terá uma chance Bruce, e Clark também, então quando ela surgir não deixe para outra hora”. Uma chance. Chance de esquecer, de superar. No fim, a chance dele veio, uma viagem de graça, tudo pago. Relaxar e esquecer.

Mas e a chance de Clark?

A chance de Clark viria na mesma semana que Bruce viajou, quando o garoto finalmente tomou coragem e entrou na floresta, carregando consigo a espingarda do tio. Considerara todas as hipóteses, desde o risco de atirar em alguém até o de cair em um buraco e ficar lá sem comer durante dias e morrer. Não se importava com nenhuma dessas possibilidades, na verdade. Estava cansado de ser o Clark “remelento”, então foi. Ele se sentia como agora, como se a floresta o seguisse, se movendo ao redor dele e criando trilhas falsas para que se perdesse para sempre. Suava frio, com a espingarda segura firmemente nas mãos e o coração saltando no peito. Caminhou por pelo menos umas duas horas durante aquela tarde, até chegar a uma pequena lagoa de águas claras, linda como o céu. Ele nunca tinha ouvido falar daquela lagoa.

Foi então que ele a viu, e por pouco não meteu uma bala nela, tamanho o susto quando viu aquele corpo surgindo do nada de dentro da água.

Ela estava nua, e o viu também, mas não demonstrou medo, mesmo o garoto estando com aquela arma enorme na mão. Ela saiu do lago tranquilamente, o corpo se movendo hipnotizante, vestiu-se e sorriu, enquanto ele somente admirava embasbacado aquela mulher que parecia de outro mundo.

Ela foi até ele. Os cabelos úmidos caíam sobre os ombros brancos e macios. Clark tremia. Conversaram. Descobriu que seu nome era Clarisse, e que ela estava indo morar em Casper Ville. “Eu sou de lá!” disse ele, como um bobo, os olhos brilhando, e ela sorriu diante daquele olhar inocente e triste. Ela se apaixonou por ele ali, sem saber que ele se apaixonara por ela quando viu seu corpo surgir da água. Os dois saíram da floresta, conversando como se já se conhecessem há séculos. Ela se despediu dele, dizendo que estaria na hospedaria da senhora Isabelle, e Clark sentiu uma necessidade enorme de ficar com ela mais tempo, o resto da tarde, à noite, a vida inteira.

Estava no caminho certo, ele sentia. Seus pés começaram a guiá-lo por entre as árvores largas. Esquecera a dor nos braços. O sangue nos cotovelos secara e colara a jaqueta à ferida. Seus olhos se acostumaram com o escuro, e pelo canto do olho ele via pontos brilhantes que o observavam assustados na escuridão. Doninhas, coelhos ou até pequenas raposas, atentas aos passos trôpegos do visitante estranho. Estava quase chegando.

A partir daquele dia, quando ele saía da escola, contornava o prédio para poder passar em frente à hospedaria, e quem sabe ver a garota de novo. Fantasiava toda noite com seu corpo branco e sinuoso. Beijava mentalmente seus ombros, seu pescoço, envolto por uma bela corrente com um berloque antigo que balançava entre seus seios, sua boca larga e vermelha. Porém, durante três dias não teve nenhum sinal dela. Quando começou a achar que foi tudo fruto de sua mente solitária, ele a viu, ao longe, subindo as escadarias da igreja, com um

vestido branco que marcava sua cintura. Suas pernas tremeram. Ele queria sair correndo dali de onde estava e abraçá-la, dizer o quanto queria ficar com ela, ao lado dela, nem que fosse só para sentir o cheiro doce que saía dela, mas teve medo de fazer papel de bobo. Ela o viu quando ele estava na metade do caminho até ela, e abriu um sorriso tão grande que Clark quase explodiu de alegria.

Ele não percebeu, mas as pessoas já os observavam.

Começaram a se ver todos os dias. A cada dia, notava algo diferente nela. A cor escura de seus cabelos, que caíam leves sobre os ombros, os olhos azuis profundos e perfurantes, que pareciam sorrir, o rosto liso e alvo, o queixo fino, os ombros magros, o busto grande e aparentemente tão macio apertado dentro do vestido, a cintura fina e o quadril que se movia com vitalidade, as pernas longas e fortes, o pé fino e comprido com as unhas pintadas de preto, seu sorriso de dentes pequenos e brilhantes, de lábios carnudos. Clark tremia quando ouvia sua voz. Seus pelos se eriçavam. Ela o abraçava, e ele se contorcia com medo que ela notasse sua empolgação.

Um dia, decidiram visitar de novo aquela bela lagoa onde se conheceram.

Nenhum dos dois disse uma única palavra. Mergulharam nus naquela lagoa límpida, de água doce e fresca, que refletia a luz do sol em pontos luminosos como cristais. Ele pensou que ia relutar em tirar a própria roupa, mas foi fácil depois que ela começou a tirar as *dela*, bem devagar, sem olhá-lo nos olhos, apenas observando-o com o canto do olho, enquanto ele se deliciava com a visão de suas formas. Olhavam-se sorridentes por baixo da água, brincando, mergulhando e espirrando água um no outro. Como magia, foi ali que os dois descobriram que foram feitos um para o outro. Clark descobriu que quando estava do lado dela, nada mais importava. E Clarisse ao lado dele percebeu que um homem podia amar de verdade.

Naquela lagoa eles se amaram pela primeira vez, e Clark sentiu uma dor enorme, que obliterava qualquer outra, quando finalmente encontrou a lagoa naquela noite escura. Em meio às trevas, ela não tinha a beleza exuberante do azul claro que revelava os pequenos peixes nadando no fundo. Não era convidativa. Era somente um lago escuro e assustador. Um poço de trevas que o repelia, que o fazia imaginar que horrores haveriam ali dentro. Andou até o lago, agachou-se próximo à margem e passou a mão sobre a água gelada da madrugada.

Transformou-se em um vício. Todos os dias, após a escola, ela o esperava na saída. Eles se davam as mãos e se beijavam, sob os olhares indignados dos garotos que *não podiam acreditar* que Clark Remelento estivesse saindo com uma garota como aquela. Os dois caminhavam durante quase duas horas até chegarem ao lago. Ali, nadavam nus, Clark admirando toda a beleza daquelas

curvas, e Clarisse admirando toda a vitalidade de seu corpo jovem, vigoroso e ansioso por descobertas, por novas sensações. Não que ela fosse tão velha, mas os quatro anos que tinha de diferença sobre ele foram o bastante para que ela passasse por diversas situações e conhecesse outros homens. Mas só ali, com Clark, era verdadeiro. Ela sentia. Sua mãe a ensinara a sentir. Quando se cansavam daquele jogo de gato de rato aquático, seus corpos se entrelaçavam e se uniam durante horas.

À medida que os dias passavam, aquela brincadeira de nadar nu foi se tornando coisa do passado. Perca de tempo. Os dois se agarravam assim que entravam na água, os corpos arrepiados de frio e de prazer, e dias depois, antes mesmo de chegarem até a lagoa, seus corpos clamavam um pelo outro, e então qualquer árvore, qualquer pedra, qualquer clareira era o lugar para mostrarem o quanto se amavam.

Clark levantou e olhou ao redor na noite escura. Havia uma árvore, ele se lembrava. Uma árvore grossa, de casca rachada e velha, onde eles haviam registrado para a posteridade o quanto queriam ficar juntos. Saiu da margem e começou a procurá-la, olhando todas as árvores ao redor, cada galho, a fim de encontrá-la. Temeu que a tivessem derrubado. Que tivessem profanado aquele lugar de amor puro e real. Que o registro de tanto desejo e carinho tivesse desaparecido para sempre. Por fim, encontrou um grande salgueiro, cujo tronco se retorcia como se girado por Deus, feito um parafuso. Os galhos e folhas caíam como longos cabelos negros que se moviam com sensualidade, como quando Clarisse dançava para ele naquela floresta, na beira daquele lago, sem música, somente o vento e a mata servindo de fundo para aquele ritual divino. Sempre que terminava sua dança ela se sentava sobre ele, cansada, brilhando, e os corpos se uniam como um, cada célula de seu corpo querendo juntar-se às dela, ondas de choque se espalhando pelas pernas, pelas costas, pela nuca, obrigando-o a fechar os olhos e ao mesmo tempo desejando admirar seu rosto em pleno êxtase. Era impossível querer outra coisa, querer sair dali. Era seu paraíso, seu céu pessoal. O mundo mais belo e a mulher mais bela. Até o dia em que os seguiram.

Primeiro foram os garotos da escola, a fim de tirarem uma onda com o Clark Remelento. Isso porque, depois que ele começou a namorar com Clarisse, sentia-se mais confiante, e começou a *revidar* as brincadeiras. As chacotas acumuladas. Não na mesma moeda, porque ainda tinha amor aos dentes, mas com pequenas vinganças que fazia na hora do intervalo, fosse jogando urina no suco de um metido a besta, ou trancando um metido a corajoso no banheiro até as horas se passarem e ele começar a chorar. Ele nunca assumia as brincadeiras, mas chegava perguntando “*E aí, o suquinho de mijo estava bom?*”, ou “*E aí chorão, a loira do banheiro apareceu pra te pegar?*”. Os garotos sabiam que era

ele, e ele precisava aprender a lição. Começaram a segui-los um dia, mas Clarisse era esperta e notou. Contou para Clark e eles evitaram o lago durante um tempo. Depois, quando acharam que a poeira havia baixado, eles voltaram ao lago, mas Clarisse novamente os viu entre as árvores quando começaram a tirar a roupa. Ela foi até a mochila e tirou seu “brinquedo”: uma pistola .40, cinza e brilhante. O primeiro disparo fez Clark quase cagar nas calças, tamanho o barulho que lhe invadiu os ouvidos. Nunca imaginou que ela possuísse uma arma daquelas. Os garotos saíram correndo e gritando, enquanto Clarisse, e Clark depois que eles foram, começaram a gargalhar como bobos. Os moleques nunca mais os seguiram.

Mas depois, eles perceberam que os *adultos* estavam olhando demais para eles. Especialmente quatro homens. Homens que eram pais de família ou que tinham idade pra serem pai dos dois: como o mecânico e bebereão Charlie, primo de Clark, que ainda morava com a mãe; Michael, um velho metido a jovem que toda semana ia no puteiro em Ben Eagle, deixando sua mulher sozinha em casa; Edward, que trabalhava na colheita de algodão e ficava de gracinha com toda mulher que passava por ele; e Johansson, o maldito jardineiro que todos sabiam que bolinava as crianças disfarçadamente durante os recreios, mas ninguém falava nada.

Clark e Clarisse passaram por situações constrangedoras com os quatro, separadamente. Charlie quase pegou os dois transando na casa do tio Bruce (*“Eu sei que você não tem namorada mesmo, então não preciso dizer que não quero saber de putarias dentro da minha casa”*, ah, era maravilhoso calar a boca daquele velho ranzinza às vezes...), quando ele foi lá levar um machado que pegara emprestado, enquanto os dois se amavam no chão da “sala”, sobre um cobertor estendido no chão. Ele ficou olhando para as pernas de Clarisse, que saíam por baixo do lençol, enquanto Clark abria uma pequena fresta na porta só para ter espaço para passar o machado. Ele viu quando o primo quase babou em sua mão, os olhos se remexendo vidrados, e puxou o machado com força, batendo a porta na cara dele. Com Michael, pegou uma carona quando voltavam de um passeio pela estrada (ela dizia que ia levar Clark embora dali de Casper, sair pela estrada sem destino, mas depois os dois retornavam, sempre), e eles repararam que o velho ficava olhando o tempo inteiro para o decote de Clarisse pelo retrovisor.

Edward ficara chamando por Clarisse em um dia de folga, quando ela esperava Clark na saída da escola. Seus assovios e “psius” incomodaram não só ela, mas também as mães que esperavam seus filhos na porta da escola, enquanto ele enrolava um cigarro sentado na frente da casa de Johansson, sorrindo como se fosse o garanhão da rua. Clark perguntava-se como ninguém nunca revelara à

esposa dele, Livy, que aquele homem era um canalha fora de suas vistas. Quanto a Johansson, este gostava das crianças, muitos sabiam, mas os que sabiam evitavam dizer qualquer coisa, pois nunca o flagraram fazendo algo. Além disso, Johansson tinha um passado misterioso, muitos diziam que era um fugitivo da justiça se escondendo naquela vila minúscula no meio do nada, e as pessoas tinham medo dele. Mesmo com aquela fala mole, Clark não se sentia enganado quando ele olhava para Clarisse com a boca entreaberta, como se fosse babar. Uma vez Clark o viu acariciando maliciosamente o torso de uma garotinha, enquanto ela olhava as flores que ele cultivava. Era um maldito. Quando ele viu Clarisse pela primeira vez, foi como se tivesse sido enfeitiçado. Clark o pegou diversas vezes tentando convencê-la a ir ver as flores que ele tinha em casa, no fundo do quintal, dizendo que aquelas que estavam no jardim da escola eram só um *aperitivo* do que ele sabia fazer. Clarisse sorria aliviada quando via Clark saindo da escola. Ele passava o braço pelo seu ombro e a levava dali, deixando um tolo Johansson sorrindo debilmente atrás deles.

Deu a volta ao redor do salgueiro, procurando as marcas. Lembrou-se que a árvore teria crescido durante esses anos e olhou mais para cima; lá estava ele, um coração desenhado com a lâmina de uma faca, e dentro as palavras “Clark e Clarisse Para Sempre”. Ele passou os dedos trêmulos naquelas marcas, e sentiu seu coração batendo ali, dentro daquela árvore, cheio de marcas, de cortes que ele pensava que tinham cicatrizado, cheio de dor, cheio de ódio. Suas lágrimas começaram a cair sobre as raízes do velho salgueiro.

Quando estavam quase um mês juntos, e planejando a partida daquela cidade, no fim do ano letivo, foram pegos nus dentro do lago por Johansson e Edward. Tomaram um susto enorme. Os outros dois riam, gargalhavam, segurando as roupas de Clarisse e Clark nas mãos.

“Vejam só o que temos aqui!”, dissera Edward, sua voz ecoando pela floresta. “Os dois mais novos amores de Casper Ville! Puxa vida, Clark Remelento, eu nunca ia imaginar que você conseguiria comer uma garota dessas!”, e os olhos de Clark se encheram de água. Sua cara se contorceu. Quis matá-los. Viu Johansson cheirar com um tesão sujo as roupas de Clarisse entre seus dedos, os olhos fechados, a boca semiaberta, e quis esfolá-lo, quis arrancar cada centímetro daquela pele nojenta de suas carnes. Mas sabia que se saísse nu daquele lago e partisse para cima deles, tomaria uma surra memorável. Queria sair vencedor daquela, mas se imaginou sendo espancado, pelado, na frente de Clarisse, e sua mente se retorceu. Olhou para ela e se surpreendeu. Ela sorria, inabalável, segura de si. Clark sabia que a arma dela estava na bolsa, no chão, ao lado do pé de Edward, e implorou mentalmente a Deus, se ele existisse, para que ele não permitisse que Edward ou Johansson achasse aquela pistola.

“E então, Clark” perguntara Johansson, com as mãos na fivela do cinto, pronto para abri-lo, “o que acha de a gente nadar juntos e *dividir* essa diversão?”.

“Ah, por favor, senhor Johansson!”, dissera Clarisse, rindo, e era como se Clark pudesse ouvir as palavras claramente, ecoando em sua memória como uma gravação. Ele olhara para ela, travado. “Se o senhor pular nessa água gelada sem roupas, seu pinto, que já é pequeno, vai *desaparecer*.”

Ela gargalhou ao dizer aquilo, e Clark não conseguiu não rir também. A risada saiu como uma tosse. Edward botou a mão na barriga e riu como uma criança, apontando para Johansson, cujo rosto se contorceu de raiva.

“Sua garota metida! Sua *vagabunda*! Eu vou descer aí, te arrastar para fora desse lago pelos cabelos e te mostrar o tamanho do meu pau, sua puta do caralho...”, fora a reação de Johansson.

Um rugido atrás dele, no entanto, fez todos se calarem, menos Clarisse, que gargalhava cada vez mais alto. Clark sentiu todos os pelos do corpo se arrepiarem, dentro da água mesmo. As faces dos homens na beira do lago se arreganharam. As roupas de Clarisse caíram das mãos de Johansson.

Era um puma, e estava tão perto deles que Clark coçou os próprios olhos, sem acreditar. O corpo da fera estava inteiro eriçado, as patas traseiras flexionadas de tal forma que era possível ver suas veias pulsando. As garras riscavam a pedra onde se apoiava, imponente. Edward gritou como uma menininha de doze anos, e saiu correndo pela floresta. Johansson ficou paralisado de medo, e Clark podia jurar que viu, antes que ele também corresse, sua calça ficando escura bem onde suas mãos estavam quando queria abrir a fivela do cinto. O puma sequer se moveu, só rosnou com uma fúria terrível. Clark colou seu corpo no de Clarisse, que ainda gargalhava. Ela notou que Clark também estava com medo. Então ela o abraçou e sorriu, tocando os lábios em seu pescoço.

— Não se preocupe, querido. Ele está aqui por nós. Eu chamei ele. Minha mãe me ensinou.

Ela o beijou na boca então, o puma os encarando relaxado, e Clark não entendeu o que aquelas palavras significavam.

Estava deitado agora, encolhido e acolhido pelas raízes do velho salgueiro, o céu aos poucos tomando uma coloração púrpura. Quis ficar ali deitado, semiadormecido e pensando em Clarisse para sempre. Clarisse, que o amara. Clarisse, que se apagara de sua mente. Quis ficar ali. Quis...

Os pássaros começaram a cantar, timidamente, e à medida que o sol impunha sua luz, a floresta ganhava mais e mais vida, mais cor, mais som. Clark cochilou aos pés do salgueiro, com a sensação de que Clarisse acariciava sua nuca como fazia antes, quando ele dormia com a cabeça sobre seu colo.

Quando Clark finalmente chegou na casa de tia Margot, eram 18h40min, e o sol já havia ido embora. Estava sujo, com os braços cheios do sangue seco que saíra do cotovelo ferido, a roupa cheia de folhas secas e formigas mortas. Bruce o esperava lá.

— Onde esteve todo esse tempo? — perguntou seu tio, levantando-se do sofá.

Clark respirou fundo, olhando ao redor.

— Onde está tia Margot? Ela está bem?

— Sim, está dormindo. Foi só a pressão que caiu. E você, ora bolas, *onde esteve?*

— Estava na mata... lembrando de algumas coisas.

— Lembrando? — perguntou Bruce. Clark não respondeu.

— Às vezes a gente se esquece das coisas que mais precisa lembrar, não é, tio?

Bruce encarou o sobrinho por um bom tempo. Seus olhos estavam vazios. Chorara. O rosto inchado entregava.

— Você está bem, Clark? — perguntou Bruce.

— Sim... — suspirou. Passou a mão na testa. — Não, na verdade.

Bruce bufou, baixo. O sobrinho estava diferente.

— Sua esposa ligou, mais cedo, para a casa de Michelle. — Ao som da palavra “esposa”, Clark pareceu se lembrar da realidade que o cercava. Olhou para o tio, tenso. — Não sei como ela conseguiu, as linhas estão horríveis. Queria saber de você, o que aconteceu e onde estava.

— Ela ligou? Os telefones *voltaram?*

— Sim. Um técnico veio e consertou alguns fios no poste. Disse que havia queimado alguma coisa. Mesmo assim, ainda está uma merda.

— Droga... — murmurou. Quis ter voltado no tempo e evitado o bosque naquela madrugada. Dessa forma estaria ali quando Susana ligasse. Mas era tarde. — O que disseram para ela?

— Disse que o carro havia quebrado, o telefone estava sem área. A verdade.

“Não *toda* a verdade”, pensou Bruce.

— Quero ir embora. Quero vê-la. Ver meus filhos. A falta que eu sinto deles me dá agulhadas. — Ele tocou o peito, depois envolveu o pingente no pescoço. — Mas eu sinto que não posso deixar Clarisse assim... dessa forma. Não posso! Tenho que fazer algo... por ela.

Bruce observou o sobrinho. Parecia que tinha tomado uma surra. E mesmo assim era como se não se importasse com isso. Por fim, Clark baixou a cabeça e saiu. Subiu para o banheiro e tomou um longo banho. Seu cotovelo ardeu, queimou, e ele sentiu os braços duros, tinha dificuldade em movê-los. Suas costas também beliscavam devido às longas horas que dormiu sob aquele salgueiro, além da queda que sofrera quando a casa de Johansson se preencheu de fogo. Seu rosto e seus braços estavam repletos de picadas de insetos. Quando finalmente saiu do banho, desceu e encontrou Bruce e Margot na cozinha, tomando café. A espingarda do tio estava encostada no armário. Margot sorriu quando o viu. Ele a abraçou, depois se sentou também.

— Aquele senhor... de ontem... — murmurou ele. Bruce e Margot pararam o café e o olharam. — Aquele em quem... eu...

— Em quem você bateu — disse Bruce. Margot o olhou torto.

— Sim, esse mesmo. Ele...

— Christopher. O nome dele é Christopher.

— Certo... O Christopher. Ele...

— Ele está bem — disse Margot. Passou a mão sobre o ombro do sobrinho. — Só um nariz quebrado. Um velho cabeça dura como ele aguenta.

— Certo.

Sorveu do café. Evitava os olhos do tio.

— Qual o próximo passo?

— O quê? — perguntou Bruce.

— Qual o próximo passo. Disso tudo. O que vamos fazer?

Bruce franziu a testa

— Você... está pronto para o próximo passo? — perguntou Bruce.

— *Qual é o próximo passo?*

Bruce puxou o ar.

— Eu tenho motivos para crer que o padre Johnson está na lista do espírito de Clarisse Stormington. Por isso...

— Por quê? Por que o padre Johnson? — perguntou Clark, com os olhos semifechados, cansados.

— Não importa, Clark. O que você tem que fazer não necessita dessa informação. Sinto muito, mas é melhor... para não te atrapalhar.

— Tudo bem — disse, mordendo um pedaço de pão. Bruce esperava uma reação mais “Clark”, do tipo “*Como assim? Por que não diz logo o que está pensando?*”. O sobrinho tinha *mudado*.

— Como eu ia dizendo, o que eu acho é que o padre Johnson é o próximo, mas não podemos deixar isso acontecer. Eu sei que ele é o próximo, então é minha obrigação fazer alguma coisa, e você, como disse que me ajudaria...

— Tudo bem, tio, apenas me fale o que tenho que fazer.

Bruce respirou fundo. Margot levantou-se e começou a lavar algumas louças.

— Nós precisamos achar o túmulo de Clarisse Stormington, e queimar seus restos. — Clark olhou para Bruce, intrigado e chocado, mas de certa forma pouco surpreso. — Veja bem Clark, quando um espírito fica preso em nosso mundo, é porque *alguma coisa* o prende aqui. Pode ser um assunto pendente, ou alguma peça de roupa sua que está sendo utilizada por outra pessoa, ou um objeto, ou até mesmo seus restos mortais. Se destruímos essa coisa, esse *elo*, há grandes chances de finalmente o espírito partir, e descansar. Compreende?

— Sim, compreendo. E quais são as chances de isso dar certo?

— Eu não sei, Clark, nunca guiei um espírito para a luz. Mas é isso que os antigos faziam quando um espírito os assombrava. — Tomou do café já morno — Pelo que sei com Margot, ela, a menina... Clarisse, morava na hospedaria de Isabelle. Fui até lá e falei com ela. A hospedaria não funciona mais, mas ela ainda vive ali. Ela disse que todas as roupas da garota foram queimadas também, assim que souberam que ela morreu. Você sabe, alguns velhos são tão medrosos que fazem isso por precaução. Então, não são as roupas que a seguram aqui. Seus pertences também foram queimados, não eram muitos... ela não tinha nenhum parente, nada, ninguém que guardasse algo dela... logo, só faltam seus ossos. E é a única chance que temos, caso contrário... amanhã estaremos enterrando as cinzas do padre Johnson.

Clark balançou a cabeça, pensativo. Enterrar as cinzas do único padre da cidade não parecia nem um pouco reconfortante.

— OK, eu faço isso. Só preciso saber onde... onde ela está enterrada.

— Cemitério de Ben Eagle, quadra R, túmulo 126. Fica na Rua Sam Worvis, nº 20. Tinha no jornal. Você vai até lá, abre o túmulo, e quando faltar um minuto para a hora predileta dela, você queima o corpo.

— Então esse era seu plano desde o começo? — perguntou Clark, cabisbaixo.

— Sim, Clark... eu sinto muito.

Bruce levantou-se, pôs a mão no ombro do sobrinho e apertou de leve.

— E o senhor, o que vai fazer? — perguntou Clark, virando-se para ele. Bruce foi até o armário, onde sua calibre doze estava encostada, pegou-a e a apoiou no ombro.

— Eu vou proteger o padre, ou melhor, vou tentar. Espero que eu não a irrite.

— Com isso? — perguntou Clark. O velho resmungou.

Esperaram até a meia-noite. Depois, foram os três, Clark, Bruce e Margot, até a casa do falecido Edward, pegar o carro emprestado de novo, pela última vez. Colocaram gasolina, um pé-de-cabra, uma picareta e uma pá no porta malas do carro. Depois, Bruce tirou do bolso do grosso casaco uma escopeta calibre doze de cano serrado, pequena e leve. Entregou para Clark.

— Tem balas de sal. Eu que fiz. Se ela... tentar te impedir, você atira. Sem pensar duas vezes. Vai espantá-la por alguns minutos.

— Como sabe? — perguntou Clark, com um leve sorriso no rosto, apanhando a arma e sentindo nela o calor do corpo do tio.

— Eu leio bastante — disse o velho, sorrindo. Ele abraçou Clark, timidamente — Tome cuidado.

Margot foi até Clark e o abraçou também. Não falou nada, e foi melhor. Ele já estava tremendo. Por fim, entrou no Impala gigantesco de Edward e saiu da cidade, deixando Margot e Bruce para trás, como havia feito anos antes. Olhou-os pelo retrovisor, sentindo a nostalgia amarga cutucando o peito, e decidiu que desta vez pelo menos uma coisa seria diferente. Ele tinha que se despedir de seus tios/pais. Amava-os demais.

Mas para isso, precisava voltar vivo daquela excursão ao cemitério.

O padre Johnson guardava a última peça do altar, um porta-bíblia de cobre,

grande e pesado, quando todas as velas dentro da igreja se apagaram como se sopradas por Deus. E alguma coisa lhe dizia que Deus não tinha nada a ver com aquilo. Ou pelo menos achava. Não acreditava que Deus pudesse conceder a alguém a chance de voltar como um espírito furioso e sedento de vingança, capaz de incendiar quem quisesse. Mas não era tolo. Ele *a viu*, e isso foi o bastante para abalar sua fé. Ela estava vindo para ele também, e Johnson imaginava se às 3h00min ele estaria calmo como naquele momento.

Era o padre de Casper Ville há trinta e cinco anos. Chegara lá bem moço, e conquistou aquelas pessoas muito rápido. Era jovem, tinha disposição para ajudar e para perseverar diante das dificuldades. Esteve do lado de cada pessoa daquela cidade durante aqueles trinta e cinco anos. Esteve com Joe quando ele foi hospitalizado, depois do acidente que levou os movimentos de suas pernas e sua esposa. Orou por ele, fez quermesses para ajudá-lo, e vejam só, Joe se reergueu, abriu um mercado, prosperou, está andando só com a bengala faz dez anos. Esteve com Nikolay quando este tinha pesadelos sobre a guerra, e ouviu pacientemente dezenas de vezes durante suas confissões o quanto vivia atormentado por ter matado jovens alemães, tão jovens quanto ele era na época, pessoas que não sabiam o que o terror da guerra significava, que não sabiam por que estavam ali. Apoiou Mark quando ele teve câncer nos testículos, e pelo Poder de Jesus Cristo e de Deus, ele se curara. Segurou a mão de Michelle quando seu marido morreu de infarto, semanas depois de a mesma ter perdido um dos filhos. Ao velho George do bar sempre prestou amizade, mesmo sabendo que administrava um negócio que levava ao pecado e à perdição. Sempre deu ouvidos e apoiou a todos naquela cidade. Por Deus, sabia os pecados de cada um deles, e era exatamente por isso que era julgado naquele momento, julgado por uma força maligna que clamava por vingança.

E mesmo tendo apoiado durante trinta e cinco anos todos os habitantes daquela cidade, nenhum deles, *nenhum deles* estava ali agora, do lado dele, ajudando-o a enfrentar aquela coisa, aquele demônio em forma de mulher, que queria matá-lo. Olhou para o Cristo flagelado e pendurado na cruz, e pensou se ao menos Ele estaria do seu lado agora.

Tinha que estar.

Foi até a sacristia nos fundos da igreja, abriu uma gaveta de um pequeno armário e tirou uma caixa de fósforos de dentro dela. Voltou, sentindo o sangue passar por detrás das orelhas, a sensação de que a pressão do ar subia, tapando seus ouvidos. Chegou próximo a um dos candelabros e acendeu as sete velas que estavam nele. Passou ao próximo candelabro, que ficava embaixo da imagem de Santa Lúcia de Siracusa, e aquela imagem, segurando um prato onde jogaram seus olhos arrancados, deixou Johnson reconfortado. Enquanto ele acendia as

velas, lembrou-se da oração que a santa fizera no momento em que tentaram queimá-la no julgamento pagão de Diocleciano: “Ó Senhor Deus, Jesus Cristo meu Rei, não deixai que essas chamas me façam mal algum”.

Em resposta, as chamas no candelabro ao lado, que ele acabara de acender, ergueram-se como línguas para o alto, subindo quase dois metros, rosnando para Johnson, e as velas derreteram em menos de cinco segundos, até desaparecerem. Suas mãos começaram a tremer:

— Ó Senhor Deus, Jesus Cristo meu Rei, não deixai que essas chamas me façam mal algum — disse, quando terminou de acender o segundo candelabro, e quando passou para o candelabro ao lado, as velas do anterior queimaram da mesma forma, aceleradamente, lançando sobre ele uma luz forte e um calor infernal.

— Ó Senhor Deus, Jesus Cristo meu Rei, não deixai que essas chamas me façam mal algum... Ó Senhor Deus, Jesus Cristo meu Rei, não deixai que essas chamas me façam mal algum... Ó Senhor Deus, Jesus Cristo meu Rei, não deixai que essas chamas me façam mal algum... — rezava, num mantra assustado, enquanto, em desespero, acendia cada vela. Nunca imaginou que sentiria tanto medo, tanto pavor e tanta humilhação. Antes mesmo que acabasse de acender a última vela, as outras novamente derreteram, as chamas subindo como se atraídas pelo céu. Ele gritou apavorado, correndo para o candelabro que ficava do outro lado da capela, atravessando os bancos e o corredor onde um tapete vermelho se estendia, e quando riscou o fósforo para acendê-las, o fogo cresceu na ponta de seus dedos, e o palito queimou-se instantaneamente. Num estalo, a caixa de fósforos estourou em chamas em sua mão. Ele a lançou ao chão, apavorado, enquanto repetia seu mantra. A caixa foi consumida pelo fogo. Olhou para frente e observou sem ação as velas restantes se acenderem sozinhas, uma por uma, suas chamas subirem num efeito absurdo, sibilando para ele, lançando a sombra de suas mãos arreganhadas de pavor na parede, e derretendo a cera em segundos. A igreja iluminou-se de repente e mergulhou no escuro de novo.

Um vento frio tocou sua nuca, e Johnson arrepiou-se, fechando os olhos. Virou-se, um rangido chamando sua atenção, e viu a porta da igreja se abrindo devagar. Suas pernas tremeram, seu corpo se retesou, acabrunhado. Juntou forças e correu até ela, lançando todo o peso de seu corpo contra a madeira pesada. Temia qualquer coisa que pudesse surgir daquela escuridão sem forma que era a noite do lado de fora.

Quando achou que podia fechar a porta, algo a segurou do outro lado, travando-a, e ele gemeu de pavor.

— Padre Johnson! Padre Johnson, sou eu, Bruce! Me deixe entrar!

Johnson pôs a cabeça para fora e viu Bruce, os olhos atentos, forçando a entrada. Soltoou a porta, o suor escorrendo pela testa, e se afastou. Bruce entrou, e um vento frio o seguiu. Ele bateu a porta atrás de si e girou a chave duas vezes.

— Por Deus, padre, o senhor me deu um baita susto — disse Bruce. Puxou a chave da porta e guardou-a no bolso. Johnson estava atrás dele, com a mão no peito, respirando com dificuldade. Bruce virou-se para o padre — Sabe de uma coisa padre, eu tenho fé na Santa Igreja Católica e no Poder de Deus, mas se eu fosse o senhor eu jogava um pouco de sal grosso... *Santo Deus padre abaixe!*

Bruce puxou a arma que estava do lado do corpo assim que viu o espírito negro de Clarisse atrás do padre, suas mãos estendidas para tocá-lo. Johnson viu a arma virando-se em sua direção e abaixou-se no ímpeto. O estouro ecoou pela igreja como uma bomba, retinindo nos ouvidos do sacerdote, que se agarrou à cabeça e berrou. O balaço de sal atravessou o espírito da garota, que se dissolveu no ar, e acertou um arranjo de flores pendurado em uma coluna logo atrás, estraçalhando o vaso de vidro e lançando cacos pelo chão.

— *Meu Deus, o que significa isso?! —* berrou o padre, apavorado, a voz tão fina que não se reconheceu em seguida. Bruce foi até ele, pegou-o pelo braço e o ajudou a ficar de pé.

— Isso é o que vai manter ela longe do senhor durante alguns minutos, padre. — Mostrou a arma com orgulho para Johnson — Mas eu sinto dizer, ela quer sua alma, e as chances de te salvar são pequenas.

Bruce soltoou o homem e olhou ao redor, a arma ainda em punho. Trocou o cartucho vazio, ainda olhando em volta, e pendurou a arma de volta no ombro. Seguiu para o altar, e Johnson foi logo atrás dele.

Balbuciava “*Ai meu Deus, ai meu Deus*” constantemente, atrás de Bruce.

O velho olhou para a igreja escura, as velas todas derretidas nos candelabros, a cera colada ao chão como um amontoado de pele e gordura morta, e fez uma careta.

— É... a coisa é séria...

— Como? — perguntou o padre, choroso. Bruce não disse nada. Continuou andando próximo do altar, olhando para os bancos vazios e soturnos espalhados pela igreja. Depois, encarou o Cristo e fez o sinal da cruz. Esquecera de fazer quando entrara.

— E então, padre? — perguntou Bruce, apoiando o pé direito na escada que levava ao altar. Johnson sentou-se na escada, o peito se movendo muito rápido. Olhou para Bruce, confuso.

— O quê?

Bruce sorriu, amargo.

— O que me diz do segredo sacramental da confissão? — O padre o olhou embasbacado, e Bruce continuou — Eu quis ser padre muitos anos atrás, sabe, e inclusive estudei alguns anos no seminário. Aprendi bastante, devo dizer... mas eu não levava jeito, acredite. Eu pensava em mulheres o tempo inteiro, tenho que confessar... — coçou a nuca, olhando ao redor, vigilante. — Mas tem certas coisas da Santa Igreja Católica Apostólica Romana que não entram na minha cabeça até hoje. Por exemplo, o segredo da confissão...

— Bruce, por favor... — começou o padre, ainda ofegando. — Se você estudou, sabe que isso é *indiscutível*.

— Qual é a sensação, padre?

— Bruce, pelo amor de Deus...

— Me diga, qual a sensação, como homem, de...

— Bruce, *por Deus!*

— ... saber que alguém cometeu um crime, um pecado gravíssimo, e você ter que fingir que aquela pessoa não fez nada...

— Oh, meu Deus... meu São João Nepomuceno...

— ... fingir que acredita que ela está arrependida... me diga, padre, como que é?

— *Bruce, pelo amor de Deus, cale essa...*

Bruce agarrou o padre pelas mangas da batina e o puxou para si. Arrependeu-se disso mais tarde, pois o padre pareceu apavorado. Naquela hora, porém, não conseguiu se conter.

— *Como pôde viver todos esses anos sabendo que aquela garota foi assassinada? Como pôde viver quinze anos escondendo a culpa de Charlie, Michael, Edward e Johansson nisso tudo? Como pôde?*

Ele soltou o padre, que se sentou, se jogou nas escadas, e começou a chorar, com os braços largados no chão.

— *Eu não podia, Bruce! Eu não podia...* — chorava o padre. Bruce olhou para ele, com um misto de dó e arrependimento.

— Eu sei padre. É por isso que tenho pena do senhor se Clark falhar.

Depois de meia hora dirigindo por uma estrada escura e angustiante, Clark chegou a Ben Eagle, que parecia ignorar o acontecimento maldito que assombrava Casper. Enquanto no vilarejo todos estavam em suas casas, abraçados uns aos outros, com cruces espalhadas pela casa, rezando e implorando por perdão, Ben Eagle estava iluminada e viva. As pessoas

passavam pelas praças e ruas, mesmo àquela hora da noite. Ele dirigiu a esmo durante um bom tempo, pensando em perguntar para alguém onde ficava o cemitério. Também pensou de verdade durante esse tempo sobre *o que* estava prestes a fazer. Não conseguiu chegar a nenhuma conclusão a não ser à incômoda ideia de que aquilo era a *única* coisa a ser feita.

Pensou em falar com pessoas que não achariam estranha sua pergunta naquela hora da noite, mas não conseguiu imaginar quem *não* acharia. Decidiu perguntar somente onde ficava a rua Sam Worvis, e conseguiu a direção com um casal que se abraçava e se enroscava no banco de uma praça, sem levantar suspeitas. Se alguém desconfiasse e chamasse a polícia, estaria frito. Equipamento incendiário e para violar túmulos no porta malas de um carro que não era seu, e uma arma de grosso calibre dentro do casaco.

Sim, estaria frito.

Chegou ao cemitério às 1h15min. Era um cemitério grande, rodeado pela névoa daquela madrugada fria. A rua deserta não era nada convidativa. A escuridão era tanta que quase não se podia ver o fim da rua, a esquina do cemitério que ocupava o terreno equivalente a um quarteirão.

Os portões estavam fechados, grades escuras e retas que se entrelaçavam no alto, formando iniciais indiscerníveis de onde estava. Ele ficou parado dentro do carro durante quinze minutos, o motor desligado, esperando para ver se aparecia algum vigilante, alguma viatura da polícia ou qualquer pessoa. Pensou se algum vigilante estaria espreitando ele. Se sim, aquela espera não adiantaria de nada. Ligou o motor e guiou o carro até debaixo de uma árvore que ficava perto da esquina do cemitério. Sob as sombras da árvore, tudo parecia ainda mais escuro, mais sóbrio e oculto. Saiu do carro, fechando-o sem bater a porta. Foi até o porta-malas, pegou os instrumentos para abrir o túmulo e os passou pela grade do portão, *bem devagar*, torcendo e se esforçando para que nenhum deles tocasse a grade de metal e fizesse aquele barulho discreto de ferro com ferro no meio da madrugada. Voltou para o carro, andando o mais rápido e silencioso que podia. Pegou o galão de gasolina, cinco litros, olhou para o portão e viu que ele não passaria pelas grades.

Sua mente se contorceu, se esforçou para ter alguma ideia. Procurou uma corda no porta-malas do carro, e por Deus a encontrou. Passou-a pela alça do galão, olhou para os dois lados da rua, a terrível sensação de que alguém apareceria cutucando sua cabeça, foi até a árvore e a analisou. Os galhos eram grossos, mas as cascas estavam levantadas, podres. Imaginou-se subindo nela, chegando até o alto, o ponto mais próximo do muro, que devia ter uns dois metros e meio, as cascas dos galhos se desfazendo sob seus pés e suas mãos, tirando a firmeza, a aderência, derrubando-o no chão. Não queria quebrar um

braço e ser obrigado a desistir daquela empreitada, e não porque *queria* fazê-la, e sim porque não queria ter que se explicar para ninguém depois.

Subiu na árvore com o máximo de calma que podia, a corda com o galão amarrada ao torso. Primeiro sentiu-a sacudir por inteiro, mas depois que percebeu que era estável, continuou escalando até chegar ao grosso galho que, de um jeito bizarro, se inclinava para dentro do muro, como se a árvore estivesse, conscientemente, estendendo um de seus braços naquela direção para facilitar atitudes furtivas como aquela. Passou o galão de gasolina sobre o muro e foi baixando-o com a corda até senti-lo tocando o chão. Jogou o restante da corda para dentro, enfiou a mão no bolso da calça e checkou se o isqueiro ainda estava ali. Testou-o diante do rosto, e a chama tremulou diante de seus olhos. Tateou o bolso grande no lado esquerdo do casaco, e a arma estava ali, inerte. Olhou para o carro, imaginando se o teria trancado ou não e, desistindo de descer da árvore e arriscar cair ao subi-la de novo, passou do galho para o muro e o pulou, com um pouco de dificuldade.

As pernas atingiram o chão gramado tremendo, sem firmeza. O joelho protestou por um momento, mas Clark se levantou e estava bem. Conseguia andar.

Só depois que se levantou do outro lado que parou para pensar se haveria *cachorros* lá dentro, para vigiar o cemitério, e se viu naquela cena do filme *A Profecia*. Então pensou na diferença entre os cemitérios, que aquilo não seria uma prática *comum*, e começou a andar. Jogou o galão amarrado na corda sobre o ombro, foi até o portão, agachado, olhando para a rua instantes antes de se aventurar a aparecer detrás daquelas grades, e pegou as ferramentas. Enrolou-as com a corda e seguiu em frente.

Caminhou pelo cemitério, seus passos amassando a grama molhada. Os ouvidos atentos não lhe deram nenhum alerta. Pensou que de fato não haveria um vigilante ali, e torceu para que continuasse daquela forma. Passou por diversos túmulos simples, algumas placas cinzentas no chão, algumas flores mortas. Em seguida, chegou a uma parte onde os túmulos eram maiores e mais luxuosos. Uma babaquice que Clark nunca entendeu. Procurou por alguma placa que indicasse em qual quadra estava, e por fim achou uma pequena plaqueta fincada no chão, indicando que aquela era a “Quadra E”. Andou mais, passando por árvores altas e assustadoras, que pareciam mover-se, vigiando-o; a escuridão era implacável, e despertava em Clark seus medos mais infantis e tolos. Sua nuca arrepiava à cada roçada do vento em seu pescoço, a cada galho que chacoalhava, a cada coruja que piava ameaçadora quando via-o avançando sobre seu território, o território dos mortos.

Chegou à “Quadra R” depois de andar pelo menos vinte minutos, e

imaginou quantos metros quadrados aquele cemitério tinha. Caminhava sem pressa ali, olhando os túmulos, que eram extremamente simples, somente cruzes brancas de pedra ou madeira com os nomes escritos e as datas de nascimento e morte. Alguns sequer tinham nomes, apenas números marcados com tinta preta, e Clark imaginou se Clarisse estava em um daqueles, sem nome, enterrada como uma indigente, uma desconhecida, e finalmente entendeu por que os vivos constroem túmulos luxuosos quando podem.

Porque vê-los diminuídos a meros “corpos” os deixavam deprimidos e angustiados, mesmo sabendo que no fim de tudo eles realmente eram só “corpos”.

“*Será que são só isso mesmo?*”, pensou Clark quando finalmente encontrou a cova número 126. No túmulo de Clarisse não havia nem flor e nem nome, somente o número pintado, “126”. Um número. Um corpo.

Clark largou as coisas no chão, ajoelhou-se e chorou.

Olhou o relógio. 2h00min. Estava perto da hora, e tinha muito que fazer. Nunca cavara sete palmos de terra, e agora saberia como é; tirou o casaco, passando antes a arma pelo cinto, pegou a pá e começou a cavar.

Eram 1h30min quando o primeiro candelabro caiu no chão, e o barulho fez Johnson gritar de medo. Bruce olhou para ele, enraivecido, mas entendia o pavor do homem, que até então só conhecia o lado bom de ser padre. Provavelmente nunca vira um possuído ou algo parecido na vida, pensou Bruce. Ele engatilhou a arma e a apontou na direção do barulho, mas depois disso nada aconteceu.

Johnson gemia, encolhido na escada.

— Eu não podia fazer nada... não podia. *Será que ela não entende?*

— Parece óbvio que não — respondeu Bruce, e viu pelo canto do olho outro candelabro balançar de uma forma impossível, inclinar quase até cair, e voltar para a mesma posição. Ela estava lá. Assustando o padre, deixando-o fraco e conformado com a hipótese de morrer. Mas ainda não era a hora, tanto ele quanto ela sabiam disso. Àquela hora, Clark já deveria ter chegado ao cemitério, pensava Bruce. Se tudo desse certo, Johnson continuaria vivo depois das três, e o espírito de Clarisse iria embora de vez. Seria o mais novo segredo de Casper Ville, ou somente *mais um pedaço* do mesmo segredo, e que assombrasse a mente de todos até a morte, desejou Bruce. Então pensou em todos aqueles velhos, debilitados, frágeis e sem perspectivas, e viu que aquilo era castigo demais. Os culpados já tinham sido queimados, e nesse ponto ele defenderia até

a morte o direito de Clarisse de se vingar. Mas, matar o padre? Porque ele *sabia*? Se fosse assim, *quantos* não morreriam em Casper até o fim do ano? Praticamente *toda a vila* guardava aquele segredo por anos! Aquilo teria que parar. Estava enlouquecida, incontrolável, sedenta de sangue. E *poderosa*. O poder seduz e corrompe. O espírito estava preso na trilha de sangue de sua própria vingança, e não pararia.

As cadeiras pesadas de cedro começaram a moverem-se sozinhas, primeiro as do fundo, depois mais uma, mais outra, e outra, arrastando-se da esquerda para a direita pela capela, rangendo os pés no chão, depois batendo, até que todas as cadeiras da igreja inteira se moviam, como a marcha de um exército. Johnson agarrou de novo a própria cabeça, e Bruce apontou a arma, procurando. Olhou no relógio, aflito. Eram 2h00min. Pensou em Clark, se teria mesmo chegado ao cemitério sem despertar a atenção de alguma pessoa, ou pior, da polícia. Já teria achado o túmulo? Será que teria força para queimar os restos da mulher que um dia amou?

Clark cavou a terra seca pelo que pareceu uma eternidade, olhando constantemente para o relógio. O buraco irregular que fez tinha menos de sete palmos quando a pá bateu em algo duro abaixo dos seus pés. Ele suspirou, o rosto suado e sujo de terra. Suas mãos, queimadas, estouradas, ardiam como se estivesse batendo palmas por dez horas seguidas. Seus braços rangiam de dor. O esforço prolongado, somado ao impacto nos cotovelos na noite anterior, debilitara seus braços ao extremo. Perguntou-se se conseguiria dirigir de volta a Casper Ville. Sentia um sono terrível. Respirava a poeira, e sua garganta começava a protestar, como se tivesse engolido uma lixa.

Retirou mais terra, tentando deixar o caixão livre para ser aberto com o pé-de-cabra. Gastou mais dez minutos nisso. Eram 2h50min quando ele finalmente estava sobre o caixão escuro e sem decoração alguma. Esticava-se retangular abaixo dele. Olhou para o tampo do caixão com um cansaço terrível, e achou aquela superfície muito convidativa, queria deitar-se ali e rezar para que alguém jogasse aquela terra sobre ele, sobre *eles*, e então ficariam juntos, enfim. Para sempre. Descansando. Mas Clark não se deitou. Jogou a pá para fora do buraco e pegou o pé-de-cabra. Apoiou os pés na terra e forçou a tampa. Rangeu alto, ecoando na madrugada. Parou. Respirou um pouco. Forçou-a de novo, ajoelhando-se na terra, usando o peso do corpo.

A tampa pulou num estrondo e caiu, desencaixada, fazendo-o pousar

sentado sobre a terra úmida. A primeira e tola impressão foi de que o corpo dentro dela a tivesse *empurrado*. Clark cutucou a tampa com o pé, e o bafo quente e podre do corpo decomposto de Clarisse invadiu seu nariz. Era fraco, mas ainda presente. Tolerável. Passou a mão na testa, sujando ainda mais a cara, e pela última vez pensou se aquilo daria certo, se valeria a pena tirar aquela tampa e ver aquele corpo desfigurado só para salvar Johnson. Por fim, largou o pé-de-cabra e puxou a tampa do caixão.

O que restava de Clarisse eram ossos finos e gastos, pretos como aquele céu que os cobria, como aquela terra que os cercava, como aquele caixão onde ela repousava. Preto, queimado. Os buracos que antes carregavam belos olhos azuis eram agora dois poços vazios. O rosto belo se fora, dando lugar a um crânio seco e imóvel como qualquer outro. E ele que achava Clarisse única, sentia-se um lixo olhando-a e constatando que tudo aquilo, toda aquela beleza e graça, se foi para sempre, fazendo dela um mísero corpo como os outros. Toda a pessoa que amara, em sua amplitude, estava reduzida àqueles ossos.

Por um momento viu aquele esqueleto movendo-se na escuridão, os ossos das mãos envolvendo sua perna e puxando-o para baixo, para junto dela, ou abraçando-o de saudade, mas ele precisava ser mais forte que o medo. Sabia que aquilo não aconteceria. Mesmo assim, saiu do buraco do túmulo de frente para ela, *encarando-a* desconfiado.

Pegou o galão de gasolina. Encarou aquele pedaço de plástico pesado, recheado do líquido amarelo como urina, e olhou de novo para os ossos dela, do alto, sem acreditar que um dia aqueles dentes escuros sorriram detrás de lábios tão bonitos. Jogou metade da garrafa sobre o que um dia foi o corpo mais belo do universo, sobre o caixão e sua tampa. Fechou a garrafa e secou as mãos na calça. Olhou para o que agora eram dedos ressequidos, descarnados, e lembrou-se de como aquelas mãos um dia o acariciaram de forma tão sincera e única, honesta e real. Enfiou a mão suja e oleosa no bolso e pegou o isqueiro. Acendeu-o diante do rosto e ficou admirando as chamas dançarem diante de si. Olhou novamente o relógio. 2h57min.

“Clarisse. Eu te amei. Eu ainda te amo”, pensou enquanto a chama do isqueiro lançava luzes amarelas sobre seus olhos.

Apagou o isqueiro.

“Ela merece isso? O que aconteceu de fato? Ela foi queimada, não é? E está agora se vingando, não é? E quem deu a mim o direito de interromper sua vingança? *Eu* os queimaria se pudesse! Devem morrer, todos! *Todos!*”

Afastou a imagem do Clark Remelento, covarde e molenga que tentava persuadi-lo, e acendeu o isqueiro novamente.

A igreja inteira tremia, como se estivesse em cima de uma placa tectônica particular em movimento. Bruce sentia que tudo ia desabar, perdendo o equilíbrio vez ou outra, e quando os vasos começaram a cair, ele acreditou que, se não morresse queimado, morreria esmagado pelo teto da igreja, que com certeza desabaria.

Johnson estava agarrado ao seu crucifixo, olhando para a igreja que tremia, admirado e apavorado. Sentia a sombra da morte pairar sobre ele. Ele a conhecia, já havia guiado muitos tranquilamente até ela, e sabia quando ela rondava. Estava quase aceitando-a. Conformando-se.

Bruce olhou o relógio, a tempo de ver o vulto de Clarisse se materializar de novo diante deles, as mãos estendidas em direção a Johnson, como se dissesse “*Você! Você sabia! Sabia e não fez nada!*”. Johnson pôs as mãos diante da face, apavorado. O tio de Clark ergueu a espingarda e disparou. O espectro desapareceu como fumaça.

Eram 2h58min, e Bruce pediu a Deus que Clark fizesse algo logo.

Quando Clark viu que eram 2h59min, finalmente jogou o isqueiro dentro do túmulo. Durante aqueles últimos sessenta segundos ele se questionou ao extremo. Descobriu que, fazendo aquilo, não estaria apenas livrando Johnson ou qualquer outro velho daquela maldita vila que ele nunca mais gostaria de rever, da morte em chamas infinitas.

Descobriu que daria a ela o repouso que merecia.

O isqueiro tocou os ossos sem fazer ruído algum. As chamas surgiram de repente, lançando sobre Clark luzes e sombras dançantes. Ele ouviu a madeira do caixão e os ossos dela estalarem no fogo, e a fumaça clara começou a subir, rodeando-o. Depois de alguns minutos ele jogou mais um pouco da gasolina dentro da cova, e as chamas cresceram, rugindo como um dragão raivoso. Pequenas brasas começaram a subir pelo ar, movendo-se em direção ao céu escuro, e Clark desejou, do fundo do coração, que aquilo fosse um sinal de que finalmente Clarisse Stormington partira.

As chamas começaram a surgir nas roupas de Johnson, e os tiros de sal não eram mais capazes de espantar o espírito. O padre começou a berrar, chorando e gritando, batendo as mãos nas chamas alaranjadas. Bruce tateou o bolso em busca de mais cartuchos, que ele desperdiçava a esmo tentando afugentar o espírito da garota, e descobriu que não tinha mais nem um. Largou a arma ao chão e correu até Johnson, fazendo-o levantar-se. Bateu nas chamas na roupa do padre, que cresciam da barra da batina, mas elas pareciam não ter fim. Apagavam e acendiam de novo, sem explicação, sem motivo. Bruce olhou para o espírito enraivecido. Havia uma aura macabra em volta dele. Ele também olhava Bruce. Nos olhos.

De repente o espírito empertigou-se, como se fispado por um anzol, e seu espectro foi ficando mais claro, cheio de uma luminescência amarelada, até que finalmente desapareceu num facho de luz que cresceu e explodiu diante dos olhos incrédulos de Bruce. A igreja parou de tremer, os bancos pararam de andar para os lados. O velho olhou para o padre, e este batia desesperado nas chamas, que do nada também desapareceram. Johnson caiu sentado, respirando forte, exausto. Bruce ainda olhou para os lados, desconfiado, foi até sua arma, pegou-a e olhou ao redor, sabendo que se precisasse, não poderia usá-la. Nada mais aconteceu. O ar já não estava mais tão frio.

Seu sobrinho tinha queimado os ossos de Clarisse.

Clark jogou a única mala de roupa que tinha levado para Casper, uma pequena bolsa de elástico, na cabine da caminhonete laranja de motor consertado, e bateu a porta. O céu ainda estava cinza, fechado, e o vento uivava. Ele olhou por toda a extensão da Castle Vain, admirando a cidadela em que nascera, e repensando a promessa de não voltar mais ali. Arrependendo-se. As lembranças não eram boas, ele sabia, mas havia pessoas ali das quais ele não esqueceria tão facilmente. Pessoas que de alguma forma ajudaram a construir sua índole, seu caráter, por mais obtuso que ele fosse.

E lembranças ruins não deveriam impedi-lo de aproveitar as coisas boas que aquela vila ainda podia lhe dar.

Os velhos passavam por ele agora, caminhando em direção à igreja. Alguns o cumprimentavam rapidamente, com um aceno de cabeça, mas outros passaram de rosto virado ou olhando para o chão, constrangidos. Todos ainda carregariam a culpa dentro de si, ele sabia, até o dia em que morressem. Carregariam o peso da alma de Clarisse e o gosto amargo da impunidade,

mesmo que depois a “justiça” tenha sido feita. Sabia que muitos ali levariam semanas para se sentirem bem, para se normalizarem; alguns nunca mais voltariam a dormir com a mesma tranquilidade, com a mesma paz. Ele próprio se sentia assim.

Margot acenou em frente ao seu jardim. Clark foi até ela e lhe deu um último e longo abraço. Prometeu que voltaria depois de alguns meses, quando estivesse descansado e aqueles dias fossem uma lembrança mais distante. Ela sorriu.

— E tio Bruce? Onde está? Fui até a casa dele, mas...

— Bruce me disse que ia até Ben Eagle. Dave deu uma carona para ele — disse Margot, com a voz tranquila. — Acho que ele não gosta muito de despedidas, querido. Ou então espera que com isso você volte mais vezes, para vê-lo. Ou não demore tanto para voltar...

— Aquele velho bobo... — resmungou ele, e deixou a tia para trás, observando-o com olhos lacrimejados enquanto ele entrava no carro, a luz do sol entre nuvens partindo aos poucos, dando lugar àquele céu escuro ao qual eles estavam acostumados. O tempo estava louco naqueles dias. Clark ligou o carro e fez a volta, passando perto da tia para lhe mandar um beijo. Ela sorriu acenando, e a caminhonete acelerou, deixando uma leve poeira no ar, enquanto se afastava cada vez mais pela Castle Vain. Acelerou, virou e desapareceu por detrás das casas, onde Margot não podia mais vê-lo. Ela suspirou, olhando as nuvens que se moviam devagar, dando espaço para os últimos braços de luz do sol que se escondia vermelho no horizonte.

À medida que Casper Ville ficava para trás, Clark sentia um crescente alívio. Seu coração começou a desacelerar, a cabeça foi ficando mais leve, o pescoço menos rígido. Seu corpo ainda doía, mas era uma dor suportável, reprimida pela alegria de finalmente estar indo para casa.

No primeiro acesso à estadual, virou à direita e acelerou. Seu carro seguia praticamente sozinho naquela imensidão escura da pista, os refletores mostrando-se atrás, se afastando, pequenos olhos laranjas e brilhantes na estrada. Clark abriu a janela, deixando o vento frio tocar seu rosto.

Começou a pensar em como retomaria o rumo normal de sua vida, uma vez que, depois de três dias sem ir ao trabalho, e sem nenhuma justificativa formal, ele provavelmente perderia seu recém-conquistado cargo, ou até mesmo seu emprego. Seu chefe não engoliria a história dos três parentes mortos. Além do mais, havia Johansson, que nem parente era. O que dizer então se resolvesse contar a *verdade* ao chefe? Aí sim perderia toda a credibilidade que conquistara com dificuldade naquela empresa. Pensou nas prestações da casa, que ainda pagava, na escola das crianças, cuja mensalidade subia anualmente igual a um

foguete, no carro velho que já estava dando prejuízos, não esqueceu que parte da culpa de ter ficado preso em Casper Ville era do seu maldito carro, cujo motor parecia ter sido...

Derretido? *Queimado*? Clark não tinha parado para pensar no estado daquele motor, em *como* ele teria ficado daquela forma, e então a lembrança do motor retorcido o incomodou. De Nova Iorque para Casper Ville foram pouco mais que 200 km. Como o motor de seu carro teria chegado àquele estado se quando saíra de casa ele estava normal? Um motor não funde daquela forma sem chamar a atenção, sem deixar... *fumaça* no ar.

Na verdade, Clark foi cético durante muito tempo. *Muito tempo*. Se tivesse dado ouvidos a Bruce desde o começo, se tivesse acreditado no tio e o ajudado, decerto teriam impedido aqueles acontecimentos mais cedo, antes que Edward ou Johansson morressem, e antes que o medo abalasse a fé do padre Johnson. Não que eles merecessem ser salvos, mas se tivesse acreditado em Bruce logo de primeira, teria suspeitado quando viu o motor fundido do carro. Teria suspeitado da rede de telefone. Ele nunca saberia, mas se tivesse dirigido 10 km a oeste, em direção à zona rural de Ben Eagle, teria visto que a torre de cobertura de telefonia móvel daquela área tinha sido danificada, na manhã de sexta-feira, por um pequeno *incêndio* acidental, de origem desconhecida. Os painéis pegaram fogo durante alguns minutos, o bastante para impossibilitar o mau funcionamento da torre e ocupar os técnicos durante mais ou menos uma semana. Se tivesse dado ouvidos ao tio, teria achado estranho que a cidade inteira estivesse com as linhas de telefone mudas. Ele nunca saberia, mas se tivesse caminhado dez metros depois do mercado fechado do velho Joe, teria visto um poste com os fios danificados... *queimados*, como teria dito o técnico para Bruce no dia anterior.

Se ele tivesse acreditado no tio antes, não estaria sentindo um estranho incômodo crescer em sua barriga naquela hora, seu coração não estaria acelerando desenfreadamente de novo, sua cabeça não voltaria a latejar como se tivesse um sino dentro dela. Se tivesse acreditado antes, não estaria com medo.

Passou a mão de leve sobre o pingente que sempre carregava consigo, e tudo veio em sua mente, em alta velocidade, rasgando-o por dentro, como um trem descarrilado, e ele sentiu o suor frio escorrendo da testa. Lembrou-se do sonho, o sonho que tivera quando descobriu (“descobriu ou *relembrou*, Clark?”) que o causador daquele terror era o espírito de Clarisse, seu primeiro amor, sua primeira mulher. O sonho em que ela o encontrava na rua de Casper Ville, o abraçava com tesão, sob os olhares de seus algozes, e explodia em chamas. O que ela lhe dissera mesmo?

“*Calma, Clark... mais tarde eu tenho uma surpresa pra você.*”

O que ele pensara que seria? Uma grande noite de sexo? Isso eles já tinham o tempo inteiro. E por que... por que sonhava com aquela festa, com aquela decoração, com aquele dia, se havia ido embora antes da festa da colheita

“Calma, Clark... mais tarde eu tenho uma surpresa pra você.”

sem se despedir de ninguém, nem de Margot, nem de Bruce, mas como, se Bruce não estava em Casper naquela época? Como então se lembra de estar dentro do carro se afastando e de Margot e Bruce correndo como podiam atrás dele para que parasse e voltasse atrás? Como

“Calma, Clark... mais tarde eu tenho uma surpresa pra você.”

tivera coragem de mentir para o tio, dizendo que partira antes da festa, e como seu tio acreditou, se ele viu Clark indo embora, então ele já havia voltado da Califórnia, como ele deixara passar essa, logo Bruce, o tão inteligente tio Bruce, com sua barba branca e seus conselhos e sua estranha religiosidade e seu estranho dom? Como

“Calma, Clark... mais tarde eu tenho uma surpresa pra você.”

poderia ter esquecido aquilo

os médicos chamam de Amnésia Dissociativa, uma incapacidade de recordar situações pessoais importantes devido a algum trauma ou estresse agudo e repentino...

mas não havia esquecido, estava lá, *estava lá dentro*, no fundo de sua mente, no fundo da mente de Clark Remelento, aquele que apanhava na escola e ficava quieto, aquele que forçavam que comesse lixo e ficava quieto

“Calma, Clark... mais tarde eu tenho uma surpresa pra você.”

aquele que ninguém acreditava que podia sair com uma garota tão exuberante, tão bela e diferente e maravilhosa, e na madrugada daquele dia, momentos antes de quatro homens bêbados, drogados e ensandecidos tirarem a vida da jovem Clarisse, ela levou Clark até a árvore dos dois, o salgueiro onde o amor deles estava registrado para sempre, e depois de se amarem com calor, ela tirou de seu pescoço o pingente rústico que sempre atraía seus olhares, o decote atraía seus olhares, mas o pingente dava um toque maravilhoso ao conjunto da obra, e disse “Toma, Clark... isso é pra você nunca se esquecer de mim...”.

Ela o pôs no pescoço de Clark, e desde então nunca mais saiu de lá.

Clark sentiu a nuca arrepiar, e olhou no espelho do retrovisor logo acima de sua cabeça. Clarisse o observava sorrindo, sentada no banco de trás, um sorriso que ele não saberia dizer se era provocativo ou maligno. Ele berrou, encarando o espírito escuro da garota cujos restos ele havia queimado, tirou a mão do pingente como se tivesse levado um choque, e desesperadamente enfiou o pé no freio.

“Como pôde, Clark?”, ele ouvia em sua mente, sua boca aberta de pavor, enquanto ela o olhava nos olhos, e o carro enfiava cada vez mais a frente perto de chão e empinava a traseira como se fosse entrar na terra.

“Como pôde ver tudo... e não fazer nada?”

Ele lembrou-se, lembrou-se de tudo, de quando saíram da floresta e viram os quatro em sua direção, cada um com uma tocha acesa na mão e sacos pintados e furados cobrindo a cabeça, não que aquilo impedisse qualquer pessoa de saber quem eram, mas o bastante para deixar os moradores *cegos* para o que ia acontecer, e então eles correram atrás dos dois, furiosos, gargalhando, rindo loucamente, e eles fugiram o mais rápido que puderam, mas Clark caiu, e quando Clarisse tentou levantá-lo, Edward chutou sua cabeça e Clark quase apagou, mas não conseguiu se mexer, enquanto os viu arrastarem Clarisse pelos cabelos até o galpão que na época já era de Billy Thompson, gritando com ela, xingando-a de tudo o que era ruim, e Clark estava *com medo*, pavor, pânico, medo de levantar e tomar outra daquela, e suas pernas tremiam e ele de novo era Clark Remelento, de novo era um covarde, um babaca, um frouxo, e não sabe

quanto tempo se passou, mas quando finalmente ele criou coragem e levantou-se, correu cambaleando até o galpão

“Como pôde, Clark?”

e como um bebê chorão se escondeu atrás das madeiras quebradas, olhando pelas frestas enquanto Johansson esmurrava uma seminua Clarisse no rosto. Cada soco que ela tomava doía em seu corpo, mas ele tremia demais, a ponto de ter que morder o próprio pulso para que não gemesse e não fosse *ouvido* por eles, e Johansson a derrubou no chão, e depois que Edward deu um chute nela, começaram a jogar bebida sobre seu corpo, enlouquecidos, gargalhando e rosnando como se houvesse um monstro no lugar da garganta de cada um, e quando as tochas se aproximaram dela

“Como pôde, Clark?”

Clarisse deu um berro desesperado e apontou o dedo para eles, para *cada um deles*, com os olhos ferinos esbugalhados atrás da maquiagem borrada pelas lágrimas e pelo sangue, e naquela hora Clark arrepiou-se inteiro, como se sua alma tivesse sido arrancada de seu corpo, e ele nunca saberia, mas o mesmo aconteceu com Charlie, Michael, Edward e Johansson, mas estavam com tanta droga e bebida circulando nas veias que não perceberam que aquele era o aviso. Eles jogaram as tochas sobre Clarisse e as chamas a envolveram

“Como pôde, Clark?”

com braços de morte.

Nenhum deles viu Clark ali. Ele ficou chorando com o punho enfiado na boca, incapaz de levantar. E mesmo depois que o corpo de Clarisse parou de queimar, e os velhos a arrastaram para fora do galpão, para colocá-la perto da fogueira principal, com pelo menos *metade* da população de Casper Ville assistindo, imóveis, assim como ele, incapazes de reagir, incapazes de tomar uma atitude, cegando-se à barbárie que presenciaram, fingindo que aqueles homens não fizeram nada, que era por causa da bebida, que era por causa da droga, que era por causa *dela*, que era porque *ela* os levava a fazer aquilo, Clark ainda ficou lá, deitado entre as madeiras, soluçando, derrotado, até o sol nascer e a cidade encenar o que o jornal registrava, e o que se tornou a verdade.

O carro cantou pelo asfalto durante três segundos, e Clark sentiu seu corpo sendo sugado para frente, em direção ao vidro, mas o cinto o segurou, apertando seu peito e forçando sua expiração. A caminhonete parou, quase tirando a traseira do chão, deixando uma trilha de fumaça e borracha para trás, e seu pescoço deu um tranco, fazendo-o sentir como se o mundo rodasse. Tentou desesperadamente soltar a presilha do cinto de segurança, mas olhou para o retrovisor e viu que era tarde. Clarisse se aproximou dele, fechando os olhos e sorrindo. Passou seus braços pelo pescoço de Clark, braços que eram quase

transparentes naquela escuridão, e o envolveu, apertando suas bochechas contra a orelha dele. Clark sentiu o calor do dela, do *corpo* dela, sua respiração, seu cheiro, e era como se flutuasse com ela, ao mesmo tempo em que ela envolvia a mão no pingente que ele carregava. O carro ainda dançava como em câmera lenta na estrada. Ele fechou os olhos também, e cobriu a mão dela com sua própria mão, e naquela hora só havia uma frase ecoando em sua cabeça, “*Como pôde ver tudo... e não fazer nada?*”, e então seu corpo se cobriu de chamas alaranjadas, assim como o espírito de sua amada, e juntos eles foram consumidos pelo mesmo fogo que um dia havia tirado a vida de Clarisse e o coração de Clark.

Bruce caminhava pelo cemitério de Ben Eagle, o pôr do sol tão belo quanto o silêncio do lugar. Seu pescoço e suas pernas doíam, marcas da batalha do dia anterior. Estava ficando velho, e olhar aqueles túmulos não melhorava sua perspectiva, sua *expectativa*. Chegaria a hora, ele sabia, em que reencontraria Beatriz, Paul, Sara... e Claire. Mas ainda não era a hora.

O buquê de flores em sua mão diminuía aos poucos. Passara por diversos túmulos, pessoas que conheceu, túmulos *demais*. Era triste ficar por último, no fim das contas.

Deixara flores para Paul, Sara e Beatriz em Casper Ville, no pequeno cemitério que ficava atrás da igreja de Johnson. Deixou flores para todos, todos que se lembrava que um dia conheceu, em Casper e agora ali, no cemitério de Ben Eagle. Guiava-se pelas fotos mais do que pelos nomes. Os nomes das pessoas realmente importantes ele se lembrava bem. Mas faltava uma pessoa, uma desconhecida na verdade, cujo rosto o fizera lembrar-se de uma mulher, uma bela “bruxa”, de quem ele não conseguia ficar longe antigamente, e que o ensinou que devia aceitar seu destino e sua missão.

Depois de andar durante mais de meia hora com o vento frio torturando suas pernas, Bruce chegou até a quadra R, túmulo 126. Ele sentiu a terra ainda fofa sob seus pés. Suspirou. Na cruz branca e simples havia uma inscrição recente, feita com carvão. Ele sorriu quando a leu:

Clarisse Stormington

☆ 12/05/1960

† 22/07/1982

Meu amor. Para sempre.

Ele deixou a última rosa vermelha que carregava ao pé da cruz, sentindo uma estranha sensação de leveza. Estava acostumado com aquilo, e sabia o que significava.

Finalmente, depois de quinze anos, Clarisse descansava em paz.

Condomínio fechado

— QSN? QSN? QSN? — constante no rádio, e aquele som o despertou num susto. Não era a primeira vez que dormia no trabalho, e já acordara de sobressalto diversas vezes, mas com certeza foi a primeira vez em que despertava ouvindo uma voz tão urgente.

Isso não era *bom*, não sendo vigia noturno de um condomínio fechado.

Passou as costas da mão pela baba seca que se juntara no canto da boca. Não foi um grande sono, afinal. Foi uma curta soneca, daquelas em que você sente que flutua para o real descanso ciente de que deve permanecer semialerta, pronto para despertar, reagir. O tipo de cochilo que te joga numa área negra de ruídos suportáveis e movimentos ignorados pela visão periférica, até enfim baixar as pálpebras quase até o final, mas só *quase*. Qualquer coisa, *qualquer uma* deve ser capaz de te despertar de uma soneca dessas, caso contrário o menor de seus problemas pode ser seu superior parado na sua frente enquanto você ronca.

E esse seria realmente o *menor* dos problemas, porque ser responsável pela vigilância da entrada de um condomínio fechado (de luxo, esse detalhe não pode ser deixado de lado, um *condomínio fechado de luxo*) é uma puta de uma responsabilidade ingrata do cacete. Junte a palavra “noturno” ao contexto e esse compromisso é elevado à enésima potência: por mais que a noite pareça tranquila entre os cantos dos grilos e o vento frio, é durante *ela* que as coisas realmente *ruins* gostam de acontecer.

E essa era uma noite realmente tranquila, o céu de um azul escuro forte, quase preto, quase etéreo, sem uma única estrela no céu, pois todo e qualquer brilho externo era ofuscado pela lua cheia, redonda, cintilante e ostensiva, um halo fosco circundando-a com extraordinária suntuosidade. Um vento suave soprava, atravessando a fresta no vidro da guarita e refrescando-o naquela noite que começara abafada e caminhava para uma madrugada agradável. Uma mariposa pequenina dava voltas e mais voltas em torno da lâmpada fluorescente no teto da pequena cabine, e Eric ainda olhava para ela, pensando como podia ser tola a ponto de se desviar de uma lua tão grande lá fora, quando a voz insistente voltou no rádio:

— QSN, Eric? QSN? — dizia, num tom um tanto exacerbado e

distorcido pelos ruídos estalados do aparelho. “E quem é capaz de entender essa porra com todo esse chiado?”, tinha perguntado seu filho de oito anos, e apesar de ter repreendido o garoto pelo palavrão (“Não fale isso na frente da sua mãe *jamais!*”), não deixou de dar razão a ele: aquela porra daquela estática deixava a comunicação péssima. Uma bosta mesmo. E ainda mais com aqueles códigos de “Q” que ele achava que nunca decoraria (pensou em seu filho perguntando insistente “Ô pai, o que é QSN? Ô pai! Ô *paaaai!*”, e sorriu). Mas lá estava ele, perto das duas da madrugada, sentado em uma cadeira dura de plástico branco, vestindo o uniforme desconfortável da firma, o rádio pendurado no cinto e a baba seca ainda grudada no canto da boca. E Fernando insistindo no “QSN” do outro lado. — QSN? Eric? QSN? Merda, Eric, você tá me *ouvindo*? Pelo amor de Deus, cara...

Aquilo o despertou, por fim. Coçou os olhos, cansado, e eles arderam. Tateou pelo rádio próximo da perna esquerda, olhando para a rua deserta do lado de fora: um poste logo à frente, lançando uma luz amarelada para baixo e projetando sombras em tudo ao redor. E vento. Somente isso.

Achou o rádio. Trouxe até perto da boca.

“*Merda, Eric, você tá me ouvindo? Pelo amor de Deus cara...*”, a voz de Fernando ecoou de novo na sua mente. Ele era tonto e brincalhão, mas *aquilo* não parecia brincadeira.

— QAP. P1, QAP — disse, sentindo um leve desconforto nos quadris, que formigavam graças à postura em que dormira.

E não só isso. O desconforto não era só ali. Tinha algo mais.

— QAP. P1 na escuta — continuou, ouvindo apenas chiado do outro lado e sentindo o coração acelerar um pouco dentro do peito. — QRU, P3?

Fernando estava na P3? Ou era na P4? Droga, não lembrava...

— Eric? Eric, é o Fernando. — A voz voltou, urgente, e o estalo que a sucedeu fez Eric afastar o rádio do rosto — Eric, preciso que você venha aqui. É urgente, cara. Eu...

A estática entrou de novo na conversa. Eric levantou os olhos para a rua. Não havia um único movimento que não fosse o das árvores balançadas pelo vento noturno. Esticou um pouco a cabeça para o vidro, a fim de ver as pontas da rua. Nada em ambos os lados. Nenhum carro, nenhuma pessoa, apenas sombras que dançavam com o ar. À frente, o poste grande e luminoso, e atrás dele o muro de outro condomínio, menor e menos luxuoso, mas bem mais alto, talvez o dobro. Lembrou-se do superior: “Essa merda desse muro daqui é tão baixo que até a porra de um anão pula essa droga!”.

Instintivamente, lançou a mão direita para perto do cinto. O coldre e o revólver calibre 38 estavam lá, e aquilo de certa forma não o deixou mais seguro

nem menos apreensivo.

— QSD, P3. A transmissão está péssima.

Do outro lado nada. Só chiado.

— P3? QSM, por favor.

Silêncio. De novo aquele desconforto. Remexeu-se na cadeira. Olhou para os lados bem rápido. O vento soprou um tanto mais forte. Chuva. Talvez. Aquele calor todo só podia ser isso, chuva. Tirou a mão do revólver e passou-a sobre a boca, sentindo o cheiro metálico.

— P3? Aqui P1, aguardando QTC.

Estática. Chiado. Olhou a mariposa rodeando a lâmpada. Ela girava enlouquecidamente agora, dando tantas voltas que quase não se podia vê-la. Era um borrão marrom em volta da luz, como o halo em volta da lua, branco e esparso.

— Fernando? QAP, Fernando?

Outro estalo. Afastou o fone. A voz voltou, um tanto diferente, e começou a falar, mas não foi a fala que deixou Eric de pé e completamente nervoso.

Foi o *grito* que Fernando soltou antes. Um grito contido, mas um grito. Foi um som de certa forma afeminado, porém não era *esse* o problema.

— Eric, tem alguma coisa errada aqui cara, eu preciso de você aqui *agora!*

Mãos suando. Dedos se esfregando.

— QSL, Fernando, mas eu não posso sair daqui agora, o Caio ainda tá na P4 — “Ele tá na P3 ou na P4?”, sua mente perguntou de novo. “Merda” — e só vai me render às três. Não dá mes...

— Eric, por *Deus*, é sério, *vem aqui agora...* — disse a voz, e dessa vez saiu gemendo. Baixo e gemendo, como uma criança que está prestes a apanhar da mãe porque quebrou o vaso de plantas novo.

Eric já estava de pé e desabotoara a tira do coldre sem perceber. Suas mãos ainda suavam, e ele olhou para uma delas, a que abrira o coldre. Estava rósea e levemente trêmula. Tentou se controlar.

“Manter a calma. Tenho que manter a calma. O Fernando não disse o *que* está acontecendo, então não posso me precipitar, não posso...”

Era em um *assalto* que pensava, para ser prático. Ladrões pulando o muro dos fundos do condomínio, que era baixíssimo para os padrões de segurança. Pensou no superior de novo, criticando o maldito muro baixo e a renda alta dos moradores: “Um puta povo rico do caralho, pagando pra morar numa merda de condomínio que não tem nem *cerca elétrica!* O que esses burgueses têm na cabeça?”.

E ele concordava. O condomínio era o que tinha as casas mais caras da cidade. Casas *enormes*, do tipo que ele sabia que nunca teria, não trabalhando como vigia noturno; e só tinha grã-fino no lugar: uns três vereadores moravam ali, além de uma dezena de advogados e vários empresários. Um cantor famoso, mas de quem não lembrava o nome (“cantores ‘famosos’, duplas sertanejas, essas porras têm *aos montes!*”, na voz do superior) tinha uma casa ali também, a maior delas, e ironicamente não passava nem um mês completo dentro dela. Só ia para descansar, e isso quando não tinha opção melhor.

Um assalto. “E você é o *responsável* hoje, senhor Eric”, pensou de novo, na voz grossa do superior: “Deixo você responsável *uma única vez* pela segurança, e veja só a merda que acontece? A porra de um assalto! A parte rica da cidade, os moradores mais importantes dessa *merda* de cidade, e você, no seu primeiro dia como responsável, deixou a porra de um assalto acontecer? Porra, Eric!”.

Pensou no homem dizendo aquilo diretamente para ele: aquela cabeça cheia de cabelos brancos cortados como se ele fosse do exército, baixo o bastante para uma queda de cama fosse capaz de aleijá-lo, o dedo em riste, a boca meio torta de lado enquanto falava “Você é um incompetente, Eric! Um incompetente!”, os ombros subindo e descendo junto dos calcanhares que se erguiam, procurando aumentar de tamanho enquanto xingava. Viu aquele homem ridículo diante de si e, de uma forma que não sabia explicar, sentiu *medo*, pavor daquilo.

Não queria pensar em um assalto. Não no seu turno, e não sob *sua* supervisão. Não. Podia ser na supervisão do Cláudio, aquele puxa-saco, ou do Fernando quando ele tivesse sua chance, mas na dele nem pensar! Primeiro porque sabia que talvez hesitasse em se arriscar. Como Fernando disse uma vez: “Me arriscar por esses burgueses do caralho, que enchem o cu de dinheiro enquanto eu me fodo de madrugada pra encher a barriga de quatro filhos? Nem fudendo...”. É claro que ele foi refutado com um “Mas você já faz isso, você *já se arrisca* por essas pessoas”, ao qual ele somente resmungou. Quanto a Eric, sabia que era *esse* exatamente o trabalho, arriscar-se pelo bem dos outros, mas sabia que nas palavras era bonito e *simples*. Na hora da atitude, talvez saísse de outro jeito.

E segundo porque, merda, era sua *primeira noite* como líder, como “chefe” da segurança, e seria mais um mês assim até que o superior voltasse das férias. Seria um baita de um azar se os ladrões resolvessem aprontar justamente agora, justamente quando podia ver uma promoção surgindo ali, talvez não diante dos seus olhos, mas lá, perto do horizonte, primeiro uma mãozinha, depois um bracinho...

De uma forma amarga, porém, sabia que era para aquilo mesmo que era pago.

Pegou o rádio novamente e o trouxe próximo da boca. Cochichou, torcendo para o maldito chiado não distorcer sua voz e Fernando entender de primeira.

— QSL, P3, estou a caminho. Mas se isso for alguma brincadeira...

— *Merda*, Eric, vem aqui logo. — A voz soou tão urgente quanto antes, mas ainda baixa, e Eric pensou em apenas uma coisa enquanto levantava e saía da guarita, fechando a porta enquanto ouvia Fernando falar: em sua esposa e sua filha recém-nascida passando fome. “Querendo ou não, vou ter que me arriscar” — E eu tô na P4, não na P3.

Quando Eric chegou até a P4 (e para isso seguiu com um dos carros da ronda, pois o portão de entrada e o muro dos fundos do condomínio eram separados por nada menos que 800 metros de caminhada) e parou o carro cautelosamente alguns metros antes, embaixo de uma árvore frondosa que ficava numa esquina, não viu nada de imediato. O portão do fundo do condomínio, que permanecia fechado durante todo o tempo, continuava do mesmo jeito, o que de certa forma o tranquilizou. Desligou o motor, procurando ouvir algum som estranho, como o motor de um carro ligado no terreno baldio logo atrás do muro, ou vozes, ou passos, e também não ouviu nada disso.

Também não via Fernando, e isso o preocupou.

Estava bem escuro naquele lado. Todas as casas daquela última rua, a que *menos* tinha casas, estavam entregues à penumbra. Apenas os postes continuavam acesos, espaçados quase vinte metros um do outro. A lua jogava uma luz forte contra o para-brisa e ofuscava a visão de Eric. Ele apertou os olhos e curvou-se para perto do vidro, olhando para onde Fernando deveria estar, uma pequena guarita no meio do escuro, próxima do portão, mas não conseguia ver muito.

Ouviu um breve ruído, como o som de alguma lixeira de metal sendo aberta, e estreitou ainda mais a vista, o pescoço retesado, esticado para a frente, na direção do som. Seu coração dava passadas irregulares. Sentiu que fechava o maxilar com mais força do que o necessário. Relaxou-o. Apertou de novo. Pegou o rádio e chamou por Fernando. Não obteve resposta.

— Fernando, na escuta? QAP, Fernando? — sibilou, uma mão no rádio e a outra na perna, tão perto da arma que podia sentir o frio do metal. — Fernando,

onde você está? Fernando? Não consigo te ver de onde eu estou...

Apenas um chiado, e estalos constantes. Sacudiu o rádio, como se resolvesse alguma coisa, e soltou um muxoxo, irritado. O vento começou a esfriar lentamente. A árvore sobre sua cabeça sacudia, como se dançasse. As sombras se lançavam sobre o capô do carro com dedos esqueléticos. Tentou controlar a respiração, travá-la, como se ela o estivesse impedindo de ouvir alguma coisa. Só piorou. Seu ouvido parecia tapado. Ouvia a própria respiração em sua cabeça como se o ar passasse por um tubo de um ouvido para o outro.

“Mantenha a calma. Você não sabe o que aconteceu. Você *não sabe* o que está acontecendo. Apenas respire e pense...”

Parou para pensar, e como qualquer pessoa numa situação como a dele, pensou no pior.

“Se forem assaltantes, pegaram ele. Deve tá amarrado dentro da guarita, ou até mesmo dentro de alguma lixeira. Alguma coisa enfiada na boca pra não poder gritar. Ouvi o som. Ouvi o barulho do metal...” Olhou em volta de novo. “Não sei se saio daqui até P2 pra ver se o Fernando foi pra lá... ele parecia nervoso...”

“*Amedrontado, era isso que ele parecia*”, outra parte de sua mente cutucou, a parte que *também* estava amedrontada. A parte que queria puxar a arma logo, apenas para ter a segurança do ferro frio nas mãos. Ele olhou para o revólver, deitado sobre a perna dele, enfiado no coldre. Calma, quieta, como ele queria que ela ficasse.

— Você nunca precisou usar isso, Eric — disse para si mesmo. — Não vai ser hoje que vai...

Será que deveria chamar a polícia? Não seria esse o *procedimento*? Que poder ele teria ali se houvesse uma quadrilha de assaltantes se espalhando pelo condomínio? Nenhum! Ele só era a porra de um azarado vigi...

Alguma coisa bateu no carro, no lado esquerdo, contra o vidro semiaberto, e ele teve quase certeza de que gritaria. De que sacaria a arma, mas que antes gritaria, tão alto que provavelmente acordaria todos aqueles grã-finos que dormiam seus sonos de beleza em camas firmes e macias. Sentiu o sangue subir até as orelhas, que esquentaram como brasa. Iria gritar, com certeza.

Mas não gritou, pois era Fernando que estava ali, diante dele, grudado na porta do motorista como uma prostituta que se insinua para um candidato a cliente. Estava tão grudado à porta que Eric só podia ver seu peito enfiado na farda, o crachá esmagado contra o vidro e a barriga arredondada esticando os botões.

Percebeu que estava com a mão na arma e a soltou.

— Droga, Fernando, que porra...

— *Abre a porta, Eric, por favor, abre a porta...*

— Mas que merda, Fernando, dá a volta...

— Não, porra, não vou dar a volta, porra, abre a porta e deixa eu entrar Eric, *por favor...*

Gemendo. Como a porra do irmão mais novo.

— Cê tá de brincadeira... — sibilou Eric, mas algo na voz do colega entregou que não, não era brincadeira. “Ele tá apavorado. Ou é um baita ator.”

— Olha aqui, que merda que aconteceu aqui...

— *AH MEU DEUS...*

— Mas o que...

Fernando *socou* o vidro, com as duas mãos. O carro balançou com aquilo. Eric soltou o cinto. Segurou o coldre com a mão e ergueu a bunda do banco, enquanto soltava a trava da porta, resmungando. Viu que Fernando sacudia as pernas e o quadril, como se dançasse, mas percebeu que aquilo não era uma dança. Eram suas pernas *perdendo a força*.

Tão logo a trava estalou, Fernando puxou a porta com violência, e Eric notou que ele olhava para a esquerda, para onde ele mesmo olhava antes, e se virou para ver também, mas a escuridão e a luz da lua refletindo no vidro não ajudaram. Fernando caiu pesadamente no banco e bateu a porta, quase a fechando contra a própria perna.

Sua boca estava arreganhada e ele gemia, de verdade, como uma mocinha com apendicite ou uma criança com frescura para tomar injeção. O peito subia e descia dentro da camisa, empurrando a gravata para a frente. Mexeu no nó dela e afrouxou-a, enquanto fechava o vidro.

— Merda, Eric, a gente tem que sair daqui...

— Que porra é essa, Fernando? — perguntou Eric. Ou melhor, berrou, porque o colega o olhou com mágoa e consternação. Eric não queria repreendê-lo, mas o outro agia como um *fresco*, essa era a verdade. — *Quê* que aconteceu? Você tem que me explicar o que tá acontecendo nessas bandas antes de me fazer sair da P1, não acha? Você me fez fazer a maior burrada do universo, que é deixar o portão de entrada sem ninguém! Se essa merda de alarme soar enquanto a gente tá aqui, eu juro que...

— Cara, pelo amor de Deus, tem alguma coisa ali cara, eu *juro!*

Eric parou. Esperava um “*Tem alguém ali*”, no máximo.

— Que coisa, Fernando? Que *coisa* é essa que tá te fazendo gemer igual uma bichinha? Caralho, porque cê tá igual...

Foi quando olhou *de verdade* para o rosto do colega. Para a face. Sua voz morreu.

Havia um corte, um talho na cara do vigilante, e um fio de sangue

escorria dele. Começava perto do olho e terminava no começo do pescoço, passando pela bochecha, que mostrava um pedaço macio de carne brilhante. O sangue brilhava à luz da lua. As bochechas inchavam à cada inspiração dada.

— Mas o que foi isso no seu...

— *Alguma coisa me atacou, Eric!* — gemeu Fernando, olhando para o colega. — *Alguma coisa me atacou e eu não sei o que é, só sei que é grande, cara, grande pra caralho, e tá ali, cara, perto da guarita, mas eu não consegui ficar lá esperando, então corri pra trás de uma lixeira, meu Deus, é alguma coisa, Eric, alguma coisa muito grande...*

— Calma, Fernando. Calma! Que porra é essa que você tá falando? — Encarava o colega, que falava acelerado, as palavras se atropelando.

— Eu não sei, não deu pra ver direito, cara! Era muito rápido, eu não sei... não sei como não me matou, meu Deus... meu Deus! Meu Deus!

— Tá ok, respira cara, fica calmo... — e por dentro: “Ele tá em choque. Estado de choque total. Não sabe que tá, mas tá.” Os olhos do amigo saltavam da órbita, estufados, sem brio, movendo-se tão rápido que pareciam peões rodando no chão. Eric pôs uma mão sobre o ombro de Fernando.

— Preciso trocar de lugar com você, pra gente voltar. Vamos, desce aí... — começou, mas foi aí que se surpreendeu ainda mais. O homem na sua frente começou a chorar.

Fungava como se estivesse gripado, a garganta produzindo ruídos ocos enquanto soluçava e encarava Eric com dois olhos gigantescos. As lágrimas escorriam pela face, brilhantes, encharcando o rosto do homem em segundos.

Sentiu pena do cara na sua frente, um homem crescido, com seus trinta e tantos anos, pai de sabe Deus quantos filhos, gemendo e chorando como um bebê.

— Consegue dirigir, Fernando? Pelo menos *dirigir*? — Não era a pergunta ideal, mas sabia, pelo rosto do homem diante de si, que ele não sairia daquele banco nem por um milhão de dólares. — Consegue seguir até a P2? Se conseguir, então dirige, que você tá precisando tomar uma água.

“Mas que merda é essa, Eric?”, pensou, na voz do líder. “Esse homem tá em *frangalhos*! Vai deixar ele *dirigir* desse jeito? E com você dentro? Tá maluco?” Sua cabeça tinha razão, mas era óbvio que Fernando não sairia dali. E ele também não se esfregaria com Fernando apenas para trocar de lugar.

“Ora bolas, seja homem e mantenha a calma, porra!”

— E então, pode ou não pode?

Fernando olhou para ele, o peito movendo-se como uma bomba de ar descalibrada, e balançou a cabeça positivamente.

— OK. Então liga o carro e vambora. Mas *devagar*, beleza?

Fernando balançou a cabeça de novo, ajeitando o corpo no banco do motorista e levantando a mão trêmula até chegar à chave do carro.

O motor rosnou quando ele girou a chave. Rosnou com força; Eric se ajeitou no seu banco, puxando o cinto de segurança (“é melhor não arriscar...”), e viu quando o carro ligou e Fernando acendeu os faróis. Foi aí que o colega gritou, de novo, do mesmo jeito que ouviu ao fundo no rádio enquanto tentavam conversar.

Só que ele estava do lado dessa vez. O grito invadiu sua cabeça como um raio.

Pensou em xingá-lo, mas é claro, pensou sim. Pensou até em acertá-lo com um soco. O homem movera-se com tanta força para trás que o banco afundou e o carro balançou, rangendo nas suas molas. Sim, iria acertá-lo, ou com um soco ou com um safanão bem dado na cabeça. Mas todo e qualquer pensamento se foi quando Eric se virou para frente e viu o que Fernando via.

Foi incrivelmente rápido. A forma já passava correndo sobre o teto do carro quando Eric *achou* que podia discernir alguma coisa, e isso foi tudo. Enquanto Fernando gritava, algo se lançou sobre o capô, pernas grandes e pesadas afundando na lataria. Os pés atingiram o teto, marcando-o para dentro com pústulas cinzentas e fazendo todo o carro balançar. No instante seguinte já estava atrás do veículo, correndo, as pisadas ecoando. O som de unhas raspando o asfalto. Eric olhou no retrovisor e só conseguiu ver uma forma negra se afastando, entrando nas trevas.

Suas mãos tremiam.

Fernando ainda gritava. As mãos estavam esticadas diante do rosto, contorcidas, convulsionadas. A boca entortara tanto que ele parecia outro e não Fernando. Outro homem, outro ser menor ainda; o rosto se escondia atrás das sombras que as mãos faziam, e apenas o brilho do sangue surgia por cima de todo aquele pavor.

Eric viu luzes se acenderem em algumas casas. Cabeças surgiram detrás de cortinas. Ainda assim, só conseguia pensar na coisa que acabara de ver.

Ou que acabara de *pensar* que vira?

O outro ainda gritava quando Eric o puxou do banco do motorista e o passou pela brecha entre os dois bancos dianteiros, jogando-o para trás como se joga uma mochila. Fernando caiu contorcido no banco de trás, ainda olhando para a frente, espavorido. Eric sentou no banco do motorista e deu partida no carro, fazendo os pneus guincharem na noite.

Girou o carro com tanta violência que achou que ia capotar. O empuxo forçou todos os seus órgãos para a esquerda; sentiu o ouvido entupir e a cabeça girar. Ainda girava quando o carro já estava alinhado com a rua, os pneus

cantando e queimando o asfalto.

Com os cantos dos olhos podia ver que mais luzes se acendiam nas casas grandes e suntuosas que ladeavam aquela rua. O ruído do carro acelerando rua acima estava acordando *muitas* pessoas, e pensou que depois, quando tudo se resolvesse (um pensamento que ocorreu um tanto rápido, aliás, visto que em momentos desesperados como aquele, pensar que as coisas se *resolverão* raramente acontece), ouviria umas poucas e boas do chefe, do síndico e dos moradores.

“Mas que merda esse vigia tava fazendo ontem de noite? Racha? *Drift*? Não tem mais o que fazer não?”, na voz da mulher mais velha daquele condomínio, e talvez da mais velha que já tinha visto *na vida*, dona Hermínia. Ou “Muito boa essa ideia de deixar o portão *principal* sem ninguém enquanto socorre *Lady Ferdinanda*, não é, Eric? Onde você aprendeu isso?”, na voz do Superior, o que o fez apertar ainda mais os dentes.

O que não deixava sua mente mesmo era a coisa que corria diante dos seus olhos ali, enquanto subia a rua.

Não conseguia ver muito, na verdade. Era uma forma, uma sombra que surgia vez ou outra, quando passava por baixo de algum poste e as luzes revelavam seus contornos escuros. Fugia numa velocidade *incrível*. Eric pisava com força no acelerador do *hatch* 2010 com os símbolos da firma nos lados e a luzinha amarela em cima (que por algum motivo estava apagada), e mesmo assim a forma, o *animal* (não conseguia pensar em outra coisa, *era* um animal) se distanciava ainda mais.

Olhou para Fernando pelo retrovisor e viu que ele também o encarava, quando desviava os olhos da frente, da coisa que perseguiam. Parecia um homem doente. Cansado e doente. Os olhos estavam fundos e opacos. Aquilo não era sono.

Voltou seus olhos para frente e não viu mais nada.

Seu peito parecia oco enquanto ele encarava a rua que se estendia à sua frente e não via mais forma alguma. Desacelerou o carro vertiginosamente, sentindo de novo os órgãos querendo seguir em frente sem ele. Fernando quase foi de encontro com o painel. O motor do carro rangeu, esgotado pelo esforço repentino.

E não havia mais nada. Nada que produzisse algum barulho ou que chamasse a atenção pelo cantinho do olho. As árvores queriam fazer isso, movendo-se furtivas, mas não era a mesma sensação. Aquilo se movia rápido. Bem rápido.

— Meu bom Deus, *o que é aquilo, meu Deus?* — gemeu Fernando, relativamente mais calmo, mas ainda surpreso. — O que é aquela coisa?

Eric quis falar e desistiu. Não tinha o que falar. Nada que dissesse ajudaria muito.

— Aquela coisa me acertou, Eric... — balbuciou Fernando, enquanto Eric o olhava pelo retrovisor. — Aquela coisa... me machucou... cortou minha cara, Eric...

Passou a mão no rosto, e a ferida produziu um ruído úmido que Eric não queria ter ouvido. Foi como arranhar um quadro negro com as unhas. Fernando deslizou o dedo pela bochecha, abrindo o corte que pareceu uma segunda boca que sorria sem dentes na cara dele. Eric desviou o olhar.

— Argh! Essa porra *queima*! — reclamou, puxando a mão repentinamente do corte aberto que ainda sangrava.

— Onde ele tá? — perguntou Eric, aflito.

— Eu não sei... eu não quero saber na verdade, Eric...

— A gente *tem* que saber onde ele tá — sibilou, alisando a arma de novo e olhando ao redor, para os retrovisores, para a frente. — Do mesmo jeito que ele fez... isso com você, pode pegar outra pessoa. Não dá pra ficar aqui esperando.

— Meu Deus, Eric, aquela coisa não era normal, Eric...

“Não me diga?”, a mente racional falou. Com a boca não disse nada.

“Sim, Eric, é anormal. E você não pode ficar esperando o próximo acontecimento. Tem que tomar alguma atitude!”

A voz do superior, insistindo. Pensou na polícia de novo. Ligou mentalmente para eles e se pegou sem saber o que diria.

“Sim, senhor, tem um bicho correndo aqui nas ruas. A gente correu atrás dele, mas ele sumiu. Foi só virar o rosto que ele se foi.”

“O senhor já viu que horas são, senhor Eric? Não é uma hora legal pra ficar passando trotes...”

“Mas...”

“Sei que esse trabalho é um tanto entediante, mas eu sugiro outras coisas pra você passar o tempo. Palavras cruzadas diretas, por exemplo...”

“Não, mas é sério!”

“Eu estou com as minhas aqui. Você poderia até me dar uma força: ‘Como chamam o cidadão sem ter o que fazer, com nove letras?’”

Sua mente voltou quando ouviu um ruído à esquerda. O som fez sua nuca se eriçar inteira. A orelha quase ferveu. Virou o rosto rápido a ponto de ver alguma coisa pulando o muro de uma das casas.

— Puta merda! — disse, contrariado, fulo da vida mesmo. “Essa era pra ser uma noite calma, caralho! *Minha* noite calma!”

Saiu do carro num ímpeto, a mão direita amparando a arma que pesava cada vez mais pendurada no coldre. Pesava *mesmo*, forçando-se para baixo,

como se não quisesse deixá-lo esquecer de que ela estava ali.

— Porra, *onde cê vai?* — A voz esganiçada de Fernando o assustou tanto quanto o som de coisas caindo e quebrando que vinham da casa. Tanto quanto o som do vidro de uma possível porta se espatifando. — Você não vai me deixar aqui né?

— Você só pode tá de brincadeira! — gritou Eric, furioso. — *Pega a sua arma agora e vem comigo!* Isso é coisa séria!

— Cara, eu deixei minha arma na guarita... — gemeu Fernando, envergonhado e apavorado, a cabeça e apenas as pontas dos dedos para fora do carro, apoiados no vidro. — Você não *pode* me deixar aqui cara! Pelo amor de Deus!

Eric olhou para ele e não o reconheceu. Era como ver apenas a metade de um homem. A parte feita de carne, sem alma, sem princípios ou qualquer tipo de honra ou moral. Um homem alquebrado.

— Fica aí, OK? Fecha os vidros e fica aí! Eu já volto.

Um grito. Um grito de verdade, agudo, rasgado, seco, não o grito gemido de Fernando minutos antes. Um grito histérico, pontiagudo. Acertou seus ouvidos e os da rua inteira, trazendo junto arrepios que ele jamais imaginou que fosse sentir. Suas bolas se aconchegaram para perto do corpo. Sentiu-as *encolherem*.

Fernando escondeu-se de volta no carro, a cabeça desaparecendo para dentro da caixa de metal como uma tartaruga se recolhendo no casco. Sua mão girou freneticamente na manivela do vidro, que subiu tão rápido como se fosse elétrico.

Eric correu para a casa, sozinho e ciente de que o medo também queria dominá-lo, ridicularizá-lo, reduzi-lo. Castrá-lo. Não permitiria. Tinha que manter a calma, sobretudo a *calma*. Se perdesse isso, seria outro resto de carne sem sentido como Fernando.

Pelo contrário, inspirou com força e finalmente puxou a arma de dentro do coldre. O peso pareceu multiplicar na mão. O cheiro do aço chegou até seu nariz, amargo, marrom, áspero. A cinco câmaras estavam recheadas de pequenos e escuros balaços de 0,38 polegadas. Eric olhou para elas de relance.

A única vez em que atirara com uma daquelas foi em seu curso de preparação.

Estava na frente do portão da casa. Sequer percebeu que já tinha chegado, e de uma forma que o incomodava, não sabia o *que* fazer. O muro era alto, enorme, talvez até *maior* que o próprio muro do condomínio. Parecia se inclinar para cima dele, oprimindo-o. Forçou o portão de madeira pintado de branco, e apesar da obviedade daquilo, ficou puto por encontrá-lo fechado. O

condomínio tinha vigilância 24 horas com ronda noturna e o caralho, mas *ainda assim*, como dizia sua mãe, “*o seguro morreu de velho*”.

Já tinha abaixado a arma e parado para *pensar*, coisa que o irritou profundamente, quando ouviu mais gritos. Berros terríveis de desespero que gelaram sua espinha. Arrepiou-se por completo enquanto ouvia e sentia mais coisas caindo dentro da casa, ecoando pela noite negra que o cobria.

Olhou ao redor, amedrontado. O primeiro portão vizinho se abriu. Era uma mulher de meia idade, e usava um robe branco e rosa. Coçava o olho enquanto bocejava e amarrava a tira do robe ao redor da cintura, tudo ao mesmo tempo. Eric sacudiu os braços para ela, arma abaixada, e sibilando “Volte para dentro de casa! Pra *dentro*!”, mas de alguma forma aquilo não a alarmou. Nem mesmo a arma visível sob a luz do poste a despertou.

Mais portões se abriam e pessoas saíam de suas casas, com roupões escuros e pijamas claros, listrados, ceroulas beges, camisolas róseas. Crianças acompanhavam seus pais, sonolentas, as mãos agarradas às camisas que vestiam. Um homem bem velho saltou de seu portão com uma energia surpreendente e um tanto perigosa carregando uma gigantesca espingarda calibre doze de dois canos, mais grossa do que sua própria perna, e Eric pensou que nem com mil demônios o segurando por trás aquele velho ficaria de pé depois de dar um tiro com um canhão daqueles.

As pessoas saíam mais rápido do que Eric podia dizer a elas que voltassem. Ele sacudiu os braços, enérgico, e apontou para a própria arma, enfático. Um vozerio baixo começava a correr pela rua, enquanto mais e mais pessoas saíam de suas casas. Com o canto do olho pôde ver uma mulher se esgueirar pelo portão carregando uma vassoura.

Ela se aproximou de Eric, assim como o velho da espingarda, que vinha praticamente *marchando* com ela cruzada contra o peito.

— Por favor, eu preciso que vocês *voltem pras suas casas* — sibilou, e de uma forma um tanto incômoda ele ouviu sua voz se destacar entre o vozerio que estranhamente cessara.

— É ladrão, moço? — perguntou a mulher, que já estava logo atrás dele.

“Ah, não, *tenho certeza que não é um ladrão.*”

— Eu não sei, senhora, mas pra segurança de vocês, eu preciso que vocês voltem pra dentro de casa, *agora!*

A ênfase foi inútil. A mulher parou, mas continuou *lá*, e o velho além de não parar, empunhou a arma e a apontou para o portão diante de si, onde Eric aguardava ansiosamente por *alguma coisa* que ele não fazia ideia do que era.

A visão do cano duplo da espingarda o fez dar dois passos vacilantes para o lado.

— *Por favor, senhor! Abaixе essa arma agora!* — disse, chegando perto do velho e colocando temerosamente a mão sobre o cano.

— Mas por que vou abaixar, filho? Quando o filho da puta sair eu enfio o balaço nele, mas na horinha mesmo!

Ele quis dizer algo, mas não teve chance. Aliás, não sabia o que iria dizer. A fala se perdeu nos labirintos da sua mente confusa, inapta, despreparada para situações como aquela, e mesmo que tivesse dito o que quer que fosse dizer, nada mudaria. Nada.

O ruído do portão se abrindo foi rápido, seco, e sobressaltou a todos que estavam na rua. Antes de se virar para o portão, Eric ainda teve chance de ver os olhos enrugados do velho se arregalarem até onde jamais achava que fosse possível, e ver Fernando atrás do vidro já embaçado do carro. Depois, olhou para o portão e esperou o que não demorou nem dois segundos para acontecer.

Ele se escancarou abruptamente, rígido, quase fechando-se logo em seguida, mas houve tempo o bastante para que alguém saísse. Era um homem, isso era certo, mas não havia mais *humanidade* naqueles olhos apavorados. Ele olhou para as pessoas lá fora com uma incredulidade horrenda, avassaladora, e Eric ainda teve tempo de agradecer a Deus que o velho não atirou na cara do homem, espalhando seus restos pelo muro branco e alto. No instante seguinte, *outra coisa* saiu logo atrás dele, um vulto negro que rosnava, e num único movimento metade da cabeça do homem voou na direção das pessoas.

Foi algo como um *tapa*. Pareceu isso. Assoviou no ar o vulto negro que sob as luzes denotava contornos esbranquiçados, e no mesmo instante o rosto do homem se *desfez*. Eric conseguiu, naquele micro instante, lembrar seu nome. Era Joaquim. Ou Francisco, ou os dois juntos, algo assim. Um nome desses simples. Eric viu a cara do homem voar diante de si e seu corpo ficar onde estava, estacado, o lugar onde devia ser o rosto completamente rubro e brilhante. Tiras vermelhas e brancas que deveriam ser seus músculos e tendões dos pescoços vibravam e se contorciam freneticamente. Depois, borrifos quentes de sangue atingiram todos que estavam naquela calçada. Eric sentiu o gosto amargo na boca tarde demais para fechá-la. O caldo que fervia passou por sua língua e desceu pela garganta. Seu uniforme bege escureceu-se de repente. A face arrancada e estranhamente *intacta* do homem atingiu a espingarda do velho, que no susto a puxou para si, cobrindo a cabeça com os braços não tão rápido a ponto de evitar que a chuva de sangue atingisse seu peito branco e magro. A mulher com a vassoura logo atrás ficou com o rosto completamente borrifado, como se tivesse catapora.

A coisa passou rosnando por todos eles, as unhas raspando na calçada. Corria de pé, como um humano, mas por Deus e todos os Santos que um dia

tenham caminhado sobre a Terra, Eric via que aquilo não *era humano* há muito tempo.

Logo atrás de si uma explosão de gritos se projetou em todas as direções. Eric quis tampar os ouvidos, mas o choque não o permitiu. Forçou-se a olhar aquele ser que corria na direção da rua.

As pessoas começaram a correr, desnorreadas. Algumas fugiram tolamente na direção contrária de suas casas. O ser passou por alguém e deu mais um tapa, as garras raspando algum lugar que se rasgou como uma bexiga. Eric ouviu o som líquido de coisas se derramando sobre o asfalto, mas sua mente obrigou-o a se afastar daquilo, daquele som aquoso que ele não queria saber de onde vinha ou o quê o produzia. Outro teve a perna arrancada em um átimo. O osso estalou e se fez ouvir mesmo com todo o som horrendo de gritos de horror e dor. Eric olhou para o mísero revólver na sua mão e o guardou. O velho da espingarda continuava pasmo ao seu lado, encarando boquiaberto o animal que corria pela rua. Alguém gritou quando sentiu que não teria velocidade para se afastar da criatura antes de ser dilacerado. A cabeça voou pelo ar e bateu no carro da ronda logo atrás de todos. Fernando pulou lá dentro.

Eric tomou a espingarda do velho e correu atrás do monstro.

“Ah, o que deu em você *hein cara?*”, berrou uma voz dentro dele, enquanto corria pela rua, as pernas quase dormentes.

“*Não vai deixar ele fugir, vai Eric?*” A voz do superior. Encarando-o. “*Não vai deixar ele matar mais alguém, vai?*”

— Não, não vou... — disse Eric para si mesmo, a voz embargada, e ele quase quis chorar como Fernando chorara; engoliu em seco, sentindo a garganta inchar, mas continuou correndo, enquanto a fera fugia (“*ela não tá fugindo de você Eric, tenha certeza disso*”) à sua frente, as duas patas atingindo o chão e produzindo aquele som seco, as unhas raspando o asfalto. Enquanto corria sentia as pernas endurecerem em câimbras que ele sabia que o derrubariam em breve. Não tinha corrido nem mesmo cem metros e já estava bufando.

Ouviu o barulho de um carro se aproximando. Antes mesmo que o alcançasse, Eric parou, exausto, mas sem tirar os olhos da coisa que se afastava. Ergueu a espingarda e encaixou-a no ombro, naquele ponto onde o coice poderia deslocá-lo, e puxou o gatilho, sem sequer checar as câmaras.

A arma explodiu no meio daquela gritaria toda, e obliterou momentaneamente qualquer som que pudesse existir. O estouro ecoou pelo ar e atingiu seus tímpanos de forma avassaladora. Eles zuniam, e por um bom tempo Eric não soube se tudo se silenciara ou se ele ficara surdo. Seu braço tremeu e seu ombro fisgou. Uma nuvem de fumaça se espalhou diante dele, mas de uma forma um tanto frustrante ele soube que não acertara a coisa: ela continuava

seguindo rua acima. Subindo. Fugindo. Correndo.

Na direção do portão principal.

O carro chegou até ele. Não era Fernando na viatura da ronda, não. Fernando estava acabado. Desmantelado. Em frangalhos.

Era uma caminhonete, e Eric sequer olhou para quem dirigia. Só ouviu algo como “*entra aí e vamo pegar essa porra!*”. Sentou no banco do carona e o carro partiu cantando pneus atrás da coisa.

Instintivamente ela olhou para trás, e Eric teve tempo de ver um par de olhos amarelados encarando-o antes que ela lançasse os braços para baixo e começasse a correr de quatro.

Como um cão.

O carro avançou velozmente, cada vez mais perto do bicho, que mantinha uma linha reta em direção ao portão. A lua iluminava o caminho logo à frente, e de alguma forma parecia segui-los, guiá-los, acompanhar aquela confusão toda, como uma expectadora de luxo, privilegiada. O portão estava a menos de duzentos metros.

Eric olhou ao longe. As grades do portão estavam fechadas, e um grande arco de cimento deixava aquele ponto com pelo menos cinco metros de altura.

“*Essa porra desse arco é mais alta que essa porra desse muro!*”, na voz do superior, pela última vez naquela noite. Então engatilhou a arma e se preparou.

Estavam tão próximos da besta que podiam ver seus pelos balançando com o vento e a cauda que subia e descia a cada trotada. Eric estendeu metade do corpo para fora, apoiou a arma no retrovisor e disparou, a menos de cinco metros da coisa.

A arma estourou novamente e subiu em direção ao céu. Por pouco não fugiu das mãos de Eric, mas já não valia mais nada. Estava descarregada.

O tiro acertou em cheio as costas do bicho. Ele rolou em uma cambalhota, rosnou em reclamação e pôs-se a correr de novo, como se um balaço de calibre doze em suas costas fosse o mesmo que uma pedrada.

O carro freou tão bruscamente que Eric quase foi arremessado pela janela. Parou de lado, enquanto abria a porta, frenético, saltando para a rua, e a coisa seguia correndo na direção do portão, inabalável, firme e obstinada.

Outras pessoas corriam atrás do carro, longe o bastante para levarem alguns minutos para alcançá-los, mas todos viram quando o animal pulou *para* o arco de cimento sobre o portão e lá ficou, as pernas flexionadas, os braços/patas abertos e tensionados, repletos de pelos como o resto do corpo. Ele ergueu o focinho para o céu, para o alto, imponente, altivo, a luz da lua fazendo seus contornos se tornarem indeléveis na mente de cada um que olhava naquela

direção.

Então ele uivou, o focinho esticado para cima, um som agudo e repleto de um instinto primal, rústico e atroz. Todos os pelos do corpo de Eric se eriçaram, tudo a sua volta pareceu encolher enquanto ele admirava aquele ser bestial e soberano. O bicho virou-se e deu mais uma olhada para todos aqueles seres de pele fina e carne frágil que o admiravam, deu-lhes as costas e pulou para a imensidão do vazio da rua.

Algumas pessoas correram até o portão, curiosas e com a coragem preenchida graças às grades que os separavam daquele ser, tentando ver sabe Deus o quê naquela rua vazia e escura, mas Eric continuou de pé e parado onde estava, a espingarda estendida do lado de seu corpo, respirando devagar, de olhos fechados, sentindo o ombro fisgar e as mãos tremerem como nunca. Foi respirando profundamente até sentir-se melhor. Sentir-se *aliviado*.

Aquilo já não era mais responsabilidade sua.

Marimbondos

— Deixa o bichinho quieto, André. Que mais ele vai fazer aí?

Olhavam para o pequeno marimbondo que pousara na parede chapiscada. Até o cachorro, Bob, o encarava com curiosidade.

“*Que mais ele vai fazer aí? Uma casinha, é o que ele vai fazer*”, pensou André, curvado, a mão direita parada na direção do chinelo, o corpo arrepiado e empertigando-se levemente de asco e receio.

— Sei lá, ué! Esse bicho pica, e meu filho é alérgico — disse André, em protesto. O inseto bateu as asas, provocando aquele ruído de mini-helicóptero, e por pouco André não se levantou da cadeira. — Se ele der sopa nessa parede, esmago ele!

— Não faça uma crueldade *dessas!* — disse Érica, como se matar um marimbondo fosse comparável a quebrar o braço raquítico de uma criança flagelada. — Ele só está vivendo a vidinha dele. Se cê não mexer com ele, ele não mexe com você.

Em resposta, o pequeno marimbondo, de bumbum avermelhado, rechonchudo e cilíndrico, levantou voo, rodopiou ao redor das cabeças de ambos (André quase fechou os olhos enquanto ele passava) e pousou no tanque da lavanderia.

— Eu te *disse!* — André abriu os braços como se tivesse descoberto a cura do câncer. — Ele vai fazer casinha!

— E daí André? Vai dizer que tá com medo?

— Eu não tô com *medo*. — a voz saiu esganiçada — O problema é se o Lucas levar uma picada desses bichos, ele é alérgico. A Lúcia vai ficar louca!

— Mais do que ela é? — perguntou Érica, rindo. Sabia que André não suportava a ex-mulher. Ele respondeu apenas com um riso cínico. Continuaram jogando buraco e tomando as cervejas no *cooler* amarelo durante horas, ali, nos fundos da casa, em uma mesinha de plástico amarela, bem do lado da churrasqueira de tijolos vermelhos, mas inconscientemente, André sempre erguia a cabeça e procurava pelo marimbondo barulhento. Queria saber onde *estava*. Para acabar com ele depois. Depois que a amiga fosse embora. Não deixaria aquela coisinha *peçonhenta* fazer “casinha” na sua área de serviço. Não mesmo. Se Lucas fosse picado... Deus, Lúcia colocaria ele na cadeia. Não importava

como, mas colocaria!

Sem falar que ele próprio tinha pavor do bicho.

Viu o marimbondo pela última vez meia hora antes de Érica levantar-se para ir embora. Já passava das onze da noite.

— Cê pode dormir aqui se quiser... cê sabe — propôs, com um sorriso leve e tímido no rosto.

— Eu sei, André... eu sei — disse ela, metade do corpo cheio de curvas para fora da porta, metade para dentro. Os dedos arredondados tamborilavam no batente. Sorriu por detrás dos óculos grossos, revelando charmosas covinhas nas bochechas. — Mas hoje eu não posso. Sinto muito.

André sorriu, coçando a nuca. Ela esticou o pescoço até ele e beijou-o no canto da boca.

— Até mais.

— Até — respondeu André. Fechou a porta logo atrás dela. Suspirou, pensando nas possibilidades de repetir a noite magnífica de um mês antes, enquanto seguia para os fundos da casa.

Não demorou muito para que André o encontrasse. Mesmo assim, ficou impressionado com a disposição do pequeno inseto. O marimbondo fazia provavelmente sua trigésima viagem em busca de água para umedecer o barro com qual faria sua “casinha”. Bob observava tudo deitado em seu cantinho, o focinho acomodado sobre as patas. André tirou sorrateiramente o chinelo do pé, enquanto o inseto, de asas recolhidas, movia sua cabeça na superfície da água acumulada na base do tanque.

Aproximou-se o máximo que seu medo infantil permitia e, com um golpe único e veloz, esmagou o pequeno himenóptero. Bob levantou de seu descanso, assustado. O som alto do golpe não abafou o ruído seco do inseto sendo esmagado, um barulho que parecia o de gravetos se partindo. O corpo ficou retorcido sobre o tanque. Empurrou-o para o lado com o chinelo e depois o chutou para a grama no fundo do quintal.

Depois expirou, relaxando. Esfregou o chinelo na borda do degrau que levava de volta para o lado de dentro da casa.

“Deus me livre. Uma picada desse bicho *dói demais!*”

Dois dias depois, André lavava as próprias cuecas quando encontrou outro marimbondo. Por um momento, imaginou como aquele que esmagara no domingo poderia ter sobrevivido, mas o medo imaturo logo foi substituído pela

razão óbvia. Era outro marimbondo.

Isso não o confortava, de forma alguma.

O bicho rodopiou perto dele, perto *demais*. André se afastou do tanque, uma cueca pingando em uma mão, a pedra de sabão na outra. O inseto pousou na água repleta de bolhas e, sem dar as costas para o homem cujo coração palpitava a dois metros do tanque, começou a recolher gotículas de água.

“Ah, vou acabar com você. Vou sim”, pensou André. Era terça-feira e ele tinha que entregar um projeto de pintura de interior para uma cliente que considerava “irritante” no sábado. Naquele dia, porém, a diarista ligara avisando que estava doente e não poderia “lavar as cuecas” dele, como a ex-mulher gostava de apresentar o panorama da situação do ex-marido para o filho de apenas oito anos. Por isso, era ele quem labutava sobre o tanque no momento em que o marimbondo decidiu dar continuidade à sua rotina.

Lentamente, André agachou-se, largou o sabão e pegou o chinelo. Sua mão tremia. O coração estava em um galope constante. Seus ouvidos tapavam e abriam de forma ritmada. Coisas que o tempo não conseguia apagar. Lembrava-se com clareza das picadas que levava no sítio da avó, quando tinha oito anos, e pensar naquilo era como reviver um pesadelo.

Agora *ele* tinha um filho de oito anos. Já passara dos trinta. Tinha barba na cara. Cabelo no peito e nas bolas. Ainda assim, quando recordava as quatorze ferroadas, que incharam como abscessos, irrompendo em grandiosos calombos rosados, e da frieza de seu avô enquanto raspava as feridas com uma faca para retirar o ferrão, ele se *arrepia*va. Sentia frio.

Ergueu o braço, o chinelo no alto, mas algo em seu movimento alarmou o inseto. O bicho armou as asas com esperteza e alçou voo.

O coração de André saltou no peito, e ele se afastou ainda mais do tanque. Sentiu um breve momento de vergonha. Vergonha de si próprio, por temer uma criatura tão pequena e aparentemente indefesa. Agradeceu por seus muros serem altos o bastante para que nenhum vizinho fosse capaz de olhar sobre eles. Apenas Bob o fitava, já de pé sobre as quatro patas (porque ver seu dono com um chinelo na mão lhe trazia um sentimento de desconfiança), mas André não se importava com o julgamento do cachorro. Era um animal quieto, e só latia na última das hipóteses. Como dizia sua ex-mulher, “essa bosta só late quando o ladrão já tá indo embora”. O marimbondo rodopiou no ar, zumbindo, e André pensou que ele investiria contra seu rosto, o ferrão armado para feri-lo.

Ao invés disso, o bicho rodopiou cada vez menos, e então subiu, na direção da lâmpada da lavanderia. Pousou com suavidade sobre o soquete de plástico, fechando as asas. André encarou aquilo por alguns segundos, intrigado e torcendo para que a criatura tomasse um choque e morresse.

No soquete da lâmpada havia mais dois marimbondos. André não precisou analisar muito a cena. Tinha um maldito conceito formado sobre aqueles bichos. Gostavam de fazer “casinhas”, e faziam uma ali naquela lâmpada, mais cedo ou mais tarde.

“Darei um jeito nisso”, pensou. “*Antes que Lúcia traga Lucas para cá.*”

Veneno. Compraria veneno e os mataria antes do feriado prolongado da outra semana.

Não terminou de lavar as cuecas naquela tarde.

Na quarta-feira, foi até o mercado e comprou um *spray* de veneno para matar insetos. Não reparou na marca, mas era um cilindro preto e tinha uma barata desenhada. Sofrera incidentes com baratas na infância também. Uma vez acordou de madrugada com uma caminhando no seu rosto. Tinha passado sobre seus lábios. Outra vez, foi durante o banho. A barata entrou pelo pequeno vitrô, batendo as asas, aquele som de motor que o deixava arrepiado, e pousou com força na barriga dele. Baratas eram asquerosas, nojentas e fedidas, e ele as odiava. Porém, baratas não tem ferrão. Só insistem em roçar seus corpos cascudos sobre nossa pele, mas não nos ferem. Já os marimbondos...

“Se isso mata baratas, então mata marimbondos. Baratas são quase *imortais*”, pensou.

Com esse pensamento, foi sorridente até o caixa e pagou pelo veneno. Quando chegasse em casa, aqueles “sem-teto desgracentos” teriam o deles, ah, teriam! Não conseguia assimilar a ideia de que aquelas criaturas poderiam conviver pacificamente com os humanos. Ou com ele. Sabia que não dava certo.

Pensou na frase de Érica: “Que mais ele vai fazer aí?”.

Quando entrou em casa, foi direto para os fundos. O *spray* de veneno estava na mão direita. Agitava-o freneticamente. Ensaiaava na mente seus movimentos: abriria a porta, puxaria a tampa escura e miraria rápido para a lâmpada desligada (não era burro, com a lâmpada ligada poderia tomar um choque ou até causar um incêndio), pulverizando o tóxico mortal sobre os insetos. Manteria o dedo apertado até terminar de ouvir os pequeninos corpos atingindo o chão. Imaginou se sentiriam dor. Se eles sentiriam as narinas (se *tivessem* narinas) arderem e a garganta (*idem*) trancar. No fundo, *queria* que elas sofressem.

Era uma micro vingança.

Mas, de certa forma, não fez *nada* como ensaiado. Abriu a porta dos

fundos tão ruidosamente que tinha certeza que os seres lá fora abririam as asas, alertas. A tampa enroscou para sair, e nisso ele já estava no quintal. Ouviu um pequeno farfalhar e virou o rosto para a lâmpada, a nuca eriçada. Mirou a lata desesperado para o enxame de cerca de vinte vespas que caminhavam sobre a lâmpada. O jato lançou gotículas minúsculas de veneno contra o grupo de insetos. Eles começaram a voar e dançar em volta da lâmpada apagada. André afastou-se tanto o quanto achou necessário para ver a queda de seus inimigos.

O cachorro acompanhava tudo deitado no canto.

Os marimbondos rodaram a esmo, visivelmente desnorteados. “Que suas narinas ardam, *queimem*”, pensava André. Alguns caíram no chão. Sentiu um ímpeto de correr até eles e pisoteá-los, mas temeu que um entrasse dentro de sua camisa e o picasse. Esperou então que todos caíssem, e depois de alguns minutos todos estavam no chão. A maioria ficou estática, travada; *morta*, desejava André. Já outros insistiam em debaterem-se, as asas martelando o chão, criando aquele ruído que deixava André com comichão.

Ele esperou que todos estivessem imóveis para entrar em casa, triunfante.

Acordou no outro dia com um estranho ruído vindo do lado de fora. Era um pequeno *chiado*, acompanhado dos latidos estridentes de Bob. Imediatamente soube o que era. Vestiu o roupão rápido e irrompeu para os fundos da casa. O cachorro sacudiu-se, excitado, os pelos marrons brilhando, e continuou latindo para o alto. André seguiu a direção do olhar do cachorro.

Encarou abismado a pequena colmeia que se formava sobre a lâmpada da lavanderia. Tinha o tamanho de uma maçã. Olhou para o chão e não viu nem um inseto. Seu coração deu um pulso, como se fosse sair pela garganta.

“*Mas que porra aconteceu aqui?*”

Havia cerca de trinta marimbondos, mas André não seria capaz de contá-los. Os corpinhos avermelhados se amontoavam. Algumas asas tremulavam. Outros poucos operários seguiam até o tanque para buscar água, que gotejava da torneira, e voltavam.

As pernas de André tremeram. Esqueceu-se do veneno. Esqueceu-se do projeto que tinha que fazer para entregar no sábado; ficou lá, olhando a colônia de insetos construindo sua “casinha”.

“Esses filhos da puta estão se *multiplicando?*”, perguntou-se. Começou a coçar o braço, incomodado.

Seu filho estaria ali na próxima semana. Tinha que se livrar daqueles bichos.

Foi até a lista telefônica e caçou um número durante alguns minutos, e por fim encontrou:

JOÃO DEDETIZADOR
SUA CASA LIVRE DE INSETOS POR SEIS MESES

(19)3059-7816.

“Perfeito.”

Simpatizou logo de cara com o homem que entrou na sua casa no dia seguinte. Era gordo, a barriga saliente esticando a camisa, a barba por fazer e um boné cobrindo cabelos ralos. O rosto estava úmido, e André não pôde dizer, até sentir o *cheiro*, se aquilo era suor ou inseticida.

— Rapaz, se inseto é sua doença, eu sou a cura.

André abriu um sorriso tão largo que temeu o que o outro pensaria.

— Pois aqui tem insetos, moço, e dos *maus*.

— Pois me deixe ver... acabo com eles, e o senhor vai ficar *anos* sem ver nem um por aqui.

“Ah, seria uma benção!”, pensou.

Levou o homem até os fundos da casa. Tinha ido até lá duas horas antes, e não gostou nem um pouco do que viu. A colmeia estava do tamanho de um abacate.

Abriu a porta, o homem suado seguindo-o logo atrás, mascando um chiclete de uma forma nada discreta. Deixou que o gordo o ultrapassasse.

“E que seja o primeiro alvo”, pensou, com receio.

— Onde que tá? — ele perguntou. André esticou o braço.

— Ali — disse, apontando.

Devia ter uns setenta marimbondos, e só o fato de saber que seu braço estava apontado para aquelas coisas o deixava com medo de chamar a atenção, e ele abaixou-o rapidamente. Quase se escondia detrás do homem gordo. O cheiro dele era suportável ante a asquerosidade daquela colmeia. O homem gordo soltou um longo e alto assovio. André se encolheu, como que esperando que os marimbondos entendessem aquilo como um chamado e fossem até eles. Mas não se moveram. Continuavam voando em volta da colmeia, alguns caminhando sobre ela e entrando e saindo dos pequenos favos.

— Meu amigo... o senhor deve ter medo dessas coisas mesmo hein! — disse o João Dedetizador, rindo. André se sentiu envergonhado. Enfiou as mãos

nos bolsos e preferiu confiar no homem. — Essa colmeia deve tá aqui há o que... uns quatro mes...

— *Dias* — respondeu André, categórico. — Quatro dias, e eu não faço a mínima ideia de como isso aconteceu.

O homem remexeu os beijos, mastigando o chiclete. A boca fazia um ruído úmido.

— Bom, acho que o que eu tenho aqui resolve seu problema.

O dedetizador voltou para dentro da casa e André o seguiu. Saiu, foi até a caminhonete (que tinha um desenho bizarro do gordo pisando em uma barata e fazendo “joinha”), e voltou com um cilindro de metal escovado do tamanho de um extintor de incêndio.

Um adesivo colado no extintor dizia “Mijo do Diabo”.

— Vou aplicar isso neles. Não vai matar eles agora... mas vai deixar eles meio *grogues*, entendeu? O senhor só evita sair durante o resto do dia, porque tem muitos, e eles vai ficar voando pelo quintal.

“Ótimo conselho, senhor. *Com certeza* não sairei!”

O gordo voltou para os fundos e André o seguiu novamente, olhando incomodado para o enorme rego peludo que se mostrava na calça sem cinto que desafiava a lei da gravidade. Ele saiu, parou no meio do quintal e ergueu o cilindro.

— O senhor tem cachorro?

— Tenho. Por quê?

— Melhor deixar ele dormir dentro de casa hoje.

André balançou a cabeça e começou a assoviar em busca de Bob, mas o barulho do cilindro abafou seus silvos.

A coisa de metal soprava um gás branco e à primeira vista inodoro. O homem segurava a mangueira no alto, apontando para a colmeia, a “casinha” dos marimbondos. Imediatamente eles começaram a voar e rodopiar. André pensou que estavam enfurecidos. Depois de alguns segundos, então, o cheiro do veneno o atingiu e ele quase vomitou. Parecia cheiro de pneu queimado. E João não usava sequer uma *máscara*. Nem um pano no rosto.

André recuou alguns passos, e ficou observando o homem terminar seu serviço.

Quando ele acabou, fechou o gatilho do cilindro e o pôs no chão, secando a testa com o dorso da mão em seguida. André foi até ele, a manga do pijama cobrindo a boca e o nariz.

— E então?

— Então... eles não morre agora, senhor. Só mais tarde — disse, enquanto observavam os marimbondos paralisados no chão, apenas as patinhas e

as asas se movendo às vezes. — Daqui a pouco o mijo do diabo vai começar a matar eles. Questão de horas, e num vai ter nenhum marimbondo aqui. Vivo, eu quero dizer.

André o encarou, sorrindo por detrás da manga da camisa.

— Posso confiar?

O homem abriu um sorriso.

— Com certeza! E se mesmo assim algum insistir, me liga de novo que eu venho. Mato eles de graça se esse negócio não acabar com tudo até de noite.

Esticou a mão para André apertar, mas ela pingava, e o máximo que ele fez foi deixar o dinheiro nela.

Mais tarde, e mais tranquilo, André foi para seu quarto, e diante do computador concluiu seu projeto, levando algumas horas para isso. Quando levantou, suas costas estalaram e o estômago roncou.

Foi até a cozinha e preparou um sanduíche com mortadela, maionese e pão de forma. Abriu um refrigerante e bebeu no bico mesmo. Não queria sujar copos, pois a diarista só viria na outra semana. Comeu tudo rapidamente, pensando se conseguiria convidar Érica para mais uma tarde de jogatina e quem sabe dessa vez fazer amor com ela, pelo menos enquanto seu filho não estivesse lá, onde passaria as férias de meio de ano, parte do acordo do divórcio com Lúcia.

Se Lúcia soubesse que ele estava transando com Érica, com certeza surtaria.

Montou seu planejamento. No sábado, entregaria o projeto da cliente “irritante”, depois passaria no centro, compraria algumas coisas, um vinho, alguns queijos, camisinhas, cervejas, e os *mini chickens* que seu filho adorava e que a ex-mulher o proibira de comer. “*Dane-se ela*”, pensou. “*Enquanto ele estiver aqui, as regras que valem são as minhas.*” Então, no domingo, buscaria Érica na casa dela, jogariam cartas, beberiam um pouco, e ele tinha certeza que dessa vez conseguiria repetir a noite espetacular que já estava distante mais de trinta dias. Levaria ela embora no outro dia, depois voltaria, faria uma pequena faxina na casa, levaria Bob para a tosa (Lucas também era alérgico aos pelos no animal), e esperaria pacientemente por outro projeto (vinham aos montes ultimamente) e pela chegada do filho.

E como estava com saudade do garoto! A última vez que o vira foi no dia de São José, quando a megera da ex-mulher permitiu que ele levasse o garoto

para a quermesse no centro da cidade. Quando ele ficava com a mãe, não tinha liberdade, estudava mais do que brincava e vivia isolado. Com André, ele se *divertia*. Podia ser criança de verdade. E ele o amava, acima de tudo.

Acima de *qualquer* coisa.

Duas coisas despertaram dentro dele então, como alarmes de relógio. A primeira foi que não tinha visto ou ouvido Bob desde que o dedetizador entrara em sua casa. Imaginou que provavelmente o sabichão escapulira pelo portão, como sempre fazia quando André bobeava e o deixava aberto. Pensou nas vacinas que teria que dar nele quando voltasse.

A outra coisa era os *marimbondos*. Será que já teriam morrido?

“*Se não morreram, ou se voltarem, vai ter que matar eles de graça, e dessa vez com um chinelo*”, pensou, lembrando do gordo bizarro com a barba por fazer e o rosto molhado.

Andou na direção da porta dos fundos, o peito levemente incomodado, pois sempre esperava pelo pior. Era inerente a ele.

Abriu a porta e avançou pelo quintal. Já estava escuro, fim de tarde, cerca de 18h30min, e o céu era só azul escuro repleto de nuvens. Apertou o interruptor e a lâmpada não acendeu.

Na verdade, ela *tinha* acendido, mas a coisa que o cobria, a colmeia (casinha) a escondia completamente. André soltou um muxoxo, insatisfeito. Ficou quieto e não ouviu nenhum ruído. Nenhum farfalhar de asas, nenhum “mini-helicóptero”. Desligou o interruptor e fechou a porta.

“Devem ter morrido. Pelo amor de Deus, não tinham como sobreviver àquele cheiro!”, pensou.

Decidiu que no dia seguinte, quando amanhecesse, limparia o quintal, removeria todos os corpinhos de insetos e arrancaria aquela “casinha” da lâmpada. Faria isso com certeza, se estivessem mortos.

“*Mas e se não estiverem?*”, seu lado pessimista indagou, e ele passou a noite inteira, até dormir, pensando nisso.

Acordou cedo, e as duas coisas ainda o incomodavam.

Bob não estava em casa, definitivamente. Olhou todo o quintal na frente, a garagem e o banheiro. Confirmaria se ele estaria nos fundos, dormindo debaixo do tanque ou da mesa. E confirmaria se os bichos haviam *realmente* morrido.

Escancarou a porta, talvez com certo excesso de confiança, e quase caiu no chão, apavorado.

Os marimbondos *ainda* estavam lá, voando tranquilamente ao redor da “casinha”. Havia uma centena deles, disso ele tinha certeza. Porém, não era possível contar. Se fosse, teria contado cento e trinta e sete. E a colmeia tinha o tamanho de uma jaca, até lembrava uma, pendurada no teto, cobrindo toda a lâmpada e pedaços do forro. Seu corpo inteiro se arrepiou. Abismado, ele deu um passo para fora, e pôde ver que havia *outras* colmeias em formação. Eram menores, do tamanho de limões, e se espalhavam pelas quinas das paredes, na altura de sua cabeça. Quatro, ele contou. Os insetos caminhavam frenéticos sobre elas, entrando e saindo, voando até o tanque ainda úmido e voltando. Ele observou estupefato alguns chegarem de fora de seu quintal, vindo provavelmente do terreno logo trás, que era vazio e estava plainado. Era de lá que traziam o barro.

“Essas coisas estão se *multiplicando*?”, pensou, assustado. “Ou aqui virou um centro de concentração?” Suas pernas ferviam e formigavam.

Um deles desceu e passou rapidamente na frente do seu rosto. André puxou a cabeça com tanta força que o pescoço estalou. Outro zuniu perto da orelha. Correu para dentro de casa, o coração em disparada.

“Ah, meu amigo dedetizador gordinho, você vai ter que vir aqui e me explicar isso”, pensava furioso enquanto discava de novo para a “cura”. O homem atendeu do outro lado, com a voz monótona, e aparentemente mascarando um chiclete. André não duvidava que fosse o mesmo da quinta.

— Então eles ainda tão vivo? — perguntou, como se aquilo não o surpreendesse.

— Estão, senhor, estão vivinhos da silva, e se *multiplicando* como coelhos! O senhor precisa fazer alguma coisa! Meu filho é alérgico e vem passar as férias comigo, então...

— Não se preocupe, amigo. Em vinte minutos vou aí... e acabo com esses bichinhos.

André esperou meia hora aflito, até que o homem finalmente apareceu. Buzinou, desceu do carro e trouxe outro cilindro. Esse, porém, era menor, e dessa vez o homem usava a máscara.

“Deve ser a *porra* do diabo, agora.”

Abriu o portão para o homem. Ele resmungou um bom dia e passou por André, aparentemente apressado.

André o ultrapassou para abrir a porta dos fundos.

— Vou tentar ser rápido. Tenho que ir na padaria do Carlos, ele disse que apareceu umas ratazanas enormes lá.

“Padaria do Carlos. Excluída da lista de estabelecimentos de confiança”, pensou André, empurrando a porta para o gordo. Os marimbondos voavam lá

fora.

O gordo parou, apoiando o cilindro no ombro, e ficou olhando a colmeia, admirado.

— Mãe de Deus... — murmurou por detrás da máscara. André espichou o pescoço para fora e constatou, admirado, que durante aquela meia hora a colônia parecia ter crescido em 50%.

— E então, acho que dessa vez é de graça, né?

O homem olhou de soslaio para André, rapidamente, e voltou a encarar a colônia. Por alguns minutos, parecia assustado também, impressionado com a quantidade de seres. Será que já tinha visto tantos assim pendurados em uma lâmpada em sua vasta experiência como exterminador de insetos e pragas?

André encarava o gordo, sobressaltado, a mão sobre o coração levemente acelerado. Observava o rosto suado do homem e a forma como ele olhava para a colmeia, como se nunca tivesse visto uma tão grande. Depois, a surpresa inicial diminuiu. Ele tirou o cilindro do ombro e segurou-o com uma mão. Com a outra, puxou a máscara de cima da boca. Alguns marimbondos voavam perigosamente próximo dele. E então André viu.

Não notara antes, pois o cilindro cobria sua visão do fundo do quintal e do pequeno gramado, cuja grama com certeza já passava dos cinquenta centímetros de altura. Ele viu uma mancha escura no meio do mato, e a princípio pensou que fosse um saco de lixo. Entretanto, seu cérebro rapidamente reconheceu a cor marrom e a faixa vermelha de couro, e seu coração deu um salto. O terror engasgou sua garganta, entupindo-a com o que parecia papel.

Era Bob, tinha certeza. E estava *morto*, essa era a outra terrível convicção. O corpo estava displicentemente deitado, e não respirava, não se movia. Tinha manchas vermelhas e roxas nas orelhas. Os olhos abertos miravam André, vazios, enquanto um marimbondo caminhava lentamente sobre o globo ocular desprotegido.

Marimbondos rodavam ao redor dele como urubus.

André arregalou os olhos de pavor. Deu um passo para trás e olhou o gordo nos olhos. Queria falar, queria *berrar* e mostrar o cachorro morto para o homem, despejar toda sua fúria efervescente sobre o gordo, e culpá-lo pela morte de Bob, porque com certeza seria culpa dele. Os marimbondos *o mataram*, e por mais que aquilo parecesse um absurdo, era visivelmente real, e a culpa era toda de João, o Dedetizador, porque ele não cumpriu sua promessa e não deu cabo daqueles malditos insetos.

— Senhor, esse negócio tá tão grande que eu acho que... — disse o gordo, quebrando os pensamentos de André.

E no “acho”, sua boca se abriu, e o marimbondo que rodeava sua cabeça

mergulhou com tudo entre seus lábios.

No ímpeto, João fechou a boca, e no mesmo instante André viu seu lábio inchar, depois a bochecha. O homem arregalou os olhos, como se tivesse colocado um pedaço de carne muito quente na boca, e soltou o cilindro no chão, abrindo os braços. Levou as mãos até a garganta e a apertou. Abriu a boca túrgida e deu um berro seco. O pescoço pareceu enlarguecer contra as mãos.

O cilindro bateu no chão com um ruído metálico, virou, e o gatilho bateu contra o piso de cerâmica. Um pouco de veneno espirrou, provocando um chiado.

E como se reconhecessem aquele som, os marimbondos começaram a levantar voo, batendo as asas ao mesmo tempo, criando um barulho que crescia assustadoramente, como o som de uma chuva, formando uma massa avermelhada de seres enfurecidos. Eles rodopiaram como um tornado e avançaram contra o homem gordo. Contra o dedetizador.

André lembrou-se da frase de Érica, a *outra* frase: “*Se cê não mexer com ele, ele não mexe com você*”.

Envolveram o homem como uma mão gigante.

André só ouviu o grito e o som do corpo do homem caindo no chão. Desesperado, andou para trás, entrou em casa e fechou a porta com força. Desabou sentado, pois as pernas tremiam muito, e puxou os joelhos contra o peito, os braços travados como pedra. Continuava mudo de pavor.

Em nenhum momento ele ousou abrir a porta, nem quando ouviu o corpo do homem se debatendo no chão frio de cerâmica, nem quando o ouviu batendo na porta e gritando alucinado. Sua garganta fazia um estranho ruído gorgolejante. As unhas raspavam o metal da porta. O trinco foi forçado diversas vezes, e mesmo assim, com tanto barulho, era possível ouvir, *sobre* todo esse ruído, o som das vespas, de suas asas, aquele zumbido incômodo e torturante. O homem deve ter acertado a parede cegamente algumas vezes, pois os sons inconfundíveis dos choques contra o concreto duro fizeram André gemer de desespero. Ele ficou ali, sentado no pé da porta, agradecendo por estar protegido, vangloriando a si próprio por ter colocado um veda fresta na porta dos fundos anos antes e por sempre ter cultivado a mania de raramente abrir as janelas. Estava protegido, estava seguro, e nada mais importava, desde que aquele som maldito, desde que o barulho do dedetizador gritando e morrendo parasse.

Levou dez minutos até que o som cessasse.

André só abriu a porta três horas depois.

E fez isso com um pavor que beirava a loucura. Sua cabeça parecia prestes a estourar e lançar massa encefálica pelos ares. A mão tremeu tanto que quase quebrou a chave dentro da fechadura. A tranca estalou naquele silêncio e lembrou o som de uma martelada. Ele não queria abrir a porta, mas precisava.

E quando o fez, surpreendeu-se com a própria coragem em permanecer ali, olhando para uma espécie de pesadelo palpável.

Não conseguiu compreender de onde tirou a frieza que teve para carregar o pesado corpo do homem, que ele descobriu que era casado pela aliança que despontava no dedo roxo e inchado. Seu corpo inteiro tinha aquela coloração violácea, principalmente o pescoço, o rosto e os braços, então com o dobro da espessura, e que provavelmente tinham se esforçado para livrar o homem da fúria daqueles seres malditos. Eles estavam parados agora, *todos*, as asas fechadas, sobre a colmeia que já tinha quase um metro e meio de tamanho e dobrara de largura. Outras (*casinhas*) colmeias menores se espalhavam pelas paredes, pelo armário de produtos de limpeza e pela máquina de lavar roupas. E todos estavam imóveis, nas paredes ou no chão, e era como se observassem André limpar os rastros do estrago que causaram. Impassíveis. Pacientes. Apenas observando.

André empurrou o corpo do João Dedetizador até o mato, e deixou-o do lado do cachorro, segurando o máximo que podia o vômito que ruidosamente emergia de sua garganta.

O corpo tinha um cheiro enjoativo de mel e suor.

Voltou para a cozinha e fechou a porta com urgência. Lavou as mãos de forma frenética. Conferiu as janelas novamente. Empurrou um pedaço de pano úmido e enrolado onde havia um buraco no vidro da janela da cozinha, marcas de uma briga com a ex-mulher quando talheres e copos foram usados como arma. Puxou uma cadeira e sentou-se, *desabou* sobre ela. Levou as mãos às têmporas e tentou se controlar.

Todo seu corpo tremia descompassado.

Forçou-se a pensar em uma *solução*.

“O que eu posso fazer? Tem um defunto no meu quintal! E morreu tentando matar aqueles marimbondos! Merda, até meu cachorro eles mataram!”

Outra voz, que ainda era a sua, mas era a voz *otimista*, se pronunciou: “Ligue para a polícia. Explique tudo. Vão ver o que aconteceu e vão te ajudar. Não te incriminar”.

Riu. “Me incriminar não é o maior dos problemas. A coisa descamba de vez se eu chamar a polícia e eles forem até os fundos e... e aquelas coisas matarem eles *também*. Aí sim eu tô fodido!”

“Tem que se livrar daquele corpo”, outra voz sugeriu. Não era a otimista nem a pessimista. Era a voz da ex-mulher. Aquela voz miada que ele odiava.

“O quê?”

“É o que eu disse, seu mané! Se não pretende chamar a polícia, comece a pensar então nas consequências de dois cadáveres apodrecendo no seu quintal! O cachorro não, mas o gordo vai estar fedendo em menos de duas horas.”

“Engraçado não? O ser humano se acha tão limpinho, mas é só morrer que já começa a virar carniça!”

“Então, vai ter que se livrar dessa merda!”, berrou a voz que era Lúcia, enxotando aquela outra voz debochada que começava a incomodá-lo, a voz do medo. *“Nem que seja enterrando aquela bola de sebo no quintal ou cobrindo ele com cal, eu não sei, mas do jeito que tá, vai ter problemas de verdade em breve!”*

E depois, como que para despertá-lo: *“Não esqueça que seu filho estará aí em uma semana!”*

Levantou-se de ímpeto. Ainda vestia os pijamas.

A primeira atitude coerente que teve foi ir até a rua e guardar o carro do dedetizador na garagem. A rua estava vazia, o que parecia causar ainda mais incômodo e trazia mais estranheza à situação, e ele fez o mais rápido que pôde, pois não queria chamar atenção para aquilo. Se um vizinho o visse manobrando o carro para dentro, ligaria para a polícia imediatamente.

A caçamba estava repleta de cilindros cinza e amarelos, os venenos com que o homem trabalhava.

“Não trabalha mais!”

“Me deixa em paz!”

“Pelo visto o Carlos vai ter que se acostumar com as ratazanas.”

Foi até o armário no fundo da garagem e pegou uma lona, com a qual cobria seu carro (quando ainda o *tinha*, antes do divórcio) e jogou-a sobre a caminhonete. O portão da garagem era todo fechado, mas o muro ali não era tão alto quanto o dos fundos. Cobriu o carro milimetricamente, depois saiu e olhou para a rua. Ninguém estava fora de casa, e aquilo o aliviava apenas em parte. Algum vizinho bisbilhoteiro poderia estar vigiando-o detrás de uma janela e ligando para a polícia naquele exato momento.

Afastou o pensamento e voltou para os fundos.

Ele tinha cal, e estava guardada em um armário baixo um pouco *perto demais* do tanque, na lavanderia. Perto da *casinha*. Olhou para cima, apertando os olhos e tentando vencer o pavor crescente. Os marimbondos permaneciam imóveis, as asinhas recolhidas, mexendo as antenas com preguiça. E se

avançassem sobre ele?

“*Pare de ser boiola, André!*”, berrou Lúcia de novo, em sua cabeça, “*Se não mexer com eles, eles não mexem contigo. Agora pega a merda do saco de cal e cobre aquela bola de sebo!*”

Moveu a mão na direção da porta do armário. Quando estava com os dedos a milímetros do puxador, um marimbondo surgiu sorrateiro detrás da alça, caminhando e movendo as antenas. André puxou a mão com força, sentindo o sangue fugir das pernas. No gesto brusco, alguns insetos começaram a voar. André estacou de pânico, as pernas formigando cada vez mais e uma pressão nos ouvidos insistindo em crescer.

“*Se não mexer com eles eles não mexem com você se não mexer com eles eles não mexem com você se não mexer com eles eles não mexem com você se não mexer com eles eles não mexem com você*”, a mente esperneou. Fechou os olhos e as mãos com força. Ouvia as asinhas batendo, o vento que faziam passando perto do rosto dele... então o ruído lentamente diminuiu, até cessar por completo. Abriu os olhos. Todos estavam quietos novamente, e o marimbondo que o assustara no puxador agora estava na borda do armário, de costas para ele, encolhido e calmo. Esticou novamente o braço e abriu a porta, trêmulo. O saco branco de cal estava lá. Puxou-o devagar, ainda temendo que os seres se irritassem, mas em nenhum momento fizeram menção de que reagiriam.

Afinal, André ia acobertar exatamente o que *eles* tinham aprontado. Não o atrapalhariam, não é?

Fechou a porta, pegou a pá com a qual catava o cocô de Bob (“*droga, mataram Bob! Como pode?*”) e com ela começou a despejar cal sobre o corpo roxo e intumescido de João. Cobriu-o totalmente, a cal grudando na pele fria e repleta de calombos. Depois, cobriu Bob.

Por fim, voltou à garagem, pegou outra lona, essa menor, e levou-a para os fundos. Jogou-a sobre os corpos, o plástico grosso se moldando com as formas grotescas que os cadáveres formavam à medida que caía.

Suspirou, limpando o suor que brotava de sua testa mais de nervosismo do que de esforço, e olhou para trás, para os hóspedes assassinos que habitavam sua lavanderia.

Já era a décima vez que olhava para eles, e a cada vez parecia haver ainda *mais* deles surgindo.

Voltou para dentro, trancou a porta, conferiu as janelas e o pano molhado no buraco, foi até o banheiro, tirou o pijama úmido, ligou o chuveiro e caiu debaixo dele, a água levando embora o cheiro de morte e terror que grudara em seu corpo.

Entretanto, sua mente não se aliviava. Sabia que não poderia ficar como

estava para sempre. Não mesmo.

Vencendo a angústia que o abatera, André levantou cedo no sábado para entregar o projeto.

Não saiu, porém, sem antes dar uma olhada na situação dos fundos da casa.

Todo o teto da lavanderia já estava infestado de marimbondos. A colmeia aparentemente havia se partido ao meio e caído no chão, pois da cerâmica branca brotava outra casinha, como uma estalagmite crescendo em direção à outra colmeia. A quantidade de vespas era absurda. Elas ocupavam cada milímetro do teto e toda uma parede lateral, juntando-se espremidos em volta do tanque. Um batalhão delas descia para o tanque que gotejava (*“E quem vai fechar essa torneira, hein André?”*, a voz da ex cutucou), buscavam água e voltavam. O zumbido e o bate-bate de asas o deixou agoniado. Fechou a porta tremendo e foi embora.

De alguma forma que não podia evitar, transmitiu a apreensão que sentia para sua cliente “irritante”, pois ela o encarou com os olhos apertados por detrás dos óculos miúdos na casa de paredes brancas que ele só havia visto por fotos, e onde agora concluía o que já suspeitava: as cores ficariam uma bosta. Ela o observava de cima a baixo a cada minuto, como se as mãos entrando e saindo do bolso para que ele mastigasse lascas de unhas e as pernas que teimavam em balançar entregassem a situação.

“Tem um homem morto no meu quintal, e ele foi morto por marimbondos. Mataram o cachorro também.”

Ele olhava para ela, fechava os olhos e sorria forçadamente toda vez que ela o avaliava.

“Não faça perguntas, por Deus, não faça!”

— O que acha?

— Hum? — perguntou, surpreso.

— O que acha? Vai ficar bom ou não?

“Eu acho que o projeto ficaria ótimo em outra casa e onde outra pessoa menos insuportável morasse. Inclusive, acho que não é nem culpa da casa em si que as cores ficarão uma merda, e sim da senhora.”

— Eu acho que vai ficar ótimo! Vai ficar bem iluminada e alegre e... — A mulher o avaliava de novo enquanto ele falava, e os braços abertos de forma falsa não o ajudavam nem um pouco. — ... e acredito que ficará satisfeita.

Levou as mãos de volta para os bolsos, tenso.

“Duas horas fora de casa... aquela comunidade homicida já deve ter dobrado de tamanho.”

“Homicida e canicida, não se esqueça de Bob!”

“Pobre Bob... ele mal latia... por que mataram o coitado?”

“Porque ele percebeu, André. Percebeu que ia dar merda”

Deve ter feito alguma careta ao ouvir a voz de Lúcia ecoando em sua cabeça, pois novamente a cliente “irritante” o observava com uma atenção com a qual ela parecia não se importar em esconder.

— O senhor está bem, senhor André?

— Estou sim... estou... *ótimo*. Até porque, hoje é *sábado*, não é? Não é uma maravilha?

Ela olhou torto para ele, como se desconfiasse de algo, mas aquela foi uma das últimas coisas que perguntou. Depois, confirmou com André o valor do projeto e o pagou. Quando saíram da casa recém-construída, uma brisa suave bateu em seu rosto, e ele se sentiu livre, não só da casa como da mulher.

“Nunca mais quero ver essa mulher. Ela é irritante!”

E na verdade não sabia por que a achava tão irritante. Mas nunca mais a veria. Isso era *fato*.

Do portão, pôde ouvir o som do telefone. Temeu que fosse Lúcia e entrou correndo.

Era Érica.

Suspirou aliviado, e um calor desenfreado subiu pelo seu ventre quando ouviu a voz dela no fone. Então, do tesão André pulou para a apreensão e em seguida para o medo.

Ela estava se convidando para dormir lá. Dali a poucas *horas*.

— Você me disse que eu podia passar a noite aí... e como na segunda-feira eu tenho que trabalhar cedo, acho melhor dormir aí hoje... que tal?

“Oh Érica, eu acho ótimo! Maravilhoso! Meu pau tá quase abrindo o zíper da minha calça, mas... acho que não vai ser uma boa ideia...”

“Acabou a diversão, né Andrezinho safadinho?” A voz da ex-mulher já estava se tornando irritantemente frequente.

— André? Cê ainda tá aí?

Ele não notou que não respondera.

— Bem... ah... eu quero muito mesmo que você venha, Érica. Quero

sim. É que...

“Não deixe! Não deixe ela vir! Se ela vir essas coisas...”

— Então eu vou me arrumar... e daqui a pouco tô aí, tudo bem?

Havia excitação na voz dela. Ele contorceu-se.

“Ela não pode ir para os fundos! Em hipótese alguma! Tranque ela no quarto se precisar!”

— Tudo bem Érica. Venha. Tô te esperando.

Ela pareceu sorrir do outro lado e desligou.

André bateu o fone e correu para os fundos. Ele sabia que estaria pior. Tinha certeza. Mas precisava ver. Precisava alimentar seu medo. Só assim conseguiria impedir que Érica fosse até lá, onde costumavam jogar cartas.

“Você deveria ter impedido que ela saísse de casa, isso sim! Agora ela corre perigo!”

“Eu não vou deixar ela sair daqui de dentro! Vai ficar no quarto comigo o tempo inteiro! Vou amarrar ela na cama se precisar! Eu juro!”

“Quer que ela termine como Bob? Ou como João, com o corpo mais inchado que um baiacu? Quer isso?”

“Deus! Eu não quero isso!”

Abriu a porta e saiu, e sentiu-se como se estivesse em uma caverna de vespas. Elas ocupavam, além do teto e da parede da esquerda, parte da parede da direita e alguns pontos no chão, além da parede do fundo, onde havia o pequeno gramado e onde os corpos de João e Bob estavam acomodados. Zumbiam freneticamente. Várias outras “casinhas” eram erguidas pelos bichos, devagar.

André fechou a porta num estrondo, o peito subindo e descendo.

A frase de Érica teimava em voltar à sua mente: *“Quê mais ele vai fazer aí?”*

“Isso, Érica. Ele vai fazer isso.”

Talvez não fosse má ideia mostrar aquilo para ela. Quem sabe ela finalmente entendesse o porquê do medo dele naquele domingo, uma semana antes, quando havia apenas *um* marimbondo, sua lâmpada era visível, Bob ainda estava vivo e ele não se sentia um lixo humano por estar escondendo o corpo de um homem que nunca havia visto antes?

“A família dele deve estar desesperada, não é, André?”

“Sai daqui, Lúcia, pelo amor de Deus, sai daqui!”

“Não lhe passou pela cabeça isso, André? Que um homem morto chama atenção? Um homem desaparecido? Acha que a família dele vai esperar quantas semanas pra sentir falta dele? Não acha que eles devem estar loucos em busca do homem? Além do mais, amanhã já vai fazer 48 horas de desaparecimento, então a polícia vai entrar na brincadeira. Vai espalhar

viaturas pela cidade em busca do homem. Vão colar a foto dele em cada poste dessa cidade. Vão espalhar por aí as características do carro dele, André. Isso, aquele com o desenho fofo dele esmagando uma barata.”

“Baratas... baratas são inofensivas, acredite. Já marimbondos...”

“Por Deus, saiam da minha cabeça...”

“Sabe o que eu estava pensando, André? Que a polícia vai até a casa dele e vai procurar pelas últimas solicitações de serviço. Vão encontrar seu telefone, André... e também o do Carlos da padaria, aquela das ratazanas, mas ele vai dizer que o homem sequer apareceu por lá... e então, o que vai fazer quando a polícia bater na sua porta? O que vai fazer quando eles virem o carro coberto na garagem? Acha que vão acreditar que os marimbondos mataram ele?”

“Lógico! O corpo está todo inchado, cheio de picadas!”

“Tá certo, André. Mas imagina um pouco a repercussão disso? Você aparecendo na TV: ‘Decorador é preso por ocultar cadáver’. Acha que vai conseguir algum cliente depois disso? Acha que vai ter projetos depois disso? Só se for o da pintura da cela.”

A ex deu uma gargalhada na cabeça dele. Doeu.

“Sem falar que vai ficar incrivelmente mais fácil para mim tirar o Lucas de você definitivamente. Que tipo de pai é esse que deixa uma colmeia do tipo de inseto a cuja picada seu filho é alérgico crescer absurdamente no quintal de casa?”

Ante aquela observação, ele quase rosnou. “Não se atreva...”

“Trate disso, André! Trate disso logo, antes que Lucas chegue aí... aliás, antes que a vadia que você come chegue, porque se você for preso, vai ficar sem emprego, e daí sem dinheiro, e então não pagará a pensão, e então vai ficar preso mesmo!”

Levantou-se de ímpeto. Estava agachando, escorregando para o chão, apavorado e alucinado por seus pensamentos e pelas vozes que insistiam em incomodá-lo. Tinha que fazer alguma coisa, e rápido.

“Mas o quê? Vou fazer o quê?”

“Primeiro vai impedir que a vadiazinha chegue. Vai esperar ela na porta e vai mandar ela voltar. E foda-se se não vai mais comer ela. FO-DA-SE!”

Olhou ao redor, desorientado, e decidiu que faria melhor. Não iria esperar Érica no portão. Não correria o risco de não conseguir impedi-la de entrar.

Iria até a casa dela. Fariam amor lá, se precisassem. Mas não deixaria que ela fosse até a casa dele, sem chance.

Quando saiu, a voz da ex-mulher deixou de incomodá-lo. Mas era ela no telefone, ligando quando ele trancou o portão e saiu com a moto na direção da

casa de Érica.

Encontrou Érica saindo do portão da casa dela. Parou a moto, abraçou-a e beijou-lhe a boca com tesão e aquele ridículo sentimento de proteção que os homens querem transmitir às mulheres toda vez que abraça uma que ama.

— Não aguentei esperar — disse, e correram para o quarto.

Durante o sexo, a voz da ex-mulher incomodava-o constantemente.

“Um mentiroso de primeira, isso que você é, André. Por isso me separei de você.”

A gargalhada ecoava com tanto volume em sua mente que temeu, vagamente, que até mesmo Érica a ouvisse.

“Não estou mentindo agora, e muito menos quando cheguei. Tenho desejo por ela. Posso até estar gostando dela. E daí? O que você tem a ver com isso?”

“Pode não estar mentindo, André, mas também não está contando toda a verdade, está?”

“Meu amigo... o senhor deve ter medo dessas coisas mesmo, hein!”

“Ah, um novo acompanhante!”, pensou ao ouvir a voz mansa de João, o dedetizador. “Estava com saudades de mim ou só veio ver a foda?”

“Você veio aqui pra impedir Érica de ir na sua casa, mas e aí, o que vai fazer depois? Bob e João ainda estão deitados no seu quintal.”

“Pode crer”, disse o gordo, e André pensou incomodado se Bob também latiria, confirmando presença.

“Dane-se o que eu vou fazer! Não sei, vou pegar a merda do carro e me livrar dele, se isso te satisfaz.”

“Gênio! Eu sabia que você conseguiria chegar a uma solução, André!”, berrou a ex-mulher, a voz aguda quase explodindo seus “ouvidos”.

“Merda, me deixa transar em paz, desgraça!”

— Algum problema, amor? — perguntou Érica. Ela movia os quadris de forma ondulante, e no mês anterior aquilo o teria feito gozar em questão de segundos. Ele segurava as coxas dela com as mãos.

— Não... eu estou bem, Érica... continue, está ótimo...

— Você parece preocupado. Está fazendo umas caretas... está doendo?

“Oh, por Deus, Érica, por que você tem que prestar atenção nestas coisas?”

Deitou-se sobre ela, aninhando-se nos seios volumosos.

— Eu estou ótimo, não se preocupe.

Forçou sobre ela, e ela gemeu, sorrindo.

— Não sei... você tá estranho. Achei que ia... querer que a gente ficasse na sua casa...

A respiração cortava as palavras, e André começava a ficar impaciente com aquele questionamento.

— Esqueça isso... vamo aproveitar... tá tão gostoso...

— Eu sei, mas...

“Isso, aproveita André... na cadeia você vai estar na mesma situação que ela. Não esqueça.”

“Droga, Lúcia, até em pensamentos você quer acabar comigo?”

Érica gemia baixo no ouvido dele.

“Olha, ela geme bem, André... parece que tá gostando dessa rola miúda...”

“Pelo menos ela *geme*, Lúcia. Não é como transar com uma porta como você.”

A voz calou-se. André soltou um suspiro aliviado. A ereção, entretanto, tinha ido para o brejo.

Érica respirou fundo quando André soltou o corpo pesado sobre o dela, constrangido. Ela o envolveu com os braços e mesmo as pontas dos dedos nas costas dele não o excitaram.

— Eu tenho *certeza* que você tá com algum problema.

Ele ergueu a cabeça e fitou os olhos dela.

— Eu juro que estou bem... é só que...

— O quê?

Ele pensou.

— É Lúcia. Lucas vai passar o fim de semana em casa e ela tá me incomodando — mentiu, em parte.

— Mas não era só semana que vem isso?

— Não, ele vem hoje à noite — mentiu, e dessa vez por completo. — E se ele ver você lá, vai contar para ela, mesmo que eu peça que não conte. Ele gosta de mim, quer me ver com uma namorada, mas é inocente e a mãe vai arrancar a informação dele se quiser.

Érica olhou para André, e ele viu os mesmos olhos da cliente “irritante”, vigiando-o, examinando-o, procurando *falhas*.

— Tudo bem, André. Não quero ser problema pra você e seu filho. E eu sei que Lúcia me odeia, então...

— Me desculpe Érica, mas... é meu filho, e ainda tenho pendências do divórcio com Lúcia...

— Eu sei, eu sei... mas você tá aqui, né? Então... vamos aproveitar um pouco... vai demorar pra escurecer...

Ela virou-se sobre ele e conseguiu ressuscitar o cara lá embaixo, mas *ele*, André, não estava de fato ali. Seus olhos desviavam-se para o relógio.

Sua cabeça estava em casa, no quintal infestado de marimbondos e os corpos que apodreciam no gramado.

“Quase 48 horas, André! Dê uma rapidinha, e nisso você é craque, e vá logo se livrar daquilo!”

No final, a ex-mulher sempre conseguia derrotá-lo.

Conseguiu escapar de Érica antes que ela quisesse uma terceira, por volta das 17h00min.

Em sua cabeça, um despertador apitou: “48 horas”.

“Precisa se livrar do carro e do corpo! Rápido!”, Lúcia berrava.

Chegou em casa dez minutos depois. O céu já estava escurecendo, o pôr do sol lançando sombras enormes sobre a rua e clareando o horizonte com um tom avermelhado. Guardou a moto e pôs o “plano” em prática.

Tirou a lona de cima da caminhonete e entrou na cabine. O cheiro de suor do homem permanecia ali, socado, abafado, e André ficou tonto. Olhou para o painel, onde uma barata de plástico segurava um pequeno spray de veneno. Abriu o porta-luvas. Os documentos de João estavam todos lá. Mexendo mais um pouco, encontrou um celular. Estremeceu quando o viu. Apertou um botão. A tela acendeu emitindo uma luz azulada. Havia nada menos que 107 ligações perdidas. Não se atreveu a apertar mais nada. Ficou encarando aquilo, apavorado e com um sentimento de pesar crescendo dentro do peito e da garganta.

“Droga, André! Desliga essa porra antes que rastreiem, sua anta!”

“Calma, Lúcia! Droga! Será que você consegue ser menos filha da puta?”

O silêncio veio como resposta.

Ele segurou o botão vermelho do celular, sentiu-o vibrar e em seguida apagar. Abriu a tampa e retirou a bateria. Depois o *chip*. Serviço completo.

Enfiou tudo de volta no porta-luvas. Procurou por mais coisas que o atrapalhassem quando estivesse fazendo tudo, como um *segundo* celular ou até mesmo um GPS, mas não havia nada. Tudo limpo.

Hora de buscar o corpo.

Antes que sua ex gritasse em sua cabeça, lembrou-se da burrice que

estava fazendo: mexia em tudo sem ao menos usar uma luva! Soltou um muxoxo e deu um soco no volante, enfurecido.

Foi para dentro e caçou um par de luvas na gaveta do armário. Seria sorte se houvesse alguma. Encontrou-as no fundo do armário. Vestiu-as e pegou uma toalha na cozinha. Pensando melhor, voltou ao quarto e pôs um boné na cabeça. Fios de cabelo no banco do carro também o incriminariam se encontrassem a caminhonete.

“Como assim encontrar a caminhonete? Você enlouqueceu, André? Essa caminhonete tem que desaparecer! Sumir! Explodir! Dane-se o que você vai fazer para isso acontecer! Pode até enfiá-la no seu rabo, mas tem que fazer ela se dissolver!”

“Vai se foder!”, berrou para a ex, mas ela tinha razão. Aquele carro nunca deveria ser encontrado.

Voltou até a caminhonete e limpou com a toalha todos os pontos em que acreditava ter tocado, e até os que não tinha. Limpou a maçaneta da porta, os espelhos, o volante e o porta-luvas. Até a barata bípede de plástico não escapou.

Em seguida, jogou o pano no chão da garagem e, finalmente, foi fazer o que considerava o mais difícil.

Retirar o corpo de João dos fundos da casa, onde os marimbondos montaram sua fortaleza.

Olhou para a porta, sentindo a garganta trancar-se e o suor brotar na testa. Os músculos do pescoço queriam travar. Lançou uma mão trêmula até a maçaneta e abriu a porta de metal. O som preencheu o silêncio da cozinha, onde ele só conseguia ouvir as batidas do seu coração, o sangue pulsando detrás de suas orelhas. Mas lá fora não. Lá fora havia *vida*.

Todo o quintal estava ocupado por eles, marimbondos avermelhados, velozes e fatais. Não era possível ver a colmeia, nem o tanque, nem o armário, nem as paredes. Cada pedaço daquela parte da casa estava repleto deles. Poucos voavam, a maioria continuava parada, espremendo-se uns nos outros, como se lutassem por um pequeno espaço de parede. Apenas o chão estava livre deles. O caminho de cerâmica terminava em um pequeno terreno circundado por pedrinhas, onde havia grama. E sobre a grama, uma grande lona amarela cobria o que pareceria entulho ou tijolos para um visitante inesperado. André, entretanto, sabia muito bem o que havia ali, e isso o apavorava.

Titubeou. Não deu nenhum passo na direção daquele cenário. Ficou sob o batente, admirando com pavor as vespas que passavam voando para lá e para cá.

“Está esperando o quê, André? Que o João levante, ande e deite na caçamba da caminhonete sozinho? Não sei se percebeu, mas ele...”

“Tá morto. Eu sei Lúcia. Por Deus, se eu soubesse que mesmo depois do

divórcio você ia continuar me incomodando, teria continuado com você... pelo menos se você estivesse aqui eu te jogava como oferenda pra esses bichos. *Pode crer!*”

A Lúcia em sua mente calou-se, mas André se odiava por saber que ela sempre tinha razão; João precisaria ser carregado até o carro. Ele teria que vencer o medo que o impedia de pisar no quintal, e o pavor ainda maior de erguer aquela lona e olhar para o homem inchado que jazia abaixo dela. Imaginou diversas coisas, entre elas um ataque furioso das vespas por estar mexendo no “troféu” delas, o homem que exterminara tantos deles em outras ocasiões e contra quem finalmente conseguiram uma vingança. Será que permitiriam isso?

Deu um passo e desceu para o quintal. O som da pisada não existiu dentro daquela redoma de ruído de asas batendo e corpos secos resvalando-se. Mais um passo. Seu corpo inteiro tremia. Uma vespa passou diante do seu rosto. Fechou os olhos e recuou. Respirou fundo. Outro passo. Outra vespa, dessa vez perto da orelha. Um gemido de medo. A mandíbula vibrava tanto que mordeu a bochecha. O sangue quente se espalhou por sua língua. Mal sentiu. Estava entorpecido de pavor. Mais um passo. As vespas investiam contra ele e desviavam centímetros antes de atingi-lo. “Devem estar brincando com meu medo”, pensou. Virou o rosto para a lavanderia, onde a enorme colmeia sequer era visível sob os milhares de insetos que repousavam sobre ela. André imaginou, com um pavor crescente, se ali haveria uma *rainha*. Tinha que haver uma. Senão, de onde surgiram *tantos* em tão pouco tempo?

Pensou no tamanho que aquele ser teria... olhando para a colmeia enorme, não conseguia pensar em algo menor que um cachorro...

Foi a imagem da rainha que mentalizou que o fez continuar. Deu mais três passos e alcançou a lona amarela. Sua cabeça doía e parecia pressionada de dentro para fora por ar comprimido. Prestes a estourar. Encarou a lona com apreensão. Quando removesse aquilo, o cheiro o faria vomitar. Ele sabia que sim. Já estava ali, na garganta, só esperando. Imaginava como estaria o corpo do homem... e um suco amargo e ardente borbulhou em seu esôfago, fazendo-o arrotar. Os braços seriam como dois pedaços de borracha roxas e duras, onde pegaria e seus dedos afundariam de leve, deixando marcas, e o tórax seria um solo de relevo pedregoso repleto de protuberância arredondadas e purulentas, que estourariam depois que o corpo de João fosse jogado sobre a caçamba, lançando jorros de pus pelo ar. E seu rosto... seu rosto seria indescritivelmente horripilante, e ocuparia os pesadelos de André durante os anos seguintes, se ele tivesse chance de tê-los.

A última coisa que pensou antes de puxar a lona foi vê-la se movendo...

se movendo graças a respiração da coisa que adormecia sob ela, e depois disso a *mão* agarrando seu braço... uma mão úmida, inchada e roxa... agarrando-o com força... e com pavor. Com insanidade.

Fechou os olhos quando tirou a lona. Nada do que pensou aconteceu, e no fim ele se sentiu mal por isso. Seria melhor se o homem estivesse vivo, afinal. Levaria ele para o hospital, não haveria buscas, polícia, e ele seria um herói, para a família do homem, para a cidade e para o filho, finalmente. Se sentiria melhor por dentro.

Sentou-se no chão, desolado, as lágrimas querendo sair de seus olhos a todo custo. Mas novamente sentiu Lúcia dentro de sua cabeça. Ela *ia* falar. Ela *queria* falar.

Levantou-se antes que a ex-mulher se pronunciasse, censurando-o e chamando-o de frouxo, como fazia quando eram casados. O cheiro dos corpos em decomposição era fraco, graças à cal, mas novamente ele sentiu o refluxo atingindo sua garganta. Arroto sonoramente duas vezes, um ruído gorgolejante que por si só faria qualquer um vomitar. Havia insetos sobre os corpos de João e Bob... algumas moscas pequenas, larvas e baratas miúdas. André chutou-os. Caíram pela grama ou perto dos marimbondos, perto o bastante para serem pegos e destroçados pelos insetos com fúria.

“Um presentinho pra vocês”, pensou. “Agora, poderiam me deixar tirar esses dois daqui, que tal?”

Sem pensar, tocou no corpo de João... sua mão enluvada agarrou o braço frio e úmido do homem. O som foi como o de mexer em couro... ele puxou a mão e uma papa de cal e só Deus sabe o que mais esticou da carne de João.

Não conseguiu segurar o vômito dessa vez.

Regurgitou o café da manhã sobre o homem, uma pasta de pão com margarina, leite e café preto, cheia de bolhas. Queimou sua garganta como brasa. Secou os lábios feridos pelo ácido com a manga da roupa. Estava com o estômago vazio agora, não haveria o que vomitar, pensou, e reunindo forças, puxou os braços do dedetizador, arrastando-o pela grama. Havia mais insetos sob ele, comendo-o, mas André preferiu ignorá-los. Seu estomago se contraía de novo, e aquilo doía.

Quando o corpo já estava no pé da porta, sentiu um beliscão pungente no antebraço, que o obrigou a soltar os braços de João num estrondoso *ploft!* Era um marimbondo. André deu um pequeno grito de dor. Sentiu vergonha de si próprio. Não era assim tão doloroso, afinal. O marimbondo *olhou* para ele... André sentiu como se a vespa pequena realmente estivesse encarando-o, e pensou: *“Ok, esta é minha parcela, já entendi. Deveria ter feito isso antes. Tudo bem, eu mereço mesmo”*.

A coisinha então saiu voando, e onde antes estava pousada, subiu um pequeno calombo avermelhado. Não havia uma dor real, e sim uma dormência que incomodava. Passou a mão sobre a picada e ela beliscou.

“É o ferrão, idiota!”, exclamou Lúcia. “Vai dizer que tinha esquecido daquelas quatorze picadas que tomou quando era moleque?”

“Lúcia... vai caçar uma pica pra sentar, beleza? Tranquilo?”, respondeu.

Adorava quando a mulher se calava.

Pegou novamente os braços do homem e o arrastou pela casa. Não pensou na marca de decomposição que deixaria pelo caminho. Tinha que limpar aquilo depois. Levou-o até a garagem. Olhou para os muros que o cercavam, procurando algum vizinho bisbilhoteiro. A escuridão da noite estava do seu lado, entretanto. Com a luz da garagem apagada, arrastou o gordo até a caminhonete, abriu a portinhola e encarou os cilindros de veneno. Sua mente faiscou quando viu o símbolo de “inflamável”.

Com um esforço cavalgar, que deixou seus ombros, braços e costas doendo, ele jogou o homem sobre a caçamba, primeiro as pernas, depois erguendo o traseiro e o abdome, e por fim, puxando-o pelos braços, a cabeça. Empurrou-o para próximo dos cilindros, certificou-se de que ainda havia espaço, foi até os fundos da casa e pegou o corpo pequeno de Bob.

Sua garganta se contraía enquanto levava-o para o carro.

Ajeitou-o próximo a João.

Vomitou de novo, no chão da garagem. Passou a manga suada da camisa sobre a boca.

“Que um guie ao outro nas trilhas pedregosas do além”, pensou.

“Amém. Agora se livra dessa porra logo, André!”, berrou Lúcia. Ele foi até os fundos, pegou a mesma lona e jogou-a sobre os dois, esticando-a para que o volume não ficasse suspeito.

Depois, foi até o banheiro e lavou as mãos. Quis entrar debaixo do chuveiro, remover aquela podridão dele, mas não tinha tempo. Pegou um balde que sempre mantinha dentro do banheiro (“Ah, se só houvesse baldes na lavanderia, você teria que lavar a casa com uma mangueira!”, riu Lúcia. O costume de guardar um balde no banheiro viera dela), encheu-o de água e detergente, pegou o rodo, que também estava no banheiro, e esfregou todo o caminho que percorrera arrastando João. A papa esbranquiçada diluiu-se nas bolhas do detergente. Com um pano enrolado no mesmo rodo, secou tudo e jogou de volta no balde, e do balde jogou na pia do banheiro. Um cheiro leve de frutas tomou conta da casa quando ele jogou desinfetante pelo corredor. Respirou fundo, o cansaço retesando suas costas e seus braços. Ainda não. Tinha que levar os corpos embora.

Trancou toda a casa, inclusive a porta dos fundos. Conferiu-a três vezes. Deixou a chave dentro da fechadura, temendo que algum marimbondo entrasse pelo buraco. Olhou o pano na vidraça quebrada. Apagou as luzes.

Quando abriu a porta do carro, lembrou-se do desenho de João na lateral da caminhonete, a caricatura bizarra em que esmagava uma barata. Seu coração deu outro salto.

“Tem que esconder isso, André. Imagina a polícia seguindo seu carro e ligando para a família: ‘Encontramos o carro do seu marido... tem um homem estranho dirigindo ele. Vamos abordá-lo’... imagina, André?”

Levantou-se, foi até o armário da garagem e procurou desesperadamente por algo que cobrisse aquilo. Encontrou fita adesiva branca, e para ele foi o bastante. Era noite, não seria difícil passar despercebido.

“Só terá que evitar os policiais, e você sabe como eles são... surgem do nada!”

Passou a fita sobre o desenho, uma próxima da outra, milimetricamente. O carro também branco ajudou; de longe e no escuro, era indistinguível.

Finalmente, abriu o portão da garagem e olhou do lado de fora. A rua continuava deserta. Agradeceu a si próprio por ter insistido em comprar aquela casa, naquele bairro tranquilo com poucos vizinhos. Não que não fosse arriscado sair dali com aquele carro, que os vizinhos sabiam que não era o dele. Mas tinha que arriscar. Guiou o veículo para fora, saiu, fechou o portão e partiu, pensando no caminho que percorreria para não ser notado, e acima de tudo, pensando *onde* esconderia ele.

“Como pode ser tão burro, André? Ainda não pensou nisso? Não pensou onde vai desovar esse gordo?!”, berrou Lúcia. Ele franziu a testa, como se ela gritasse em seu ouvido ali, no banco do carona.

“Ué, não é você a parte inteligente do casal? Então me diga onde posso ‘desovar’ ele!”, respondeu, e dessa vez não ficou satisfeito com o silêncio daquela voz. Apesar de tudo, era ela quem lhe dava as boas ideias, pelo menos naquela situação, e saber que ela não tinha o que sugerir sobre isso deixava-o inquieto.

Guiou a caminhonete para fora do bairro, sempre seguindo pelas ruas onde havia mais terrenos em construção do que casas erguidas. As ruas estavam vazias. Quando viu a primeira pessoa, já estava longe de sua casa, e seu coração disparou. Passou por ela sem despertar atenção. Pegou uma estrada de terra e levou a caminhonete para a rodovia, onde acreditava poder rodar com tranquilidade, enquanto pensava onde deixaria o corpo.

Olhou no relógio. 18h27min. Caminhões passavam por ele vez ou outra, mas na maior parte do caminho inconsciente que fazia, o carro seguia sozinho, o

farol jogando uma luz amarelada à frente. Pensou nos problemas que poderia ter durante o trajeto e, além do corpo cair para fora do carro após algum buraco ou a polícia parando-o para uma *blitz*, o que mais lhe incomodava seria sofrer um acidente. Se batesse aquela caminhonete em outro carro, ou em *alguém*... sua mente se contorcia só de imaginar.

“Porque não para de pensar em ‘probleminhas’ e tenta imaginar uma solução ampla para isso tudo, André? Do que vai adiantar pensar nisso e ficar rodando? Daqui a pouco estará na cidade vizinha, a gasolina vai acabar e você vai ficar ainda mais fodido.”

“Eu já te disse, o gênio...”

“Blá, blá, blá, o gênio do casal sou eu, eu sei disso, seu mané, é por isso que é você quem tá metido numa situação como essa e não eu.”

“Eu não tive culpa! Eu matei aquele maldito inseto, tenho certeza que matei!”

“Mas de onde ele veio tinha mais! Simples, meu caro. Não adiantou! Agora, a resposta é sua.”

“Mas eu...”

“Mas eu, nada! Agora você vai ter que conviver com isso.”

Ele olhou para a pista escura com a face quente e os olhos quase lacrimejando.

“Você é ridículo, André”, a ex resmungou.

“Vá se foder! Já te disse isso hoje? Não? Então vai se...”

“Continue me xingando e eu não te falo onde jogar o corpo. O corpo e o carro.”

Calou-se. André sabia o que ela queria. Sabia. Foram apenas cinco anos de casados, tirando os três de namoro, mas ele sabia o que ela queria.

Tinha que dar esse gostinho para ela.

“Me desculpe. Me desculpe mesmo.”

Ela riu, dentro da cabeça dele, aquele riso que parecia uma hiena histérica.

“Ah, André, você é tão fácil...”

“Lúcia, pelo amor de Deus...”

“Joga o carro na pedreira, André. Você tá mais perto dela do que imagina.”

Seus olhos brilharam de alívio, e seu coração foi preenchido por uma dose de adrenalina.

“OK, você é mesmo um gênio, Lúcia.” Um gênio “do mal”, ele pensou dizer, mas desistiu. Não que a ex não soubesse que ele pensou isso... ela estava em sua cabeça mesmo, não é?

No retorno seguinte, jogou o carro para a direita e pegou outra estrada de terra, que seguia três quilômetros até chegar ao local mencionado por Lúcia, uma pedreira desativada havia dez anos.

A escuridão era total nos portões escancarados e no prédio pequeno e abandonado. Imaginou se haveria moradores escondidos, ou até mesmo um vigilante, mas retirou toda coragem que havia dentro de si. Precisava fazer aquilo, afinal. Ligou o farol alto e seguiu cuidadosamente pela estrada limitada por *guardrails* enferrujados. Uma placa indicava a pedreira a quinhentos metros. Diminuiu ainda mais a marcha e seguiu. Quando se sentiu inseguro sobre onde estava de fato, parou o carro e desceu.

O facho amarelado do farol iluminava enorme moitas verde-escuro. André esperou que sua visão se adaptasse ao ambiente, o vento frio roçando-lhe o pescoço e trazendo poeira que incomodava seus olhos. Seguiu até as moitas. Parou. Seus pés lançaram pequenas pedras, que escapuliram para um escuro buraco que se prolongava a dois metros de onde estava. Ele não ouviu o som das pedras caindo. Forçou seus olhos e viu o imenso barranco que surgia, uma extensa encosta vertical e pedregosa com cerca de 100 metros de altura, repleta de pedras pontudas que despontavam durante toda a descida. Não conseguia ver o fundo da pedreira, pois era um abismo negro de sombras sufocantes que deixavam seu coração disparado, e paradoxalmente o *atraía*. Solto uma longa expiração e voltou até o carro. Guiou-o lentamente até próximo do mato baixo. Solto o freio de mão. O farol agora lançava um pequeno círculo branco na encosta do outro lado da pedreira, talvez a apenas duzentos metros de onde estava. Não sabia e não se importava. Saiu do carro, ergueu a lona e encarou na escuridão o defunto roxo e o pedaço de carne morta e peluda que era seu cão. Seguiu por fora até onde estavam os cilindros, pegou um deles, puxou a camisa sobre o nariz ossudo e borrifou seu conteúdo sobre João e Bob. “*Só pra garantir*”, pensou.

Jogou o cilindro de volta e amarrou novamente a lona, com mais firmeza que antes; depois, ligou o carro e deixou-o em ponto morto. Saiu do carro, expirou novamente, e dessa vez o ar frio fez do seu hálito uma espessa fumaça branca. Olhou para o negrume ao redor dele, toda aquela escuridão. A distância que estava da cidade; “*É o único jeito*”, pensou.

Em sua mente, sua ex-mulher balançou a cabeça afirmativamente, também com o rosto sério.

Foi até a traseira do carro e começou a empurrar. Primeiro, pensou que não conseguiria, que o nervosismo e o medo tirariam todas as suas forças, e ele cairia no chão sem fôlego e sem coragem de seguir em frente, acabado. Mas depois, quando o carro se moveu, vencendo centímetro por centímetro o solo

duro da pedreira, ele vislumbrou um momento de esperança, um momento de paz. Nesse instante de visão, ele chegaria em casa e estaria tudo bem, ninguém o procuraria para perguntar sobre um tal de “João dedetizador” que atendera ele dias antes, Érica passaria mais noites fazendo amor com ele em sua casa, seu filho passaria as férias lá tranquilamente, e acima de tudo, acima de *todas as coisas* e todas as preocupações, ele abriria a porta dos fundos e não ouviria nada, não veria nada, as paredes e a lâmpada estariam limpas e intactas. Os marimbondos teriam ido embora.

Quando o carro se inclinou ele pulou para trás, para não ser arrastado junto, e o som do metal raspando nas pedras começou a ser ouvido, seguido pelo ruído preguiçoso das molas e depois pelo retinir da lataria resvalando contra a encosta, metal retorcendo-se a cada impacto, e quando, depois de dezenas de cambalhotas, uma gigantesca bola de fogo engoliu o carro, envolvendo-o como uma voraz boca maligna, lançando sobre André uma imensa luz dourada e um vento forte e quente que ergueu sua camisa e machucou seus olhos, ele finalmente pôde pensar com lucidez. Não haveria final feliz ali. Não tinha chance de haver.

Ele deu as costas para a enorme explosão que consumia o carro cento e cinquenta metros abaixo dele, que consumia João e consumia Bob, cilindros de veneno pipocando e voando para longe como foguetes. Quando estava próximo do portão, se deu conta de que estava *bem* longe de casa, e que, numa atitude no mínimo imbecil, não havia trazido sequer sua bicicleta para poder voltar para casa mais rápido.

“*Você é mesmo uma anta, André. Acostume-se com isso*”, disse Lúcia.

E ela tinha razão.

André caminhou cinco quilômetros até chegar a um ponto de ônibus que ficava na beira da rodovia. Suas pernas se comprimiam de dor, mas havia ultrapassado aquele limite do cansaço físico, onde se pode continuar seguindo sem mais avarias, apenas sentindo o corpo esquentar e queimar calorias não se sabe de onde. Só se sentou para esperar o ônibus porque não queria chegar tão tarde em casa. Já passava das 20h00min e ele queria descansar. E acima de tudo, queria *esperar*. Ligar a TV e observar se haviam começado as buscas pelo homem desaparecido. Se haveria matérias em telejornais sensacionalistas ou na internet. Prometeu a si próprio que desligaria a televisão se a esposa ou um dos filhos do homem aparecesse falando, se ele os tivesse, é claro.

O ônibus surgiu vinte minutos depois, que passaram com André olhando constantemente para os lados e para a escuridão atrás de si.

Durante o caminho, pensava no que tinha acabado de fazer e sua mente enchia-se de culpa e pesar. Mas sabia que as consequências de manter o corpo dentro da casa seriam piores. Sua ex-mulher tinha razão. Livrar-se dele era o melhor a se fazer. E não havia provas dentro do carro contra ele. Se houvesse, o fogo consumiria tudo. E quando chegasse em casa, faria uma busca lá também. Passaria um “pente fino” em tudo. Isso incluía lavar a garagem, limpar novamente o chão dos cômodos, e lavar o quintal (se os marimbondos permitissem). Se por algum acaso as investigações levassem até ele, não encontrariam provas lá. Estaria limpo.

Por fim, acabou se tranquilizando. Não haveria provas. Não *haveria*. Estava limpo, estava livre. Estava perdoado. Não matara o homem, afinal. Os que haviam feito isso... não poderiam ser punidos.

A única coisa que o incomodava, um medo infantil e ingênuo, era imaginar chegando em casa, abrindo as portas... e ao acender a luz, ver o espírito revoltado de João, ainda mais roxo e inchado, caminhando para ele em passadas lentas, os braços grossos esticados, e dizendo “*Por que me deixou morrer? Por quê?*”, enquanto um marimbondo saíria de sua boca estuporada.

Mas nada disso aconteceria, porque nada disso é real. Não há espíritos vingativos nem encostos revoltados, que infernizam a vida daqueles a quem de alguma forma estão ligados. Não. A única coisa real é a *loucura*, o delírio, a insânia. Se André visse João após sua morte, seria apenas sua mente se vingando contra as atitudes desumanas que tomara.

Entretanto, não é o fantasma de João que André vê, após descer do ônibus na entrada do bairro, sentindo o cansaço finalmente vencê-lo e obrigando-o a ansiar pela cama em detrimento das coisas importantes que tinha que fazer para se ver livre de qualquer coisa que o incriminasse. O que ele vê, com progressivo horror preenchendo sua mente, inundando-a com imagens escabrosas, é um *carro*. Um carro que ele conhecia muito bem. Grande e cinza, com um adesivo pequenino atrás escrito “Bebê a bordo”, que Lúcia colara quando Lucas tinha um ano. Era o *seu carro*, que não era mais *seu* e sim da ex-mulher, que pouco a pouco tomava dele pertences que pouco tinham a ver com ela só por vingança. Era o carro de Lúcia, que ele comprara com esforço e projetos intermináveis, e com o qual Lúcia desfilava para todo canto, levando seu filho e quem sabe um amante que gostasse de foder um buraco seco e sem vida.

Era o carro de Lúcia.

Saindo do bairro.

Saindo da sua rua.
Saindo de sua casa.
Engoliu em seco.
Lucas.

Subiu a ladeira correndo, esquecendo os ligamentos da parte de trás do joelho, que rangiam, e a dor nas costas e nos braços devido ao esforço de carregar João e empurrar o carro depois. A cabeça retinia como um sino de igreja alucinado. Correu o mais rápido que a exaustão lhe permitia, mas não alcançou o carro. Não chegou nem perto disso. Ele já se afastava de sua casa antes que ele começasse a correr. Quando estava a cem metros da residência, o carro já tinha virado a esquina, desaparecendo da vista de André.

Ele tremia quando atingiu o portão, e a mão se enroscou no bolso enquanto tentava tirar as chaves, mas viu que o portão já estava aberto.

“Oh Lúcia, por Deus... não...”

Empurrou o portão e entrou, os passos ecoando na garagem vazia. Olhou para a porta aparentemente fechada, mas ela abriu quando a empurrou com a mão. Um cheiro adocicado de mel invadiu seu nariz.

Lucas.

Lucas tem as chaves.

“Lucas tem as chaves de casa.”

Acendeu a luz da sala, e o fantasma de João não estava lá para assombrá-lo.

O que ele viu foi a mochila de Lucas, uma azul do Homem-Aranha, largada displicentemente no corredor.

“Oh meu Deus, não... por favor, não!”

Atravessou o corredor, passando pela mochila do filho, e correu até a cozinha.

A porta dos fundos estava entreaberta. Ele tinha deixado a chave no buraco.

“Oh Lúcia, por quê? Por que hoje?”

O telefone tocou. Ele deu um pulo. Era a secretária eletrônica. Apertou o botão inconscientemente, a mão tremendo. A voz de Lúcia invadiu o cômodo e sua cabeça. Mas vinha do fone:

“ — André, é a Lúcia. Vou deixar o Lucas aí mais tarde. As férias começaram mais cedo pra ele, porque ele fechou as notas todas azuis. Não é ótimo? Vou passar aí, já que você não atende essa merda desse telefone...”

Mas André já corria para o quintal quando Lúcia começou a falar. Correu para os fundos e escancarou a porta, os ouvidos com tanta pressão que ele não conseguia ouvir o zumbido dos insetos que voavam enfurecidos pelo quintal

nem os gemidos de dor do filho, que se debatia deitado no chão enquanto seu corpo estava inteiramente coberto por uma camada de vespas vermelhas que o ferroavam com apetite.

Estava no hospital agora. Seus braços ardiam, cheios de ferroadas, saliências inchadas com um pequeno ponto amarelo sobre cada.

Lucas estava pior.

Seu corpo tinha sido quase inteiramente ferroadado. “Sessenta por cento”, dissera o médico, e a informação deixou André desolado e com uma fúria crescente, fúria essa que o fez levantar-se da enfermaria sorrateiramente e escapular para o saguão do hospital.

Lúcia estava lá, é claro, e o humilhara na frente de todos, como gostava de fazer até mesmo dentro de sua mente. Oh, ela adorava isso. Chamou-o de irresponsável e inútil, principalmente por não estar em casa na hora que ela levou Lucas, e por ter deixado uma colmeia de vespas crescer nos fundos da casa mesmo ciente da alergia do filho. Agora, o garoto estava internado com um forte choque anafilático, a vida por um fio. Uma picada já poderia ter matado o menino, dissera o médico, sem a menor noção de contexto. Aquilo só fez Lúcia odiar André ainda mais.

“Ótimo, porque eu também a odeio, isso deixa as coisas equilibradas”, pensou, enquanto seguia para o ponto de ônibus, as mãos fechadas com tanta força que as unhas deixavam marcas vermelhas na palma.

Para as enfermeiras que acompanharam a discussão de perto, entretanto, André era um herói por ter se jogado sobre o filho e afastado todas as vespas com chutes e tapas no ar. Elas reagiram, lógico, mas as pouco mais de quatorze (oh, maldito número!) picadas não o abateram. Ele expulsou todas de cima do filho, que já estava catatônico e febril quando André o arrastou para dentro de casa. Desmaiou antes que a ambulância chegasse. Precisou de massagens cardíacas. Mas estava vivo, era isso que as enfermeiras queriam dizer. Se André tivesse demorado mais dois minutos, não adiantaria levar Lucas ao hospital. Não mesmo.

Por isso André era um herói. Salvava a vida do filho.

“Mas até quando?”, perguntava-se, pois se apenas uma picada teria matado Lucas, o que dizer de cento e oitenta e seis?

Subiu no ônibus enlouquecido pela raiva. Quando lembrava do rosto do filho... seus olhos se cerravam com uma fúria inexprimível.

Não avisou a ninguém que partiria, nem aos médicos, nem às enfermeiras, nem à Lúcia, que estava do lado de fora do quarto do filho, olhando-o com pena e tristeza, o garoto de apenas oito anos deitado na cama, entubado e com o corpo nu, os médicos limpando as feridas que pareciam pequeninos vulcões expelindo lava amarela. Tomando anti-inflamatórios intravenosos e respirando com a ajuda de aparelhos.

A vida por um fio.

André não queria saber se o filho estava bem quando desceu no ponto na entrada do bairro e seguiu caminhando velozmente até a casa, os braços inchados e insensíveis. Sabia que a vida do filho corria um risco enorme. Era alérgico. Ele dissera à Érica.

“Deixa o bichinho quieto, André. Que mais ele vai fazer aí?”, dissera ela, e ele queria muito que ela estivesse no hospital naquele momento, olhando para o garoto, e André diria *“É isso que eles fazem, querida... é isso”*. Também teria mostrado o corpo de João e o do pequeno Bob para ela também, se pudesse, mas sabia que a garota não suportaria.

Ele próprio já não suportava.

“Se cê não mexer com ele, ele não mexe com você”, a voz doce insistiu, mas ele a afastou.

“Acho que está errada, meu bem.”

Abriu o portão com estridência. *“Foda-se os vizinhos, foda-se os marimbondos.”* Abriu a porta e acendeu a luz. A mochila azul ainda estava no corredor, mas ele fechou a mente para ela. Tinha outra coisa mais importante para fazer.

Foi até a pia e puxou a cortininha. O botijão de gás reluziu nos seus olhos.

“Eu já te disse pra fazer uma porra de um buraco na parede e por essa merda do lado de fora...”, disse Lúcia, mas André a interrompeu, esbofeteando-a com a mente, de uma forma que não acreditava que fosse possível, mas de onde tirou um prazer indescritível.

“Cala a sua boca, puta! Você matou meu filho! VOCÊ!” Ela arregalou os olhos (ou André imaginou que ela tivesse arregalado).

“Ele não vai morrer! Não vai morrer!”

“Cala a boca, filha da puta”, disse por fim, e a última coisa que escutou da ex-esposa foi um choro abafado. Nunca mais a ouviria.

Fechou a válvula do gás, desenroscou a mangueira e retirou o botijão de baixo da pia. Arrastou-o até a porta dos fundos. Foi até a garagem, e do armário tirou quatro garrafas de álcool; no chão, havia um galão de gasolina. Pegou-o também.

Levou tudo até a porta dos fundos. Depois, foi até seu quarto. Abriu a gaveta com força, *arrancou-a* do armário. Pegou uma grossa calça *jeans* e vestiu-a. Pegou um grosso casaco de camurça e vestiu-o sobre a camisa regata que usava. Enfiou o casaco por dentro da calça. Vestiu um par de luvas. Cobriu a cabeça com uma touca “ninja” que usava nos dias de frio. Voltou para a garagem e pegou duas botas de couro que ainda guardava da época em que trabalhava como pintor. Colocou a sobra de tecido da calça para dentro da bota. Abriu o armário novamente e, com a mesma fita que escondera o logotipo do dedetizador no carro que agora devia ser apenas cinzas e ferro retorcido, amarrou os tornozelos da calça, vedando a bota. Passou a fita também nas mangas do casaco, na altura dos pulsos. Revirou a maleta de ferramentas, jogando tudo no chão, e encontrou um par de óculos de segurança. Sorriu, retirando a touca, colocando os óculos e vestindo a touca por cima. Ouvia o barulho da própria respiração, que embaçava de leve a lentes dos óculos. Da maleta, pegou também um alicate de bico.

Voltou até a cozinha e pegou um isqueiro.

Parou diante da porta dos fundos, mas não por hesitação. Apenas reunia força para gritar. Não precisou de muito tempo.

Abriu a porta berrando, um grito grave e rasgado, repleto de insanidade. Em cada mão havia uma garrafa de álcool. Estavam abertas. Jogou o líquido direto na enorme colmeia oculta por milhares de marimbondos. Na escuridão, não pôde ver o desespero dos insetos quando o líquido os atingiu. Não pôde ver quantos levantaram voo ensandecidos. As duas garrafas esvaziaram-se em segundos. Correu de volta para a cozinha e pegou as outras duas. Seu corpo já estava repleto de vespas. Elas o ferroavam inutilmente, as grossas roupas protegendo-o; esvaziou mais duas garrafas, sempre mirando o lado esquerdo. Não enxergava nada, não só devido à escuridão, mas também graças aos óculos embaçados pelo seu hálito.

Sentiu a primeira picada, na perna, perto das nádegas, onde a calça era mais justa. Ignorou. Sentia o peso de centenas de marimbondos sobre seu corpo. Não pensou nisso. Só queria matá-los. Voltou para a porta. Abriu o galão de gasolina e virou-o sobre as paredes. Em alguns momentos, podia ver a nuvem de vespas enlouquecidas que voava confusa, os corpos molhados, tornando a tarefa de bater asas mais difícil. Pisoteou vários enquanto andava pelo quintal, espalhando a gasolina pelo chão e pelas paredes repletas de insetos. Quando sentiu a leveza do galão, jogou-o a esmo e correu de volta para a porta.

Outra ferroadada o atingiu na orelha. Percebeu-a inchando. Uma nos lábios. Quis morder o maldito que o atingiu. Grunhiu de dor. Ouviu os estalos de mais deles sendo esmagados, com certeza pesado demais para voar devido ao álcool e

à gasolina.

Sentiu o botijão na ponta dos dedos. Puxou-o. Segurou-o com apenas um braço, apoiando-o no joelho. Os marimbondos aproveitaram a proximidade do tecido com a pele ali e o ferroaram com insistência.

Pegou o alicate no bolso, e com raiva, enfiou-o no bico do botijão, estourando a válvula de retenção. Ouviu o chiado do gás e mirou-o para a colmeia. Meteu a mão no bolso e puxou o isqueiro.

— *MORRAM SEUS FILHOS DA PUTA!* — e acendeu o botijão com o isqueiro.

Seu corpo quase foi lançado para trás quando a enorme língua de fogo se projetou na direção da colmeia. Ele manteve as pernas afastadas firmemente, enquanto as chamas agarravam-se à “casinha”. A luz amarelada o permitiu ver os corpos queimando. Ouviu os estalidos, como palha seca. Alguns voavam em chamas. André girou o corpo, mirando a outra parede. Mais crepitações. Pequenas bolas de fogo dançando no ar e depois caindo na cerâmica branca que refletia a luz forte do fogo.

André ria. Seu corpo estava coberto de marimbondos, alguns em chamas, conscientes do ser animalesco que queria aniquilá-los, e lutando bravamente para ao menos feri-lo. Mas André gargalhava. A risada misturava-se ao crepitar das chamas, cuja luz bruxuleante iluminava seus olhos, dando a eles um brilho branco enlouquecido.

Suas roupas também estavam úmidas do álcool e da gasolina, mas ele mal notou. As chamas começaram modestas, mas fogo é fogo, e em minutos ele era uma pira.

O reboco das paredes começou a cair. O forro de madeira estava em brasa, e quando as chamas do botijão o atingia, formava enormes buracos fumarentos. O calor atingiu a cortininha da pia, e ela entrou em combustão. A mesa de madeira pouco a pouco começou a esquentar, assim como a mesinha de plástico. Pegaram fogo logo em seguida.

Quando o gás perdeu a pressão e a chama diminuiu, André largou-o no chão, brevemente consciente do perigo que corria, mas suas pernas não se moviam. Tentou ver o que era, mas não conseguiu.

O peso dos marimbondos sobre sua cabeça não permitiu que ele a mexesse.

Em minutos, o fogo já estava na sala, derretendo o tecido sintético dos sofás. As cortinas queimavam. A mochila de Lucas pingava plástico líquido. O armário no quarto estalava, a pintura soltando-se e retorcendo no chão. A cama queimava exalando uma fumaça negra e tóxica.

André ainda tentou chegar até a sala, mas os insetos o seguravam.

Desmaiou dois minutos depois.

A casa de André, naquele bairro residencial relativamente vazio e tranquilo, brilhava como o sol do meio-dia.

Carlos observava a enorme coluna de fumaça que se erguia no horizonte, lançando cinzas que o vento trazia insistentemente para sua casa.

O cheiro acre e sufocante o acordou às duas da madrugada. Sua esposa também se levantou, assustada, e ambos correram para a cozinha, com medo de que algo estivesse em chamas ali dentro. Mas não havia nada, e foi quando abriram a janela da varanda que viram as chamas ao longe e a enorme torre de fumaça, que se inclinava no alto e graças ao vento corria na direção deles.

Por fim ela foi se deitar, e Carlos continuou na varanda, ainda assustado, mas um pouco hipnotizado pelo incêndio que acontecia não tão longe de sua casa.

Imaginou o que teria causado aquilo.

Meia hora depois, ouviu as sirenes dos bombeiros, mas a essa altura, a casa (*“Seria uma casa? Por que pensava assim?”*) já teria sido consumida pelo fogo. As chamas não tinham nem metade da altura de quando as vira pela primeira vez. Observou-as diminuir, com certeza graças ao trabalho ininterrupto dos bombeiros, até o ponto no horizonte se tornar apenas uma mancha indiscernível, e não um sol artificial que brilhava com força como outrora.

As cinzas caíam sobre sua casa agora. *“Ótimo”,* pensou. *“Os uniformes branquinhos que minha esposa lavou vão estar pretos amanhã.”* Resmungou, com as mãos sobre o parapeito.

Ainda encarou o extinto incêndio durante alguns minutos, até a fumaça se dissipar no céu. Apenas as cinzas continuavam caindo.

Quando fez menção de entrar, algo curioso chamou sua atenção. Era uma movimentação pequena no parapeito, algo que captou com o canto do olho. Aproximou-se e constatou o que era.

Era um pequeno marimbondo. Esticava as pernas e alongava as asas, tranquilamente.

Deu um pequeno recuo, mas se recompôs. O que aquele ser fazia acordado àquela hora da madrugada? Que Carlos soubesse, eles também dormiam à noite. A picada desse bicho doía, ele sabia disso. Mas eram bichos simples.

Não mexa com eles que eles não mexem com você.

Voltou para o quarto, sentindo um ímpeto instinto de matar o bichinho, mas trancou as janelas da varanda depois de pensar um pouco. Queria dormir. O sono voltara.

“Que mais ele vai fazer aí, afinal?”

Notas do passeio noturno (I) Existe um lugar especial no limbo da literatura para os autores que descaradamente discursam sobre suas próprias obras sem ao menos serem convidados. Eu não me isento disso, muito pelo contrário, e espero que o leitor não se incomode. Aceito a vaga sem problemas.

Primeiramente, gostaria de dizer que é muito bom ver essa primeira parte da coletânea “Passeio Noturno” finalmente lançada em formato físico. Foi uma longa caminhada, um trajeto cheio de aprendizados e tentativas. Tudo começou de forma discreta e despretensiosa, com os contos sendo lançados aos poucos, via KDP/Amazon, essa ferramenta de autopublicação que abre espaço e divulga novos autores a cada dia, até finalmente eles serem reunidos em uma coletânea, que foi também lançada preliminarmente pela Amazon. E agora, depois de um ano, finalmente tenho o mínimo de confiança necessária para arriscar o lançamento impresso. Também por autopublicação, dessa vez o “Clube de Autores”, mais um ótimo dispositivo para que novos escritores arrisquem com suas obras. Tudo é maravilhoso, na verdade. É um prospecto novo, uma nova estrada. O mercado se modifica constantemente, e nós autores temos o dever de acompanhá-lo. É muito bom ver meu livro impresso, mesmo que sem o logo de uma editora famosa na capa ou sem uma distribuição física abrangente. Ainda assim é legal, sabe? É uma vitória particular que eu me sinto completamente à vontade para comemorar. Finalmente “Passeio Noturno – Vol. 1” tem forma, cheiro, peso. É uma sensação única saber que você, leitor, tem a chance de folhear essas histórias e embarcar nelas do jeito mais puro e simples.

Em segundo lugar, gostaria de avisar logo o porquê deste posfácio (sim, é um posfácio, por mais que se tente enfeitar): gosto de falar sobre eles, sobre meus *filhos*. Já disse, aceito minha vaga.

São *meus* filhos, ora bolas!

Este texto que segue é uma reunião de notas que fiz sobre meus contos depois de escrevê-los, finalizá-los. Algumas, muito tempo depois; outras, logo em seguida, e a maioria em noites de insônia, quando não se produz nada de importante literariamente falando, mas quando justamente a maior parte das ideias surge. A ideia desse posfácio surgiu em uma madrugada dessas, e veja só se não tenho razão?

Dito isso, ficam aqui duas sugestões: a primeira é que se você, caro leitor, não se interessa nem um pouco pelos “*porquês*”, “*como*” e “*quem*”, pode parar por aqui. Você vai economizar um tempo considerável. Se você não liga para o processo de “gestação” do conto, pode fechar seu livro e seguir para seus afazeres, que tenho certeza que devem ser muito mais importantes. E o faça de consciência limpa. Não me importo. Já os pari e você já os viu, já os conheceu.

Você já fez mais do que devia chegando até aqui e passando por todas essas páginas. Só tenho a agradecer.

Mas se você, caro leitor, assim como eu, for um interessado, um entusiasta dos trâmites criativos, um curioso da mente alheia, ou apenas um leitor voraz, então entramos em um momento tão cativante do livro quanto o próprio livro. Pois nas páginas seguintes destrincharei, da forma mais breve possível, todos os oito contos presentes nesse primeiro volume da coletânea. Tentarei, do jeito mais sucinto, falar sobre o que me inspirou para escrever cada um deles, ou sobre como se desenvolveram em minha mente, ou até mesmo revelar o que pode ter acontecido ou não com aquele personagem que você viu pela última vez em uma situação nem um pouco confortável, se é que você me entende.

Então, sem mais firulas, seguem minhas notas: **Coceira**: Este foi o primeiro conto que escrevi, então nada mais justo do que ele ser o primeiro desta coletânea. Acredito que agora é visível que ele seja meu primeiro conto. É confuso, curto, acelerado e um tanto autodepreciativo. É quase como a primeira vez de qualquer homem. Este conto que considero “bizarro” foi minha primeira ideia “original” (sim, entre aspas meu querido, nada se cria, nada se perde...), e as influências só não são óbvias porque não as referencio, sabiamente, em nenhum momento da narrativa. As únicas coisas que posso revelar sobre minha inspiração para “Coceira” são: a primeira, um conto do livro “Sombras da Noite”, de Stephen King (e quem mais?), e a segunda, uma cena incrivelmente curta do filme *Hellboy 2: O Exército Dourado*. É óbvio agora, não é? Decepcionante? Talvez não.

Tobey: Meu primeiro conto sobre fantasmas, e para ter uma ideia de como sou péssimo com eles é só ver quem é o fantasma da história: um cachorro. Sempre quis escrever uma história de fantasmas. Todo escritor de terror e suspense que tenha o descaramento de se auto intitular desta forma tem a obrigação de fazê-lo a partir daí. Meu cérebro fritou até que surgisse algo diferente: o espírito do cachorro da família, morto brutalmente em um atropelamento. Claro, talvez essa seja a única coisa autêntica do conto. O “cemitério indígena”, por exemplo, foi um clichê que *berrava* o tempo inteiro diante de mim como uma cabra faminta enquanto eu escrevia. O *plot* do “parece, mas não é”, no final, igualmente saltava aos meus olhos. Mas eu *quis* isso, entende? Eu queria o clichê. Eu queria o velho *plot twist* manjado. Eu abracei o “cemitério indígena” como um Shiva. E não posso dizer que não fiquei satisfeito.

O envelope (ou “não pronuncie o nome de Deus em vão”): Poderia dizer que dei esse nome ao conto apenas porque queria um título com parênteses, mas *isso sim* seria um baita de um clichê. A história veio rápida quando imaginei o resultado da pronúncia de um nome que não *deveria* ser pronunciado. A língua se transformando em areia veio em seguida. Uma ideia tola. Mas aprendi que ideias são *ideias*, sejam elas tolas ou não, e a guardei na cabeça, até que fui formando a história noite após noite e escrevia de uma vez numa dessas “insônias” da vida. Na ocasião, enviei o conto para participar de um concurso, mas infelizmente ele não foi aprovado. Se alguém não percebeu, a morena do conto é uma bruxa. E não, eu não vou falar o *que* está escrito no envelope. Não mesmo.

Um barranco, um corpo, um galpão: Este conto é um dos meus preferidos, e espero me controlar para não cair na sandice de exaltá-lo. “Um Barranco...” é a mistura de coisas que gosto e não gosto na vida. Como rock e bêbados te incomodando, ou liberdade da juventude e *libertinagem* da juventude. Julguem-me como quiserem. O conto inteiro me parece uma ópera-rock, ou uma tragédia grega (sim, eu estou caindo na sandice...). Metade dele é quase todo *música*, se você caro Leitor prestar atenção. É quase todo *rock*. Eles não são três por acaso. Nem Lucy foi um nome escolhido aleatoriamente. Ele tem esses detalhes, essas camadas inúteis que eu fico destrinchando para saber até onde fui. É o meu filho mais rebelde.

O mendigo: Queria um conto sobre contatos extraterrestres, porque se tem uma coisa que me assusta de verdade é essa coisa de *abdução* e o que mais se envolva com isso. Antes de escrever o conto fiz uma breve pesquisa sobre ÓVNIS, contatos imediatos e abduções. *Abduções*. Minha pesquisa não durou uma hora: nos primeiros relatos de “abduzidos” que encontrei na internet já me sentia arrepiado. Um deles era sobre uma criança em uma cidadezinha do interior, que descrevia a “abdução” meio retraída, sem detalhes. A forma inocente como contou a história me deixou incomodado *de verdade*, e decidi esquecer a pesquisa. Sério, tenho medo mesmo. Não que considere 90% dos depoimentos como reais. Nesse tipo de assunto o que mais existe é fingimento. Mas... vai saber né? Ah, além disso, toda aquela sequência do carro parado na descida, apagado por algum possível “pulso eletromagnético” de uma nave alienígena, foi baseada numa história que uma professora de educação artística que eu tive no ensino fundamental contou uma vez. Ela jurou de pés juntos que

um OVNI fez seu carro morrer e parar numa descida, e que inclusive o *tempo* pareceu parar, já que, após o acontecimento, quando o disco voador (sic) foi embora e o carro voltou à vida, ela precisou ir até um posto de gasolina para recarregar a bateria, e quando chegou lá o relógio marcava alguns minutos *a menos* do que o dela. Enfim... vai saber...

O estranho caso de Casper Ville: Esse conto é como se fosse meu episódio de *Supernatural*, mas sem os irmãos Winchester. Na época em que o concebi, estava assistindo ao seriado desenfreadamente, um episódio atrás do outro, e a única coisa que posso dizer é que as primeiras temporadas são sensacionais. O tema da “combustão espontânea” já me cativara anos antes, então escolhi esse assunto para explorar. O restante da história veio na medida em que escrevia, e o desfecho acabou desvirtuando o princípio da C.H.E., mas não me importei, porque no fim das contas eu gostei de como ficou. É o conto mais longo dessa coletânea, e tem ligações com *outros* contos deste livro, se você prestar um pouco de atenção. Gosto da forma como ele caberia em um episódio de *Além da Imaginação*... quem sabe um dia?

Condomínio fechado: Meu conto de lobisomem. Quando comecei a escrever essa história, a ideia inicial era que a criatura que surge no condomínio fosse um ser indescritível, meio “lovecraftiano”, que sairia de uma tubulação de esgoto estourada nos fundos do condomínio e deixaria um estranho rastro de gosma e sangue por onde passasse. E esse rastro seria seguido em tempo real pelos dois seguranças do conto, até um desfecho que deixaria a situação suspensa. Mas depois, enquanto escrevia, fui constatando que dessa forma minha história se estenderia além da conta. O conto ficaria longo e eu perderia o controle narrativo. Pode ter sido bobagem, mas decidi então encurtá-lo e definir a criatura como algo que já fosse do consciente coletivo. Deixá-lo uivar no final do conto foi a forma final de evocar essa imagem na mente dos leitores. Apesar de tudo, ainda ouvi algumas perguntas tipo “É um lobisomem, né?”, antes que a leitura terminasse, então acho que o objetivo foi apenas parcialmente alcançado. Gosto da forma como o conto foi fechado, a história é apenas de Eric, e quando o lobisomem vai embora, não faz mais sentido acompanhar o corajoso vigilante. E sim, o futuro de Fernando não é muito consolador.

Marimbondos: Uma tarde no quintal de casa, rodeado de amigos, e eis que

um marimbondo pousa na parede. Há menção em matá-lo, mas alguém dispara a frase: “Deixa o bichinho quieto! Que mais ele vai fazer aí?”. Estava aí o começo do conto, entregue de bandeja pelo destino. O restante veio logo em seguida. A voz na cabeça de André talvez seja a melhor coisa de tudo, e não o personagem/entidade “marimbondos”. Como deve ser em qualquer história de terror com criaturas anormais, o foco é o limite que o ser humano é capaz de atingir quando pressionado por algo nunca visto. Não que eu tenha chegado nesse resultado de forma excelente, mas no fim foi satisfatório. Dizem que os escritores de terror usam seus textos para expurgar seus próprios medos, e talvez isso sirva para mim no caso deste conto em particular...

Bom, é isso, caros leitores, e espero que as coisas continuem dando certo, não só para mim, mas para vocês também. O mínimo que posso desejar é que meus contos os tenham entretido. O máximo, é que pelo menos algum arrepio tenha atravessado suas espinhas. Entre um ou outro, ficarei satisfeito.

E claro, não posso deixar de aconselhá-los: não ignorem aquela coceirinha incômoda que surge do nada, muito menos aquele insetinho solitário que pode aparecer a qualquer momento no quintal de vossas casas. Nunca se sabe o que essas coisas podem se tornar...

Everaldo Rodrigues 16 de julho de 2016/17 de outubro de 2018

Apoie a literatura nacional. Leia autores brasileiros.

[1] Algo em torno de 900°C

[2] AltaVista (www.altavista.digital.com) foi o primeiro site de buscas da internet, lançado em 1996.

Table of Contents

[Coceira](#)

[Tobey](#)

[O envelope \(ou “não pronuncie o nome de Deus em vão”\)](#)

[Um barranco, um corpo, um galpão](#)

[O mendigo](#)

[O estranho caso de Casper Ville](#)

[Condomínio fechado](#)

[Marimbondos](#)

[Notas do passeio noturno \(I\)](#)